



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO EM HISTÓRIA**



PPGH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM HISTÓRIA - UFAL

MOIZÉS SABÓIA DA SILVA

**EVANGELIZAÇÃO, POLÍTICA E COMEMORAÇÕES NA REVISTA ADVENTISTA
NO CONTEXTO DA DITADURA CIVIL-MILITAR, 1972-1978.**

Maceió/AL

Julho/2023

MOIZÉS SABÓIA DA SILVA

EVANGELIZAÇÃO, POLÍTICA E COMEMORAÇÕES NA REVISTA ADVENTISTA NO
CONTEXTO DA DITADURA CIVIL-MILITAR, 1972-1978.

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Alagoas, como um dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. José Vieira da Cruz

Maceió/AL

Julho/2023

Catálogo na Fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

S586e Silva, Moisés Sabóia da.
Evangelização, política e comemorações na revista adventista no contexto da Ditadura Civil-Militar, 1972-1978 / Moisés Sabóia da Silva. – 2023.
208 f. : il.

Orientador: José Vieira da Cruz.
Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Alagoas.
Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes. Programa de Pós-Graduação em História. Maceió, 2023.

Bibliografia: f. 178-208.

1. Brasil - História – 1964-1985. 2. Revista Adventista. 3. Igreja Adventista do Sétimo Dia. 4. Educação adventista. I. Título.

CDU: 94(81).088:286.3

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho com todo o amor e gratidão eterna a minha mãe-avó, Francisca dos Santos Saboia (*In Memoriam*)

Luto contra vozes que me dizem que eu não sou capaz. Contra enganos que me dizem que eu não vou chegar lá. Meus altos e baixos nunca vão medir o meu valor. A Tua voz me lembra e me diz quem realmente sou. E diz que amado sou, sem que eu me sinta assim. Diz que forte sou, quando há fraqueza em mim. E que seguro estou se frágil me sentir. Que não estou só, pois eu pertença a Ti. Eu creio sim, creio sim. No que diz sobre mim. Creio sim. Tudo o que importa agora é o que a Tua voz me diz. A minha identidade e valor só encontro em Ti. Tudo o que eu tenho rendo aos Teus pés, a mais ninguém. Te dei meus fracassos. As vitórias Te darei também¹.

¹ LAUREN, Daigle; INGRAM, Jason; MABURY, Paul. *You Say*. [Versão oficial – Música]. Tradução: Ana Nobrega. Letra: Diz. Intérprete: ROCHA, Gabriela. Álbum: Hosana. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=LF1UnPP4Mv>>. Acesso em 25 de setembro de 2022 às 6h05.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, eterna gratidão a Deus. Sem ele, acredito que jamais estaria escrevendo estas palavras. A Ele gratidão imensa pela saúde, paz e oportunidade de viver e aprender.

Ocupo, orgulhosamente, o espaço para agradecer ao orientador, José Vieira da Cruz, que mesmo distante fisicamente, devido à pandemia da Covid-19, esteve presente virtualmente, iluminando os caminhos dessa pesquisa. Sem dúvida, a sabedoria, humanidade, gentileza e compreensão foram cruciais, em momentos sensíveis dessa jornada chamada vida.

Dedico agradecimento profundo a Marcílio Lima Falcão, que esteve no princípio dessa jornada antes mesmo do meu ingresso no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Alagoas (PPGH-UFAL). Igualmente, direciono votos de gratidão aos colegas de mestrado que contribuíram em diversos momentos com apoio e disponibilização de informações úteis.

Grato, sobremaneira, aos professores do PPGH que tive contato. É imensamente importante vivenciar a humanidade nos espaços da academia, e nesse percurso, pude perceber os quão solícitos e humanos foram os docentes que tive convívio nessa jornada difícil, mas saborosa.

Quero deixar gratidão à Luciana, técnica administrativa do PPGH, por sua celeridade, profissionalismo, disponibilidade e atenção nos momentos de dúvidas e necessidades acadêmicas. Nesse itinerário, foram muitos os que saíram da minha vida, vários outros entraram. A troca de aprendizado foi intensa. A todos que de algum modo, de maneira de direta e/ou indireta esteve comigo e ajudou de alguma forma a atingir esse momento singular, felicitações.

Não poderia deixar de agradecer, imensamente, à Fundação de Amparo à Pesquisa de Alagoas (FAPEAL), pelo apoio crucial nessa trajetória. A FAPEAL chegou em momento importante e ocupou espaço na contribuição desse trabalho; por isso, destaco a presença como fundamental, pois muitas carências financeiras foram supridas, contundentemente, para o andamento da pesquisa.

A palavra que marca essas linhas é: gratidão. Gratidão aos inúmeros sujeitos que passaram pela minha trajetória. Certamente, me sinto mais robustecido para enfrentar as adversidades de forma mais sólida. Por isso, a todos o meu imenso agradecimento. Muito obrigado a todos (as).

RESUMO

A educação adventista torna-se potencial do evangelismo a partir de 1872, com a fundação do primeiro colégio em Battle Creek, Michigan. Alçada como ferramenta para a expansão da Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD), recebeu atenção, investimento e enraizou-se em outros territórios além dos Estados Unidos da América (EUA). No Brasil, a primeira escola surgiu em 1.º de junho de 1896, em Curitiba, no Paraná. Desde então, tratou de consolidar-se alargando os tentáculos pelas diversas regiões brasileiras. No escopo dessa pesquisa, o ano de 1972 é representativo em razão de inúmeras comemorações, dentre elas: o cinquentenário da Semana de Arte Moderna, as celebrações acerca do sesquicentenário da Independência do Brasil, associado ao fortalecimento da ditadura civil-militar e da propaganda do espírito patriótico e cívico nacional, mas sobretudo, do centenário da educação adventista no mundo. Enquanto o ano de 1978 é delimitado por outra comemoração, a da Educação Mundial Adventista, por deliberação da Associação Geral Adventista e da Rede Educacional Adventista de Ensino. Neste intercurso de tempo, a Revista Adventista, periódico criado em janeiro de 1906, caracteriza-se como importante instrumento de comunicação e de ação evangelística, educativa e política para inserção, expansão e consolidação da (IASD). Desse modo, torna-se essencial compreender a questão do projeto de evangelização, educação e política, colocado em ação pela IASD através da *Revista Adventista* no curso dos anos de 1972 a 1978 — interstício de tempo imerso sob o controle político da coalizão civil-militar que esteve no comando da nação por mais de duas décadas. Em síntese, a dissertação trata de analisar, balizado pelas comemorações do centenário da educação adventista e das celebrações do ano mundial da educação, como, através da Revista Adventista, a referida Igreja expandiu o seu projeto político de evangelização e de educação, ao tempo em que se acomodou, alinhou-se e participou das comemorações cívicas, patrióticas/nacionalistas associadas a ordem política imposta naquele presente histórico — e cujas reminiscências ecoam na atmosfera política do país.

Palavras-chave: Educação Adventista, Revista Adventista, Ditadura civil-militar, IASD.

RESUMEN

La educación adventista se convirtió en el potencial del evangelismo a partir de 1872 con la fundación de la primera escuela secundaria en Battle Creek, Michigan. Planteada como una herramienta para la expansión de la Iglesia Adventista del Séptimo Día (ASD), recibió atención, inversión y echó raíces en otros territorios además de los Estados Unidos de América (EE.UU.). En Brasil, la primera escuela apareció el 1 de junio de 1896, en Curitiba, Paraná. Desde entonces, ha tratado de consolidarse extendiendo los tentáculos a través de las diversas regiones brasileñas. En el ámbito de esta investigación, el año 1972 es representativo debido a numerosas celebraciones, entre ellas: el cincuentenario de la Semana de Arte Moderno, las celebraciones sobre el sesquicentenario de la Independencia de Brasil, asociadas al fortalecimiento de la dictadura cívico-militar y la propaganda del espíritu patriótico y cívico nacional, pero sobre todo, el centenario de la educación adventista en el mundo. Mientras que el año 1978 está delimitado por otra conmemoración, la de la Educación Mundial Adventista, por la deliberación de la Asociación General Adventista y la Red Adventista de Enseñanza Educativa. En este intervalo de tiempo, la Revista Adventista, un periódico creado en enero de 1906, se caracteriza como un importante instrumento de comunicación y de acción evangelística, educativa y política para la inserción, expansión y consolidación de la (IASD). De esta manera, se hace esencial comprender la cuestión del proyecto de evangelización, educación y política puesto en acción por el ASD a través de la Revista Adventista en el curso de los años 1972 a 1978, intersticio del tiempo inmerso bajo el control político de la coalición cívico-militar en la que estuvo a cargo de la nación durante más de dos décadas. En resumen, la tesis doctoral trata de analizar, guiada por las celebraciones del centenario de la educación adventista y las celebraciones del año mundial de la educación, cómo, a través de la Revista Adventista, la Iglesia amplió su proyecto de evangelización, educación y política., Mientras se instalaba, se alineó y participó en las conmemoraciones cívicas, patrióticas / nacionalistas asociadas con el orden político impuesto en ese presente histórico, y cuyas reminiscencias resuenan en la atmósfera política del país.

Palabras clave: Educación Adventista, Revista Adventista, Dictadura Cívico-Militar, IASD

ABSTRACT

Adventist education became the potential of evangelism beginning in 1872 with the founding of the first high school in Battle Creek, Michigan. Elevated as a tool for the expansion of the Seventh-day Adventist Church (SDAC), received attention, investment, and took root in territories other than the United States of America (USA). In Brazil, the first school appeared on June 1, 1896, in Curitiba, Paraná. Since then, it has tried to consolidate itself by extending the tentacles throughout the various Brazilian regions. In the scope of this research, the year 1972 is representative due to numerous celebrations, among them: the fiftieth anniversary of the Week of Modern Art, the celebrations about the sesquicentennial of the Independence of Brazil, associated with the strengthening of the civil-military dictatorship and the propaganda of the patriotic and civic national spirit, but above all, the centenary of Adventist education in the world. While the year 1978 is delimited by another commemoration, that of Adventist World Education, by deliberation of the Adventist General Conference and the Adventist Educational Teaching Network. In this intercourse of time, the Adventist Magazine, a periodical created in January 1906, is characterized as an important instrument of communication and of evangelistic, educational and political action for the insertion, expansion and consolidation of the (SDAC). In this way, it becomes essential to understand the question of the project of evangelization, education and politics put into action by the SDA through the Adventist Magazine in the course of the years 1972 to 1978 – interstice of time immersed under the political control of the civil-military coalition in which it was in charge of the nation for more than two decades. In summary, the dissertation tries to analyze, guided by the celebrations of the centenary of Adventist education and the celebrations of the world year of education, how, through the Adventist Magazine, the said Church expanded its project of evangelization, education and politics, while accommodating, aligning itself and participating in civic celebrations, patriotic/nationalist associated with the political order imposed in that historical present — and whose reminiscences echo in the country's political atmosphere.

Keywords: Adventist Education, Adventist Magazine. Civil-Military Dictatorship, SDA.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Primeira capa da Revista Adventista	48
Figura 2 - Criança soprando flor.....	91
Figura 3 - Coral Carlos Gomes em comemoração ao sesquicentenário da Independência ...	102
Figura 4 - Mulheres segurando as siglas do ENA	122
Figura 5- Educandário Nordestino Adventista, alunos e professores.....	123
Figura 6 - Alunas em dormitório do ENA.....	126
Figura 7 - Matrículas nas escolas da América do Sul - 1979	127
Figura 8 - Criança adventista sorrindo	132
Figura 9 - Batismos no ENA	134
Figura 10 - Prédio Central do IAE.....	136
Figura 11 - Estudantes batizados em 1976.....	141
Figura 12 - Prédio do EDESSA em maio de 1978	145
Figura 13 - Corpo docente do EDESSA	146
Figura 14 - Refeitório do EDESSA reformado	147
Figura 15 - Dormitório masculino do EDESSA.....	148
Figura 16 - Dormitório feminino	149
Figura 17 - Deputado Gerson Camata e o Pastor adventista, José Bellesi Filho.....	151
Figura 18 - Deputado Manoel Meneguelli discursando sobre a o EDESSA.	153
Figura 19 - Inauguração de novas instalações no EDESSA.....	154
Figura 20 - Estudantes em desfile no EDESSA	155
Figura 21 - Solenidade ao novo espaço do IAP.....	161
Figura 22 - Edmir de Oliveira, diretor do IAP e a esposa.....	163
Figura 23 - Solenidade adventista no IAP.....	164
Figura 24 - Vista parcial da fazenda em que está o IAP	165
Figura 25 - Parque Industrial do IAP em construção.....	166
Figura 26 - Plantações de trigo no IAP	166
Figura 27 - Habitação dos professores no IAP	167
Figura 28 - Comitativa governamental no IAP	168
Figura 29 - Jaime Canet, governador do Paraná, assinando convênio telefônico para o IAP	170
Figura 30 - Ministro das comunicações, Euclides Oliveira e o pastor Edmir Oliveira	171
Figura 31 - Estudantes do IAP.....	172
Figura 32 - Estudante do IAP	173

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Música (barras pretas), Teologia (barras azuis), ENA (1972 – 1976)	125
Gráfico 2 - Expansão das matrículas e das escolas adventistas no Brasil entre 1970 e 1988	128
Gráfico 3 - Colportores: vendedores da literatura adventista de porta em porta.....	129
Gráfico 4 - Colégios a mencionados pela Revista Adventista entre 1972 e 1978.....	137
Gráfico 5 - Matrículas do Ensino Médio em 1978 nos institutos adventistas de ensino	139
Gráfico 6 - Batismos dos estudantes - Ensino Fundamental entre 1975 e 1979	140
Gráfico 7 - Matrículas do Ensino Médio.....	142

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 - Uniões da Divisão Sul-americana	40
Mapa 2 - Uniões adventistas no Brasil.....	41
Mapa 3 - Divisões e número de fiéis da IASD no mundo.....	42

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Órgãos da IASD	32
Tabela 2 - Presidentes da Assembleia Geral da Igreja Adventista	38
Tabela 3 - Departamentos da IASD	45
Tabela 4 - Editores da Revista Adventista	50
Tabela 5 - Tiragens da Revista Adventista entre 1972 a 1978	51
Tabela 6 - Autores(as) mais recorrentes na Revista Adventista	138

LISTA DE INFOGRÁFICOS

Infográfico 1 - Organização da IASD	34
Infográfico 2 - Hierarquia de cargos administrativos em uma igreja	35
Infográfico 3 - Número de Delegados das assembleias da Associação Geral.....	36
Infográfico 4 - Delegados(as) da Divisão Sul-americana	37
Infográfico 5 - Equipe do escritório mundial da Igreja em Silver Spring, Maryland (EUA) ..	46

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AERP	Assessoria Especial de Relações Públicas
ARENA	Aliança Renovadora Nacional
CAB	Colégio Adventista Brasileiro
CPB	Casa Publicadora Brasileira
CUM	Centro Universitário Multicampi
DAS	Divisão Sul-Americana
EAB	Educandário Adventista de Butiá
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
EDESSA	Educandário Espírito Santense Adventista
EFM	Escola de Formação de Missionários
EMC	Educação Moral e Cívica
ENA	Educandário Nordestino Adventista
EUA	Estados Unidos da América
FAPEAL	Fundação de Amparo à Pesquisa de Alagoas
FEBEM	Fundação do Bem-estar do Menor
FUNABEM	Fundação Nacional do Bem-estar do Menor
IACS	Instituto Adventista Cruzeiro do Sul
IAE	Instituto Adventista de Ensino
IAP	Instituto Adventista Paranaense
IASD	Igreja Adventista do Sétimo Dia
IASP	Instituto Adventista de São Paulo
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IRAN	Instituto Rural Adventista do Nordeste
MV	Missionário Voluntário
ONU	Organização das Nações Unidas
OSBP	Estudos Sociais, Organização Social e Política Brasileira
RA	Revista Adventista
UFAL	Universidade Federal de Alagoas
UNASP	Centro Universitário Adventista de São Paulo
UNICEF	Fundação das Nações Unidas para a Infância
UERN	Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
USB	União Sul-brasileira

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	18
2. A IASD E O ESTADO DE SEGURANÇA NACIONAL	28
2.1 Em nome da missão!.....	28
2.2 Quem há de nos salvar?	51
2.3 Um no meio de nós, um conosco!?	61
2.4 Por Deus, pela família, pela pátria.....	70
3. DO LAR À ESCOLA: UM IDEAL DE EVANGELIZAÇÃO	85
3.1 E as crianças, irmão!?	85
3.2 E a disciplina, jovem!?	92
3.3 Tal mãe, tal filho!	104
3.4 Cada professor, um evangelista!	110
4. OS INSTITUTOS ADVENTISTAS DE EDUCAÇÃO	119
4.1 O ENA em foco!.....	120
4.2 IAE em marcha.....	135
4.3 Pra frente EDESSA!	143
4.4 IUP, IAP!	156
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	175
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	178
FONTES	201
SITES CONSULTADOS	202

1. INTRODUÇÃO

Mais de 40 mil jovens e crianças estudam em 1972 em nossos 22 colégios secundários e superiores e nas 500 escolas primárias, espalhados pelos oito países da Divisão Sul-Americana. Cerca de 55% deles são adventistas ou filhos de pai e/ou mãe adventista. Como complemento do labor educativo de nossos colégios, especialmente em nível superior, a Divisão Sul-Americana conta desde 1966 com o Instituto de Estudos por Correspondência, situado no Colégio Adventista do Prata, que oferece uns 20 cursos de matérias bíblicas e afins. Espera-se estabelecer semelhante serviço em 1973, no Brasil.²

Neste ano, a Igreja Adventista no mundo inteiro dará um enfoque especial à Educação Cristã. O Sistema Educacional Adventista é internacional. Sua presença é constatada em 120 países, onde estudam 428.937 alunos, distribuídos nos diferentes níveis. Como bem nota a Associação Geral, no seu último Boletim, “o maior salto nas matrículas foi observado nas escolas elementares da Divisão Sul-Americana, cerca de 6.250, especialmente no Brasil. Um ano mais de crescimento fará da América do Sul o maior sistema elementar adventista no mundo” (World Report, p. 1). No ano de 1977, a Divisão Sul-Americana assumiu a primeira posição mundial. Assim sendo, pela primeira vez, após 105 anos de liderança da Divisão Norte-Americana, uma nova Divisão, exatamente a nossa, assume a primeira posição mundial, a nível de escola elementar, e dentro desta Divisão o Brasil é o líder absoluto deste notável desenvolvimento. Este, certamente, é o dado histórico mais importante para o Ano Mundial da Educação Adventista. Significa a internacionalização real da Igreja, e a base para sua efetiva expansão mundial³.

A *Revista Adventista*, periódico criado em janeiro de 1906⁴, caracterizou-se como instrumento de comunicação e de ação evangelística, educativa e política para a Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) no Brasil⁵. O mencionado processo de evangelização, por meio da educação, iniciou com o Colégio Internacional, em Curitiba, Paraná, em 1 de junho de 1896⁶. A respeito, a primeira epígrafe, extraída do artigo “1972: Centenário da Educação

² VYHMEISTER, Werner. 1972: centenário da educação adventista. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 67, n.º 10, outubro de 1972, p. 5.

³ AZEVEDO, Roberto César de. Educação na União Sul: 78 - Ano Mundial da Educação Adventista. in: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 73, n.º 1, janeiro de 1978, p. 36.

⁴ BENEDICTO, Marcos de; BORGES, Michelson. Um século de História. In *Revista adventista*, Santo André, São Paulo, ano 101, n.º 1, janeiro de 2006, p. 8.

⁵ IASD. [I.S]. A nova revista. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 67, n.º 2, fevereiro de 1972, p. 2.

⁶ MESLIN, Douglas Jeferson. *Educação Adventista: das escolas paroquiais a uma rede de ensino, permanências e rupturas de um ideário educacional (1970 – 2010)*. Tese (Doutorado em Educação). Curitiba: Pontifícia Universidade Católica, 2015, p. 82.

Adventista”, de autoria de Werner Vyhmeister, membro do Departamento de Educação na Divisão Sul-Americana (DSA)⁷, mostra números de como os institutos educacionais haviam sido expandidos, organizados e consolidados. O colégio de *Battle Creek*⁸, situado em Michigan, Estados Unidos da América, criado em 1872, a partir dos postulados da cofundadora da IASD — Ellen Gould White (1827-1915)⁹, foi a primeira dessas instituições educativas.

No Brasil, o ano de 1972 é representativo por uma série de efemérides, marcos históricos e comemorações, dentre elas: o cinquentenário da Semana de Arte Moderna, o sesquicentenário da Independência¹⁰, e, por conseguinte, da propaganda em favor do espírito patriótico e cívico. Isso estimulado pela Ideologia de Segurança Nacional, alimentada pela coalizão que apoiava e sustentou a ditadura civil-militar (1964 – 1985)¹¹.

Nesse contexto, as escolas adventistas foram associadas ao processo de evangelização e de formação moral e política. A respeito, Roberto César de Azevedo, em um trecho do artigo “Educação na União Sul: 78 — Ano Mundial da Educação Adventista”, destacou às referidas instituições de ensino como necessárias a disseminar a doutrina adventista¹².

Os referidos articulistas, tanto Werner Vyhmeister quanto Roberto César de Azevedo, nos artigos já mencionados e em outros publicados na *Revista Adventista*, entre 1972 e 1978, frequentemente, destacaram a importância da educação adventista no processo de evangelização, educação e formação política para os membros da comunidade cristã, bem como, dos padrões morais e de comportamento que deveriam espelhar os (às) congregados(a)s. Em torno dessa lógica — controlar o que estudar? onde capacitar-se? e em que/quem acreditar? — evidenciaram a estratégia do projeto pragmático de evangelização

⁷ [IASD]. Igreja Adventista do Sétimo Dia. *Como é Organizada a Igreja?* Disponível em: <<https://www.adventistas.org/pt/institucional/organizacao/como-e-organizada-a-igreja/>>. Acesso em 29 de dezembro de 2021 às 11h20.

⁸ VYHMEISTER, Werner. 1972: centenário da educação adventista. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 67, n.º 10, outubro de 1972, p. 4.

⁹ SANTOS, Claudiene Reis dos. *Por Deus, pela fé, e para a saúde — corpo, poder e reflexividade entre os membros de uma Igreja adventista do Sétimo Dia (Maceió/AL)*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Maceió: Universidade Federal de Alagoas, 2017, p. 58. Disponível em <<https://ics.ufal.br/pos-graduacao/mestrado-em-antropologia/corpo-discente/egressos-1>>. Acesso em 25 de janeiro de 2022 às 20h21.

UNASP. Centro de Pesquisas Ellen G. White. Disponível em <<http://www.centrowhite.org.br/ellen-g-white/biografia-de-ellen-g-white-1827-1915/>>. Acesso em 25 de janeiro de 2022 às 20h24.

¹⁰ CORDEIRO, Janaina Martins. *A ditadura em tempos de milagre: comemorações, orgulho e consentimento*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015.

¹¹ FILHO, Daniel Aarão Reis. *Ditadura e Democracia no Brasil: do golpe de 1964 à Constituição de 1988*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

¹² AZEVEDO, Roberto César de. Educação na União Sul: 78 — Ano Mundial da Educação Adventista. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 73, n.º 1, janeiro de 1978, p. 36.

adventista. Nesse sentido, a presente dissertação esforça-se em analisar a parte, forma e recorte temporal desse projeto divulgado na *Revista Adventista* no período de 1972 a 1978.

Em torno desse recorte temporal e problemática, balizado pelo contexto das comemorações do “Centenário da Educação Adventista”, ocorrido em 1972, e das “Celebrações do Ano Mundial da Educação”, corrido em 1978, a questão norteadora desse estudo é a de compreender a atuação da IASD, através da *Revista Adventista*, enquanto instrumento de evangelização, educação e de posicionamento político em relação à ordem institucional imposta ao país, no já referido contexto institucional e político.

Em termos historiográficos, os estudos acerca da educação adventista e de educandários adventistas foram objeto de pesquisas no tocante às instituições de ensino confessionais¹³; das contribuições dos escritos educacionais e evangélicos de Ellen Gould White¹⁴; da escola adventista do ABCD Paulista¹⁵; da memória do sistema educacional adventista¹⁶; do Centro Universitário Adventista¹⁷; dos colégios adventistas da União Leste Brasileira¹⁸, entre outros. Esses trabalhos, entretanto, não dão conta da expansão da Igreja, dos colégios e das publicações da *Revista Adventista* no contexto da ditadura civil-militar, e, em particular, no período de 1972 a 1978. A verificação dessa possibilidade de estudo e do

¹³ ATAIDES, Daniel Antunes. *Educação confessional face ao princípio da laicidade: uma análise da pedagogia adventista em Belo Horizonte*. Dissertação (Mestrado em Educação) — Faculdade de educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/FAEC-8MSGTR/1/a_educacao_confessional_face_ao_princ_pio_da_laicidade.pdf>. Acesso em 16 de agosto de 2022 às 16h18.

¹⁴ FONSECA, Ivan Bueno da. *Análise sobre os escritos de Ellen Gould White e a educação popular de Paulo Freire*. Dissertação (Mestrado em Educação) — Centro Universitário Salesiano de São Paulo, Americana, 2015.

¹⁵ MARQUES, Igor Emanuel de Souza. *A diversidade religiosa no espaço escolar adventista do ABCD paulista*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) — Faculdade de Humanidades e Direito, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2015. Disponível em: <https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/METO_ee10236174fb8daa86b74eae73b7afe3>. Acesso em 16 de agosto de 2022 às 16h18.

¹⁶ MACEDO, Tiago da Costa Barros. *Memória e religião: análise de aspectos discursivos do sistema educacional adventista no Brasil*. Dissertação (Mestrado em Memória: Linguagem e Sociedade) — Universidade do Sudoeste da Bahia, UESB, Vitória da Conquista, Bahia, 2018. Disponível em: <<http://www2.uesb.br/ppg/ppgmls/producao-turma-mestrado/turma-de-2018/>>. Acesso em 16 de agosto de 2022 às 16h20.

¹⁷ GONÇALVES, Sérgio. *Desafios de Uma Instituição Confessional: Centro Universitário Adventista* — UNASP. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) — Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2009. Disponível em: <http://iepapp.unimep.br/biblioteca_digital/pdfs/2006/HKJORHSYSPUB.pdf>. Acesso em 28 de novembro de 2021

¹⁸ SANTOS, Fernanda Silva Andrade dos. *Comprometimento organizacional na educação adventista: um estudo multicaso nas escolas adventistas da União Leste Brasileira (ULB)*. Dissertação (Mestrado em Administração) — Mestrado profissional em administração, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/handle/ri/30554>>. Acesso em 16 de agosto de 2022 às 16h21.

potencial de significados sobre a evangelização, o processo educativo e de posicionamento político no referido periódico, reforçam a justificativa da presente dissertação.

A partir do tema, objeto e recorte temporal delimitados emergem alguns questionamentos. O primeiro deles é: como a Revista tratou a educação familiar, moral, costumes e o cotidiano social? O segundo: como a Revista, através de seus editores, autores e demais colaboradores, expressaram os ideais de evangelização? E, por fim, como a Revista registrou a articulação, do projeto de evangelização e de educação, frente ao posicionamento político das autoridades que sustentavam a coalizão civil-militar no período de 1972 a 1978?

Diante desses questionamentos, o interesse por estudar a Igreja Adventista vem desde a graduação em História da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), quando desenvolvi a pesquisa: “Eu sei em quem eu creio: a disciplinarização da juventude brasileira na *Revista Adventista* durante o regime militar brasileiro (1969 – 1974)”. Nessa monografia, analisou-se como a IASD centrou esforços na formação da juventude para propagar a evangelização, disciplina, os postulados morais, éticos e políticos da doutrina¹⁹.

A partir desse estudo, foi possível aproximar-se de diversos periódicos adventistas, dentre eles: *O Arauto da Verdade* (1900 – 1904); *Revista Adventista* (1906); *Juventude* (1936 – 1940); *Vida e Saúde* (1939); *Nosso Amiguinho* (1952); *Mocidade* (1958 – 1994), entre outros. Desses, a *Revista Adventista* é uma das que melhor destaca os registros, ideais e pensamento da Igreja — em razão de ser o impresso mais antigo, ser o órgão oficial do pensamento adventista no país, periodicidade, frequência e por estar acessível para pesquisa²⁰.

A princípio, o projeto apresentado ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Alagoas (PPGH/UFAL), tinha como perspectiva estudar a idealização da família adventista brasileira, no contexto do governo de Emílio Garrastazu Médici (1969 – 1974). No entanto, no percurso do mestrado, as leituras, discussões e debates tecidos em sala de aula e em diálogo com o orientador, professor José Vieira da Cruz, redefiniu-se a problemática de estudo para o papel da *Revista Adventista* no processo de evangelização, educação e posicionamento político da IASD, no contexto das comemorações educacionais, cívicas e políticas ocorridas entre 1972 e 1978.

¹⁹ SILVA, Moizés Sabóia da. *Eu sei em quem eu creio: a disciplinarização da juventude brasileira na Revista Adventista durante o Regime Militar Brasileiro (1969 – 1974)*. 2020. Monografia (Graduação em História) — Faculdade de História, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, 2020.

²⁰ TONNETI, Marcio. *Revista adventista, Brasil*. In: Encyclopedia of seventh-day adventists SDA, janeiro de 2020. Disponível em: <<https://encyclopedia.adventist.org/article?id=415K&lang=pt>>. Acesso em 19 de junho de 2022 às 10h58.

Diante desse interesse e problemática, algumas hipóteses foram evocadas. A primeira delas é a de que na *Revista Adventista*, as lideranças da congregação, atentas à legislação educacional e ao contexto institucional do período, alinharam-se com as autoridades civis e militares para expandir o projeto de evangelização, educacional e adventista no Brasil. A segunda, é a de que o referido impresso expressou os ideais missionários e de formação de novos membros para a Igreja, a partir dos centros educacionais adventistas. A terceira hipótese, é de que houve interação das autoridades civis/militares nos centros educacionais.

As edições do mencionado periódico estão disponíveis desde a primeira tiragem, apresentada em janeiro de 1906, até a mais recente, difundida em janeiro de 2022. Do referido impresso, considerando o recorte temporal dessa pesquisa, 1972 a 1978, foram catalogados a partir das publicações de janeiro de 1964 a dezembro de 1985, para melhor contextualizar a visão de conjunto acerca da produção, pensamentos, ideias e outros dados atinentes a sua circulação e linha editorial. Os dados foram compilados com auxílio de uma planilha do *Excel*.

Assim, foram catalogados por ano de lançamento, mês, volume, número, local de publicação, título dos artigos, autores(as), cargos ocupados pelos escritores(as) na administração da Igreja, entre outros descritores: artigos, notas, avisos, informes, imagens e demais escritos, narrativas e simbologias inferidos pelos editores, autores e colaboradores do impresso. Exame, apreciação e análise tecidos com o olhar atento, crítico e inerente a um historiador no exercício de seu ofício²¹. A sistematização permitiu distribuir os dados/informações sobre a referida Revista em colunas de janeiro a dezembro de cada ano — no curso dos anos atinentes à ditadura civil-militar (1964–1985). Os mencionados exemplares do periódico foram analisados página a página. Acrescenta-se ainda que cada edição tem em média 30 páginas, com a dimensão 27,5 cm x 17 cm e tiragem variável de 25.000 a 30.000 mil exemplares em média mensalmente.

Além desse processo, sistematizamos um portfólio de figuras e um consolidado de dados com valores financeiros acerca dos preços pagos pelos assinantes da Revista. Em torno desse arcabouço, anotamos como, a cada ano, o periódico ajustava o preço/valor da assinatura anual — tendo em vista os custos da impressão, circulação, profissionais e manutenção. A catalogação desses informes permitiu o desenvolvimento de gráficos, tabelas e uso de imagens dispersos no impresso. Dessa forma, foi possível perceber que textos, assuntos,

²¹ BLOCH, Marc. *Apologia da história ou o ofício de historiador*. Rio de Janeiro. Editora. Zahar, 2001.

editores, autores e tipos de colaborações se fizeram mais presentes no tema, objeto e contexto estudados.

Para embasar a discussão teórico-metodológica nesse estudo, recorreremos aos conceitos de *habitus* e *campo*, formulados pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu (1930 – 2002)²². Para ele, *habitus* é a internalização das formas de viver, regras, moral, ética, valores, práticas sociais e culturais individuais. Esses hábitos são formados pelo(s) campo(s) no qual o indivíduo está inserido, ou seja, os lugares sociais, que acabam formando, moldando e tecendo os comportamentos, os quais são executados nas diversas estruturas como o espaço profissional, acadêmico, escolar, político.

Os ambientes nos quais estão inseridas as pessoas, são fornecedores do capital: cultural, político, econômico, educacional. Esses são adquiridos/internalizados, individualmente, por cada um, porém, desigualmente, já que são divergentes conforme as condições que interferem no modo de vida e de pensamento de cada sujeito. As esferas sociais abastadas, por exemplo, são melhor beneficiadas, enquanto classes subalternas têm mais dificuldades na obtenção de capital simbólico, cultural e econômico.

Dessa forma, o *habitus* é o condicionamento de educação, política, ideias, visões, texturas, gostos, formas, princípios, ações, procedimentos, reações e julgamentos. É a carga das ideias que a sociedade repassa, sendo interligados aquilo que é mais presente no cotidiano e é mais constante nos espaços sociais ocupados: escola, igreja, universidade, ambiente de trabalho. Embora as ideias exerçam influência sobre o indivíduo, o *habitus* não é determinista, já que eles, os sujeitos, têm autonomia para questionar, duvidar e contrariar os princípios, valores e normas que os envolvem²³.

O campo é um espaço no qual a ação do sujeito já estaria disposta. É o local de disputas de interesses, a exemplo de rugas pela direção de colégios, cargos, chefias, presidências. Os indivíduos que fazem parte do ambiente devem consentir às normas, regras, convenções, ordens elencadas que organizam o recinto. A IASD, no caso, sendo possuidora de liturgia, deve ser obedecida pelos membros. Qualquer um que cometa rebeldia está passível de sofrer punições como afastamento de atividades religiosas, concorrência/posse a cargos de liderança, advertências e/ou a expulsão. A Igreja, portanto, é um cosmo no qual as diretrizes e maneiras de agir já estão estabelecidas, convencionadas. Os fiéis devem segui-las,

²² BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Tradução Fernando Tomaz; revisão da tradução Fernando Portugal. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.

²³ BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. Tradução Daniela Kern; Guilherme J. F. Teixeira. São Paulo: Edusp. Porto Alegre, RS: Zouke, 2007.

já que não as anuir, pode fazer com que o associado não consiga mobilidade nas estruturas de poder internas.

A IASD é um espaço social com relações de diligências. A instituição é um ambiente no qual há eleições internas para os membros poderem administrar os comandos nas várias esferas como: o pastorado, diaconato, secretariado, “ancionato”, etc. No entanto, há desigualdade na forma como se chega a esses patamares de liderança, já que as regras para ocupar tais postos, nem todos os sujeitos possuem os capitais necessários: social, educacional, cultural. Portanto, o poder fica restrito a apenas determinados grupos, possuidores das características exigidas. Isso faz com que se torne nítido a relação entre dominados e dominantes. Ressalta-se que os agentes religiosos, nesses recintos, estão em constante disputa em galgar posições de coordenação na estrutura de controle. Acerca do processo burocrático interno da Igreja abordaremos no segundo capítulo com mais detalhes.

As discussões acerca da Nova História Política, reunidas por René Remond, no livro “Por Uma Nova História Política” trazem também contribuições importantes para o campo dessa pesquisa²⁴. A Nova História Política surge a partir da década de 1970 e de 1980. Antes dela, a história política estava transpassada por narrativas de grandes eventos políticos e de suas lideranças. Nesse horizonte, os historiadores centraram-se em cronologias de personagens, acontecimentos e grandes narrativas. Por esses outros motivos, a história política sofreu críticas dos *Annales*. O seu ressurgimento, a partir da Nova História Política, ocorre por meio daqueles que desejavam entender os eventos, acontecimentos, ações, atitudes, decisões nas diversas situações cotidianas. A Nova História Política, portanto, trata das relações de poder entre pessoas, instituições e campo mais amplo quanto a individualidade do fazer-se da política.

Assim, enquanto o século XIX tratou de dar visibilidade a macro-história, a reformulação da chamada Nova História Política tratou de trazer as questões do cotidiano comum, focado nas diversas situações da vida. Abriu espaço para inúmeras maneiras de entender o político nas ações pessoais. René Remond, a exemplo, rejeitou a noção de que a história política só deveria/dê atenção aos privilegiados, negligenciando a massa. A preocupação dos historiadores desse campo passa a ser, portanto, a ideia de que os indivíduos são atores políticos importantes.

Deste modo, apreciamos como conceito importante para o desenvolvimento deste trabalho a concepção de “intelectual”, do historiador francês Jean-François Sirinelli. Ele

²⁴ RÉMOND, Réne. *Por Uma Nova História Política*. Trad. Dora Rocha. 2. Edição. — Rio de Janeiro: editora, FGV, 2003.

formulou ideias analisando como a sociedade era influenciada, pela atuação dos intelectuais, nos eventos econômicos, culturais, sociais, religiosos, políticos. Para Sirinelli (2003)²⁵, os intelectuais perfazem-se sujeitos detentores de habilidades, que lhes permitem transitar nos meandros da coletividade, através da produção e disseminação de ideias, conhecimento e táticas/estratégias que influenciam a opinião/arbítrio de outros indivíduos. Assim, a veiculação das noções, pode gerar engajamento indireto/direto com/em questões políticas, aos/nos acontecimentos cotidianos, ações concebidas à concretização de desejos íntimos e/ou partilhados, que convenham ao interesse particular e/ou público.

Neste sentido, os intelectuais não são agentes passivos dos acontecimentos, mas sujeitos ativos, em que atuam, contundentemente, nos entrelaçamentos presentes para gerar mudanças, debates, retrocessos ou progressos. Tornam-se indivíduos construtores da história. Influenciam decisões políticas, educacionais, econômicas por meio de textos, imagens, discursos. Atitudes veiculadas ao corpo social. O campo, no qual eles são formados, seja espiritual, financeiro, grupal ou cultural, é peremptório. Isto importa à conduta que tomam, aos posicionamentos que almejam influenciar. Neste aspecto, se constituem redes de sociabilidades, na qual partilham ideias, valores, interesses, intenções sinônimas. A esfera de ingerência estruturada é fortalecida. É solidificada a capacidade de influir nas decisões particulares e/ou públicas da coletividade.

Dessa forma, Sirinelli teceu percepções as quais estão, diretamente, ligadas à conduta de como agem os intelectuais em/na sociedade. A configuração deles é, prontamente, conectada ao itinerário. Pode incorrer afinidades culturais, políticas, ideológicas, dirigidas a grupos que comungam de raízes, histórias próximas entre si. Formadoras de redes culturais comuns. Além disso, as conexões de sociabilidades, em que eles acabam tecendo relações políticas, sociais, religiosas, por partilharem similares valores, criam condições de optarem por se integrarem a círculos que copulam análogas ideias, crenças, desejos.

Nos valemos ainda do conceito de “opinião pública”, tecido pelo historiador Jean-Jacques Becker²⁶. Para ele, a opinião pública, é germinada por um conjunto de pensamentos, visões, ideias, crenças em que percorrem os grupos gregários. Esses combos são influenciados pela disseminação de notícias, debates, discussões e interação entre os diversos sujeitos no cotidiano. O autor defende que, a “opinião pública”, possui importância significativa na

²⁵ SIRINELLI, Jean-François. *Os intelectuais*. In: RÉMOND, René. Por uma história política. 2. ed. Rio de Janeiro. Editora: FGV, 2003.

²⁶ BECKER, Jean-Jacques. *Opinião pública*. In: RÉMOND, René. Por uma história política. 2. ed. Rio de Janeiro. Editora: FGV, 2003.

condução da burocracia, organização e entrosamento entre o tecido político, coletivo, cultural que formam o corpo social. A este sentido, a “opinião pública”, precisa ser analisada com cuidado. Em vista que por meio dela, governantes podem sofrer pressão à tomada de decisões, pela população, acerca de assuntos que a interessem ou que lhe foi dirigida/imposta como benefício.

Por isso, a opinião pública não é rígida, imutável, mas passível de mudanças. Depende/caminham influenciadas pela atuação das mídias que transmitem notícias, com intuítos que podem instigar contornos diversos. Jornais, revistas, movimentos sociais, *internet*, políticos, famosos, escritores são sujeitos, com claro poder e capacidade de penetrar na mola condutora da formação da opinião pública. Influenciam os indivíduos para agirem movidos por interesses próprios e/ou coletivos. A isto, os valores, o comportamento, a inércia ou ação, podem ser desencadeados. Neste aspecto, a compreensão da formação da opinião pública precisa/deve ser considerada. Ela carrega demandas, insatisfações, críticas, sentimentos — aceitação ou rejeição —, que podem abalar o equilíbrio e estabilidade política, social, econômica, educacional, religiosa.

Próximo dessa perspectiva, Daniel Augusto Schmidt, na tese “O protestantismo brasileiro: entre a colaboração e a resistência no período da ditadura civil e militar (1964 – 1974)”, publicada em 2015, discute o posicionamento da Igreja Metodista do Brasil e da Igreja Presbiteriana do Brasil na ditadura civil-militar²⁷. Segundo esse autor, no contexto político e ideológico da ditadura ocorreram disputas entre as alas conservadoras e progressistas em torno da (re)construção dos valores sociais e instrucionais. Essas disputas aproximaram uma parte desse grupo religioso aos militares — aliança embasada em laços tradicionais, conservadores e autoritários. Ainda segundo essa pesquisa, as ideias cristãs autoritárias, clientelistas, patriarcalistas estavam/estão no corpo social da ala conservadora de algumas igrejas, latentemente, e de modo (in)consciente. Dessa forma, a mistura dos conceitos do protestantismo, recém-chegado, com a noção da herança cultural religiosa do catolicismo-cruzadista-belicista teria sido antropofagizado pela cultura no país.

Ainda nesse campo, em relação aos colégios adventistas, as contribuições do historiador Dominique Julia, no artigo “a cultura escolar como objeto histórico”²⁸, ressaltam que a conduta pedagógica deve ser vista, analisada e pensada a partir das situações de conflito

²⁷ SCHMIDT, Daniel Augusto. O protestantismo brasileiro: entre a colaboração e a resistência no período da ditadura civil e militar (1964 – 1974). Tese (Doutorado em Ciências da Religião). Faculdade de Humanidades e Direito, Universidade Metodista de São Paulo, 2015, p. 23.

²⁸ JULIA, Dominique. *A cultura escolar como objeto histórico*. Trad. Gizele de Souza. Disponível em: <<https://repositorio.unifesp.br/handle/11600/39195>>. Acesso em 31 de dezembro de 2022 às 19h04.

e/ou passividades inerentes ao contexto presente. Dessa forma, trata-se de discutir como às normas adventistas eram disseminadas. Entender a transmissão da doutrina aos alunos, nas diversas interações cotidianas — lazer, escola, igreja, família, amigos, namoro.

A partir dessa discussão teórico-metodológica, o presente trabalho se estrutura em quatro momentos. A “Introdução”, no qual se aborda a temática da educação adventista, a delimitação e a justificativa do objeto de estudo, marcos temporais inicial e final, a metodologia, a historiografia relacionada, às fontes pesquisadas e a definição da estrutura da dissertação.

No capítulo II, “A IASD e o Estado de Segurança Nacional”, discute-se a origem da Igreja Adventista, a organização interna e externa, os pioneiros fundadores, a difusão do evangelismo no Brasil. Aborda-se acerca da gênese da *Revista Adventista*, a importância e o uso dela como ferramenta ao/no evangelismo. Além disso, discutimos como denominações protestantes no país se aproximaram da ditadura civil-militar. De que forma se portaram, mediante a censura, as perseguições e geriram o pensamento dos fiéis nos templos cristãos. Analisa-se como, por meio do impresso, os líderes adventistas e às autoridades civis-militares mantinham relações de interesse, alinhamento e/ou colaboração — por meio de encontros, legislações e parcerias institucionais.

No capítulo III, intitulado “A educação no lar adventista: um ideal de evangelização” discute-se como a IASD, a partir dos artigos publicados na *Revista Adventista*, os líderes da denominação influenciaram os fiéis. Em como, por meio dos artigos veiculados no periódico e de que forma o pensamento cristão adventista deveria ser dispersado, ensinado e fortalecido. Isso à formação de crianças, jovens e fiéis que partilhavam a moral, ética e os preceitos da fé adventista. Discutimos os principais espaços sociais e particulares — casa, escola, igreja — que os editores tratavam de reforçar como locais nos quais deveria ser de estrito cuidado dos adultos. Deveriam gerir como os discentes, filhos, precisam ser mantidos imersos na doutrina cristã.

No capítulo IV, “Os Institutos Adventistas de Educação”, discute-se como a partir dos artigos publicados na *Revista Adventista* a Igreja Adventista criou, ampliou, expandiu e fortaleceu os principais Institutos Educacionais Adventistas de Ensino no Brasil. E, como o processo de evangelização, por meio deles, se efetivaram. No qual os colégios contribuíram com a expansão da IASD pelo país, e de que forma os educandários influenciavam a/na vida dos estudantes, conseqüentemente, junto à sociedade brasileira durante a ditadura civil-militar, em particular, no período de 1972 a 1978.

2. A IASD E O ESTADO DE SEGURANÇA NACIONAL

O presente capítulo discute a ligação da IASD com a atuação dos militares e de como essa associação conseguiu criar, manter e difundir o entendimento de nação e de patriotismo estabelecido pela Doutrina de Segurança Nacional (DSN). Nesse sentido, objetiva-se analisar as relações de interesses que se fizeram, por inúmeros meios, como a educação, a mídia, a política. Igualmente a essa questão sobre os rumos postos na história do país, estão as igrejas, em específico, as protestantes. Nesse ínterim, elas, para se propagarem em território brasileiro, criaram aproximações com as diversas instâncias do poder durante a ditadura e a coalizão civil-militar que a sustentou. Nesse processo, encontra-se a Igreja Adventista do Sétimo Dia que manteve boas relações com os referidos governos no período em estudo. Nesse capítulo, portanto, trata-se de compreender como a moral, a ética e a fé cristã foram usadas para alavancar o crescimento da denominação.

Dessa forma, trata-se de entender as relações tecidas na constituição do alinhamento da compreensão de nação pensada pelos militares. Nesse aspecto, intenta-se analisar a coadunação com as ideias religiosas da moral e fé dos adventistas, em que se conversou apoio e colaboração ao projeto institucional em questão. E, dentro dessa perspectiva, desvelar alguns dos meandros educacionais, sociais e religiosos que permearam a política brasileira, em especial, a atuação dos evangélicos e de como o regime angariou bases de apoio.

Em torno desse horizonte de discussão, a *Revista Adventista* figurou-se como uma ferramenta para conservar os fiéis uníssonos na fé cristã, direcionados, disciplinados e devotos à doutrina religiosa, mas também, próximos à Ideologia de Segurança e a coalizão civil-militar que a apoiava. Através desse impresso, disseminaram-se concepções hieráticas, educacionais, encontros sociais com autoridades da associação que estava no poder no período em estudo, de 1972 a 1978.

2.1. Em nome da missão!

Hoje, em todo o Brasil, o nome “Adventista” é conhecido, respeitado. Nossa obra é reconhecida como de utilidade pública. Somos recebidos nas assembleias e paços reais. Nossos missionários aparecem nas páginas dos jornais como benfeitores da humanidade²⁹.

²⁹ SOUZA. S. César. Relações Públicas de Alto Nível. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 67, nº 1, janeiro de 1972, p. 14.

O trecho acima está contido no artigo “Relações públicas de alto nível”, publicado em janeiro de 1972 por Sesóstris César de Souza (1915 – 2013)³⁰. O objetivo era elevar o nome da Igreja no meio social brasileiro como “produto positivo”. Divulgá-la como a denominação cristã, com “boas características” a ser acoplada pela sociedade, foi recorrente nas páginas do impresso. Os líderes tratavam de conquistar os “canarinhos” disseminando os conceitos de fé na doutrina, fazendo-se “diferentes” entre as demais instituições religiosas no país. Nesse quesito, afirmavam ser depositários das “verdades divinas”.³¹

Tratou-se de desenhar figura positiva acerca da Igreja, buscando atrair a atenção dos brasileiros à conversão, à filosofia da Igreja. Desse modo, requereu-se tecer vínculos com o imaginário e a estima da população, por meio dos princípios da moralidade, da religiosidade, da educação cristã. Objetivava-se converter os “gentios”. Nesse ínterim, estavam incluídas a conquista de outros fiéis denominacionais como: batistas, metodistas, espíritas, católicos³².

Segundo o Dicionário Priberam da Língua Portuguesa³³, a palavra “missão” origina-se do latim *missio - onis*, significando emissão, o ato de enviar, mandar. É nesse sentido que o cristianismo se baseia, na façanha de encaminhar propagandistas para a evangelização, conversão dos “bárbaros”. Sustenta-se a ideia de um único salvador/redentor/herói, nos limites do monoteísmo ético-cristão³⁴.

A Igreja Adventista do Sétimo Dia foi oficializada em 1863 em Battle Creek, Michigan, EUA³⁵. O nome da denominação carrega as principais doutrinas que sustentavam a base da fé disseminada. Ela se diferencia das demais igrejas pelos hábitos alimentares, baseados no Livro de Levítico do Antigo Testamento da Bíblia³⁶; cosmovisão restauracionista, ou seja, mundo livre de pecados e corpo humano imortal. Deus convivendo na terra com a humanidade; a crença no advento de Cristo após juízos executados; pela

³⁰ SOUZA, Sesóstris César (1915 – 2013). In: Centro Branco Brasileiro — UNASP. Publicado em 29 de janeiro de 2020. Disponível em: <<https://encyclopedia.adventist.org/article?id=8GPI&lang=pt>>. Acesso em 21 de setembro de 2022 às 13h25.

³¹ SARLI, Joel. Torre Pellice: milenar refúgio dos valdenses. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 71, n.º 5, maio de 1976, p. 4.

³² BEACH, Walter R. Que é e onde está a Igreja?. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 74, n.º 1, janeiro de 1979, p. 38.

³³ Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. Disponível em <<https://dicionario.priberam.org/miss%C3%A3o>>. Acesso em 21 de setembro de 2022 às 9h14.

³⁴ GAME, Geoffry E. Jesus e sua lei. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 74, n.º 1, janeiro de 1979, p. 40.

³⁵ DINIZ, Priscila Ribeiro Jeronimo. “Criança adventista”: um estudo sobre a evangelização infantil. 2014. Dissertação (Mestrado em Sociologia) — Faculdade de Sociologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014, p. 65. Disponível em <<https://docplayer.com.br/19143807-Crianca-adventista-um-estudo-sobre-a-evangelizacao-infantil.html>>. Acesso em 24 de fevereiro de 2022 às 1h17.

³⁶ A BÍBLIA SAGRADA — Velho e Novo Testamento. *Os animais limpos e imundos*. Trad. João Ferreira de Almeida: revista e corrigida. Várzea Paulista. São Paulo: Casa Publicadora Paulista, 2015, p. 140.

escatologia — as Escrituras se autoexplicam —, e, por fim, a guarda do sábado como sinônimo do selamento dos “escolhidos”. O dia faz alusão ao trecho bíblico, em que o personagem Moisés marcou os umbrais das famílias judias no Egito, para que fossem salvas da morte³⁷. Além de usar a Bíblia como centro da ideologia, é robustecida e mantém-se ancorada nos escritos/bibliografia de Ellen White.

A IASD surgiu após o chamado “movimento millerita”³⁸. Este episódio religioso foi iniciado por Guilherme Miller (1782 – 1849)³⁹, fazendeiro estadunidense, que após ter lido e elaborado cálculos em textos proféticos da Bíblia — Livros de Daniel, Livro de Isaías e Livro do Apocalipse —, acreditou que o retorno de Cristo à terra se daria, aproximadamente, em torno de 1843. As pregações que ele levou a várias cidades conquistaram inúmeros fiéis, de diversas denominações, fazendo-os acreditarem nas ideias propagadas do breve retorno do Messias naquele presente.

Após a disseminação da mensagem do advento de Cristo, várias pessoas convertidas às palavras de Miller e dos colaboradores, passaram a fazer parte dos que, fielmente, estiveram a espalhar o comunicado. Alguns venderam propriedades — fazendas, casas, animais —, outros saíram das igrejas de origem. O movimento acoplou bastantes cristãos de segmentos religiosos tais como os congregacionistas, batistas, metodistas, etc.⁴⁰.

Guilherme Miller não marcou data fixa, porém, os milleritas, ou seja, alguns colaboradores do advento, após a efetuação de cálculos em estudos realizados nos textos proféticos da/na Bíblia, comparando profecias dos livros já referidos, dataram o retorno de Cristo para o dia 22 de outubro de 1844. Eles disseminaram a mensagem a inúmeras pessoas e fizeram vastos adeptos, porém, o Messias não voltou, gerando mescla de sentimentos como frustrações, decepções, fúrias, ceticismo.

³⁷ A BÍBLIA SAGRADA — Velho e Novo Testamento. *Deus anuncia a décima praga*. Trad. João Ferreira de Almeida: revista e atualizada no Brasil. 2ª edição. Barueri: São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999, p. 47.

³⁸ GONÇALVES, Sérgio. *Desafios de Uma Instituição Confessional*: Centro Universitário Adventista — UNASP. 2009, p. 9. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2009. Disponível em: <http://iepapp.unimep.br/biblioteca_digital/pdfs/2006/HKJORHSYSPUB.pdf>. Acesso em 28 de novembro de 2021.

³⁹ SOUSA, Antonio Julio Alves de. *Mídia e religião: o uso dos meios de comunicação na Igreja Adventista do Sétimo Dia*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Faculdade Unida de Vitória — FUV. Vitória, Espírito Santo, 2017, p.11.

⁴⁰ SANTOS, Eduardo Cavalcante Oliveira. *Internatos Adventistas no Brasil em questão: os discursos de permanência da filosofia e das práticas educacionais e os indicativos de ocorrência de atualização na condição pós-moderna*. Dissertação (Mestrado em ciências da religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP, 2016, p. 38.

O não regresso ficou conhecido como o “grande desapontamento”⁴¹. A partir disso, surgiram grupos que tomaram direções opostas. Alguns perderam a fé, não retornando mais a templos cristãos. Uns continuaram conduzindo marcação de datas, nas quais acreditavam que seria o reaparecimento. E, outro conjunto tratou de estudar e unir textos bíblicos, na busca de compreender o que ocorreu para que Cristo não viesse no período narrado. Esses deram início à IASD. Com isto, junta-se uma mescla de crenças dos vários segmentos evangélicos do movimento millerita. Essa amálgama de credos foi aglutinada pela filosofia da Igreja Adventista formando as doutrinas-base já referidas, as quais se mantêm a/na/em/sua essência religiosa, culminando nas 28 concepções ideológicas dispersadas aos fiéis.

Dos fundadores/pioneiros da IASD destacaram-se o casal, Ellen Gould White, considerada profetisa pelos adventistas e, o esposo, James/Tiago Springer White (1821 – 1881). Além do amigo, Joseph Bates (1792 – 1882). Considerados pilares da formação e sustentação da denominação, trataram de manter os remanescentes do “grande desapontamento” unidos na fé em torno da doutrina cristã. A ideologia foi ancorada, em grande medida, pela atuação de Ellen White, elevada profeta/porta-voz de Deus na terra. Deu-se crédito às orientações/conselhos sugeridos por ela, em diversos contextos sociais, religiosos. Escritora de vasta literatura evangélica, a qual objetivou direcionar os fiéis nos diversos campos pessoais da vida: saúde, namoro, alimentação, vestimenta, meio ambiente, educação, casamento, política.

Junto aos escritos bíblicos, a Igreja usa a bibliografia de Ellen White, denominada no meio adventista como “Espírito de Profecia”. A literatura da referida autora, acopla o suporte à mensagem religiosa, disseminada nos centros de saúde, educação, jornais, revistas, televisão, *internet*, rádios.⁴² A IASD mantém inúmeras instituições ao redor do globo terrestre. Por meio delas, trata de divulgar a doutrina. Abaixo, apresenta-se tabela das instituições mantidas.

⁴¹ BRITO, Azenilton G. Humildade e teimosia: um confronto de homens e crenças. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 70, n.º 3, março de 1975, p. 4.

⁴² M, R. M. Recado. In: *Revista Adventista*, São Paulo, ano 85, n.º 3, março de 1989, p. 19.

Tabela 1 - Órgãos da IASD

1	• Agência Adventista de Desenvolvimento e Recursos Assistenciais (ADRA)
2	• Associação Casa Editora Sudamericana (ACES)
3	• Superbom
4	• Granix
5	• Casa Publicadora Brasileira
6	• Novo Tempo
7	• Instituto Adventistas de Tecnologia (IATEC)
8	• Gestão de Riscos Adventistas (ARM)
9	• Instituto Adventista de Jubilação e Assistência (IAJA)
10	• Programa Adventista de Saúde (PROASA)

Fonte: Tabela produzida pelo autor a partir de dados contidos no site da IASD. Disponível em: <https://www.adventistas.org/pt/institucional/organizacao/instituicoes/>.

As instituições adventistas perfazem desde a atenção à saúde, permeando por segmentos fundamentais à vida em sociedade — alimentação, tecnologia, funerária. Desse modo, elas são disseminadas em inúmeros pontos essenciais da vivência cotidiana das/da pessoas/coletividade. Estes órgãos buscam marcar presença, acoplar às necessidades dos usuários e destacar a constante sensação de onipresença da doutrina e serviços prestados à membresia.

Após a oficialização da IASD em 1863, a denominação organizou-se, burocraticamente. A Igreja segue o regime administrativo episcopal, ou seja, a estrutura é hierarquizada. Os cargos são ocupados por meio de eleições. As ordens, normas e regras advêm de cima para baixo da composição eclesial. A Associação Geral, órgão máximo, em 1882, objetivou apontar regulamentos com o desejo de padronizar o funcionamento dos setores governamentais internos. Essa era uma forma de manter a unicidade dos membros.

Buscava-se alavancar regras para evitar desordens e incomunicabilidades, pois a ideia estava em manter-se em uníssono no globo terrestre. No entanto, havia pastores que discordavam da produção de um manual uniformizador. A rusga explica-se pelo fato do tolhimento à liberdade que os dirigentes possuíam em organizar, da maneira que achassem cabível, as igrejas que comandavam. O medo era perder o controle e poder sobre os templos que administravam. Portanto, insuflaram impérios contra a produção de normas que os

submetesse, refreadamente, aos procedimentos que precisavam e/ou que iriam ser executados, pelo comando da Associação Geral.

No entanto, em 1931, surgiu o Manual da Igreja Adventista⁴³, o qual é atualizado, em tese, a cada 5 anos. Apenas em casos extremos pode haver atrasos nas reuniões quinquenais da Associação Geral para atualização das diretrizes da denominação como foram os casos da Segunda Guerra Mundial e a Covid-19, por exemplo. Nele, dita-se a burocracia administrativa, direitos e deveres em que se organiza e se mantém a política interna e externa da congregação, eleições e ocupações de cargos eclesiásticos, punições a erros cometidos pelos pastores e demais fiéis. O documento figura-se sendo a carta magna dos adventistas.

Segundo o Manual (2023), o primeiro membro adventista a trazer a ideia da conjunção das normas, deveres e regras em formato de livro foi John Norton Loughborough (1832 – 1924)⁴⁴. A compilação foi intitulada “A Igreja, sua organização, ordem e disciplina”, publicada em 1907. Com o passar dos anos e o crescimento da denominação, a Comissão Diretiva da Associação Geral votou por publicar um calhamaço. Nesse processo, James Lamar McElhany (1880 – 1959), presidente da Associação Geral, preparou o primeiro exemplar e o publicou em 1932.

Não há um escritor específico do livro. A autoria do Manual é dedicada à IASD. Ele é atualizado, pelas lideranças adventistas do alto escalão da denominação, em reunião da Associação Geral, nos EUA, a cada quinquênio, como referido anteriormente. O documento, conforme abordado, contém as regras, normas, liturgia, ordenanças, sugestões da organização da Igreja. Foi justificado como forma de que a IASD deveria possuir ordem, governo e disciplina⁴⁵.

Nesse trabalho, utilizar-nos-emos do Manual editado no ano de 2022. Nele constam atualizações editoriais após a 61ª reunião da Assembleia Geral, ocorrida entre os dias 6 e 11 de junho de 2022 em St. Louis, Missouri nos EUA. A Covid-19 acabou por impossibilitar a reunião quinquenal para discutir e renová-lo antes⁴⁶. A forma de organização administrativa

⁴³ [IASD]. *Manual da Igreja 2022*. Edição 23.ª. Trad. Raniere Sales. Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, São Paulo, 2023. Disponível em: <<https://downloads.adventistas.org/pt/institucional/documentos-oficiais/manual-da-igreja-edicao-2022/>>. Acesso em 12 de junho de 2023 às 16h33.

⁴⁴ STRAYER, Brian. E. Loughborough, John Norton (1831 – 1924). ESDA. Publicado em 23 de setembro de 2020. Disponível em: <<https://encyclopedia.adventist.org/article?id=99PK>>. Acesso em 14 de junho de 2023 às 14h15.

⁴⁵ IASD, 2023, *passim*.

⁴⁶ Infecção respiratória causada pelo coronavírus SARSCoV-2 que afetou todo o globo terrestre, obrigando às populações no mundo a permanecerem isoladas em quarentena, entre 2020 e 2022. NETTO, Raimundo Gonçalves Ferreira; CORRÊA, José Wilson do Nascimento. Epidemiologia do surto de doença por coronavírus (covid-19). Revista Desafios — v7, n. Supl. COVID-19. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.20873/uftsuple2020-8710>>. Acesso em 12 de junho de 2023 às 15h30.

da IASD é hierárquico-representativa, ou seja, os dirigentes tomam posse dos cargos eclesiásticos por meio de eleições. Todos os membros considerados aptos, isto é, que não tenham sido penalizados pela direção da Igreja⁴⁷, possuem direito à escolha/votação/concorrência dos líderes/postos que irão comandar os rumos da denominação. A seguir, o infográfico apresenta a estrutura organizativa da IASD.

Infográfico 1 - Organização da IASD



Fonte: infográfico produzido pelo autor a partir do [IASD]. *Manual da Igreja 2022*. Edição 23.^a. Trad. Raniere Sales. Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, São Paulo, 2023, p. 30.

1. Igreja Local — Grupo de fiéis, em determinada localidade, que obteve a classificação oficial de igreja, mediante votação dos delegados reunidos em uma assembleia da Associação ou Missão.

2. Associação Local — Grupo de igrejas locais. Isso em uma área geográfica definida, que, por voto da Comissão Diretiva da Divisão. Por meio de suas reuniões plenárias de metade ou de fim de ano, ou do concílio quinquenal. A isso recebeu a posição oficial de Associação/Campo da Igreja Adventista e posteriormente aceito, em uma assembleia da União, como parte da irmandade de Associações/Missões.

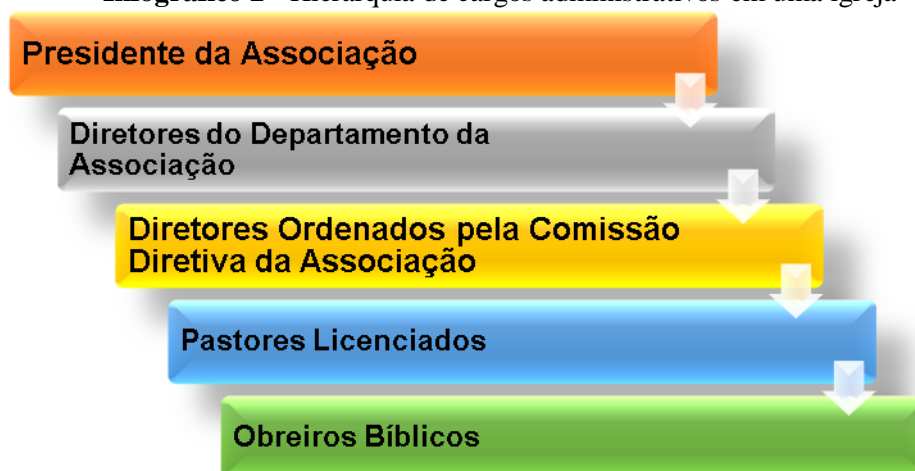
3. União de Igrejas — Grupo de igrejas em uma área geográfica definida que obteve, por uma Assembleia da Associação Geral, a posição oficial de União de Igrejas com a classificação de Associação ou Missão.

⁴⁷ Aqueles que não foram afastados por algum motivo considerado imoral, como adultério, desordens, má disciplina ou não tenham cumprido com as ordens e mandamentos da denominação.

4. União-Associação ou União-Missão — Grupo de Associações e/ou Missões, em uma área geográfica definida, cuja posição oficial de União-Associação ou União-Missão tenha sido conferido por uma Assembleia da Associação Geral.

5. Associação Geral e suas Divisões — A Associação Geral representa a expressão mundial da Igreja. O corpo de oficiais é definido por sua Constituição. Para facilitar sua atividade ao redor do mundo, a Associação Geral estabeleceu sedes regionais, conhecidas como Divisões da Associação Geral. As Divisões são designadas por voto dos Concílios Anuais da Comissão Diretiva da Associação Geral para servir na supervisão administrativa de um grupo de Uniões e outras unidades da Igreja em uma área geográfica específica⁴⁸. Abaixo, esquema de como os servidores da Igreja são divididos, mapas das Uniões na Divisão Sul-americana, dos delegados e a dos adventistas no Brasil.

Infográfico 2 - Hierarquia de cargos administrativos em uma igreja

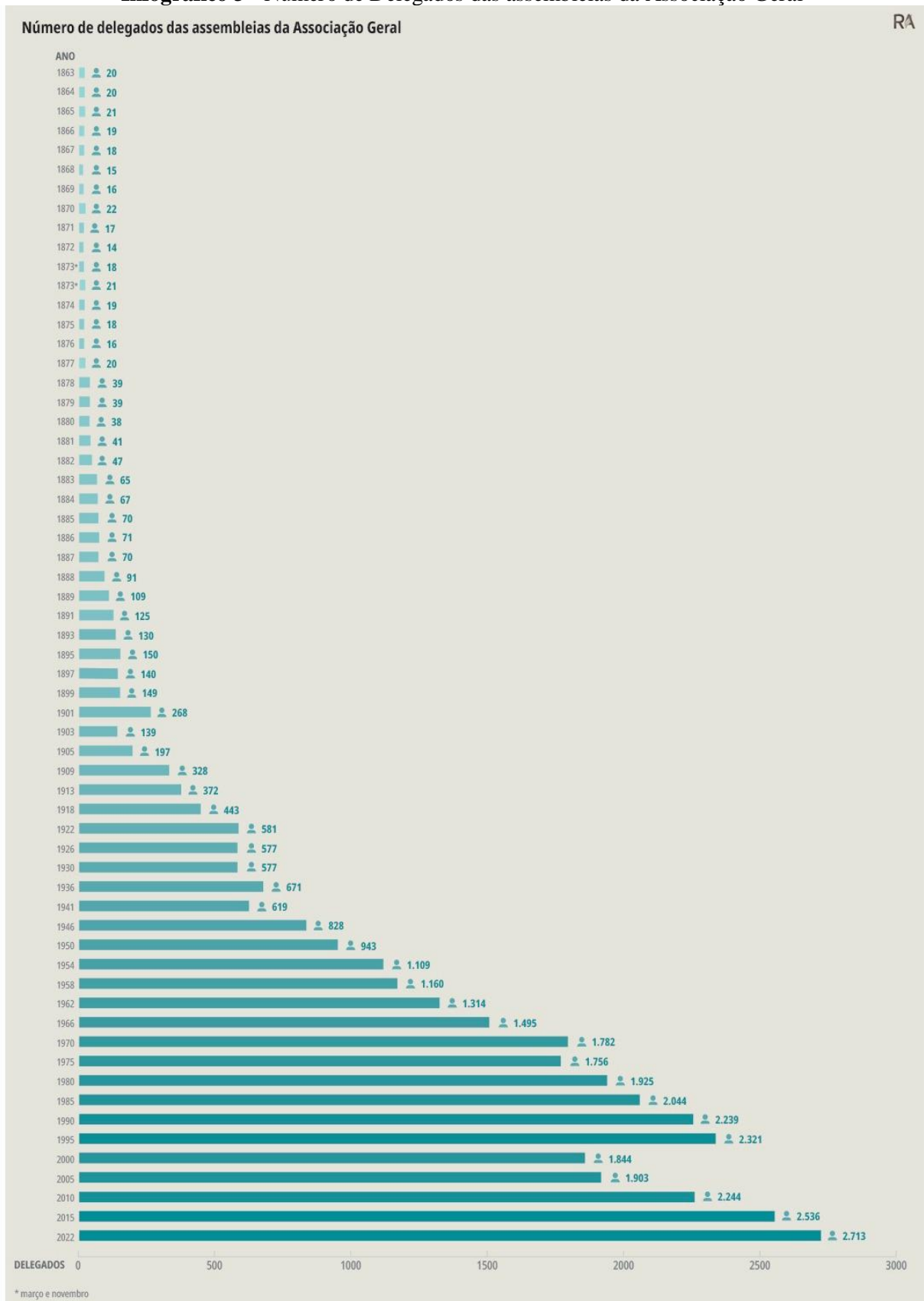


Fonte: infográfico produzido pelo autor a partir do [IASD]. *Manual da Igreja 2022*. Edição 23.^a. Trad. Raniere Sales. Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, São Paulo, 2023, p. 33.

- 1 — Presidente da Associação — Deve ser um pastor considerado ilibado;
- 2 — Diretores dos departamentos da Associação — Devem ser obreiros ilibados;
- 3 — Pastores ordenados pela Comissão Diretiva da Associação — Devem ser ilibados;
- 4 — Pastores licenciados — Membros com potencial para ministérios maiores;
- 5 — Obreiros Bíblicos — membros que podem ser empregados como evangelistas.

⁴⁸ IASD, 2023, *passim*.

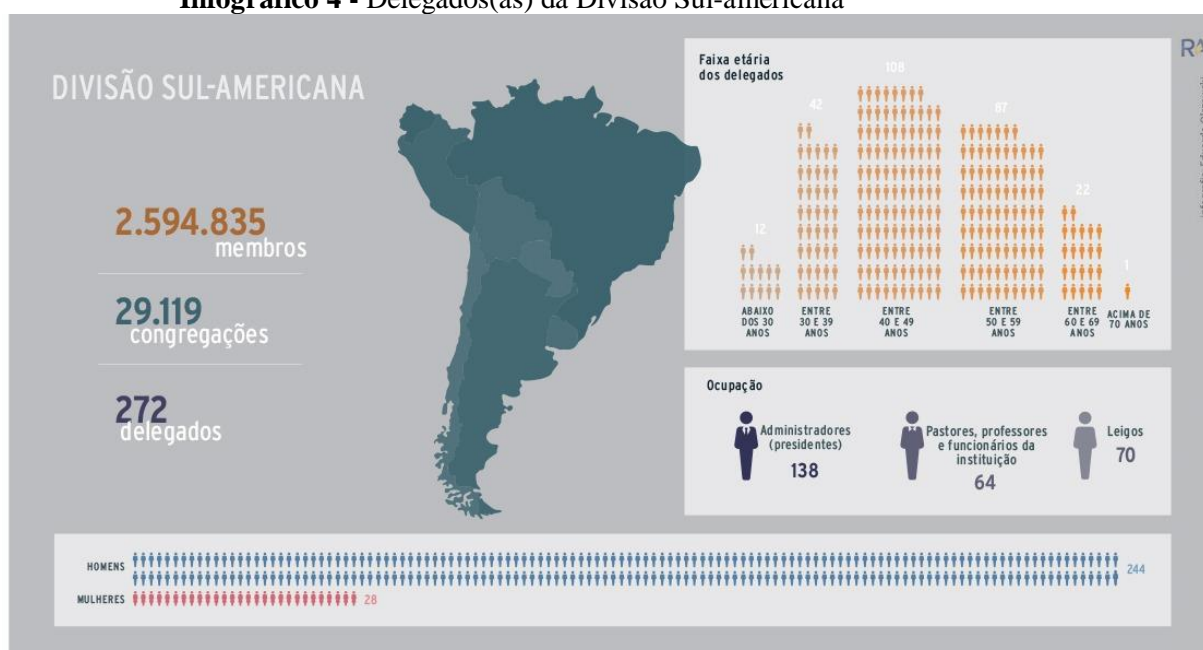
Infográfico 3 - Número de Delegados das assembleias da Associação Geral



Fonte: IASD. St. Louis, 2022. Número de delegados das assembleias da Associação Geral. Disponível em <<https://www.revistaadventista.com.br/conferencia-geral-2022/numerodedelegados/>> Acesso 18 de junho de 2023 às 10h53.

O infográfico acima representa o cômputo de delegados(as) que constituem o corpo de obreiros da denominação, contabilizados desde a primeira reunião da Assembleia Geral. Eles são responsáveis pela escolha dos representantes que irão comandar os rumos da Igreja, em reunião a cada quinquênio, no mundo. Os dados mostram o crescimento do número de delegados desde 1863, em que existiam apenas 20 deles. No entanto, conforme o fortalecimento, avanço e expansão da IASD, pelo globo terrestre, a cifra eclode até chegar ao resultado de 2.713 no ano de 2022. As assembleias mundiais são livres para quem quiser participar, seja adventista ou não. No entanto, apenas os delegados(as) possuem poder de voto às decisões tomadas, cargos, estratégias que precisam/devem ser adotadas, etc.

Infográfico 4 - Delegados(as) da Divisão Sul-americana



Fonte: HOTHON, Mairon. Quem são os 272 delegados da Divisão Sul-Americana que participam da assembleia de St. Louis. Disponível em: <<https://www.revistaadventista.com.br/conferencia-geral-2022/o-perfil-dos-delegados-sul-americanos/>>. Acesso 18 de junho de 2023 às 10h53.

O infográfico acima apresenta os 272 delegados(as) da Divisão Sul-americana que participaram da 61.^a reunião da Assembleia Geral em St. Louis, nos EUA, entre 6 e 11 de junho de 2022. Os dados demonstram o número de fiéis no continente sul-americano, a faixa etária, o gênero e a ocupação/encargo dos delegados(as). Já são 2.594.835 milhões de membros, em 29.119 congregações. Dos 272 delegados(as), 138 são administradores presidentes, 64 divididos entre pastores, professores e funcionários das igrejas e 70 são leigos, ou seja, aqueles que executam trabalhos/funções voluntárias em prol da denominação. São

conversos fixos, batizados, pertencente ao quadro de devotos com responsabilidade de incrementar o evangelismo.

De todos os delegados(as), apresentados no infográfico acima, 12 deles possuem até 29 anos; 42 estão na faixa dos 30/39 anos; 108 estão entre 40/49 anos; 87 estão entre 50/59 anos; 22 estão entre 60/69 anos. Apenas um possui 70 anos. Chamamos a atenção para o gênero. Do total de 272 delegados(as), apenas 28 são mulheres contra 244 homens. Este número representa o quanto o segmento masculino, no comando da denominação, é significativo. Embora às mulheres sejam figuradas como importantes “evangelizadoras por excelência”, os postos de controle/gestão, nas instâncias de poder da Igreja, ainda são destinados, contundentemente, aos “senhores”. Abaixo apresentamos tabela acerca dos presidentes da Associação Geral.

Tabela 2 - Presidentes da Assembleia Geral da Igreja Adventista

Presidente	Ano da presidência	Nacionalidade	Gênero
John Byington	1863-1865	Estadunidense	Masculino
James/Tiago Springer White	1865-1867 1869-1871 1874-1880	Estadunidense	Masculino
John Nevins Andrews	1867-1869	Estadunidense	Masculino
George Ide Butler	1871-1874 1880-1888	Estadunidense	Masculino
Ole Andres Olsen	1888-1897	Norueguês	Masculino
George A. Irwin	1897-1901	Estadunidense	Masculino
Arthur Grosvenor Daniells	1901-1922	Estadunidense	Masculino
William Ambroser Spicer	1922-1930	Estadunidense	Masculino
Charles H. Watson	1930-1936	Australiano	Masculino
James Lamar McElhany	1936-1950	Estadunidense	Masculino

William Henry Branson	1950-1954	Estadunidense	Masculino
Reuben Richard Figuhr	1954-1966	Estadunidense	Masculino
Robert H. Pierson	1966-1979	Estadunidense	Masculino
Neal C. Wilson	1979-1990	Estadunidense	Masculino
Robert S. Folkenberg	1990-1999	Porto-riquenho	Masculino
Jan Paulsen	1999-2010	Norueguês	Masculino
Ted N. C. Wilson	2010-	Estadunidense	Masculino

Fonte: tabela produzida pelo autor a partir dos dados contidos em: IASD. Galeria dos presidentes. [Redação da Revista Adventista]. Disponível em: < <https://www.revistaadventista.com.br/conferencia-geral-2022/galeria-dos-presidentes/>>. Acesso em 18 de junho de 2023 às 14h49.

A tabela acima apresenta todos os presidentes que já passaram pelo comando da Assembleia Geral, instância superior da administração da Igreja. Todos homens brancos. A maioria deles era estadunidense. Ao todo, foram 17 dirigentes. Destes, 13 figuraram como norte-americanos, 1 porto-riquenho, 1 australiano e 2 noruegueses. Como pode-se perceber, nenhuma mulher liderou, até hoje, o controle da/na instituição máxima da denominação. Embora a IASD propague ser uma instituição diversa, plural, com profunda variedade de povos, etnias, os registros mostram que os “homens claros”, em sua maior parcela, encabeçaram os cargos excelsos. O maior volume de tempo presidindo a denominação foi ocupado pelos norte-americanos.

Mapa 1 - Uniões da Divisão Sul-americana

Fonte: IASD. Como é organizada a Igreja?. Disponível em: <<https://www.adventistas.org/pt/institucional/organizacao/como-e-organizada-a-igreja/>>. Acesso em 14 de junho de 2023 às 14h39.

O mapa acima representa a localização das Uniões na América do Sul. Elas formam a chamada “Divisão Sul-americana”. No total, a Divisão possui 13 Uniões que administram o território da/na expansão do evangelismo. Para a Igreja, é imprescindível que os líderes que comandam a região alavanquem o número de convertos. Os dados do crescimento de fiéis são positivos para a denominação. Principalmente, nas Divisões que cobrem a América Central e do Sul.

Mapa 2 - Uniões adventistas no Brasil



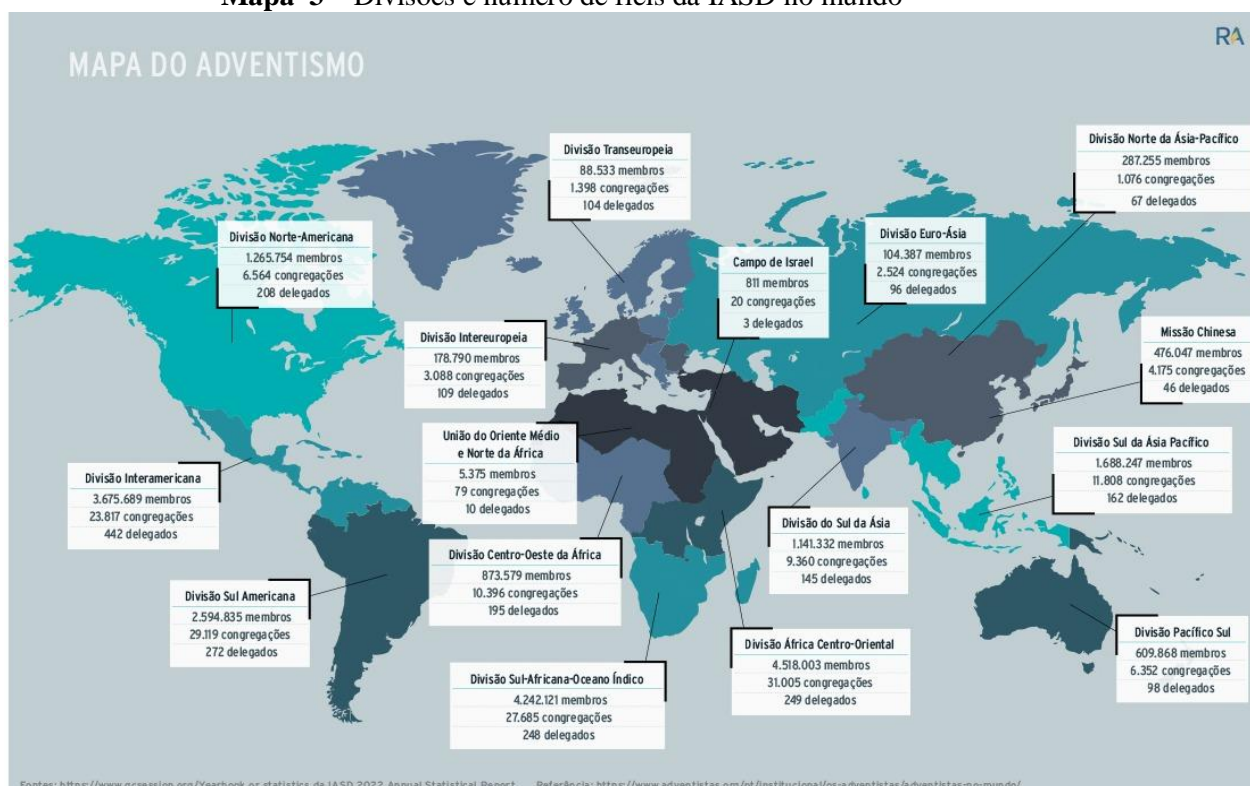
Fonte: Produzido pelo autor por meio do Mapchart a partir de dados contidos no site: <https://www.adventistas.org/pt/institucional/organizacao/instituicoes/>.

O mapa acima representa as Uniões da Igreja no Brasil. No total, o país é administrado por 8 delas em todo o território. É possível observá-las pelas cores que mostram quais estados perfazem o comando de cada uma. Na região sul acham-se os estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná cobertos pela União Sul-brasileira; no Sudeste, São Paulo é dirigido pela União Central-brasileira; ainda na região Sudeste, Minas Gerais, Espírito Santo e Rio de Janeiro são envoltos pela União Sudeste-brasileira; no Centro-Oeste está a União Centro-Oeste brasileira que coordena os estados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, o

distrito de Brasília e, ainda, o estado de Tocantins, da região Norte. Na região Norte aparecem os estados do Pará, Amapá e do Maranhão, no Nordeste, controlados pela União Norte-brasileira. A União Noroeste-brasileira cobre os estados do Acre, Amazonas, Roraima, Rondônia. Nos estados da Bahia e Sergipe está a União Leste-brasileira. E, por fim, na União Nordeste-brasileira estão os estados do Ceará, Piauí, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas.

A Igreja, atualmente, está presente em 212 países. Evangelizando em 516 Línguas e dialetos. Publica livros e revistas em 311 idiomas e linguagens. Possui 60 editoras, 23 indústrias de alimento, 16 centros de produção de mídia. Ao todo, a IASD possui 13 Divisões no mundo. Abaixo, apresentam-se as Divisões com número de congregações, fiéis e delegados em cada continente⁴⁹.

Mapa 3 – Divisões e número de fiéis da IASD no mundo



Fonte: HOTHON, Mairon. Mapa Do Adventismo: o tamanho da igreja e como ela está representada na assembleia de St. Louis. Disponível em: <<https://www.revistaadventista.com.br/conferencia-geral-2022/mapa-do-adventismo/>>. Acesso em 18 de junho de 2023 às 13h59.

⁴⁹ HOTHON, Mairon. *Mapa Do Adventismo*: o tamanho da igreja e como ela está representada na assembleia de St. Louis. Disponível em: <<https://www.revistaadventista.com.br/conferencia-geral-2022/mapa-do-adventismo/>>. Acesso em 14 de junho de 2023 às 14h34.

O mapa acima representa as Divisões da Igreja Adventista no mundo. O número de fiéis em todo o globo terrestre já ultrapassa a cifra dos 21 milhões. Os dados são referentes a 2022. Curiosamente, no continente americano, a Divisão Norte-americana, em que os Estados Unidos, país de origem da denominação está, possui o menor número de membros, congregações e delegados. O crescimento do adventismo germinou em outras partes do mundo mais rápido. Os fatos mostram que a recepção da doutrina cristã adventista foi fertilizada com maior êxito em outros territórios.

A IASD, no contexto cultural, social e político, em que aflorou, sofreu contágio das concepções do “Destino Manifesto”⁵⁰ e do “Americanismo”⁵¹, as quais contribuíram com os pensamentos de que eram escolhidos por Deus. Este sentimento, fortaleceu a noção em converter os demais países à fé cristã. Isto os levou a conjecturarem ser portadores das “verdades divinas”. Nesse sentido, se intitulam depositários da confiança celestial, a qual os possibilitava serem mensageiros da salvação⁵². Após a organização oficial, a Igreja entrou na fase de expansão pelo Leste estadunidense. Posteriormente, encaminhou adventistas para fora dos Estados Unidos. O despacho do primeiro missionário, John Nevins Andrews (1829-1883)⁵³, foi à Europa, em 1874/1875. Concedeu-se caráter internacional à obra evangelística da denominação. No Brasil, os primeiros propagadores aportaram no fim do século XIX, em 1893⁵⁴.

O objetivo era/é conquistar/converter o mundo. Para isso, os missionários foram enviados para a América do Sul. Dentre os primeiros países a recepcioná-los estava o Brasil. A Igreja aportou no final do século XIX nas “terras canarinho”, por meio de evangelistas, encaminhados a disseminar o adventismo. Dentre os pioneiros mensageiros, as páginas do impresso cristão figuraram os pastores: Joseph W. Whestphal (1861 – 1949)⁵⁵, Frederick

⁵¹ MINELLA, Jorge Lucas Simões. *Pan-americanismo no Brasil: uma abordagem conceitual a partir do Estado Novo*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Santa Catarina — UFSC. Florianópolis, Santa Catarina, 2013.

⁵² OLIVEIRA, Manuel R. Talentos leigos na Igreja. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 65, n.º 2, fevereiro de 1970, p. 26.

⁵³ VALENTINE, Gilbert. M. Andrews, John Nevis (1829-1883). ESDA. Publicado em 20 de agosto de 2020. Disponível em: <<https://encyclopedia.adventist.org/article?id=C8VX>> acesso em 03 de agosto de 2023 às 11h08.

⁵⁴ PEVERINI, Heitor J. 50 anos de progresso. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 61, n.º 5, maio de 1966, p. 6.

⁵⁵ WESTPHAL, Joseph W (1861 – 1949). Centro Brando Adventista - UNASP. Publicado em 29 de janeiro de 2020. Disponível em: < <https://encyclopedia.adventist.org/article?id=4GRP&lang=pt> >. Acesso em 24 de março de 2023 às 15h08.

Weber Spies (1866 – 1935)⁵⁶, Johannes Rudolph Berthold Lipke (1875 – 1943)⁵⁷, Albert Berger (1865 – 1943)⁵⁸.

Instalados, primeiramente, no sul do país, em Santa Catarina, trataram de estabelecer escolas, igrejas e produzir literatura cristã para a evangelização. A chegada da Igreja no Brasil contemplou os efeitos sociais, políticos, educacionais, culturais, econômicos, religiosos, ainda em ebulição, da Lei Áurea (1888) e da República (1889), a qual libertou os negros escravizados e derrubou a Monarquia de D. Pedro II (1825 – 1891), respectivamente⁵⁹. É nesse contexto de mudanças que os missionários aportaram nas terras brasileiras. Imbuídos da responsabilidade em converter os brasileiros, começaram o trabalho pelas colônias alemãs e italianas. Os pioneiros utilizaram-se de material impresso que traziam consigo (livros, panfletos, Bíblia) para divulgar a mensagem. Em 1895 foi batizado Guilherme Beltz (1835 – 1912)⁶⁰ e a família. Em 1896 estava fundada a primeira Igreja Adventista, em Gaspar Alto, Santa Catarina⁶¹.

Abaixo, apresentamos, em tabela, os 25 departamentos que a IASD possui, atualmente.

⁵⁶ SPIES, Joseph W (1861 – 1949). Centro Brando Adventista - UNASP. Publicado em 24 de julho de 2021. Disponível em: < <https://encyclopedia.adventist.org/article?id=7GPJ&lang=pt>>. Acesso em 24 de março de 2023 às 15h13.

⁵⁷ LIPKE, Johannes Rudolph Berthold (1875 – 1943). Centro Brando Adventista - UNASP. Publicado em 26 de junho de 2021. Disponível em: < <https://encyclopedia.adventist.org/article?id=DGKD&lang=pt>>. Acesso em 24 de março de 2023 às 15h20.

⁵⁸ BERGER, Albert (1865 – 1943). Centro Brando Adventista - UNASP. Publicado em 29 de janeiro de 2020. Disponível em: < <https://encyclopedia.adventist.org/article?id=CGFL&lang=pt> >. Acesso em 24 de março de 2023 às 15h28.

⁵⁹ NUNES, André Rangel de Souza. *130 anos da Lei Áurea: as leis abolicionistas e a integração negra no Brasil*. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Direito). Universidade Federal Fluminense — UFF. Niterói, Rio de Janeiro, 2018.

⁶⁰ BELTZ, Guilherme Wilhelm (1835 – 1912). Centro Branco Brasileiro. Disponível em: < <https://encyclopedia.adventist.org/article?id=EGFJ&lang=pt>>. Acesso em 02 de novembro de 2022 às 19h01.

⁶¹ PAROSCH, Wilson Luiz. Brasil: 90 anos de adventismo. In: *Revista Adventista*, Tatuí, São Paulo, ano 82, n.º 11, novembro, 1986, p. 25. Acesso em 02 de novembro de 2022 às 19h15.

Tabela 3 - Departamentos da IASD

Área Feminina da Associação Ministerial (AFAM)	Ação Solidária Adventista (ASA)	Associação Ministerial	Aventureiros	Comunicação
Desbravadores	Educação	Escola Sabatina	Espírito de Profecia	Evangelismo
Liberdade Religiosa	Ministério Adventista das Possibilidades	Ministério da Criança	Ministério da Família	Ministério da Mulher
Ministério da Música	Ministério dos Surdos	Ministério do Adolescente	Ministério Jovem	Ministério Pessoal
Missão Global	Mordomia Cristã	Publicações	Saúde	Serviço Voluntário Adventista

Fonte: tabela produzida pelo autor a partir dos dados contidos no site: <https://www.adventistas.org/pt/institucional/organizacao/instituicoes/>.

Cada órgão é responsável por uma área estratégica à IASD. Os setores são chefiados por entes eleitos, pelos próprios fiéis, que irão representar e comandar por determinados períodos o gerenciamento da instituição. Todas as funções da Igreja estão organizadas e geridas por meio de delegados, na qual ordenam as várias repartições administrativas, que compõem o corpo eclesiástico. Nem um dos cargos ocupados são perenes por possuírem durações específicas. No entanto, o ocupante de determinada vaga possui direito a concorrer, novamente, a reeleições.

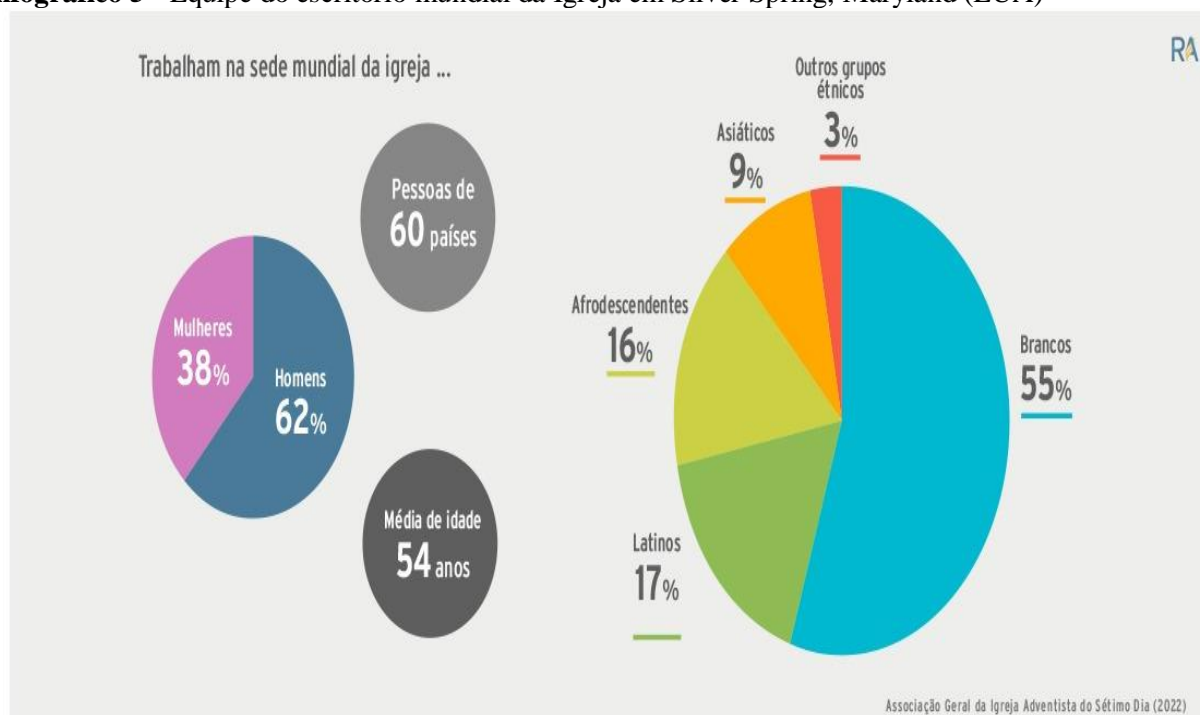
A IASD compõe-se da comunidade de fiéis, congregados nas igrejas locais, a qual todos os que foram batizados encontram-se em pleno gozo de votar nos candidatos aos encargos administrativos e eclesiásticos. Quase todos os trabalhos não são remunerados, ficando em caráter voluntário. Para alguns fiéis, assumir serviços facultativos era adquirir *status* na congregação. No entanto, a função de pastor e ministro são assalariados, tendo em vista que se exige dedicação exclusiva à obra.

Os cargos são envoltos por simbologia, os que assumem o posto recebem “imposição de mãos” dos pastores e/ou ministros. O ato de colocá-las sobre a cabeça visa demonstrar a

“consagração e autorização divina” para exercer a incumbência cedida. A sobreposição recai àqueles que desejam ser pastor, ancião, diácono, tesoureiro, secretário, líderes dos departamentos — música, jovens, escola sabatina, desbravadores, crianças, agência social de ajuda humanitária, agência adventista de desenvolvimento e recursos assistenciais (ADRA). Diferente de outras igrejas protestantes, a IASD não usa a nomenclatura “presbítero”. Todas essas funções passam pelo crivo de comissões, anteriormente eleitas, para a validação dos votos e exercício dos escolhidos às incumbências.

A IASD perfaz a Associação ou Missão, que são junções de templos localizados no território em que se encontram (estado/província), os quais ficam responsáveis pela arrecadação dos dízimos e ofertas. O dinheiro serve para o pagamento dos pastores, ministros, despesas com água, luz e funcionários do campo missionário. A Associação é comandada pela assembleia de representantes nomeados pelas cúrias que estão na jurisdição acoplada pela Missão.

Infográfico 5 - Equipe do escritório mundial da Igreja em Silver Spring, Maryland (EUA)



Fonte: TONETTI, Márcio. Representatividade Global: a equipe que serve no escritório da sede mundial da igreja reflete a diversidade do adventismo hoje. Disponível em: <https://www.revistaadventista.com.br/conferencia_geral-2022/representatividade-global/>. Acesso em 18 de junho de 2023 às 12h57.

O infográfico acima representa a “diversidade” dos 60 funcionários(as) com média de idade de 54 anos, que trabalham no escritório da sede mundial da Igreja Adventista. Os dados foram apresentados na 61.^a reunião da Assembleia Geral. O intuito era demonstrar a

“variedade” de fiéis que ocupam os cargos da denominação; no entanto, os números denotam o aposto do que se desejou. As informações confirmam que os homens preenchem maior espaço. Eles controlam 62% contra 38% das mulheres. Quanto a etnia, os brancos constituem 55% contra apenas 17% latinos, 16% afrodescendentes, 9% asiáticos e 3% outros grupos.

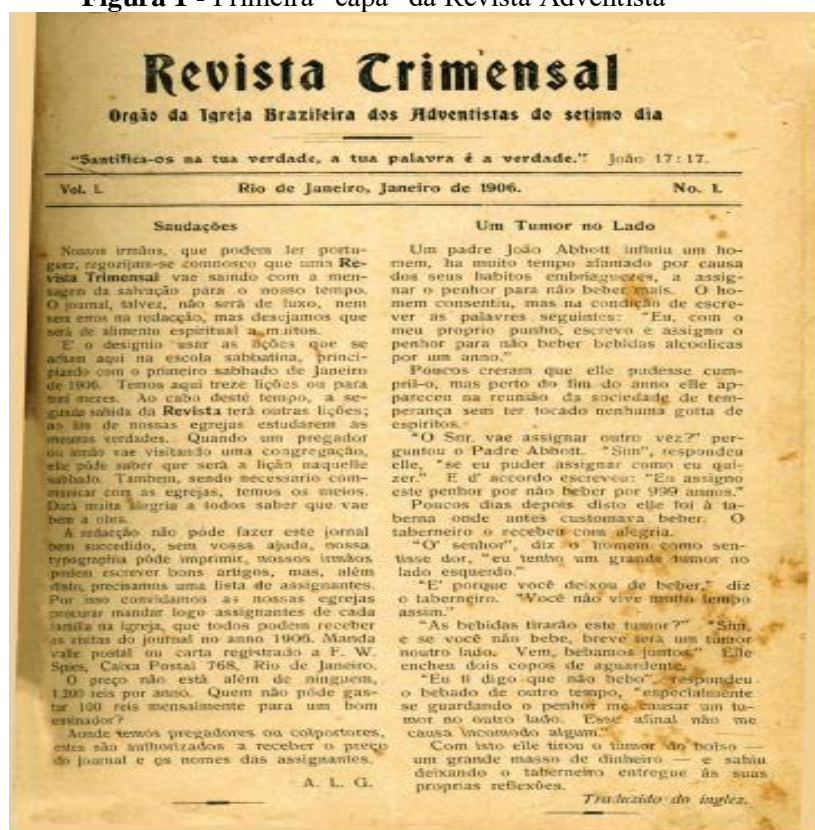
A obra de publicações, a qual foi importante meio dos pioneiros adventistas no investimento em incrementar o evangelismo, destaca-se como ferramenta crucial à expansão da IASD. As brochuras iniciais foram produzidas nos EUA, em que surgiu o primeiro impresso denominado “*A verdade presente*”, em 1849. A partir dos periódicos, o crescimento da denominação abarcou aceleração, conseguindo atingir mais pessoas. Nesse ínterim, no Brasil, a colportagem foi eficaz à veiculação da mensagem cristã como decisivo.

A IASD fundou a *Revista Adventista*, em 1906, no Brasil. Ela era/é o principal periódico, ainda em circulação. A primeira edição foi publicada em janeiro do referido ano, com apenas 12 páginas em preto e branco. A maioria das folhas trazia temáticas dedicadas à Escola Sabatina, lições bíblicas fornecidas aos fiéis todos os sábados, em classes por faixa etária. Além disso, o espaço cristão abarcou os relatos, pedidos de oração, histórias de conversão na obra missionária pelo Brasil.

Inicialmente, o periódico denominou-se “trimensal”. Em 1931, ele adquiriu o nome que mantém até hoje, *Revista Adventista*. No referido ano, foi grifado o nome de “órgão oficial da Igreja Brasileira dos Adventistas do Sétimo Dia”, na capa. A designação continuou sendo inserida, pelos editores, até 1974, pois em 1975 passou a vincular-se como “órgão oficial da igreja”⁶². Abaixo destaca-se a “capa” da primeira tiragem⁶³.

⁶³ IASD [Capa]. In: *Revista Adventista*, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, ano 1, n.º 1, janeiro de 1906, p. 1.

Figura 1 - Primeira “capa” da Revista Adventista



Fonte: G. A. L. Saudações. In: *Revista Adventista*. Rio de Janeiro, ano 1, n.º 1, janeiro de 1906, p. 1.

A imagem acima destaca a primeira edição do periódico. Como pode-se observar, o local de impressão era na, então, capital do país, o Rio de Janeiro. Os nomes dos autores ficavam grifados apenas as iniciais e tinham características rústicas, esteticamente. Havia pouca tecnologia empregada na produção das páginas. Os artigos começavam na primeira folha, abaixo do nome da Revista. Basicamente, funcionava, primordialmente, com o intuito informativo missionário. Nas primeiras três décadas, as “notícias” consistiam, conforme abordado, em relatos pessoais enviados pelos evangelistas espalhados pelo Brasil. O impresso tratava de informar a respeito do crescimento da Igreja e do robustecimento da mensagem cristã.

Não havia capa, propriamente dita, até fevereiro de 1953. A primeira surgiu em março do referido ano. Duas décadas depois apareceu o sumário, em 1973. Não havia seção específica para notícias, o que só ocorreu em meados da década de 1970, com a criação do “Informativo Nacional” (antes denominado “Nossa Seara”). Em 1975, foi renomeado para “Jornal”. Em março de 1977, a seção “Jornal” passou a se chamar “Noticiário”. A ideia era melhorar o impresso como forma de interligação entre os fiéis em todo o país, criando a sensação de unicidade, modernidade e inovação.

Conforme descrito, o periódico ocupava as páginas com textos escritos por pastores e missionários no Brasil. O intuito era que os assinantes fossem conectados por um veículo que pudesse causar-lhes sensação de união. Objetivou-se fazer com que as informações do processo evangelístico atingissem a sociedade por meio da literatura impressa. Dessa forma, vários escritores para a/da Revista sentiam-se parte da história adventista, perfaziam o sentimento cristão, teciam a moral, a conduta, e orientavam como os fiéis deveriam seguir na fé por meio das notícias, informes, lembretes, exortações em que











O meio intelectual constitui, ao menos para seu núcleo central, um “pequeno mundo estreito”, onde os laços se atam, por exemplo, em torno da redação de uma revista ou do conselho editorial de uma editora. A linguagem comum homologou o termo “redes” para definir tais estruturas⁶⁴.

Cada gerente da *Revista Adventista* buscou torná-la atraente, didática, disciplinadora, religiosa e influenciadora na vida dos fiéis. Conforme dito, era preciso modernizá-la, e neste caso, todos, estrategicamente, trabalharam em compatibilizá-la ao tempo presente de cada geração. Não acompanhar às mudanças exigidas do mercado e da indústria cultural/gráfica e/ou de *design*, acarretaria perda de assinaturas, por isso, a adequação às demandas do público e do “mercado editorial”. Inovou-se a formatação, elencaram-se os assuntos/tópicos por seções, deu-se organização literária e relacionaram-se os textos de maneira pedagógica para o leitor se localizar no interior do impresso. Agradou-se cada vez mais o assinante, interligando as igrejas ao/no país, abordando temáticas e notícias acerca da obra missionária. Além disso, publicavam-se fatos e acontecimentos do mundo adventista no exterior. Abaixo, segue quadros dos diretores do periódico conhecidos desde 1923.⁶⁵

⁶⁴ SIRINELLI, Jean-François. *Os intelectuais*. In: RÉMOND, René. Por uma história política. 2. ed. Rio de Janeiro. Editora: FGV, 2003, p. 248.

⁶⁵ TOSO, Taffarel. Editores da *Revista Adventista*. *Revista Adventista*, 16 de outubro de 2017. Disponível em: <

Tabela 4 - Editores da Revista Adventista

					
J. Berger (1923-1934. janeiro)	Luiz Waldogel (1934. fevereiro. - 1965. mai)	Naor G. Conrado (1965. jun. - 1971. nov.)	Carlos A. Trezza (1971. dez. - 1972. dez.)		
					
Arnaldo B. Cristianini (1973. jan. - 1975. out)	Carlos A. Trezza. (1975. nov. 1976. març.)	Rubens S. Lessa (1976. abri. 1982. jan)	Rubem M. Sheffel (1982. fev. - 1985. març)	Rubens S. Lessa (1985. abril - 2014. maio)	Marcos de benedicto (2014. jun) presente

Fonte: tabela produzida pelo autor a partir de dados contidos em: TAFFAREL, Toso. Editores da Revista Adventista, 2017. Disponível em: <<https://www.revistaadventista.com.br/da-redacao/historia/editores-da-revista-adventista/>>. Acesso em 02 de janeiro de 2022 às 16h40.

Durante a/toda vigência do periódico, nas mudanças exigidas pelas modernizações ocorridas do mercado e da cultura, cada gerente imprimiu a filosofia adventista e trabalhou para manter o fiel cimentado na doutrina. Investiu-se no impresso, o qual obteve, ao longo do tempo, aumento de páginas, cores, sumário, capa colorida, impressão em *offset*. Essas alterações aconteceram, aceleradamente, no florir da década de 1970. O corpo editorial passou a acoplar profissionais formados em jornalismo. A direção moldou estampa comercial, sem perder a essência religiosa.

O número de tiragens aumentou. Os gerentes investiram mais no impresso cristão. Por meio dele, a doutrina conectava os fiéis no Brasil e mundo. Abaixo, apresentamos o volume das edições por cada ano de 1972 a 1978.

Tabela 5 - Tiragens da *Revista Adventista* entre 1972 e 1978

• 271.186 Mil Tiragens.	1972
• 289.967 Mil Tiragens.	1973
• 309.258 Mil Tiragens.	1974
• 320.235 Mil Tiragens.	1975
• 328.509 Mil Tiragens.	1976
• 350.153 Mil Tiragens.	1977
• 417.073 Mil Tiragens.	1978
• 2.286.381. Milhões de Tiragens	Total

Fonte: Tabela produzida pelo autor a partir de dados fornecidos por e-mail pela biblioteca da IASD.

O aumento das tiragens demonstra o alto valor fornecido ao periódico, como veículo de comunicação entre os fiéis adventistas. Por meio da *Revista Adventista*, os líderes marcavam presença no seio doméstico. O acréscimo no número das edições mostra, também, que houve um aumento de pedidos do impresso. Conseqüentemente, o incremento das publicações nos faz pensar que seja fruto da eclosão de novas conversões. “Em suma, uma revista é antes de tudo um lugar de fermentação intelectual e de relação afetiva, ao mesmo tempo viveiro e espaço de sociabilidade.”⁶⁶ O ambiente serviu como importante meio estratégico, político, educacional, moral e religioso na divulgação, manutenção, fortalecimento e expansão da doutrina no país.

2.2 Quem há de nos salvar?

No Brasil, o ano de 1964 representou, para uma parcela da sociedade civil conservadora, militares, empresários e parte da imprensa e das igrejas, o período em que os brasileiros foram resguardados de um “golpe comunista”, salvaguardados de ser uma “nova Cuba”⁶⁷. Nesse contexto, o mundo capitalista vivia o “pavor socialista”. A União das

⁶⁷ AQUINO, Maria Aparecida de. *Censura, Imprensa e Estado Autoritário (1968 – 1978): o exercício cotidiano da dominação da resistência: O Estado de São Paulo e Movimento*. Bauru: EDUSC, 1999.

Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e os EUA disputavam a hegemonia econômica, cultural e política no globo terrestre. Os países eram constrangidos a alinhar-se entre o sistema econômico capitalista e o socialista. Na América, os governantes estadunidenses estendiam os tentáculos por todo continente. As interferências internas, realizadas pelas duas potências mundiais, em pátrias soberanas, infringiram democracias e contribuíram para a instauração e/ou manutenção de ditaduras aparelhadas.⁶⁸

O mundo era palco da tensão ideológica, em que os defensores do capitalismo demonizavam tudo que parecesse e/ou indicasse semelhança/conexão com as ideias marxistas. Igualmente, os países de filosofia socialista depreciavam as nações alinhadas com os estadunidenses. Esse pavor foi disseminado pelos mais diversos meios de comunicação existentes — rádio, jornais, revistas, televisão, filmes, desenhos —, fazendo com que o imaginário da população acreditasse que havia um inimigo a ser derrotado. No Brasil, o adversário era o comunismo. O “opponente”, no discurso dos militares, queria destruir Deus, a pátria, a família.

Os ares das “terras tupiniquim” estavam em forte ebulição social, política, econômica e cultural antes mesmo de 1964. O país passou por instabilidade política em que se desencadeou fatores que o levaram a ser vítima de um golpe civil-militar. O discurso figurou-se de que a pátria era alvo de iminente perigo. As reformas de base, pretendidas pelo então presidente João Goulart, fortaleceram a narrativa belicista que se implantaria no Brasil.⁶⁹

João Goulart (1919 – 1976) discursou, em favor das reformas de base, em 13 de março de 1964 no Rio de Janeiro. Após o evento, ele foi classificado como alinhado às pautas esquerdistas e tachado de comunista, amigo dos “vermelhos”. Desencadeou-se uma reação política e religiosa denominada “a Marcha da Família com Deus pela Liberdade”, realizada em São Paulo, no dia 19 de março, por segmentos conservadores da sociedade. A organização moveu inúmeros grupos católicos às ruas para que defendessem a nação de “um mal iminente”. Liderada pelos setores conservadores da Igreja Católica, o movimento bradava à defesa da pátria, em nome da ordem. Inúmeras igrejas protestantes fizeram parte do protesto.

A marcha foi organizada e instigou inúmeras mulheres ao protesto. Elas eram vistas, figuradas como defensoras dos lares e do Brasil. Lutavam em prol do país. Palavras de ordem

⁶⁸ Ver a respeito em: PECEQUILO, Cristina Soreanu. *A América latina na era obama (2009/2013): o fim da doutrina Monroe?* In: Diálogos Sul-americanos: dez anos da política exterior. Org. THOMAZ, Laís Forti; MATHIAS, Suzeley Kalil; OLIVEIRA, Marcelo Fernandes. — Marília: Oficina Universitária. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, p. 19.

⁶⁹ MACHADO, Adriano Henrique. *Os evangélicos e a política no Brasil: posições, alinhamentos e tensões (1960 – 1976)*. Tese (Doutorado em História). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo — PUC, São Paulo, 2016, p. 75.

como: “Vermelho bom, só batom”; “Um, dois, três, Brizola no xadrez”, “Verde Amarelo, sem foice e sem martelo”; “A melhor reforma é o respeito a lei”, dentre outros, simbolizavam o grito de “guerra” ecoado contra a mudança do *status quo* que gozavam às classes privilegiadas da sociedade.⁷⁰

A passeata contou com a presença das mais diversas coletividades da sociedade. Todos unidos contra o “inimigo vermelho”. Alardeavam que a nação estava ameaçada pelos “esquerdistas”, alinhados com João Goulart. As mulheres foram solicitadas por meio da narrativa de que figuravam defensoras da moralidade, dos conceitos religiosos, da proteção das crianças. Dessa forma, grupos políticos femininos como a União Cívica Feminina (UCF), Campanha da Mulher pela Democracia (CAMDE) alocaram-se como força. Isso para a justificação de que os brasileiros lutavam contra o adversário. Isto “tratava-se de regime político em cujos discursos se afirmavam, ao mesmo tempo, os valores democráticos e liberais, a defesa da autoridade e da pátria “una e indivisa”, e a exaltação da família e da ordem social tradicional”⁷¹, o qual deveria permanecer regendo o corpo social no/do Brasil.

A manifestação tinha o objetivo de enfraquecer o governo Goulart (1961 – 1964). O recado havia sido dado. As alas golpistas e conservadoras não estavam apenas vivas, alerta e atuantes, mas também organizadas. Os líderes do movimento insuflaram discursos contra o comunismo, em busca de conectar diferentes grupos, na luta contra o comando de Jango. Com ilações políticas, de ordem moral e religiosa, a preleção acerca da ameaça socialista ganhava corpo, solidez e inflava os egos e ânimos da população, porém

[...] não podemos aceitar formulações tais como “a opinião pública pensa isto”, “deseja aquilo” etc., cuja utilização, freqüente aliás, pelos políticos em particular, esconde sobretudo uma vontade de dissimular as próprias escolhas por trás daquelas tomadas de empréstimo da opinião pública⁷².

A sensação de que o Brasil poderia ser dominado pelos comunistas foi disseminada. Embebida com o moralismo conservador patriarcal, a defesa da pátria, a liberdade, a família e os conceitos cristãos, principalmente, entre a classe média. Temorosa de perder os privilégios que possuíam, não aceitavam que algo e/ou alguém pudessem ameaçar, alterar o *status quo* do

⁷⁰ ALVARENGA, Leonardo; LELLIS, Nelson; PALAGAR, Vanessa. “*Marcha da Família com Deus pela Liberdade*”: o protesto, o triunfo e o movimento, p. 5. Estudos de Religião, v. 36, n. 2 • 175 – 193 • maio – ago. 2022. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/ER/article/view/1036803>>. Acesso em 26 de dezembro de 2022 às 16h24.

⁷¹ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Universidades, ditadura e cultura política. *Interseções*, Rio de Janeiro, v. 16 n. 1, p. 69 – 89, jun. 2014, p. 4.

⁷² BECKER, Jean-Jacques. *Opinião pública*. In: RÉMOND, René. Por uma história política. 2. ed. Rio de Janeiro. Editora: FGV, 2003, p. 190.

país. O medo da mudança, o preconceito, o egoísmo e a indiferença aos problemas sociais, fizeram com que inúmeras mulheres, homens, líderes religiosos e políticos estivessem em alerta contra a flexibilização social, econômica, educacional que beneficiassem as classes mais baixas. Eles ajudaram a derrubar a democracia naquele momento. Em nome de uma falsa “liberdade”, desencadeou-se a ditadura. “De uma maneira mais geral, uma manipulação só tem chance de ser bem-sucedida quando acompanha as tendências profundas da opinião pública”⁷³. Com aloquções de que a luta era por um país melhor, quando, na verdade, tratava-se de manter privilégios históricos. O desenrolar culminou com o 31 de março de 1964.

Para Motta (2014), o Estado Autoritário nasceu recheado por inúmeras indefinições ideológicas, em que houve impasses em se definir como “ditadura ou conciliar com os princípios liberais, ao passo que oscilava entre o nacionalismo desenvolvimentista e os princípios do livre mercado.”⁷⁴ Os ditadores não comandaram o poder sozinhos. Para se manter firmes na condução da nação, consoante o que pensavam para o país, houve os chamados apoios — barulhentos e/ou silenciosos —, estes enquanto determinados segmentos preferiram se isentar dos acontecimentos políticos de então. Alguns por medo, muitos por ignorância, outros por acreditarem na atuação dos militares. O processo era realizado como uma espécie de faxina obrigatória dos inimigos da pátria.

O regime autoritário pesou sobre a vida de muitas pessoas. Em especial, sobre setores da oposição que entendiam o comando da nação nas mãos das Forças Armadas, como um processo contrário à soberania da população. Para combater os adversários, os governos ditadores trataram de silenciá-los de diversas formas — ameaças, intimidações, deportação, tortura, morte. No entanto, não era possível barrar os ventos da modernidade que exigiam formas de lidar com os adventos da tecnologia, música, teatro, cinema. Campos nos quais grande parte da esquerda dominava. O país vivia um caldeirão de ebulição modernizador. O caminho encontrado, pelos militares, foi negociar com segmentos intelectuais influentes da sociedade para conseguir governar.

Nesse aspecto, muitos intelectuais, políticos e entidades de esquerda se levantaram contra o golpe. Vários grupos insurgiram-se contra o autoritarismo militar, amparados na ideia de que o país seria transformado pela revolução comunista. Para alguns, esse era o único meio pelo qual as mudanças reais, para o bem do país, aconteceriam. Segmentos militantes revolucionários acreditavam que a população iria se levantar em combate aos ditadores. Pela

⁷³ *Id. Ibid.*, p. 192.

⁷⁴ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Universidades, ditadura e cultura política. *Interseções*, Rio de Janeiro, v. 16 n. 1, p. 69 – 89, jun. 2014, p. 3.

“enxada e martelo” do trabalhador, a rebelião seria deflagrada. Para eles, os proletários desencadeariam as mudanças sociais que o Brasil precisava. No entanto, tal conflagração se tornava difícil, já que muitos ativistas vinham de classes sociais abastadas. Pareciam não ter ligação com a realidade dos operários.

Muitos militantes aparentavam estar distantes do cotidiano das classes subalternas. A comunicação, portanto, parecia defasada. A conscientização da exploração, do descaso, da exclusão, da fome mostrava-se distante de ser estalado, germinado na mente dos mais pobres para que despertassem do/no sono político, social, econômico. Porém, os intelectuais continuavam lutando contra o autoritarismo no campo do cinema, da música, do teatro, dos livros. Embora, o processo censório fosse ferrenho.⁷⁵

No meio intelectual os processos de transmissão cultural são essenciais, um intelectual se define sempre por referência a uma herança, como legatário ou como filho pródigo: quer haja um fenômeno de intermediação ou, ao contrário, ocorra uma ruptura e uma tentação de fazer tábua rasa, o patrimônio dos mais velhos é, portanto, elemento de referência explícita ou implícita⁷⁶.

O golpe civil-militar fez com que a censura atingisse todos os meandros da sociedade. O país foi vítima do cerceamento das liberdades democráticas. Inclusive, os que deram apoio durante no florir da ditadura, sofreram os reveses posteriormente. O “monstro” voltou-se contra aqueles que contribuíram com a gênese e a alimentação dada. A repressão, as mortes, as perseguições, a tortura, o silenciamento e destruição de inúmeros agentes parlamentares, artistas, militantes e restrição aos meios de comunicação, opositores aos governos autoritários, figurou-se realidade durante o regime de exceção.

A violência atingiu adversários como: União Nacional dos Estudantes (UNE); jornais de grande circulação — *Correio da Manhã* (1901 – 1974), *Última Hora* (1951 – 1991), *Semanário* (1956 – 1964); revistas *Manchete* (1952 – 2000), *Veja* (1968), *Pais e Filhos* (1968), *Status* (1974 – 2015), *Homem* (1975) (hoje, *playboy*), *Ele e ela* (1979 – 2019); livros — *Dicionário de Palavrões e Termos Afins*, de Mário Souto Maior; *História Militar do Brasil*, de Nelson Werneck Sodré; *A Verdade de Um Revolucionário*, de Olympio Mourão Filho; políticos — Leonel Brizola (1922 – 2004) do PTB-GB, Mário Covas (1930 – 2001)

⁷⁵ SILVA, Roberta Alves. *A Grande Família — intelectuais de esquerda, Rede Globo e censura durante a ditadura militar (1973 – 1975)*. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, UFF, Niterói, Rio de Janeiro, 2015.

⁷⁶ SIRINELLI, Jean-François. *Os intelectuais*. In: RÉMOND, René. *Por uma história política*. 2. ed. Rio de Janeiro. Editora: FGV, 2003, p. 254.

vinculado no MDB-SP, Nysia Carone (1928-) filiada ao MDB-MG; artistas — Rita Lee (1947 – 2023), Caetano Veloso, Gilberto Gil, Ney Matogrosso, Elis Regina (1945 – 1982), Cazuza (1958 – 1990). Em determinado momento, até aqueles que antes cederam apoio, nas figuras de Carlos Lacerda (1914 – 1977), Ademar de Barros (1901 – 1969), vistos como entraves, foram descartados e/ou reprimidos ⁷⁷.

O controle foi fortalecido com a instauração do AI-5, decretado no dia 13 de dezembro de 1968, no Governo Costa e Silva (1967 – 1969). O Ato cedeu arbítrio que “suspendeu direitos políticos de milhares de brasileiros e que dava poder ao presidente da República para censurar obras culturais, cassar mandatos eletivos, destituir funcionários públicos (incluindo juízes) etc”⁷⁸. Os segmentos de esquerda sofreram mais. No entanto, todos estavam sob os olhos ávidos do regime. Vastas redações de jornais e revistas receberam a presença de censores imbuídos de fiscalizar a produção dos impressos. Vistos como possíveis detratores da moral e dos bons costumes, eram reprimidos, delatados ou reprovados, ancorados pela narrativa de que poderiam afetar às famílias no país.

Para os governos militares era necessário construir um Estado que projetasse os valores da moral e dos bons costumes, amparados pelas ideologias cristãs, conservadoras. Eles trataram de moldar a sociedade com narrativas imbuídas pelos ideais disciplinadores, obedientes, castos e subservientes à ordem, acoplados à noção de família e de concepções progressistas, firmados na crença de que Deus figurava-se sentinela no/do Brasil. Dessa forma, inventava-se o país ideal. Para os ditadores e parte das lideranças religiosas, os revolucionários eram detratores da agenda moral. Eram inimigos do projeto nacionalista.

Nesse meio, os medos, as incertezas, o desejo de um país melhor faziam parte, genuinamente, de muitos sujeitos naquele contexto histórico. No entanto, dirigidos, tantas vezes, por mensagens intransigentes, elitistas e excludentes, acabavam por ceder apoio, mesmo que involuntariamente, a movimentos antidemocráticos, com intuito de manter o *status quo* conservador, patriarcalista, clientelista. O imaginário da população era alimentado com manifestações ufanistas e progressistas, dispersadas pelas autoridades políticas e militares, que camuflavam o real processo de concentração de renda brutal, de tortura nos porões com os Destacamentos de Operação Interna e Centros de operações e Defesa Interna (DOI-CODI). Os menos favorecidos permaneciam negligenciados. O discurso propalado

⁷⁷ REIMÃO, Sandra. *Repressão e resistência: censura a livros na ditadura militar*. Tese (Livre-docente). Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, SP, 2011.

⁷⁸ ALVARENGA, Leonardo; LELLIS, Nelson; PALAGAR, Vanessa. “*Marcha da Família com Deus pela Liberdade*”: o protesto, o triunfo e o movimento, p. 176. *Estudos de Religião*, v. 36, n. 2 • 175 – 193 • maio – ago. 2022. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/ER/article/view/1036803>>. Acesso em 26 de dezembro de 2022 às 16h24.

desenhava as Forças Armadas como heróis da nação. O sentimento de guerra contra o inimigo interno aflorou-se a partir da narração de que “os vermelhos” queriam tomar o poder.

Os discursos de que a nação estava sob a proteção de Deus veiculou-se no seio de igrejas protestantes. Igrejas como Assembleia de Deus, Batistas do Brasil, Metodistas, Presbiteriana Independente e Presbiteriana do Brasil teceram proximidades com as autoridades militares. Almejava-se fazer parte do imaginário como combatentes do comunismo. Os fiéis dessas denominações, leigos e distantes dos centros de poder, eram induzidos a crer que o país estava seguro graças aos governos ditadores de então.⁷⁹

A seleção da moral bíblica, partilhada pelos fiéis, os conduzia a comportamentos conservadores, e muitas vezes, autoritários, excludentes, violentos. Nesse aspecto, doutrinados a serem castos, eram direcionados a compreender/aceitar/apoiar os governos ditatoriais instituídos. Sem críticas ao regime, serviam como massa de suporte. Nos templos estavam sendo bombardeados com a moralidade cristã fundamentalista, que os unia e os levava a se homogeneizarem em vários aspectos —, inércia política, distanciamento crítico, dóceis e obedientes ao pastor/líder religioso.

No entanto, mesmo em um espaço conservador como as igrejas, os fiéis não eram massas acéfalas. Nem todos aceitavam, cegamente, os discursos políticos dentro/fora das denominações em busca de apoio explícito e/ou velado aos governos ditatoriais. Como sujeitos pensantes, poderiam exercer criticidade. Figuravam-se independentes para tecer a visão de mundo presente, embora fossem vítimas de coação, pressão e/ou endurecimento das normas e regras doutrinárias. No entanto, esses fatores não os isentavam de liberdade racional. Em diversos templos de cunho protestante, houve dissidentes. Alguns, embora tenham sido a menor parte, ousaram pensar diferente do “rebanho”.⁸⁰

A doutrina cristã os levava a crer que a defesa da família se figurava como fundamental. Porém, não qualquer parentela, mas a tradicional, a espelhada pelos escritos bíblicos — homem, mulher e a prole. O sono evangélico foi encerrado a partir dos momentos de ebulição, tensão social e política do regime civil-militar. Para os líderes evangélicos conservadores, o mundo físico ganhava importância e destaque. Eles ficaram próximos de forma direta e/ou indireta. O “rebanho” era retirado dos campos espirituais para “pastos seculares”.

⁷⁹ ALMEIDA, Adroaldo José Silva. *Pelo senhor marchamos: os evangélicos e a ditadura militar no Brasil (1964 – 1985)*. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, UFF, 2016.

⁸⁰ LISBOA, João; SANTOS, Lyndon de A; AMARAL, Clínio de Oliveira. *Os Protestantes a Prova do Tempo, uma introdução de sua história no Brasil*. [Recurso eletrônico]. 1 ed. Rio de Janeiro, editora Itacaiúnas, 2022: Criação, 2022.

O contexto interno, econômico, religioso, a guerra de narrativas, a luta pelo poder político e o uso da máquina pública, junto ao contexto externo, proporcionaram que fossem despertadas atitudes conservadoras latentes em grupos sociais no Brasil. Esse chorume permanece na sociedade brasileira. Não foi resolvido. Esses resíduos perfazem o autoritarismo, mandonismo, clientelismo, patriarcalismo. Os militares instigaram ainda mais o peso da violência sobre os dominados.⁸¹

A violência institucional, física, psicológica, econômica e espiritual cometida por aqueles que se apossaram do poder foi ignorada por setores influentes da sociedade, pois estavam sendo beneficiados em “negociação e acomodação, para aplacar as oposições e reduzir a resistência ao seu poder.”⁸² Esses acordos, benesses encobriam, camuflavam o mal cometido contra a democracia, em desfavor das leis constitucionais. Nesse ínterim, os governos ilegítimos eram espelhados como legítimos.

Conforme abordado, a censura foi intensificada a partir de 1968 com o AI-5. Para isto, o Serviço de Censura de Diversões Públicas (SCDP), criado em 1945 por José Linhares, que estava sob as ordens do Departamento Federal de Segurança Pública (DFSP), passou a subordinar-se ao Departamento de Polícia Federal (DPF). O regime tratou de controlar todo o país, eliminando os “subversivos”. Tudo era válido para a proteção e alavancamento do projeto pensado para o Brasil.

Em 1970 foi decretada a Lei de n.º 1.077. O texto legal autorizava fiscalizar inúmeras peças de teatro, cinema, programas de televisão e rádio, em busca de barrar tudo que fosse considerado atentado à moral e aos “bons costumes”. Os livros, revistas, músicas, artistas tinham que passar pelo crivo dos técnicos de censura do governo. Esses profissionais eram responsáveis por fazer com que os materiais, produtores, obras que fossem entendidos contra os valores cristãos, em desfavor do regime, palavrões, sexualizações deveriam ser eliminados, reformulados ou cancelados.

O discurso moralizador voltava-se à população. Objetivava-se justificar que não havia censura, mas defesa e conservação dos valores morais e éticos. Parcela da sociedade embriagava-se com a narrativa de que o intuito era proteger, salvaguardar a juventude, as crianças, a família dos males esquerdo-marxista-comunistas. As drogas, a pornografia, o sexo

⁸¹ SCHMIDT, Daniel Augusto. *O protestantismo brasileiro: entre a colaboração e a resistência no período da ditadura civil e militar (1964 – 1974)*. Tese (Doutorado em Ciências da Religião). Faculdade de Humanidades e Direito, Universidade Metodista de São Paulo, 2015, p. 179.

⁸² MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Universidades, ditadura e cultura política*. Interseções [Rio de Janeiro] v. 16 n. 1, p. 69 – 89, jun. 2014, p. 14.

e os “maus comportamentos” eram exalados como detratores, corruptores, ultrajantes. Careciam ser censurados para o “bem” de todos.⁸³

Para Patto Sá Motta (2014), “o Estado autoritário foi marcado por indefinições ideológicas, dividido entre assumir-se como ditadura ou conciliar com os princípios liberais, ao passo que oscilava entre o nacionalismo desenvolvimentista e os princípios do livre mercado”.⁸⁴ O regime era, ideologicamente, contrário ao marxismo-leninismo, porém, mantinha relações comerciais com países socialistas. Além disso, contraditoriamente, a literatura marxista circulava em pontos de venda de revistas. No entanto, curiosamente, as ideias do guerrilheiro Che Guevara (1928 – 1967) estavam proibidas.

Embora as reformas de base tenham sido o estopim para o regime ser implantado, os militares absorveram alguns aspectos importantes da agenda janguista. Tais como a reforma universitária. No entanto, de forma inequívoca, elitizada, autoritária, não dialogaram com grupos fundamentais para que fossem executadas as alterações primordiais inovadoras. “O grande paradoxo da ditadura era expressar, simultaneamente, impulsos conservadores e modernizadores que, por vezes, geraram ações contraditórias.”⁸⁵ Fazendo com que houvesse constantes atritos entre os agentes envolvidos.

O objetivo dos militares era combater a oposição. O desejo tecia-se em execrar as ideias esquerdistas do país. A censura, a vigilância sobre todos que fossem considerados suspeitos, figurou-se como crucial. O regime “controlou e subjuguou o movimento estudantil; criou agências de informação (as Assessorias de Segurança e Informações, ASI) específicas para vigiar a comunidade universitária; censurou a pesquisa” com o intuito de evitar que o governo fosse enfraquecido, “assim como a publicação e circulação de livros; e tentou incutir valores tradicionais por meio de técnicas de propaganda, da criação de disciplinas dedicadas ao ensino de moral e civismo e de iniciativas como o Projeto Rondon.”⁸⁶ Tudo isto com o propósito de obstar críticas, protestos e/ou que manifestações contrárias fossem germinadas.

Não era possível modernizar o Brasil sem permitir que as classes intelectuais germinassem, crescessem e florisssem. No entanto, o regime os segurava com as rédeas da censura. Mas, a tentativa de barrar esses grupos, comumente, acabava em conflitos. O desenvolvimento tecnológico, econômico, educacional e social da nação carecia de

⁸³ SILVA, Roberta Alves. *A Grande Família: intelectuais de esquerda, Rede Globo e censura durante a ditadura militar (1973 – 1975)*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal Fluminense — UFF. Niterói, Rio de Janeiro, 2015, p. 191.

⁸⁴ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Universidades, ditadura e cultura política*. Interseções [Rio de Janeiro] v. 16 n. 1, p. 69 – 89, jun. 2014, p. 3.

⁸⁵ *Id. Ibid.*

⁸⁶ MOTTA, 2014, *passim*.

investimentos em pesquisas na ciência. Os governos precisavam equilibrar a balança, já que para inovar o país, precisavam renunciar ao autoritarismo cego e excludente. Era necessário ceder espaço aos setores progressistas, figurados em grande medida pela oposição de viés esquerdista.

É fato que o regime militar brasileiro se distinguiu de outras ditaduras implantadas no Cone Sul por ser mais “brando”. Para Patto Sá (2014), os governos ditatoriais no Brasil atuaram com certa “tolerância”, apesar da censura efetuada aos valores culturais da esquerda. O país acoplou a execução de órgãos liberais, menor número de mortes e desaparecidos. Mesmo com todos os ataques, perseguições e transtornos causados pelo autoritarismo à democracia, havia espaço para que a germinação e a luta revolucionária persistissem.

No entanto, o regime civil-militar no Brasil foi um ataque à democracia, aos direitos humanos. Período da história do país marcado por sangue, tortura, deportações e medo. O ódio ao comunismo e a tudo que lembrasse a ideologia marxista, inflamava o medo, a ojeriza e ataques dos conservadores. Discursos ufanistas exalavam impropérios. O mito do heroísmo das Forças Armadas era robustecido pelos militares, civis, igrejas, empresas apoiadoras dos governos ditadores.

A religião se tornou uma arma importante de apoio aos governos ditadores no Brasil. Inúmeras igrejas protestantes tiveram lideranças alinhadas com o projeto militar. Despertaram-se os evangélicos do sono espiritual. A memória do regime civil-militar está cravada com o sangue de muitos brasileiros, considerados inimigos da pátria. Assim, com o suporte de diferentes denominações, os ditadores tiveram bases sustentadas. Diversos dirigentes cristãos tratavam de discursar o contexto como a luta contra o comunismo. O “inimigo vermelho” era figurado sendo astuto, hábil e perigoso. Precisava-se eliminá-lo em prol da “família”. A história marca a atuação de líderes religiosos, os quais pisaram às convicções e discursos humanistas para conquistar espaço no seio político de então.

Para Daniel Augusto Schmidt, em tese publicada em 2015, ao tratar da Igreja Presbiteriana do Brasil e da Igreja Metodista do Brasil, enfocou que a cultura brasileira preenchida do patriarcalismo, clientelismo e catolicismo bélico, são fatores pelos quais muitas denominações religiosas, de cunho protestante, levantaram o apoio à ditadura. O desejo dos líderes cristãos era fazer parte das benesses advindas que esse suporte poderia fornecer. Muitos dirigentes evangélicos teceram assinatura nesse conto fatídico, escrito com o sangue da oposição, das vozes dissonantes que clamavam por liberdade, democracia e equidade social, econômica, cultural.

Os militares trataram de narrar discursos para a manutenção da população unida em apoio. A explanação era de que o Brasil estava em guerra contra o “inimigo das famílias”, de Deus e da pátria. Nesses enunciados, os paladinos figuraram-se nas Forças Armadas que, heroicamente, teriam libertado os brasileiros da escravidão econômica, política e religiosa que poderia ter sido imposta pelos comunistas. As falas se inflavam e exaltavam os sentimentos da nação, impulsionando o belicismo moral e político. O imaginário nacional era fertilizado e regado com preleções arrogantes, austeras e opressivas, em que o Estado, o lar dos “canarinhos”, deveria ser defendido.

A ditadura foi violenta, infringindo inúmeros direitos humanos. A selvageria praticada pelos órgãos de repressão, os DOI-CODI, era “invisibilizada” pelos apoios ao regime. Ladeados por benesses que serviam como tampões, os cooperadores ignoravam o silêncio ensurdecedor dos porões. Não seria possível os governos autoritários conseguirem executar tanta repressão, ataques, tortura, perseguições, mortes, desrespeitos jurídicos, morais, éticos e políticos sem os sustentáculos — voluntários e/ou involuntários.

Quem se isentou de lutar contra a opressão, os ataques à democracia e ao estado de direito, cedeu apoio involuntário, pois sem oposição, os governos conseguiram esmagar com mais velocidade e facilidades, as vozes contrárias aos arbítrios cometidos durante o período da ditadura civil-militar. O apoio de grupos influentes era um brado a favor dos militares em que camuflava, barrava, abafava e escondia o lado sombrio do contexto político.

A modernização que o Brasil adquiriu na década de 1970, em grande medida, pela inserção de capitais estrangeiros, foi usada para dar a falsa certeza de que o país se avultava, tornava-se igual para todos. O bolo, de fato, cresceu, porém, não foi dividido com os menos abastados. Aqueles que detinham a faca nas mãos, trataram de partilhar as fatias entre si, deixando extensa parcela da população em condições econômicas, educacionais e alimentares paupérrimas. O fosso entre os endinheirados e os mais pobres aumentou. A precária gestão feita na área da educação gerou fortes desigualdades entre as classes privilegiadas e os que estavam à margem da sociedade. A ditadura civil-militar foi desbaratada, porém, deixou uma cicatriz profunda e ácida para as gerações seguintes.

2.3 Um no meio de nós, um conosco!?

Esta é, verdadeiramente, a suprema hora da História humana, hora longamente anelada pela igreja que, por entre o redemoinho das contendas e desentendimentos de um mundo agitado, deverá finalizar em triunfo a "Grande Comissão" apostólica do "IDE " de São Mateus 28:19 e São Marcos 16:15. E quando dizemos "IDE", é "IDE " mesmo; é o "IDE " de Cristo aos

Seus discípulos e através deles a nós, os trabalhadores da última hora do dia de que fala São Mateus capítulo 20.⁸⁷

A epígrafe acima está contida no artigo “Mensagem de ano novo para os colportores”, publicada em 1978. Foi escrita por Wilson Sarli, gerente-geral da Casa Publicadora Brasileira (CPB). O propósito era estimular os evangelistas a trabalharem com a literatura da Igreja. O incentivo visava firmá-los no intuito de alastrar/disseminar a doutrina adventista a todos para atingir conversão à mensagem cristã. A incumbência evangelizadora por meio dos livros foi/é essencial para a cooptação de fiéis. No Brasil, as denominações protestantes aportaram e começaram a conquista de “almas” por meio dos missionários que chegaram visando trazer a “salvação” aos que se encontravam “perdidos”.

Os primeiros contatos com o protestantismo, no Brasil, irrompem a partir da invasão holandesa⁸⁸ e a incursão francesa⁸⁹ no período colonial, ainda no século XVI. O momento abarcou o contexto das Grandes Navegações, em que os países europeus tratavam de ocupar territórios além-mar, para fortalecer as economias da/na metrópole. O cenário era de forte ebulição econômica, cultural, social e religiosa na Europa. No ano de 1517, Martinho Lutero (1483 – 1546) ululou contra a atuação social, política e religiosa do clero católico, iniciando a insurreição conhecida como “Reforma Protestante”⁹⁰.

Martinho Lutero, imbuído na/da crença de que as indulgências, praticadas pelos líderes religiosos, não condiziam com “as verdades bíblicas”, expôs as denominadas “95 teses”, em que exprimia os erros cometidos pelo clero⁹¹. A rebelião causou fissura no seio da Igreja Católica. Da revolução germinada por ele, derivaram vastos grupos protestantes como o

⁸⁷ SARLI, Wilson. Mensagem de ano novo para os colportores. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 73, n° 12, dezembro de 1978, p. 31.

⁸⁸ DONDA, Elaine Martins. *A invasão holandesa nos livros didáticos e no ensino de história*. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Humanidades e Direito, Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo, São Paulo, 2010.

MARINHO, Marcela Irian. Angélica Machado. *Francisco Adolfo de Varnhagen, a narrativa do episódio da invasão holandesa e o mito fundacional do Brasil: fato, temporalidades e sujeitos históricos e as suas ressonâncias no ensino de história*. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Cuiabá, Mato Grosso, 2014.

⁸⁹ COSTA, Jorge Luiz de Oliveira. *Jean Cointa, o senhor de bolése a polémica proveniente da França Antártica*. Dissertação (Mestrado em História Política). Faculdade de Ciências e Letras. Universidade Estadual Paulista (UNESP). Assis, São Paulo, 2019.

PALMEIRA, Tháina Goulart Mota. *Entre a Corte Francesa e a Guanabara: contato ecolinguístico francês e tupinambá sob a ótica de André Thevet no contexto da França Antártica*. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Faculdade de Estudos da Linguagem, Universidade Federal Fluminense (UFF). Niterói, Rio de Janeiro, 2021.

⁹⁰ LISBOA, João; SANTOS, Lyndon de A; AMARAL, Clínio de Oliveira. *Os Protestantes a Prova do Tempo, uma introdução de sua história no Brasil*. [Recurso eletrônico]. 1 ed. Rio de Janeiro, editora Itacaiúnas, 2022: Criação, 2022, p. 170.

⁹¹ BARBOSA, Luciane Muniz Ribeiro. *Igreja, Estado e Educação em Martinho Lutero: uma análise das origens do direito à educação*. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, São Paulo, 2017.

calvinismo, o anglicanismo, o anabatismo. Estes ramos cristãos resultantes demonstram como a Reforma tomou caminhos ideológicos diversos, não sendo homogêneos⁹². Muitos devotos acabaram debandando do catolicismo, gerando transtornos. Os déficits de fiéis forçaram a gênese do que ficou alcunhado “Contrarreforma”⁹³. Neste ínterim, a batalha figurou-se na manutenção dos conversos, já que variados reis, nobres e população comum haviam aderido às ideias difundidas por Lutero, abraçando o protestantismo.

Invasores reformados que chegaram ao Brasil traziam ideias protestantes/evangélicas. Isso gerou reação dos padres e dos governantes católicos portugueses para preterir a difusão das concepções aportadas pelos protestantes. O objetivo era fazer com que fossem barradas/apagadas. Um dos primeiros huguenotes, Nicolas Duran de Villegaignon (1510 – 1571), remeteu notícias à França acerca das terras conquistadas na Colônia brasileira, pedindo que fossem enviados pastores. Na vinda de evangelistas, se destacaram Jean de Léry (1536 – 1613), escrevendo, inclusive, um livro chamado “História de uma viagem à terra Brasil”. Assim, a França Antártica, possessão usurpada em 1555, foi tomada como a primeira tentativa de estabelecer uma igreja e trabalho missionário de cunho evangélico na América Latina.⁹⁴

Outra experiência protestante de cunho calvinista no Brasil colonial foi a invasão holandesa. A primeira incursão ocorreu em 1624, em Salvador, na capital da Bahia. A Holanda era controlada pela Espanha, porém, adquiriu independência em 1568. Após a morte do rei português, Dom Sebastião (1554 – 1578), houve uma crise sucessória na dinastia, já que não havia herdeiros diretos. Neste imbróglio, substituiu o controle do trono, o tio, Dom Henrique (1512 – 1580). No entanto, por ser avançado em idade, morreu sem deixar descendentes que assumissem o comando do país. Isso levou o monarca espanhol, Dom Felipe II (1527 – 1598), a tomar posse do reino lusitano⁹⁵.

⁹² SILVA, Elizete da. *Protestantismo no Brasil: entre a omissão e o engajamento político*. Revista Esboços, Florianópolis, v. 24, n. 37, p.126 – 148, ago. 2017, p. 128. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5007/2175-7976.2017v24n37p126>>. Acesso em 09 de novembro de 2022 às 10h19.

⁹³ FRADE, Gabriel dos Santos. *Entre Renascimento e Barroco: os fundamentos da arquitetura religiosa e contrarreforma — o de fabrica ecclesiae de Carlos Borromeu*. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Faculdade de Arquitetura e urbanismo. Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, São Paulo, 2016.

⁹⁴ ADREOTI, Maria Elaine. *A selva europeia e o paraíso tupinambá: tópicos sobre mundos na história de uma viagem feita à terra do Brasil, Jean de Léry*. Dissertação (Mestrado em Letras). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, São Paulo, 2013.

MEDEIROS, Christian Brially de. *Jean de Léry e a escrita da história: uma heterologia calvinista*. Tese (Doutorado em Ciências da Religião). Faculdade de Humanidades e Direito, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, São Paulo, 2012.

FUJIMOTO, Juliana. *Guerra e antropofagia em Jean de Léry e Claude D’abbeville: dos fragmentos míticos ao código compartilhado*. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, São Paulo, 2008.

⁹⁵ VILADARGA, José Carlos. *São Paulo na órbita dos impérios dos Felipes: conexões castelhanas de uma vila da América durante a União Ibérica (1580 – 1640)*. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade São Paulo (USP). São Paulo, São Paulo, 2010.

Com os tronos controlados pelas mãos de Felipe II, as relações comerciais realizadas entre Portugal e Holanda foram encerradas. Ao assumir o Império Português, ele foi unificado ao domínio espanhol, dando início ao que ficou conhecido como União Ibérica (1580 – 1640). Romperam-se os vínculos de compadrios entre os lusitanos e os Países Baixos. Nesse momento, os neerlandeses invadiram a Colônia brasileira para manter os negócios açucareiros. Conforme abordado, a primeira invasão ocorreu na Bahia, Salvador, em 1624. No entanto, os flamengos permaneceram pouco tempo no território. Acabaram sendo expulsos em 1625.

Cinco anos depois, em 1630, os holandeses fizeram uma segunda ocupação do Nordeste. Dessa vez se estabeleceram em Recife, capital de Pernambuco. A usurpação se estendeu de 1630 a 1654. Destaca-se como principal nome, João Maurício de Nassau-Siegen (1604 – 1679). Ele governou o território de 1637 a 1644, realizando modernizações, permitindo que judeus, católicos e protestantes pudessem conviver exercendo a fé. Durante os 24 anos em que a Holanda dominou a região nordestina, foram erguidas 22 igrejas Reformadas. Em 1654 os flamengos foram expulsos. A partir disso, ficou proibida a entrada de evangélicos na Colônia. O retorno autorizado deles só foi permitido em 1808 com a vinda da família real portuguesa para o Brasil Colônia. O rei Dom João VI (1767 – 1826), com a abertura dos portos “às nações amigas”, firmado com a Inglaterra, permitiu a admissão de anglicanos ingleses, produtos e a comercialização em território brasileiro. A vinda de inúmeros evangelistas se tornou legalmente aceita⁹⁶.

Em 1822, o Brasil conquistou a Independência por meio de D. Pedro I (1798 – 1834). A primeira Constituição Federal no país, outorgada em 1824, tornou o catolicismo a religião oficial da nação com o/no artigo 5º. No entanto, permitia que professantes de outros segmentos religiosos vivessem na pátria brasileira. Mas havia restrições impostas aos demais devotos que viviam concepções de fé diferente dos dogmas católicos, tais como o direito ao casamento civil, a educação formal, o uso de cemitérios públicos.

Vários pensamentos que incendiavam a Europa, como o iluminismo, a maçonaria, o liberalismo político, econômico, religioso, os conceitos franceses de igualdade, liberdade e fraternidade, advindas da Revolução Francesa em 1789, respigavam no Brasil. Além disso, as noções acerca da democracia estadunidense fortaleciam as percepções por direitos, garantias, emancipação. Com isto, o poder da Igreja católica acabou diminuindo e passou a ser cada vez

⁹⁶ SILVA, Igor José Trabuco da. “*Meu reino não é deste mundo*” — a Assembléia de Deus e a política em Feira de Santana (1972 – 1990). Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal da Bahia (UFBA). Salvador, Bahia, 2009, p. 32.

mais questionado e descredibilizado, robustecendo ideologias plurais, como o florescer das ideias positivistas e espíritas.⁹⁷

Após a queda do regime monárquico em 1889 e a instalação da República no mesmo ano, o Brasil decretou que o Estado era laico. No ano de 1890, o Decreto n.º 119-A, culminou na separação da Igreja Católica como religião oficial da/na nação. Esta façanha abriu espaço para que os demais segmentos religiosos pudessem florescer e crescer “livremente” em território brasileiro. A abertura das portas para os evangélicos poderem viver legalmente no país, podendo exercer a fé sem transtornos jurídicos, fez com que diversos missionários executassem a evangelização com maior afinco. Em 1891, o processo de separação entre o Estado Brasileiro e a Igreja Católica foi consagrado na Constituição Federal do referido ano. Ainda, em 1891, a primeira Constituição da República decretou a liberdade de culto, o casamento civil obrigatório e a secularização dos cemitérios para todos⁹⁸.

Mesclada com as ideias positivistas e do liberalismo, a primeira Constituição Federal no Brasil tratou de firmar a laicidade do Estado. A educação se tornou responsabilidade estatal. Os diversos segmentos religiosos puderam estar em pé de igualdade constitucional. Esse processo abriu espaço para as concepções protestantes aflorarem. Tais fatores impulsionaram os líderes católicos a mobilizarem-se contra o surgimento e crescimento dos evangélicos. Como estratégia para ceifar a disseminação, expansão, incentivaram a vinda de inúmeros religiosos católicos estrangeiros. Fundaram mais dioceses, arquidioceses, capelas, além de incitarem campanhas contra as missões estrangeiras reformadas. Segundo Matos (2011), o processo de evangelização no país, por parte dos protestantes, se dá em duas fases: protestantismo de imigração e protestantismo de missão⁹⁹.

Como dito, após a abertura dos portos em 1808, diversos protestantes vieram para o Brasil. Dos que aportaram estão norte-americanos, suecos, franceses, germânicos, suíços, ingleses. Em grande medida, de viés luterana, calvinista, anglicanos. Parte significativa eram alemães, os quais trataram de se instalar no sul do país. A liberdade para evangelizar fez com vários segmentos evangélicos pudessem crescer e conquistar território na disputa pelas “almas”.

⁹⁷ MATOS, Alderi Souza de. *Breve história do protestantismo no Brasil*. v. 3, n. 1 (2011). Revista de Ciências Humanas e Letras das Faculdades Integradas da Fama. Disponível em: <<http://www.faiifa.edu.br/revista/index.php/voxfaifae/issue/view/7>>. Acesso em 02 de janeiro de 2022 às 12h55.

⁹⁸ BRASIL. Constituição de 1891. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao91.htm>. Acesso em 29 de novembro de 2022 às 10h32.

⁹⁹ *Id.*, *Ibid.* p.7.

Schmidt (2015) estudou a Igreja Presbiteriana do Brasil e a Igreja Metodista na tese de doutorado intitulada “O protestantismo brasileiro: entre a colaboração e a resistência no período da ditadura civil e militar (1964 – 1974)”. Discutiu-se o contexto dos anos da ditadura civil-militar para entender a crise vivida pelos evangélicos brasileiros, a partir dos impressos das referidas denominações. Para ele, a influência do regime militar acabou sendo inserida no núcleo dessas igrejas, causando embates entre as alas conservadores e progressistas.

Os eventos políticos, sociais e culturais atingiram as igrejas. O discurso religioso visou inculcar à membresia que o mundo era passageiro, os acontecimentos seculares eram irrelevantes, modificavam a mentalidade cristã dos fiéis e corrompiam a sociedade. Schmidt (2015) discutiu como as alas religiosas protestantes disputaram território interno na competição sobre qual regime — moral, ético, doutrinário, político —, iria imperar no interior dos templos. A ideologia dos militares ganhou peso no meio evangélico e incitou o latente conservadorismo autoritário que constituía/constituiu o corpo social e cultural de parcela dos cristãos.

A censura do regime civil-militar impôs a inserção do medo, intimidações, desconfiança, delações e perseguições nos ambientes religiosos. Schmidt (2015) afirma que o tempo era o de “caça às bruxas”. Ser acusado de proximidade com discursos considerados esquerdistas poderia ser “um forte motivo” para receber a visita dos militares, em que “as atitudes de perseguição tomadas pelo protestantismo brasileiro durante a ditadura estavam baseadas em toda uma mentalidade herdada desde os tempos coloniais, mesclada ao ideário protestante trazido pelos missionários.”¹⁰⁰

O autoritarismo aflorou no seio das denominações cristãs. Imperou a lei da moral, o conservadorismo opressor e a obediência aos ditames pastorais. O espaço religioso deveria permanecer como “aprisco”, no qual as “ovelhas” seguiam conforme o “cajado do pastor” as orientava. O apoio ao regime destacou-se nas ações executadas pelas lideranças fundamentalistas evangélicas. O alinhamento ao governo era visível por vários grupos. Quem ousasse protestar seria silenciado — primeiro pelos dirigentes cristãos, posteriormente, pelos órgãos repressores governamentais.

Schmidt (2015) defendeu que os aspectos conservadores antropofagizados — mandonismo, clientelismo, patriarcalismo —, acabaram por encontrar campo fértil no contexto ditatorial para poderem ser exalados. As alas conservadoras cesaristas estavam

¹⁰⁰ SCHMIDT, Daniel Augusto. *O protestantismo brasileiro: entre a colaboração e a resistência no período da ditadura civil e militar (1964 – 1974)*. Tese (Doutorado em Ciências da Religião). Faculdade de Humanidades e Direito, Universidade Metodista de São Paulo, 2015, p. 28.

imbuídas do protestantismo advindo do mundo anglo-saxão, misturado à herança cultural do patriarcalismo autoritário e católico colonial belicista-cruzadista. Dessa forma, o arcabouço teológico junto ao espólio popular do Brasil findou por moldar “a mentalidade dos setores conservadores do protestantismo nacional entre o final do século XIX e meados do XX, que acabou aflorando quando novos agentes surgiram no cenário religioso durante o período do Golpe Civil e Militar.”¹⁰¹

Almeida (2016) discutiu o contexto da ditadura civil-militar, ao publicar, em 2016, a tese de doutorado intitulada “Pelo senhor marchamos: os evangélicos e a ditadura militar (1964 – 1985)”. Nela, analisou a relação de grupos evangélicos com a ditadura civil-militar, dialogando como foram tecidos os posicionamentos político-partidários da Igreja Presbiteriana Independente, da Assembleia de Deus, da Igreja Metodista e da Igreja Batista.

O barulho do mundo político, social e cultural chegou ao “aprisco das ovelhas” com força. A aparente calma e distanciamento dos acontecimentos seculares cedeu lugar ao protagonismo de agentes cristãos em apoio ao regime. As igrejas detinham jornais e/ou revistas em que eram utilizadas para a propalação doutrinária. A discussão de Almeida (2016), revisitou as “implicações nas instituições eclesiais evangélicas, ressaltando as transformações que ocorreram em suas estruturas e nas posições político-oficiais.”¹⁰²

A Igreja Presbiteriana tem raízes no calvinismo. Para eles, todos são predestinados, ou seja, Deus já fez a escolha sobre quem está “salvo” e os “perdidos ao inferno”. No Brasil, o jornal *Brasil Presbiteriano* foi o meio de comunicação oficial da Igreja Presbiteriana do Brasil, o qual teve importância na veiculação do pensamento doutrinário aos fiéis, atingindo significativa parcela dos membros em todo o território nacional.¹⁰³

A Igreja Metodista possui raízes originárias no reavivamento espiritual liderado pelo religioso John Wesley (1703 – 1791), no século XVIII, na Inglaterra. Para os metodistas, todos são dotados de livre arbítrio, ou seja, possuem liberdade para escolher ser “salvos” ou não.¹⁰⁴ A liderança da denominação usava o jornal *Expositor Cristão*, principal periódico da abadia, para conectar, influenciar, informar e circular os pensamentos doutrinários e

¹⁰¹ SCHMIDT, Daniel Augusto. *O protestantismo brasileiro: entre a colaboração e a resistência no período da ditadura civil e militar (1964 – 1974)*. Tese (Doutorado em Ciências da Religião). Faculdade de Humanidades e Direito, Universidade Metodista de São Paulo, 2015, p. 7.

¹⁰² ALMEIDA, Adroaldo José Silva. *Pelo senhor marchamos: os evangélicos e a ditadura militar no Brasil (1964 – 1985)*. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, UFF, 2016, p. 9.

¹⁰³ SCHMIDT, Daniel Augusto. *O protestantismo brasileiro: entre a colaboração e a resistência no período da ditadura civil e militar (1964 – 1974)*. Tese (Doutorado em Ciências da Religião). Faculdade de Humanidades e Direito, Universidade Metodista de São Paulo, 2015, p. 218.

¹⁰⁴ *Id. Ibid.*, p. 14.

ideológicos nos templos. Para atingir a juventude cristã, utilizavam-se da revista *Cruz de Malta*, direcionada a conectar a mocidade com a fé e concepções dispersadas pela doutrina.

A Igreja Presbiteriana Independente usou o jornal *O Estandarte*, no qual era veiculado às diretrizes da doutrina. Nele, os redatores se preocupavam em afastar o público leitor das ideias “esquerdo-marxista-materialista-socialistas”. O objetivo era manter sob a direção dos pastores como os fiéis deveriam germinar o que pensavam. Portanto, palavras como “comunismo”, “marxismo”, “guerrilheiros” ocupavam as páginas do impresso como pejorativas, reforçando a narrativa de incompatibilidade com o cristianismo.¹⁰⁵

A Igreja Assembleia de Deus usava o jornal *Mensageiro da Paz*, fundado em 1930, no Rio de Janeiro. O impresso circulava o pensamento oficial da igreja acoplando “notícias de caráter político, econômico, social e cultural, tanto no Brasil quanto no mundo, tendo como seus primeiros diretores os pastores suecos: Gunnar Vingren e Samuel Nyström.”¹⁰⁶

A Igreja Batista usava como principal veículo de comunicação entre os fiéis o *Jornal Batista*, o qual é “uma das principais fontes de investigação dos posicionamentos políticos e teológicos que os pastores e leigos batistas assumiram durante o período da ditadura militar no Brasil, os quais às vezes refletiram, às vezes não, a posição oficial da CBB.”¹⁰⁷ O contexto do golpe acabou por atingi-los fazendo com que houvesse disputas internas entre as alas mais conservadoras e os progressistas. As rugas refletiram de forma direta nos impressos da denominação. O peso do regime acabou por dar força aos grupos reacionários que acabaram por ir minando a presença das lideranças cristãs flexíveis ao ponto de que “a direção de O Jornal Batista assumiu e endossou, em várias ocasiões, a versão do governo, sem provocar qualquer tipo de reflexão, por menor que fosse.”¹⁰⁸

Adroaldo Almeida (2016) afirma que os evangélicos mantiveram posicionamentos políticos no intuito de fazerem parte do governo para que expandissem a doutrina cristã. Essas denominações utilizavam-se dos impressos para veicularem as ideias conservadoras e manterem os fiéis unidos à ideologia doutrinária. Cada igreja possuía o próprio periódico circulando com as concepções dispersadas pelas lideranças reacionárias.

[...] No entanto, a mais importante é, sem dúvida, que a questão desse espaço é formulada nesse mesmo espaço; que os agentes têm sobre este espaço, cuja

¹⁰⁵ ALMEIDA, Adroaldo José Silva. *Pelo senhor marchamos: os evangélicos e a ditadura militar no Brasil (1964 – 1985)*. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, UFF, 2016, p. 42.

¹⁰⁶ *Id. Ibid.*, p. 104.

¹⁰⁷ *Id. Ibid.*, p. 167.

¹⁰⁸ *Id. Ibid.*, p. 202.

objetividade não poderia ser negada, pontos de vista que dependem da posição ocupada aí por eles e em que, muitas vezes, se exprime sua vontade de transformá-lo ou conservá-lo.¹⁰⁹

Os impressos eram fontes de importantes informações políticas, sociais e religiosas que circulavam entre os fiéis. Manter o controle sobre o que seria lido, figurou-se como de vital importância em meio ao contexto histórico de forte ebulição, perseguição, censura e repressão. Os pastores reacionários ocuparam os recintos nessas denominações cristãs, controlaram os direcionamentos, comedindo as instruções à membresia, imprimindo à ideologia das lideranças evangélicas. O fim mobilizou as “ovelhas” à continuação da obediência. Os periódicos açabarcaram significativo espaço na busca pelo domínio da imaginação, na transmissão dos valores e na manutenção do pensamento doutrinário conservador.

As revistas conferem uma estrutura ao campo intelectual por meio de forças antagônicas de adesão — pelas amizades que as subtendem, as fidelidades que arrebanham e a influência que exercem — e de exclusão — pelas posições tomadas, os debates suscitados, e as classes advindas. Ao mesmo tempo que um observatório de primeiro plano da sociabilidade de microcosmos intelectuais [...].¹¹⁰

Schmidt (2015), Almeida (2016) e Machado (2016) defendem a ideia de que a presença dos evangélicos na política já existia antes da Assembleia Nacional Constituinte de 1986. A defesa de que grupos protestantes participavam das discussões políticas, dos meandros e bastidores, alguns de forma direta, outros de modo indireto, foi demonstrado pelas fontes — jornais e revistas cristãs —, destacadas nos trabalhos historiográficos produzidos pelas teses de doutorado dos referidos autores. A esse respeito, a presença de membros adventistas no Congresso Nacional figurou-se, particularmente, com a família Losso, do estado do Paraná.

As denominações protestantes chegaram ao Brasil visando propalar a mensagem salvacionista. Com a narrativa de distanciamento da política, trataram de figurar-se como apenas focadas no evangelismo. No entanto, como pode-se perceber, a partir das leituras historiográficas desde/sobre o reformismo, as disputas pelo comando das direções internas nos templos cristãos, o embate pela ideologia religiosa, política, social e doutrinal se

¹⁰⁹ BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. Tradução Daniela Kern; Guilherme J. F. Teixeira. São Paulo: Edusp. Porto Alegre, RS: Zouke, 2007, 162.

¹¹⁰ SIRINELLI, Jean-François. *Os intelectuais*. In: RÉMOND, René. *Por uma história política*. 2. ed. Rio de Janeiro. Editora: FGV, 2003, p. 249.

intensificou com o arvorar do regime civil-militar. No seio das igrejas, as rurgas entre as alas progressistas e reacionárias findou na perda de espaço pelos evangélicos mais flexíveis.

O espaço cristão nos templos foi ocupado e dominado pelos dirigentes reacionários que, por vezes, de modo nítido, planejaram alinhar-se ao regime civil-militar. A esse respeito, visaram ocupar lacunas nos meandros dos setores públicos, para ganhar benesses para poder expandir a doutrina com maior facilidade. Os valores que, expressaram nos periódicos oficiais, demonstram que a ideologia religiosa, moral, ética e cultural que possuíam estava conforme o projeto político dos líderes militares no comando da nação.

A IASD seguiu objetivos semelhantes ao das denominações protestantes abordadas nessa dissertação, quando trilhou aproximações com as alas políticas brasileiras. O trajeto efetuado pelos dirigentes, publicado na *Revista Adventista*, demonstra que foi tecido diálogos, encontros, solenidades em que se visou benefícios aos projetos evangelísticos com o ganho de benesses — financeiras e simpatia política. O intuito era figurar-se como modelo de moral educacional, ética e religiosa a ser implantada à nação. Para isto, privilegiou-se espaços, ocupados no Congresso Nacional, por meio de políticos/parlamentares cristãos, adventistas e/ou seculares.

2.4 Por Deus, pela família, pela pátria

Os termos que intitulam este tópico foram utilizados, primeiramente, no Brasil, pelo grupo ideológico encabeçado por Plínio Salgado de Oliveira (1895 – 1975), na década de 1930. A associação dirigida por ele foi chamada de Integralismo. Na conjuntura, formou-se a agregação partidária Ação Integralista Brasileira (AIB). O objetivo era aglutinar a nação em torno dos ideais fascistas/nacionalistas de Deus, pátria e família¹¹¹. A narrativa religiosa, tecida desde a formação da pátria, serviu como ferramenta estratégica de influência, a contar do começo da colonização. As terras brasileiras receberam inúmeros cristãos que vieram catequizar/evangelizar os nativos. A cultura foi imersa com/pelos conceitos da fé cristã usados, abusivamente, em diversos períodos e por diferentes agentes políticos/religiosos para referendar posições de dominação, comando, controle, alienação.¹¹²

¹¹¹ CAZETTA, Felipe Azevedo. *Fascismos e autoritarismo: a cruz, a suástica e o caboclo — fundações do pensamento político de Plínio Salgado – 1932 – 1945*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF. Juiz de Fora, Minas Gerais, 2011.

¹¹² ALMEIDA, João Paulo Martins de. “*Deus, pátria e família*”: os sentidos do fascismo brasileiro, do integralismo ao populismo do século XXI. 79Entheoria: Cadernos de Letras e Humanas, Serra Talhada, n. 7, vol. 2: 163 – 178, Jul/Dez. 2020. Disponível em: <https://labeurb.unicamp.br/rua/artigo/ler_artigo/235-1-deus-patria-familia-os-sentidos-do-fascismo-brasileiro>. Acesso em 07 de dezembro de 2022 às 17h06.

As primeiras nomenclaturas recebidas pelo Brasil revelam a profunda aproximação com a religião. Inicialmente, Ilha de Vera Cruz, o qual referia-se a cruz de Cristo. Posteriormente, Terra de Santa Cruz, Terra Santa Cruz do Brasil, Terra de Vera Cruz até chegar à alcunha República Federativa do Brasil após a destituição da Monarquia, em 1889. Além das terminologias dedicadas ao país, muitas cidades foram batizadas com nomes advindos do cristianismo, como os municípios de Santa Quitéria (CE), Messias (AL), Santa Teresa (ES), e estados tais quais, Espírito Santo (ES), Santa Catarina (SC), São Paulo (SP).

O cristianismo trazido ao Brasil pelos padres, desde a Colônia, atuou com “mãos de ferro” em catequizar os indígenas e ocupar espaço. A narrativa tecia que Jesus deveria ser dispersado aos povos “perdidos” do mundo. O redentor “verdadeiro” era o da Europa, de viés católico, o qual estava alinhado a salvar. No entanto, precisava-se à conversão, obediência e fidelidade à doutrina cristã, aos dogmas clericais e reis católicos. Conforme abordado, em 1517, a Reforma Protestante abriu fissura no clero quando passou a disputar os corações/mente dos fiéis. Nessa competição/emulação, o Deus protestante achava-se disposto a “libertar”, resgatar “almas” nas possessões territoriais das metrópoles. O comércio e a religião andavam de mãos dadas em busca de riquezas — humana, material e espiritual — respectivamente, perfazendo a formação cultural no/do Brasil.¹¹³

A religião teve/tem papel fundamental na formação/construção do Brasil. Consoante discutido, foi dominada, quase que homogeneamente, pelos católicos na história nacional. Os conceitos cristãos estão imbuídos na constituição do povo brasileiro. O modelo de pátria e de família era definido e repassado às gerações, imbuídos pelas concepções religiosas. Neste processo, “[...] uma geração dada extrai dessa gestação uma bagagem genética e desses primeiros anos uma memória coletiva, portanto ao mesmo tempo o inato e o adquirido, que a marcam por toda a vida.”¹¹⁴ Com a convicção de que os europeus figuravam-se sendo superiores e responsáveis pela salvação dos “perdidos”, dispersou-se a ideologia criacionista a inúmeros descendentes. Um dos primeiros atos sacros praticados no país consistiu em uma missa. Assim, os clérigos trataram de demarcar o território. A nação construiu-se sob a “égide e desejo” de Deus. Usado como ferramenta legitimadora de incontáveis discursos em prol do

¹¹³ SOUZA, Laura de Mello e. *Deus, o Diabo e a terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

¹¹⁴ SIRINELLI, Jean-François. *Os intelectuais*. In: RÉMOND, René. *Por uma história política*. 2. ed. Rio de Janeiro. Editora: FGV, 2003, p. 255.

“bem”, “progresso” da sociedade. Moldava-se a narrativa conforme o tempo, o interesse e o contexto, por aqueles que impunham vontades pelo controle do imaginário.¹¹⁵

A educação se tornou ferramenta pedagógica crucial nas mãos dos clérigos brasileiros na conversão dos nativos. Quanto a instrução crítica, pensadora e questionadora ficou restrita à elite, a qual mantinha o poder e controle da nação. As classes subalternas deveriam permanecer inertes racionalmente, afastadas das decisões políticas, sociais, econômicos e culturais do/no país. As ideologias dos grupos dominantes eram dispersadas e impostas com o uso dos valores, moral, ética, dogmas e ditames cristãos, os quais ficavam sorvidos pelas camadas socialmente pobres. Os desafortunados permaneciam imersos, acoplados em espectros de menor poder aquisitivo, educacional e cultural.

As justificações, em nome de Deus, tiveram inúmeros propósitos que almejavam atender os desejos de quem controlava os poderes e meandros social, políticos, religiosos, educacionais. As ideologias cristãs eram recepcionadas como sinônimos de verdade. Sustentadas pela fé, achavam-se robustecidas e mantidas em influenciar a sociedade. O discurso sacro transformou-se em ferramenta eficaz ao atingir os objetivos, em que, moldados conforme o tempo, adequou-se às convicções e direcionamentos de condutas ansiadas pelos detentores do poderio. Nesse aspecto, a noção de salvador delineava-se a sentidos mais belicistas quando o intuito figurava-se em eliminar os inimigos, os contrários, a oposição, os bárbaros, ou seja, tudo e todos que não respondessem aos anelos da classe dominante.

A “Marcha com Deus pela Família e pela Liberdade”, conforme abordado, foi uma das formas de conduzir segmentos da sociedade aos desejos requeridos, com o uso dos discursos religiosos. O protesto realizado pelas elites conservadoras, em conluio com a classe média, reforçado pela união de inúmeras entidades cristãs, embasou o movimento. A azáfama robusteceu o incitamento ao golpe e, posteriormente, contribuiu para os militares tomarem o poder. A predileção da religião mobilizou as classes populares, objetivando a manutenção da estrutura vigente: privilégios aos, historicamente, favorecidos. Qualquer tentativa de mudar o sistema, sofria imediata reação contrária dos abastados, pois

As práticas do mesmo agente e, mais amplamente, as práticas de todos os agentes da mesma classe, devem a afinidade de estilo que transforma cada uma delas em uma metáfora de qualquer uma das outras ao fato de serem o

¹¹⁵ VAINFAS, Ronaldo. *Trópico dos pecados: moral, sexualidade e inquisição no Brasil Colonial*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

produto das transferências de um campo para outro dos mesmos esquemas de ação¹¹⁶.

O comunismo foi desenhado como inimigo do cristianismo. Enquanto as classes menos cultas absorviam a concepção de que o socialismo era o oponente a ser combatido, as elites o usavam para o controle do imaginário da população brasileira. Neste aspecto, a narrativa escusa, acerca da ideologia marxista, servia aos interesses da aristocracia como uma luva encomendada às medidas certas. Ao passo que dispersado como problema ao país, foi manejado em solução, na influência do pensamento das categorias menos abastadas, imersas nos discursos cristãos, difundidos em templos religiosos da nação.

Os sujeitos, instigados segundo a influência de quem comandava, acoplados na moralidade conservadora, mesclada com os preceitos da religião, era aglutinada, gerando acepções e movendo os sentimentos de nacionalismos, de defesa da família, da moral e dos “bons costumes”. Os indivíduos se percebiam importantes. Afloravam desejos e crenças que os unia em prol da defesa da pátria. A luta voltava-se contra qualquer um que não se adequasse às diretrizes, pois figuravam como inimigos, devendo ser extirpados. A nação, comandada pela ditadura civil-militar, não tinha espaço para opositores. O discurso para justificar a eliminação daqueles que discordavam, travestia-se com a pseudocapa de democracia, civilidade e respeito às normas. O território brasileiro empestou-se pelo tóxico odor do chorume autoritário enraizado pelos/nos meandros da sociedade.

Quem fosse considerado subversivo seria perseguido, torturado, massacrado e/ou morto. As ações justificavam-se em nome de Deus, robustecido com o inimigo à salvação da sociedade: o comunismo. A democracia foi pisada e sofria soterramento pelas autoridades autoritárias. Não havia espaço para o contraditório. Os jornais, revistas, emissoras de rádio, artistas, professores e estudantes que ousassem impor-se contra os governos militares sofriam o peso do estado cesarista. Os que arriscassem discordar eram vislumbrados êmulos do Brasil. A ditadura no poder trabalhou em fechar brechas que enfraquecessem o comando dos generais. Figurava-se crucial manter à população crente a ideologia autocrática dispersada à pátria. Foi necessário fazer com que a nação julgasse a filosofia marxista antagônica à/da família.¹¹⁷

O discurso militar tratou de repudiar as ideias comunistas, pois as condenando, encontrava força para sobreviver, fortalecer-se e, conduzia parcela significativa de pessoas,

¹¹⁶ BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. Tradução Daniela Kern; Guilherme J. F. Teixeira. São Paulo: Edusp. Porto Alegre, RS: Zouke, 2007, 162, p. 165.

¹¹⁷ AQUINO, Maria Aparecida de. *Censura, Imprensa e Estado Autoritário (1968 – 1978): o exercício cotidiano da dominação da resistência: O Estado de São Paulo e Movimento*. Bauru: EDUSC, 1999, p. 212.

que criam ser o marxismo um monstro, a seguirem como apoio. O país era travestido com narrativas que dispersavam concepções de que a nação vivia plena democracia, mas, na prática, cometiam-se assassinatos, torturas, perseguições, censura e cerceamento das liberdades coletivas e individuais, por meio dos órgãos de repressão. O silenciamento do pensamento opositor, os desmandos e desrespeito ao estado democrático de direito, configuraram-se como fatores pelos quais os brasileiros oponentes conheciam a face sombria, violenta, perversa e excludente do regime.¹¹⁸

Os discursos moralistas, enviesados pela narrativa religiosa, alinhavam o Brasil à ideologia capitalista. A propaganda militar explanava que o país transcorria célere nos trilhos do progresso. Esse tom ganhou força no florir do “milagre econômico”, o qual causou a ilusão de que a nação se desenvolvia e distribuía a riqueza equitativamente. A metáfora de Delfim Neto, economista do governo Médici, a qual dizia que: primeiro era preciso fazer o bolo crescer para depois ser dividido, demonstrou-se em falácia. Os mais pobres não foram contemplados com as fatias, que tanto lhes prometiam. O fato figurou-se como sonho, já que a concentração de renda aumentou nas classes mais abastadas. O pauperismo financeiro, educacional, cultural alargou-se, causando maiores desigualdades socioeconômicas entre as esferas sociais desvalidas¹¹⁹.

Hierarquizado, o corpo social era posto como uma pirâmide, em que os que estavam em cima permaneciam privilegiados, favorecidos pelas benesses históricas. Os de baixo serviam como a base para o topo subvencionado. A religião concerniu-se em discurso que contribuía como liga enrijeecedora às noções moralistas. Por meio de narrativas cristãs, a população foi guiada e mantida sob a influência dos poderosos. Conservava-se a ideia da pátria, da família e de Deus como tripé da explanação dispersada aos brasileiros. “Pode-se definir a manipulação como a tentativa de provocar de maneira artificial uma reação da opinião pública, divulgando uma notícia falsa, organizando um atentado [...]”¹²⁰. Essa carga ideológica disseminou-se e penetrou setores da coletividade que, carregada com os conceitos do cristianismo, distanciadas do senso crítico, absorviam tais pensamentos e permaneciam inertes frente a desmandos, ilações e práticas autoritárias, excludentes e censórias advindas do regime de governo ilegítimo.

¹¹⁸ FICO, Carlos. *Além do golpe: a tomada do poder em 31 de março de 1964 e a ditadura militar*. — Rio de Janeiro: Record, 2004.

¹¹⁹ NAPOLITANO, Marcos. *1964: História do Regime Militar Brasileiro*. 1.ed., 1ª impressão. — São Paulo: Contexto, 2014, p. 147.

¹²⁰ BECKER, Jean-Jacques. *Opinião pública*. In: RÉMOND, René. *Por uma história política*. 2. ed. Rio de Janeiro. Editora: FGV, 2003, p. 192.

Igrejas, políticos, jornais, revistas, empresários, grupos que apoiaram o regime civil-militar para evitar que as Reformas de Base fossem implantadas, não esperavam que o país fosse permanecer por tanto tempo controlado pelas Forças Armadas. Um dos maiores ataques à democracia foi o AI-5, instituído no governo de Costa e Silva, em 13 de dezembro de 1968. Este ato escancarou o lado mais sombrio, violento e excludente da ditadura¹²¹. Conforme discutido, os meios de informação contrários ao regime foram perseguidos, silenciados, fechados, limitados e/ou vigiados¹²².

No entanto, a *Revista Adventista* cresceu, modernizou-se, expandiu-se e teceu diálogos com inúmeros parlamentares durante os governos autoritários. Por meio das folhas do impresso, conservou os fiéis voltados às questões religiosas da denominação. Susteve discursos agradáveis aos militares como a defesa da “família”, da nação, a obediência às autoridades cristãs e políticas. Diferente dos periódicos Batistas, Metodistas, Presbiterianos e Assembleianos o editorial adventista reteve as páginas publicadas isentas dos acontecimentos polêmicos internos e externos.

A *Revista Adventista* manteve, portanto, as páginas do impresso livres de opiniões que pudessem causar algum tipo de divergência. Problemas ideológicos, políticos, econômicos que surgissem não eram publicados. O periódico se reservou à difusão dos interesses evangelísticos. Quaisquer obstáculos que percebessem como dúvidas doutrinárias, por exemplo, buscavam abafar e/ou eliminar antes que provocasse burburinhos indesejados. O objetivo dos redatores não foi abrir espaço para discussões seculares e/ou religiosas que desgastassem a homogeneidade que teciam no mundo interno da IASD.

Assuntos polêmicos como homossexualidade, feminismo, tráfico de drogas, corrupção na vida dos parlamentares e sociedade influente, não faziam parte do intento adventista em ser disseminado/debatido. Assim como a censura aos veículos de comunicação, não estivera na propagação realizada pelos editores. No entanto, os artigos que tratavam dos eventos sociais, com figuras de destaque da nação e autoridades do cenário congressista brasileiro, figuravam o Brasil como um país em progresso, pacífico, ordeiro.

A educação foi um dos alvos em que o discurso religioso acabou por permear, enraizar e influenciar a conduta dos diversos estudantes em contato com a ideologia cristã e os pensamentos ufanistas, nacionalistas dos governos ditadores. A interferência dos militares se revelou na reforma do ensino básico, com a Lei de n.º 5.692, publicada no Diário Oficial da

¹²¹ CORDEIRO, Janaina Martins. *A ditadura em tempos de milagre: comemorações, orgulho e consentimento*. — Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015, p. 18.

¹²² MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. *Imprensa e cidade*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

União (DOU) em agosto de 1971. Acoplou-se disciplinas moralizadoras como Educação Moral e Cívica (EMC), Estudo dos Problemas do Brasil (EPB), Organização Social e Política Brasileira (OSPB). Por meio delas, os valores doutrinários, pensados para o país, eram transmitidos, disseminados às gerações de então. O intuito estava em conseguir controlá-los/influenciá-los. O objetivo foi remodelar como as instruções deveriam ser prestadas nas escolas públicas e privadas.

A Lei n.º 5.692/1971 tratou de fixar as diretrizes e bases da educação básica de 1.º e 2.º graus. De viés nacionalista, o ensino da Língua Portuguesa era obrigatório. O objetivo figurou, em grande medida, formar trabalhadores qualificados para atender às demandas do mercado vigente. O país vivia o processo de expansão, crescimento e inserção de capitais, impulsionados pelos “anos de ouro”¹²³. Carecia-se de mão de obra técnica. Nos incisos abaixo:

§ 2º. A parte de formação especial de currículo:

- a) terá o objetivo de sondagem de aptidões e iniciação para o trabalho, no ensino de 1º grau, e de habilitação profissional, no ensino de 2º grau;
- b) será fixada, quando se destina a iniciação e habilitação profissional, em consonância com as necessidades do mercado de trabalho local ou regional, à vista de levantamentos periódicamente renovados¹²⁴.

Para os generais brasileiros, era essencial que o alunado fosse dirigido a atender às demandas do mercado. Precisava-se dirigi-los para que crescessem imbuídos de pensamentos acerca de que viviam em um país bem gerido. Neste aspecto, os militares, deveriam figurar como agentes positivos importantes no utópico dos estudantes. Crescidos com boa imagem das Forças Armadas, iriam desenvolver-se como “bons cidadãos” da pátria. Neste ínterim, os professores teceriam conteúdos em sala de aula que contribuíssem com a capacitação, o imaginário dos discentes em ocupar vagas no mercado de trabalho. As classes subalternas preencheriam os postos de serviços na indústria.

O intuito figurou-se em alavancar a industrialização do Brasil. Trabalhava-se e direcionava-se o ensino, as instruções e os conteúdos escolares para que se levasse os estudantes à formação de conhecimentos técnicos. Almejava-se poderem gerir as atividades destinadas às especialidades exigidas, produzindo riqueza, capitais e alavancamento da economia do país, nos postos fabris. No entanto, estas lides pouco beneficiariam às camadas

¹²³ CORDEIRO, Janaina Martins. *A ditadura em tempos de milagre: comemorações, orgulho e consentimento*. — Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015, p. 325.

¹²⁴ BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Básica. 5.296/1971. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L5692.htm>. Acesso em 03 de janeiro de 2023 às 11h14.

subalternas, já que as classes dominantes detinham concentração de renda brutal, o que piorou a distribuição de proventos igualitários entre as esferas sociais. Porém, sem a mão de obra qualificada, a nação encontraria imensas dificuldades no desenvolvimento produtivo e fortes defasagens no mercado. Havia a necessidade de braços que venderiam a força laboral para o comércio ser alavancado. Nas salas de aula, os professores deveriam conduzir essa construção. Era imprescindível que fossem pedagógicos à formação de operários.

Segundo a Lei 5.692/1971, o currículo obrigava-se a conter matérias/assuntos primordiais, os/as quais deveriam repassar o sentimento de patriotismo, nacionalismo, ufanismo. Nesse aspecto, o respeito, a admiração e a sensação de heroísmo conectariam o imaginário dos estudantes à atuação dos governos na condução do Brasil. Os alunos receberiam instruções para acreditarem que o país figurava como a pátria do futuro. Eles eram preenchidos com a moralidade, a ética, os valores e concepções do projeto de nação, tecido pelos militares.

Por meio da Doutrina de Segurança Nacional, tornava-se imprescindível repassar ao alunado, aos professores e ao Brasil, a narrativa de que se venceu o comunismo. O heroísmo das Forças Armadas, exacerbadamente, veiculado nos meios de comunicação oficiais e de apoio, dispersava que se salvaguardou às gerações de então da ideologia socialista. Explanava-se que os marxistas tomariam a propriedade privada, negariam Deus e converteriam o caos, à lei no país. A nação, sem liberdade, “seria controlada” conforme os desejos dos “vermelhos”. Muitos engoliam esses discursos, transformando-se em “colunas” no sustentáculo à gestão governamental. Nas escolas, os preceitos morais e a ilustração de bravura dos generais deveriam ser reforçados. Esperava-se à formação de cidadãos alimentados com a filosofia ética, cívica e religiosa advinda dos militares.

Nos colégios da Igreja Adventista, às concepções ideológicas dos militares afinavam-se com a doutrina cristã. Conforme discuto, a *Revista Adventista* não apresentou espaço para ideias contrárias ao regime. Os editores teceram inúmeras temáticas impressas que giravam em torno dos mais diversos assuntos: sociais, educacionais, alimentares, matrimoniais, porém, nenhum deles críticos às gestões dos generais, a governadores, deputados, vereadores e/ou prefeitos. Aos assinantes era difundido um mundo paralelo aos porões da ditadura. Não havia tortura, censura, perseguição, golpe ou quaisquer ataques à democracia, publicadas como informe, reprovação e/ou repúdio nas folhas do periódico.

Nos textos disseminados pelos editores adventistas, as torturas, perseguições, medo, mortes e violência inexistiam. Aos evangélicos, nos templos, lideranças religiosas buscaram camuflar os perigos, falhas e desmandados ocorridos no Brasil, conforme discutido, as

publicações elaboradas pelas alas conservadoras cristãs, nos impressos das igrejas protestantes citadas nesse trabalho. Assim, “as ovelhas” eram guiadas para pastos distantes das críticas à gestão dos generais. No entanto, Anivaldo Pereira Padilha, diretor-geral do periódico metodista “*Cruz de Malta*”, quando membro da Igreja Metodista, relatou à revista *Isto É*, as consequências de ousar pensar diferente do “rebanho” e ir contra o “cajado do pastor”:

No primeiro dia foram oito horas de torturas patrocinadas por sete militares. Pau de arara, choque elétrico, cadeira do dragão e insultos, na tentativa de lhe quebrar a resistência física e moral. “Eu tinha muito medo do que ia sentir na pele, mas principalmente de não suportar e falar. Queriam que eu desse o nome de todos os meus amigos, endereços... Eu dizia: ‘Não posso fazer isso.’ Como eu poderia trazê-los para passar pelo que eu estava passando?” Foram mais de 20 dias de torturas a partir de 28 de fevereiro de 1970, nos porões do Destacamento de Operações de Informações – Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-Codi), em São Paulo. O estudante de ciências sociais da Universidade de São Paulo (USP) Anivaldo Pereira Padilha, da Igreja Metodista do bairro da Luz, tinha 29 anos quando foi preso pelo temido órgão do Exército. Lá chegou a pensar em suicídio, com medo de trair os companheiros de igreja que comungavam de sua sede por justiça social. Mas o mineiro acredita piamente que conseguiu manter o silêncio, apesar das atrocidades que sofreu no corpo franzino, por causa da fé. A mesma crença que o manteve calado e o conduziu, depois de dez meses preso, para um exílio de 13 anos em países como Uruguai, Suíça e Estados Unidos levou vários evangélicos a colaborar com a máquina repressora da ditadura. Delatando irmãos de igreja, promovendo eventos em favor dos militares e até torturando. Os primeiros eram ecumênicos e promoviam ações sociais e os segundos eram herméticos e lutavam contra a ameaça comunista. Padilha foi um entre muitos que tombaram pelas mãos de religiosos protestantes.¹²⁵

Ele foi denunciado pelos “irmãos de fé” aos militares. Os delatores eram José Sucasas e Isaías Fernandes Sucasas, pastor e bispo, respectivamente, da Igreja Metodista. O trecho foi publicado no artigo, “Os evangélicos e a ditadura”, na revista *Isto É*, em maio de 2021. A luta interna ocorrida entre as alas reacionárias e progressistas evangélicas gerou as perseguições, denúncias, querelas no seio das igrejas a todos que refletissem de forma diferente do pensamento conservador imperado. Anivaldo Padilha foi “jogado aos lobos”. Viu e sentiu na pele o lado carrasco, sombrio e feio da face autoritária no contexto ditatorial sofrido pelo Brasil. O relato é um dos momentos de maior tensão vivido no regime.

A perseguição, a flagelação e as denúncias eram feitas a todos que fossem considerados inimigos da pátria. Pensar diferente poderia ser um perigo mortal. O país viveu

¹²⁵ CARDOSO, Rodrigo. *Os evangélicos e a ditadura militar*. In: Revista *ISTOÉ*, 12 de maio de 2021. Disponível em: <https://istoe.com.br/141566_OS+EVANGELICOS+E+A+DITADURA+MILITAR/>. Acesso em 08 de dezembro de 2022 às 14h34.

tempos sombrios, tristes e delicados. Muitas igrejas atuaram contra os próprios membros que ousavam raciocinar fora da doutrina estabelecida. O perigo atingia quem ponderasse de forma divergente. Nas denominações religiosas, as alas conservadoras passaram a atuar como denunciantes dos “subversivos”. Entregava-se, sem pestanejar, os próprios irmãos de fé à tortura.

A *Revista Adventista* publicou o que considerou importante para “alimentar as ovelhas”. Os artigos difundidos no periódico eram a seleção do que os editores queriam que fosse lido pelos fiéis. A IASD [Redação] escolhia o que iria ser promulgado e o que não apareceria. Os dirigentes ocupavam as folhas do impresso inculcando a sensação de eminente os assuntos evangelísticos. Os textos propagados discutiam os conceitos doutrinários, os pensamentos filosóficos e atividades de interesse missionário, como os números de batismos, a colportagem, o crescimento da igreja no país, para influenciar os membros a permanecerem focados na obra cristã. Mas, também veiculava matérias com políticos e sociedade influente quando havia conveniência entre as partes.

A liderança adventista foi representada, nas páginas do periódico, com inúmeros políticos durante todo o período do regime civil-militar. As publicações contemplam desde vereadores aos presidentes da República. Por questão de espaço e tempo, selecionamos apenas o deputado federal Igo Want Losso, tendo sido filiado ao ARENA-PR, para a discussão. A Revista o apresentava como um defensor dos interesses evangelísticos e doutrinários da IASD no Congresso Nacional. Quanto a atuação do referido parlamentar, ele figura-se como o mais citado difusor dos propósitos adventistas no cenário político.

O parlamentar, Igo Losso, era membro da Igreja Adventista do Sétimo Dia desde criança. No Congresso Nacional, exerceu forte defesa dos interesses da IASD. Favorável ao governo dos militares, destacava-os como heróis, chamando a destituição de João Goulart, da presidência da República, de “Revolução de 1964”. Combatente às ideias comunistas, frisava que o comando do Brasil, pelos generais, foi necessário para o país ser livre do socialismo e pudesse se desenvolver como nação de primeiro mundo. Durante os mandatos que desempenhou como deputado federal, legislaturas de 1975 – 1979 e 1979 – 1983, manteve apoio à ditadura civil-militar. No primeiro discurso na Câmara dos Deputados Federais, teceu elogios ao então presidente Ernesto Geisel:

A mensagem inicial do Exm^o. o Sr. Presidente da República, General Ernesto Geisel, coadjuvada com a do Senador Magalhães Pinto, Presidente do Congresso Nacional, e com a do Presidente desta Casa, Deputado Célio Borja, antevê a disposição governamental de proceder essenciais alterações

legislativas no terreno político-institucional, visando a dar maior dinâmica e participação ao Poder Legislativo, sem descuidar-se, naturalmente, das dimensões em que isto será possível, na preservação dos princípios que motivaram o movimento revolucionário de 1964. Nestes acontecimentos, inegavelmente, o Congresso Nacional terá papel preponderante e histórico, no qual todos nós estaremos fatalmente envolvidos. Por isso sabemos que um ardoroso e importante trabalho nos aguarda nesta evolução nacional.¹²⁶

A declaração prestava apoio ao regime civil-militar, na figura do então presidente da República Ernesto Geisel. O deputado concerniu-se um sectário ávido dos princípios cristãos. Em defesa dos interesses da Igreja Adventista, ele apresentou projeto de lei, em que acrescentava ao artigo 11 da Lei n.º 5.692/1971, a proibição de quaisquer atividades durante os sábados, nos estabelecimentos de ensino. O objetivo achou-se em contemplar os adventistas/sabatistas, pois não exerciam trabalhos seculares neste dia, em decorrência dos preceitos bíblicos. A tutela às concepções religiosas no Congresso Nacional era importante para a IASD. Os editores do impresso esbanjavam os feitos do parlamentar em sinônimo de apoio no periódico.

Os editores da *Revista Adventista*, oportunamente, publicavam artigos, informes, lembretes, notícias acerca de parlamentares que contribuía de alguma forma com os projetos da denominação. A família Losso era membro da IASD congregados no estado do Paraná. Neste ínterim, a política tinha como deputado estadual no Paraná, na legislatura de 1975 – 1979, Ezequias Losso, irmão de Igo Losso. O pai deles, Luiz Losso havia sido deputado federal na legislatura de 1973 – 1975. Todos foram filiados ao ARENA. Defendiam os princípios cristãos adventistas no estado paranaense e no país.

A *Revista Adventista* publicou, em outubro de 1976, uma entrevista intitulada “Irmãos Losso: parlamentares adventistas”¹²⁷. Nela, os editores trataram de passar “boa imagem” dos referidos políticos. O intuito figurou-se em reforçar a assiduidade dos representantes como defensores da doutrina da IASD no Brasil. Igo Losso foi deputado estadual no Paraná por doze anos antes de tomar posse como congressista na Câmara Federal. A IASD os pincelou como “fortes divulgadores da Igreja entre as autoridades no Congresso”. O diálogo veiculado

¹²⁶ BRASIL. Deputado Federal (1975-1979: Igo Want Losso). Discurso por ocasião na Câmara dos Deputados Federais. Brasília, 6 março de 1975. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/internet/sitaqweb/resultadoPesquisaDiscursos.asp?txOrador=Igo+losso&txPartido=Arena&txUF=&dtInicio=01%2F02%2F1975&dtFim=&txTexto=&txSumario=&basePesq=plenario&CampoOrdenacao=dtSessao&PageSize=50&TipoOrdenacao=ASC&btnPesq=Pesquisar>>. Acesso em: 24 de março de 2023 às 18h08.

¹²⁷ IASD. [Redação]. Jornal. Irmãos Losso: parlamentares adventistas. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 71, n.º 10, outubro de 1976, p. 9.

no impresso foi realizado no município de Londrina, Paraná. A primeira pergunta dirigida a Igo Losso foi a respeito de como era ser um patrocinador da Igreja. Ele respondeu:

Sou ancião da igreja de Brasília. Como adventista há mais de 35 anos, temos colocado em primeiro plano as coisas espirituais. Assim, não recusamos nenhuma missão que nos é confiada pela igreja. Coopero na classe bíblica, da qual é dirigente o Dr. João Batista Clayton Rossi, Procurador da República. Em companhia de outros anciãos, temos visitado pessoas ilustres. Certa vez, visitamos um deputado, recentemente falecido. Ele pedira a presença da igreja.¹²⁸

Igo Losso apresentou-se nas páginas do impresso adventista como um paladino dos princípios da IASD. Aos fiéis, a figura do deputado o simbolizava como defensor dos interesses da denominação, como força no Congresso Nacional. A resposta dele enfatizou que, por mais que as atividades parlamentares fossem parte da trajetória cotidiana, os objetivos em servir à Igreja persistiam. É nítido o destaque para o tempo de serviço à Igreja como disseminador da filosofia cristã. A imagem positiva, tecida nas folhas do periódico, figurou-se como sinônimo de conquista de espaço político, de propalação da doutrina e da expansão dos intentos aos projetos missionários no Brasil. O congressista expressou discursos em apoio aos credos cristãos na Câmara dos Deputados Federais:

Nesta esplêndida tarefa, estamos desde já integrados, defendendo intransigentemente os princípios dos ideais cristãos e democráticos de servir com zelo e lealdade. Tudo o que for justo e bom, tudo o que contribuir para o entendimento entre os homens, tudo o que for pelo respeito à dignidade humana e às autoridades constituídas. Tudo o que vir-se ao atendimento e ao amparo ao pobre e ao necessitado, ao trabalhador e ao funcionário público, ao lavrador e ao empresário, tudo o que for para a defesa de nossa soberania e ordem pública, tudo o que contribuir para um crescente desenvolvimento nacional, tudo o que contribuir para o soerguimento moral e espiritual do povo brasileiro merecerá nosso integral apoio, como também por outro lado, combateremos tenazmente tudo quanto vise direta ou indiretamente, ao retrocesso, à estagnação ou à insegurança nacional, com a quebra da paz e tranquilidade em que vive o nosso povo.¹²⁹

O deputado frisou que o país vivia tempos pacíficos. As gestões dos generais eram vistas como grandiosas e importantes para o “bem” do Brasil. Como suporte a intenção em

¹²⁸ IASD. [Redação]. Jornal. Irmãos Losso: parlamentares adventistas. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 71, n.º 10, outubro de 1976, p. 9.

¹²⁹ BRASIL. Deputado Federal (1975 – 1979: Igo Want Losso). Discurso por ocasião na Câmara dos Deputados Federais. Brasília, 6 março de 1975. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/internet/sitaqweb/resultadoPesquisaDiscursos.asp?txOrador=Igo+losso&txPartido=Arena&txUF=&dtInicio=01%2F02%2F1975&dtFim=&txTexto=&txSumario=&basePesq=plenario&CampoOrdenacao=dtSessao&PageSize=50&TipoOrdenacao=ASC&btnPesq=Pesquisar>. Acesso em: 24 de março de 2023 às 18h08.

defender o regime de exceção que o país estava atolado, usou a narrativa amparada nos princípios cristãos para fortalecer o discurso proferido. Nesse ínterim, lutou para a Igreja Adventista ser beneficiada, sempre que possível, por meio de projetos realizados como a isenção de atividades durante os sábados, como já abordado.

Igo Losso narrou o posicionamento político nas falas expressas no Congresso Nacional. Para ele, a sociedade deveria estar imbuída da moral e ética cristã conservadora. Os ideais divinos foram postos como necessários ao “conserto” da nação. Almejava fazer com que a memória de um “passado glorioso”, ancorado nas ideias dos “militares revolucionários”, retornasse a ser realidade no Brasil. Defendeu que se imperasse o modelo de família tradicional. O discurso em prol do casal clássico, como o único viável, acabava por excluir e negar a existência das pluralidades de gênero na coletividade. Embebido por conceitos retrógrados, o deputado refutava o que fosse diferente à convenção doutrinal dispersada nas Escrituras bíblicas.

A família era baluarte importante. Por meio dela, a prole aprenderia os conceitos morais, éticos, patrióticos e cristãos conservadores. Para os líderes adventistas era a unidade mais importante, pois a partir dela os missionários moldados desde a tenra infância, fabricados pelos docentes e pais, juntar-se-iam à hoste adventista. Tecida como núcleo primordial, não deveriam abandonar o posto de instrutores à educação, conforme o desejo e a ideologia das autoridades eclesiásticas da IASD.

A narrativa do deputado ancorava-se na concepção da ideia de Deus, o qual comandava e abençoava a nação, presidida pelo general Ernesto Geisel. O discurso exaltava o Brasil como a pátria em que os brasileiros deveriam defendê-la. O nacionalismo era ululado, tendo em vista que à população foi solicitada manter-se fiel à gestão da ditadura civil-militar. Ele buscava germinar sentimentos de unicidade, objetivando com que a sociedade se notasse uníssona, nos mesmos princípios, propagados pelas concepções ufanistas, veiculadas pelos meios de comunicação controlados pelo governo e divulgados no/ao país.

Acerca da atuação educacional da Igreja Adventista, o deputado Igo Losso exaltou a educação adventista como crucial à sociedade. Em/No discurso na Câmara dos Deputados, proferido em maio de 1975, costurou elogios, abonações e felicitações pelos 60 anos de evangelismo executados pela/na existência do Instituto Adventista de Ensino (IAE):

Da escola se diz, Sr. Presidente ser a instituição humana que maior influência exerce no mundo, quer para o bem, quer para o mal. Essa influência atinge o lar, a Igreja, a sociedade, a Pátria e até os mais recônditos lugares da terra. Consciente dessa verdade, os sucessivos diretores do IAE,

secundados por seus professores de todos os cursos, todos ligados pelo mesmo ideal, sempre compreenderam que teriam de ser, naquela escola Mater, vanguardeiros na orientação ético-religiosa que teria de ser transmitida à comunidade adventista no Brasil, que ostenta, com santo orgulho, estas estatísticas invejáveis: 200.000 membros adultos batizados, 1.300 templos e capelas, 4 hospitais, 6 clínicas, 13 lanchas-ambulatório e avíonetas assistenciais, 2 clínicas rodantes, 341 escolas primárias e fundamentais, 17.774 alunos, 12 escolas secundárias e colégios, 3.761 alunos, 3 Faculdades superiores, 1 conservatório musical [...] A orientação ética-religiosa transmitida nas escolas e nas Igrejas Adventistas, e dali transplantada para a vida nacional, além da rigorosa observância dos preceitos bíblicos, inclui sempre uma ativa orientação científica contra os vícios em geral e especialmente contra o alcoolismo, tabagismo e droguísmo em particular. [...] Isso tudo representa o reconhecimento de que, na realidade, trata-se de uma instituição apta em todos os sentidos, a colaborar com as autoridades constituídas e a sociedade, na formação dos melhores cidadãos: os que sabem ser cidadãos da terra e cidadãos do Céu.¹³⁰

A fala destacava o IAE como importante para a constituição da sociedade brasileira. Para o deputado, o instituto carregava os princípios ético-cristãos adventistas, primordiais à formação dos estudantes, imbuídos com os valores morais, amparados pela ideologia da IASD. Frisava o poder da escola em influenciar às famílias, à Igreja e à coletividade. O discurso abarcou a atuação evangelística dos adventistas como importantes agentes do bem-estar e progresso à nação. Os centros de ensino, mantidos pela Rede de Educação Adventista, foram tecidos como ferramenta de contribuição ao aperfeiçoamento do Brasil. Para o parlamentar, o trabalho nos educandários cumpria tarefa essencial em moldar cidadãos preenchidos pelos ideais religiosos, dispersados nas Escrituras Sagradas.

A Igreja Adventista estabeleceu, em 2002, normas em que defendeu posicionamento de neutralidade em relação ao apoio a políticos. A denominação afirmava não possuir nenhum candidato político. No entanto, por meio do periódico cristão, foi publicada relação de proximidade, entre lideranças da IASD e inúmeros parlamentares, desde a fundação do impresso. O documento aponta que:

Existem alguns princípios fundamentais que regem a posição da Igreja Adventista do Sétimo Dia sobre política. Um deles é o princípio da separação entre Igreja e Estado, o que leva cada uma dessas entidades a cumprir suas respectivas funções sem interferir nas atividades da outra. A

¹³⁰ BRASIL. Deputado Federal (1975-1979: Igo Want Losso). Discurso por ocasião na Câmara dos Deputados Federais. Brasília, 21 maio de 1975. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/internet/sitaqweb/resultadoPesquisaDiscursos.asp?txOrador=Igo+losso&txPartido=Arena&txUF=&dtInicio=01%2F02%2F1975&dtFim=&txTexto=&txSumario=&basePesq=plenario&CampoOrdenacao=dtSessao&PageSize=50&TipoOrdenacao=ASC&btnPesq=Pesquisar>>. Acesso em: 24 de março de 2023 às 18h08.

Igreja acredita que adotar uma postura que não envolva filiação partidária ou qualquer tipo de compromisso com partidos políticos é uma das maneiras de manter esse princípio. Tal prática deve nortear não apenas a organização adventista em todos os seus níveis administrativos, mas também as instituições por ela mantidas, seus pastores e servidores¹³¹.

O trecho manifesta o posicionamento oficial da denominação. Política e IASD, portanto, seriam entes que não se misturariam. O documento profere o pensamento do não apoio, não vinculação a candidatos partidários. Os gerentes administrativos da denominação afirmam que a – TV, rádio, jornais, revistas, escolas – não se prestariam a palanques para políticos de quaisquer siglas governamentais. No entanto, o espaço da *Revista Adventista* parece ter sido exceção, enquanto expressou aproximações colaborativas com parlamentares/políticos das diversas instâncias, quando lhes serviam aos empreendimentos evangelísticos no Brasil.

Embora o documento tenha sido estabelecido somente em 2002, com normas diretas a desvinculação com filiações partidárias, a IASD destacava desde a origem da existência e disseminação que praticou no Brasil, que não apoiava, não cedia espaços para que palanques fossem realizados por quaisquer meios seculares/políticos. Porém, como visto, o discurso figurou-se de uma forma, e a prática, destacada nos/em diversos artigos publicados no impresso cristão, outra. A relação de colaboração, com inúmeros agentes parlamentares/políticos e sociedade influente foi construída para atingir os objetivos educacionais e evangelísticos no país.

¹³¹ IASD. Os adventistas e a política. Disponível em: <

3. DO LAR À ESCOLA: UM IDEAL DE EVANGELIZAÇÃO

3.1 E as crianças, irmão!?

Pais e mães, se quereis que vossos filhos sejam salvos "da contaminação do presente século", não os deixeis de reunir regularmente ao vosso redor, pela manhã e à noite, para o altar da família!¹³²

No artigo “Um altar em cada lar”, publicado em outubro de 1972, Enoch de Oliveira (1924 – 1992)¹³³, secretário da Divisão Sul-Americana, conclamou os pais à compreensão de que os filhos estariam perdidos fora da doutrina da Igreja. Ele visou demonstrar que o presente estava corrompido, perdido e degenerado. Era preciso que os genitores continuassem o processo de educar às crianças no lar. Sendo importante reforçar os preceitos da fé adventista para que a prole não ficasse “perdida no presente século”.

A respeito da educação das crianças, frisa-se que até o fim do século XV não existia diferença entre o ser adulto e ser criança¹³⁴. A ideia de uma educação para elas, ou de uma escola moderna, só começou a se formar após uma série de mudanças ocorridas na história e cultura Ocidental¹³⁵. Naquele contexto, vistas como adultos, sem considerar a passagem dos estágios da infância, adolescência e juventude, eram direcionadas à partilha da labuta cotidiana da vida adulta. Portanto, não se buscava compreendê-las em suas singularidades.¹³⁶

Ao longo do tempo, diversos estudiosos passaram a investigar os diferentes estágios da infância, adolescência e da juventude. O significado de ser criança e acerca da infância, como compreendemos atualmente, começou a se formar a partir do século XVI. Para Postman (1999), a concepção de infância é um momento ímpar que surgiu com o advento do Renascimento. Para ele, junto ao florescer da ciência, da formação dos estados-nações modernos, das reformas religiosas e da defesa das liberdades de expressão e pensamento, a

¹³² OLIVEIRA, Enoch de. Um altar em cada lar. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 67, n° 4, abril de 1972, p. 12.

¹³³ OLIVEIRA, Enoch de. (1924 – 1992). Biografia. By The Brazilian White Center – UNASP. Publicado no dia 9 de julho de 2021. Disponível em: <<https://encyclopedia.adventist.org/article?id=BGMA&lang=pt>>. Acesso em 24 de março de 2023 às 12h18.

¹³⁴ HEYWOOD, Colin. *Uma história da infância: da Idade Média a época contemporânea no Ocidente*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

¹³⁵ POSTMAN, Neil. *O desaparecimento da infância*. trad. Suzana Mescal de Alencar Carvalho e José Laurenio de Melo. Rio de Janeiro. Editora Graphia, 1999.

¹³⁶ PHILLIPE, Ariès. *História social da criança e da família*. trad. Dora Flaksman. 2ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

agnição de infância começou a ser estruturada em termos educativos, sociais e psicológicos, isto é, foi configurada à semântica que a concebemos hoje.¹³⁷

O vocábulo criança, poder ser definido como aquele(a) “menino ou menina que está no período da infância, entre o nascimento e a puberdade. Pessoa muito jovem; quem não atingiu a idade adulta, infantil; pessoa sem experiência; quem é ingênuo, inocente”¹³⁸. Portanto, indivíduo que precisa de instrução para compreender como é o convívio em sociedade, refere-se ao sujeito que necessita ser educado. Uma descrição, cujas reminiscências encontram ecos na ideia de “Paideia” sobre as origens da educação grega¹³⁹.

Nesta perspectiva, a educação das crianças adventistas é um dos principais alvos de preocupação por parte da Igreja. Para Priscila Ribeiro (2014), no “caso das crianças adventistas, a fé não teria tantos quartos, pelo contrário, está muito direcionada por sua família. A criança na maioria das vezes se converte a fé da sua mãe, do seu pai [...]”¹⁴⁰. Segundo esta autora, o cuidado com as crianças adventistas tange “moldado” por adultos doutrinados na fé, moral e teologia da congregação. Nesse sentido, a criança não deve ser apenas jogada nas relações comunitárias, tendo em vista que elas, como sujeitos pensantes, atuam para a efetivação de conexões sociais, culturais, educacionais e religiosas, sendo indivíduos efetivos no processo que o sistema lhes permite exercer¹⁴¹.

Segundo às orientações de Ellen White, às aulas teóricas deveriam/devem fazer parte dos currículos escolares, porém, lapidadas por conjunto de atividades práticas, para os estudantes serem contemplados, com educação que os levassem a gostar de estudar e sentir que estavam aprendendo coisas úteis à própria subsistência¹⁴². Assim, ela orienta os professores, pais e alunos adventistas acerca de como o ensino deve ser efetivado. Instruções contidas no livro “*Conselhos aos Professores, Pais e Estudantes*”¹⁴³, em que prescreveu, recomendou e orientou como deve ser o cristão adventista. Ela também estimulou os fiéis a

¹³⁷ POSTMAN, *Op. cit.*, p. 8.

¹³⁸ Dicionário Online de Português. *Criança*: Significado de Criança. Dicio, 2019. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/henri_paul_hyacinthe_wallon/>. Acesso em: 29 janeiro as 18h22.

¹³⁹ BORTOLINI, R. W., & NUNES, C. (2018). A Paideia grega: aproximações teóricas sobre o ideal de formação do homem grego. *Filosofia E Educação*, 10(1), 21–36. Disponível em: <<https://doi.org/10.20396/rfe.v10i1.8651997>>. Acesso em 24/09/2022.

¹⁴⁰ DINIZ, Priscila Ribeiro Jeronimo. “*Criança adventista*”: um estudo sobre a evangelização infantil. 2014. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Sociologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014, p. 14. Disponível em <<https://docplayer.com.br/19143807-Crianca-adventista-um-estudo-sobre-a-evangelizacao-infantil.html>>. Acesso em 24 de fevereiro de 2022 às 11h17.

¹⁴¹ COHN, Clarice. *Antropologia da criança*. 2.º ed. Rio de Janeiro. Editora: Zahar, 2010. *ePub*.

¹⁴² WHITE, Ellen Gould. *Orientação da criança*. Orientação da criança: como ensinar seu filho no caminho em que deve andar. Trad. Carlos A. Trezza. Tatuí, São Paulo. Casa Publicadora Brasileira, 2014.

¹⁴³ WHITE, Ellen G. *Conselhos aos Professores, Pais e Estudantes*. Centrowhite, CPB, 2013, p. 50. Ebook. Disponível em <http://www.centrowhite.org.br/files/ebooks/egw/Conselhos_aos_Professores,_Pais_e_Estudantes.pdf>. Acesso em 24 de fevereiro de 2022 às 11h45.

espelharem ao mundo em relação aos costumes religiosos, bem como, transmiti-los, com comedimento – atraindo a simpatia e o desejo a que outros quisessem imitar a conduta propagada.

A autora destacou também a importância que o ensino-aprendizagem precisa ter para os estudantes, tendo em vista que eles são essenciais à estrutura, presente e futura, do corpo congregado e para a disseminação da doutrina. Segundo White (2014), a educação deveria formar pequenos missionários “nas igrejas antes mesmo de se tornarem pastores, sejam elas crianças ou adultos, a evangelização é essencial, todos que compõem a igreja passam por esse processo”¹⁴⁴. Assim, para a cofundadora da IASD, a obra evangelística carecia/deveria começar em casa, junto à família. Por essa razão era fundamental um ambiente religioso, doméstico e escolar voltado para “moldar” os “soldados adventistas”.¹⁴⁵

Um exemplo de como essa estratégia era importante para o trabalho evangelístico está no texto “*Um Valoroso MV*”¹⁴⁶, em que MV é sigla para Missionário Voluntário. Foi publicado na revista de fevereiro de 1964, de autoria de Pedrina Silva, professora do colégio adventista, Instituto Grão-Pará. Ela contou a história de superação de uma criança denominada Geraldo, em que o genitor era relapso a respeito da educação – tornando-o um rapaz cheio de vícios e agressivo. No entanto, após ser evangelizado, ele foi “transformado” pelo ensino cristão adventista¹⁴⁷. O texto tinha o propósito de sensibilizar os leitores do impresso para crerem na história e os estimular às atividades missionárias, à disseminação da fé adventista. Assim, as narrativas precisavam ser contadas, tanto quanto o método, como exemplo moral, para reforçar o trabalho pedagógico de ensino voltado à formação de fiéis, de novos colégios e da expansão da IASD¹⁴⁸.

Propósito semelhante – de conquistar apoio, atenção dos assinantes e de aumentar o número de institutos educacionais e crianças neles matriculadas –, ainda, na edição de fevereiro de 1964, o texto “*O Valor da Escola Cristã*”¹⁴⁹, de Odília Thamay, proferiu

¹⁴⁴ DINIZ, Priscila Ribeiro Jeronimo. “*Criança adventista*”: um estudo sobre a evangelização infantil. 2014. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Sociologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014, p. 32. Disponível em <<https://docplayer.com.br/19143807-Crianca-adventista-um-estudo-sobre-a-evangelizacao-infantil.html>>. Acesso em 24 de fevereiro de 2022 às 11h17

¹⁴⁵ WHITE, Ellen Gould. *Fundamentos do lar cristão*: você pode ser mais feliz em família. trad. Isolina Waldvogel. Tatuí, São Paulo. Casa Publicadora Brasileira, 2014, p. 18.

¹⁴⁶ SILVA, Pedrina. *Um Valoroso MV*. In: *Revista adventista*, Santo André, São Paulo, ano 59, n.º 2, fevereiro de 1964, p. 15.

¹⁴⁷ GUARDA, Maria Dias. O que é MV? In: *Revista adventista*, Santo André, São Paulo, ano 72, n.º 5, maio de 1977, p. 14.

¹⁴⁸ DINIZ, *Op. cit.*, p. 49.

¹⁴⁹ THAMAY, Odília. O valor da escola cristã. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 59, n.º 2, fevereiro de 1964, p. 19.

interrogações aos leitores acerca da expansão da educação confessional. O intuito era criar, ambivalentemente, uma espécie de estímulo e/ou constrangimento para que os adventistas se dedicassem mais a apoiar os centros de ensino para a formação dos alunos, trabalho evangelístico e de crescimento da Igreja. Neste sentido, pode-se destacar, do texto, a indagação: “estamos nós dando o devido valor à escola cristã?”. Para a autora, os colégios deveriam servir como ímã, atraindo demais crianças não adventistas para a IASD e influenciando famílias na sociedade. Dessa forma, os educandários precisavam ter o objetivo de congregar distintas pessoas.

Na referida publicação, chega-se a afirmar que várias crianças atraídas à fé adventista não teriam chegado à doutrina de outra maneira – senão, pelo trabalho nos/dos prédios escolares. A autora conta a história da conversão de dois irmãos, José Nazareno e Maria Antônia, com idades de 10 e 8 anos, respectivamente. Faz a defesa de que o colégio foi essencial para os irmãos serem cooptados; e, por meio da ida deles ao instituto de ensino adventista, acabaram por influenciar outras crianças a frequentarem às aulas da escola sabatina – nas quais as lições bíblicas eram realizadas em classes por faixa etária. Assim, formar, moldar e educá-las para que se tornassem “minissoldados” da obra evangelística evidenciou-se como estratégia para ampliar o número de novos fiéis à insuspeição cristã, desde a fundação dos educandários.

A Igreja tinha, portanto, a preocupação em incentivar e reforçar a que os pais matriculem os filhos nos colégios adventistas. Almejavam fortalecer a educação cristã no lar. Havia o estímulo que durante o tempo que a prole estivesse em casa, junto da família, houvesse complemento sobre a doutrina adventista, pois “este seria um modo de evitar o contato das crianças com uma educação laica, o que daria margem a possíveis desvios, como também, uma maneira de nutrir os princípios religiosos desde cedo introduzidos no contexto das crianças.”¹⁵⁰

As crianças eram dotadas de razão – conforme o capital social, econômico, cultural poderiam ser mais ou menos amadurecidas criticamente –, portanto, sendo possuidoras de questionamentos. Elas — as crianças — por conta de seus laços familiares e comunitários, carregavam visões culturais diferentes, advindas dos contextos vividos. O contato lúdico umas com as outras – principalmente, nos pátios – durante os intervalos recreativos, a sociabilização entre elas gerava intercâmbios de saberes, aprendizagem e trocas simbólicas

¹⁵⁰ FERREIRA, Patrick Vieira. *Educação confessional: o perfil do aluno de Escolas Adventistas*. Protestantismo em Revista | São Leopoldo | v. 43, n. 2 | p. 135 – 148 | jul./dez. 2017, p. 5. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.22351/nepp.v43i2.3009>>. Acesso em 28 de fevereiro de 2022 às 16h05.

frequentes. Nessas trocas, em comunicação e interação, construíam influências às quais deveriam ser podadas pelos docentes à medida do que a pedagogia adventista exigia, já que

O habitus, enquanto disposição geral e transponível, realiza uma aplicação sistemática e universal, estendida para além dos limites do que foi diretamente adquirido, da necessidade inerente as condições de aprendizagem: é o que faz com que o conjunto das práticas de um agente - ou do conjunto dos agentes que são o produto de condições semelhantes - são sistemáticas por serem o produto da aplicação de esquemas idênticos - ou mutuamente convertíveis- e, ao mesmo tempo, sistematicamente distintas das práticas constitutivas de um outro estilo de vida¹⁵¹.

Embora os educandários fossem pensados como uma muralha protetora, não inviabilizava que os sujeitos – como seres sociais influenciáveis e influenciadores – providos de inúmeros contextos externos -, influíam nos espaços dos colégios. A escola não tinha poder total de controle sobre a atuação dos estudantes. Embora a interferência fosse forte, não era absoluta. O discurso religioso tratava de afirmar que o mundo aparecia permeado por corrupção, desobediência e males variados. Porém, como indivíduos partes da sociedade, esses discentes não estavam isentos do contato com ideias, conceitos, condutas e desejos fora dos institutos de ensino adventistas. “O *habitus* engendra continuamente metáforas práticas, isto é, [...], transferências - a transferência de hábitos motores é apenas um exemplo particular - ou, melhor, transposições sistemáticas impostas pelas condições particulares de sua aplicação prática [...]”¹⁵². Este fato delineava-se como um alerta constante a que a doutrina fosse, cotidianamente, reforçada em todos os lugares possíveis.

No ano do “Centenário da Educação Adventista”, Werner Vyhmeister destacou que havia chegado o momento de se autoavaliar nas atitudes, realizações passadas e planejamentos futuros, frisando que os centros de educação da Igreja eram locais “seguros” para os jovens e crianças estudarem¹⁵³. Ele descreveu o período festivo e comemorativo como elemento de persuasão para sensibilizar os fiéis, em especial, os pais e professores a valorizarem o sistema de ensino adventista. Em relação aos dirigentes da IASD, em particular, frisou “o objetivo de [eles] expandir[em] suas crenças e modos de vida (...) [e de que] criaram

¹⁵¹ BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. Tradução Daniela Kern; Guilherme J. F. Teixeira. São Paulo: Edusp. Porto Alegre, RS: Zouke, 2007, p. 163.

¹⁵² JULIA, Dominique. *A cultura escolar como objeto histórico*. Trad. Gizele de Souza. Revista brasileira de história da educação n.º1 jan./jun. 2001. Disponível em: <<https://repositorio.unifesp.br/handle/11600/39195>>. Acesso em 31 de dezembro de 2022 às 14h46.

¹⁵³ VYHMEISTER, Werner. 1972: centenário da educação adventista. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 67, n.º 10, outubro de 1972, p. 5.

uma sólida estrutura burocrática de grande articulação”¹⁵⁴. Destacou às “tentações variadas e sedutoras” da década de 1970 para comover os leitores do periódico, tendo em vista que, nos anos setenta, o Brasil foi “bombardeado” por série de novidades tecnológicas. Dentre elas, estava o cinema, motivo de enorme preocupação para a liderança cristã, já que viam os filmes como um mal a ser combatido.¹⁵⁵

Para os editores da Revista, o cinema era “fronteira indefensável”, eles bradavam que “muitos temas são deturpados a fim de atender aos desejos de exploração das paixões. Obras literárias que foram produzidas tendo em vista um fim nobre e construtivo, são levadas às telas por caminhos que atendem a interesses escusos.”¹⁵⁶ Essas produções fílmicas e quaisquer literaturas não recomendadas pela IASD deveriam ser ignoradas pelos estudantes. Elas poderiam causar “confusões de ideias”, contribuindo para que pensamentos não desejados pelos dirigentes da Igreja brotassem. Em termos reflexivos, seria interessante também mensurar como este pensamento, tecendo o paralelo com o tempo presente, avalia às redes sociais, os *streamings* e a *internet*.

Ellen White, ao escrever sobre “*Os primeiros mestres*”, apontou a importância que os genitores deveriam ter em instruir os filhos para que eles fossem levados a crer, obedecer e difundir os princípios da fé adventista¹⁵⁷. A respeito, ela frisou que o seio familiar era a primeira escola que a prole possui, já que “o lar pode ser uma escola em que as crianças são verdadeiramente moldadas, no caráter, à semelhança de colunas de palácio”¹⁵⁸. Neste aspecto, a intenção é reforçar o quão atenção deveria ser dispensada às crianças.

Os primeiros instrutores dessa educação, iniciada em casa, era/é dever/obrigação/responsabilidade dos pais. Eles deveriam consistir como os primeiros educadores, os encarregados por disciplinar a prole. Esse condicionamento precisava ser constante e com cuidado, pois serviriam de base para formar os princípios de fé dos pequenos. A autora exortou que, caso às famílias, às escolas e a Igreja não fornecessem a “educação correta”, “Satanás iria educar os filhos dos pais negligentes para caminhos do mal”. O desejo

¹⁵⁴ FUCKNER, Ismael. *Igreja adventista um movimento da modernidade*. Trabalho apresentado no XIII Simpósio Nacional da Associação Brasileira de História das Religiões, realizado entre os dias 29 de maio e 1º de junho de 2012, em São Luiz, MA, Brasil, p. 6. *Grifo nosso*.

¹⁵⁵ COSTA E SILVA, J. Irajá da. 1971: Cinema - Fronteira Indefensável. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 66, n.º 10, outubro de 1971, p. 18.

¹⁵⁶ *Id. Ibid.*

¹⁵⁷ WHITE, Ellen Gould. *Orientação da criança: como ensinar seu filho no caminho em que deve andar*. Trad. Carlos A. Trezza. Tatuí, São Paulo. Casa Publicadora Brasileira, 2014, p. 15.

¹⁵⁸ *Id. Ibid.*, p. 14.

concernia em fazer com que o controle sobre o comportamento dos educandos fosse dirigido conforme o desejo da doutrina cristã adventista dispersada.

Assim, dever-se-ia reforçar às normas cristãs da Igreja no lar, pois era nele que a criança aprendia os princípios essenciais para continuar o desenvolvimento intelectual e moral pautados nos dogmas almejados. Para White (2014), a residência concernia como a primeira escola e os genitores precisavam ser os primeiros professores ensinando os preceitos éticos, sociais e religiosos. Para ela, as influências dos progenitores tinham importância de tal modo que eram divisores entre o bem e o mal. Como complemento para que eles não desprezassem às instruções aos rebentos, afirmava que a prole deixada sem a doutrina, posta em desvio, seria culpa dos responsáveis pelas crianças. Um exemplo ilustrativo desta premissa pode ser observado na imagem colorida, publicada na *Revista Adventista* de janeiro de 1972. Associado a essa ilustração, o editorial tratava de sensibilizar os pais a matricularem os filhos nos centros de educação adventistas de ensino.

Figura 2 - Criança soprando flor



Fonte: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 67, nº 1, janeiro de 1972, p. 20.

A ilustração apresentou uma menina soprando uma flor. Provavelmente, a partir das semelhanças visuais, seria a Dente-de-leão. Ela estava usando vestido branco, ao lado de

algumas plantas. A cena buscava transmitir ideia de pureza, bem-estar e inocência. A imagem, títulos e enunciados contidos na peça publicitária, tentavam persuadir as famílias adventistas acerca da importância de onde os filhos deveriam estudar, informando que o colégio adventista tinha recursos modernos, experiência no ensino, professores cristãos e, por fim, destacou Jesus como mestre principal. O colorido que circunda a figura reforçava a estratégia usada, enquanto agradavam o olhar do leitor por meio de cores claras, sutis e amenas.

As mensagens escritas e a imagem da criança tentavam levar a ideia de cuidado e proteção, que “somente” os institutos educacionais adventistas forneceriam. Neste caso, o Instituto Adventista de Ensino (IAE). O título “educar para a eternidade é fácil” reforçava o apelo para os pais matriculem os filhos nos colégios da Igreja. Sabidamente, instruir é difícil, tendo em vista as inúmeras dificuldades que envolvem o caminho de ensino e da aprendizagem. No entanto, como *marketing*, os editores usaram a legenda demonstrando que os ginásios estavam prontos para proporcionar “boa capacitação”, já que tinham o interesse em receber a prole adventista. O enunciado tinha o propósito de convencer, por meio da educação, os princípios e fundamentos da fé e doutrina adventista. Dessa forma, os ideais formativos iniciados no lar, seriam mantidos, incentivados e fortalecidos no educandário.

As crianças são pilasstras da Igreja. Assim, o ensino dirigido a elas teria que produzir frutos para o crescimento e desenvolvimento da Instituição religiosa. Estando no estágio primário da educação, os genitores precisavam fomentar o acesso para que os preceptores adventistas, em sala de aula, continuassem a formação das crianças e dos jovens. Ellen White, tratou de afirmar, desse modo, que “a obra dos pais precede à do professor”. Ela conferia o lar e a escola como uníssona, uma única coisa quanto à atuação de encaminhar os filhos nos ditames da doutrina adventista. Exortava a que as famílias e os docentes trabalhassem em regime de colaboração. A tarefa de ambos deveria estar imbuída de harmonia com o mesmo intuito missionário. Os progenitores tinham a incumbência de preparar o caminho para o “segundo estágio – receber instruções do professor.”¹⁵⁹

3.2 E a disciplina, jovem!?

ESTAMOS na pátria da mocidade. Cerca de 55% da população brasileira tem menos de 20 anos de idade. Neste país de jovens, a Igreja Adventista tem tido um vertiginoso crescimento, e já somos a segunda potência mundial no panorama denominacional! Atestando estes dados, o Relatório Anual

¹⁵⁹ WHITE, Ellen Gould. *Orientação da criança: como ensinar seu filho no caminho em que deve andar*. Trad. Carlos A. Trezza. Tatuí, São Paulo. Casa Publicadora Brasileira, 2014, p. 14.

Estatístico da Associação Paulista declara que cerca de 54% dos batismos desse Campo são de jovens de 20 anos ou menos¹⁶⁰.

O trecho extraído do artigo “Evangelismo”, de José Bessa, publicado na *Revista Adventista* em agosto de 1972, apontou dados significativos de jovens no Brasil e dos batismos efetuados. O intuito estava em converter os efebos brasileiros não adventistas, conservá-los e mantê-los sob as asas da doutrina. A juventude adventista era entendida como “coluna” dos principais pilares de sustentação da Igreja. Eles perfaziam parte da força necessária para a evangelização. Assim, a IASD tinha como fator primordial a formação de missionários para a causa evangelística. Por meio da educação, idealizava-se cultivar membros capazes de servirem como obreiros disseminadores do adventismo.¹⁶¹ Bessa destacava o crescimento que a Instituição religiosa obteve no país e informava números expressivos sobre a porcentagem da mocidade, na década de 1970, a partir do censo demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)¹⁶². Enfatizava-se que havia imenso campo populacional, o qual pretendia-se conquistar.

A mocidade brasileira foi, portanto, um dos principais alvos do evangelismo da denominação, e para chegar a eles, tinham como força para convertê-los, à juventude adventista. Ter número expressivo de jovens conversos à fé adventista concernia-se como possuir um “exército” para conquistar mais território. Portanto, a educação dirigida era essencial. E, para isso, existiam: o lar, a escola e a igreja. A educação e a disciplina que deveriam receber, dentro desta perspectiva, figuravam-se fundamental para a formação, fortalecimento, defesa e propagação missionária no Brasil.

Para Abramo (1997), a juventude é o baluarte de desenvolvimento social, de ajustes aos papéis da vida adulta, ou seja, está direcionada para que ocupe e viva os costumes, normas e labores da idade sênior¹⁶³. Percebe-se que a atenção dirigida aos jovens ganhou corpo ao

¹⁶⁰ BESSA, José. Evangelismo. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 67, n.º 8, agosto de 1972, p. 12.

¹⁶¹ GONÇALVES, Sérgio. *Desafios de Uma Instituição Confessional*: Centro Universitário Adventista – UNASP. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2009. Disponível em: <http://iepapp.unimep.br/biblioteca_digital/pdfs/2006/HKJORHSPUB.pdf>. Acesso em 28 de novembro de 2021.

¹⁶² IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Brasileiro de 1970. Rio de Janeiro: IBGE, 1971. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv84447.pdf>>. Acesso em 20 de junho de 2022 às 18h20.

¹⁶³ ABRAMO, Helena Wendel. *Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil*. Mai/Jun/Jul/Ago 1997 n.º 5 Set/Out/Nov/Dez 1997 n.º 6. Disponível em: <http://www.clam.org.br/bibliotecadigital/uploads/publicacoes/442_1175_abramowendel.pdf>. Acesso em 12 de setembro de 2022 às 14h38.

longo das últimas décadas, principalmente, por parte dos meios de comunicação, da indústria cultural, lazer, entretenimento e tecnologia. Vistos como público consumidor em ascensão, foram alvos do mercado que objetivava alavancar vendas.

No contexto deste estudo, em particular, os jovens receberam atenção, tanto dos líderes adventistas quanto da coalizão civil-militar. Havia a necessidade de se contrapor aos inúmeros grupos juvenis e sociais que efetuavam oposição ao governo ditatorial – sobretudo quanto aos costumes, moral, ideologia, civismo, patriotismo e ética estabelecida pela ordem imposta. Nesse horizonte, liberdade sexual, uso de drogas lícitas/ilícitas, crítica política, costumes e tradições hierarquizadas tornavam-se motivo de preocupação, censura, vigilância, controle e repressão¹⁶⁴.

Nessa perspectiva, o vocábulo *jovem* pode ser expresso para aqueles(as) “que ou quem tem pouca idade. Que ou o que ainda não é adulto. Que ou quem está na juventude”¹⁶⁵. É importante frisar que “os conceitos geralmente se submetem a um movimento de vai e vem. Estão em alta em um momento, depois desaparecem, reaparecendo mais à frente travestidos ou com a mesma roupagem”¹⁶⁶, podendo ser moldados e mudados de acordo com diversos fatores que vão desde o cultural ao econômico, por isso, “os conceitos produzidos devem ser olhados com lentes de atenção, mas conscientes da condição de lentes [...] com a ressalva de que é na condição objetiva que essas várias lentes e construções possíveis devem ser provadas.”¹⁶⁷

Os líderes adventistas e a coalizão civil-militar preocupavam-se a respeito dos ideais que os jovens deveriam crer, por isso, voltavam-se para a instrução que precisava ser fornecida. Tanto os dirigentes adventistas quanto o Governo “era um regime com uma clara tendência a disciplinar a sociedade e suas políticas sociais eram instrumentos fundamentais neste disciplinamento.”¹⁶⁸

¹⁶⁴ LIRA, Alexandre Tavares do Nascimento. *A legislação da educação no Brasil durante a ditadura militar (1964 – 1985): um espaço de disputas*. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade Federal Fluminense UFF/ Niterói, Rio de Janeiro, 2010.

¹⁶⁵ Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. *Jovem* 2008 – 2021. Disponível em <<https://dicionario.priberam.org/jovem>>. Acesso em 05 de fevereiro de 2022 às 17h16.

¹⁶⁶ OLIVEIRA, Adélia Augusta Souto de; TRANCOSO, Alcimar Enéas Rocha. *Processo de produção psicossocial de conceitos: infância, juventude*, 2014. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/psoc/a/c4k5rNBzLfpC8F7H9JYnFGJ/>>. Acesso em 05 de fevereiro de 2022 às 17h26.

¹⁶⁷ *Id. Ibid.*, p. 3.

¹⁶⁸ MARTINS, Maria do Carmo. *Reflexos reformistas: o ensino das humanidades na ditadura militar brasileira e as formas duvidosas de esquecer*. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 51, p. 37 – 50, jan./mar. 2014, p. 4. Editora UFPR. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/er/a/7yMGWJjk4j7Fr3LLjdjWHDR/>>. Acesso em 05 de fevereiro de 2022 às 09h22.

É importante estar atento ao fato de que “apesar da juventude ser considerada uma etapa biológica da vida, ela possui características culturais próprias”¹⁶⁹. Embora, para Leite (1997), a infância não seja uma fase biológica, tendo em vista que, na verdade, seria construção cultural e histórica, sendo dessa forma estágios construídos de acordo com parâmetros envoltos nas demandas sociais exigidas a cada presente¹⁷⁰. Em outras palavras, conceito de *juventude* é uma construção sócio-histórica associada ao tempo, espaço e realidade em que os indivíduos de um dado grupo, sociedade e cultura está envolto, inserido e pertencente¹⁷¹. Assim, ao olhar para a mocidade, os líderes da Igreja estavam, constantemente, assentados em conquistá-los, discipliná-los, sujeitá-los conforme os preceitos das normas cristãs.

Na *Revista Adventista*, publicada em outubro de 1977, no artigo “A educação adventista na era científica”¹⁷², Willis J. Hackett explicitou que as diretrizes da fé doutrinal estavam calcadas na Bíblia e os fiéis necessitariam permanecer firmados nela. Portanto, a educação que não trouxesse os conceitos de crença na doutrina adventista, ancorados no texto sagrado, precisavam ser considerados hábitos, costumes e crenças produzidas pelo “inimigo” – devendo ser rechaçadas. A educação cristã vinculava, constantemente, a própria filosofia às Escrituras. A respeito, diversos temas de Ellen White, asseveravam aos membros que todo conhecimento disponível para o homem, toda a razão adquirida provinha de Deus¹⁷³.

Em torno desse substrato teológico, a Igreja Adventista possui 28 preceitos-base¹⁷⁴. Para ela, estas doutrinas devem fazer parte da vida de quem professa a fé no adventismo. E, sob esse fundamento, os jovens necessitam conhecer os costumes, normas, diretrizes, princípios, moral e ética cristã para evitarem o que não esteja conforme as convenções estabelecidas. Segundo White (2007), a educação e a religião, consagram-se em inspirar os docentes, educadores e familiares, constantemente, a colocar a “Palavra Sagrada” como guia

¹⁶⁹ MACHADO, Vitor. *O conceito de juventude: Uma abordagem cultural dessa fase da vida*. Disponível em <https://www.uniara.com.br/legado/nupedor/nupedor_2014/Arquivos/02/2A/8_Vitor%20Machado.pdf>. Acesso em 23 de fevereiro de 2022 às 09h26.

¹⁷⁰ LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. *A infância no século XIX segundo memórias e livros de viagem*. In: FREITAS, Marcos Cezar de (org.). *História social da infância no Brasil*. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 1997, p. 21.

¹⁷¹ CRUZ, José Vieira da. *Juventude e identificação social: experiências culturais dos universitários em Aracaju/SE (1960 – 1964)*. 2003. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2003.

¹⁷² HACKETT, Willis J. A educação adventista na era científica. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 68, n.º 10, outubro de 1977, p. 15.

¹⁷³ WHITE, Ellen Gould. *Educação*. Serviço Estado de Ellen G. White, 2008. Livro eletrônico. Disponível em <<http://www.centrowhite.org.br/files/ebooks/egw/Educação>>. Acesso em 25 de setembro de 2022 às 9h33.

¹⁷⁴ Igreja Adventista do Sétimo Dia. *IASD*. Disponível em <<https://www.adventistas.org/pt/institucional/crencas>>. Acesso em 06 de janeiro de 2022 às 15h59.

cotidiano, profissional, espiritual e religioso aos estudantes¹⁷⁵. O sistema educacional da IASD recomenda que os escritos de Ellen White façam parte da orientação dos preceptores, especialmente, no curso das aulas. A filosofia pedagógica, em associação com os conselhos fornecidos na “literatura whiteana”, precisavam ser guia de como executar a prática do ensino-aprendizagem.¹⁷⁶

A coalizão civil-militar, por sua vez, também passou a acompanhar de perto o sistema educacional, aspirando à mocidade, já que viviam embates com a oposição, em que muitos jovens adentraram grupos de resistência ao regime. Para a ditadura, havia “o inimigo interno, portanto, [que] estava espalhado e precisava ser combatido em todas as frentes possíveis.”¹⁷⁷. Dessa forma, visando minar os adversários¹⁷⁸, buscaram controlar os centros de educação no Brasil, implementaram reformas nos vários níveis de ensino e sobre as entidades estudantis¹⁷⁹. Alguns desses arranjos tiveram curso nos governos do General Costa e Silva (1967 – 1969)¹⁸⁰ e do General Médici (1969 – 1974)¹⁸¹.

Para as autoridades civis e militares, que sustentavam a ordem imposta, era necessário distanciar e minar os jovens “subversivos”¹⁸². Para isso, mexeram na educação para controlar o que estava sendo transmitido em sala de aula. Os militares alimentavam a narrativa de que o

¹⁷⁵ WHITE, Ellen Gould. *Conselhos aos pais, professores e estudantes*. Serviço Estado de Ellen G. White, 2007. Livro eletrônico. Disponível em < http://www.centrowhite.org.br/files/ebooks/egw/Conselhos_aos_Professores_Pais_e_Estudantes.pdf >. Acesso em 25 de setembro de 2022 às 9h36.

¹⁷⁶ WHITE, Ellen Gould. *Conselhos sobre educação*. Serviço Estado de Ellen G. White, 2007. Livro eletrônico. Disponível em < <http://ellenwhite.cpb.com.br/livro/index/20> >. Acesso em 25 de setembro de 2022 às 9h36.

¹⁷⁷ KREUZ, Débora Strieder. “Oásis do Terror” - A ditadura brasileira e a vigilância internacional: a Argélia nos Sumários do Comunismo Internacional (1970 – 1973)? *Dimensões*, v. 43, jul.-dez. 2019, p. 214 – 231. ISSN: 2179 – 8869, p. 16. Disponível em < <https://periodicos.ufes.br/dimensoes/article/download/20472/20160> >. Acesso em 23 de fevereiro de 2022 às 10h19. *Grifo nosso*.

¹⁷⁸ Ver a respeito em: CRUZ, José Vieira da. *Estudantes vigiados: os órgãos de segurança e informação na Universidade Federal de Sergipe, 1967 – 1977*. In: *Ponta de Lança*, São Cristóvão v.2, n. 3, out. 2008 - abr. p. 93 – 109, 2009; e em MOTTA, Rodrigo Patto Sá “Os olhos do regime militar brasileiro nos campi. As assessorias de segurança e informações das universidades”. In: *Topoi*, v. 9, n. 16, jan.-jun, 2008, pp. 30 – 67.

¹⁷⁹ Ver a respeito: UNHA, Luiz Antônio. “*Ensino superior e universidade no Brasil*”. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greiva (orgs.). 500 anos de educação no Brasil. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, pp. 151 – 204; e em: CRUZ, José Vieira da. *Da autonomia à resistência democrática: Movimento Estudantil, Ensino Superior e a Sociedade em Sergipe, 1950 – 1985*/ José Vieira Cruz. -- 2. ed. [revisada e ampliada] – Aracaju, SE: Criação Editora, 2021.

¹⁸⁰ BRASIL. Decreto-Lei n.º 869, 12 de setembro de 1969. *Dispõe sobre a inclusão da Educação Moral e Cívica como disciplina obrigatória, nas escolas de todos os graus e modalidades, dos sistemas de ensino no País, e dá outras providências*. Disponível em: < <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1960-1969/decreto-lei-869-12-setembro-1969-375468-publicacaooriginal-1-pe.html> >. Acesso em 23 de fevereiro de 2022 às 11h11.

¹⁸¹ BRASIL, Decreto-Lei n.º 5.692/71, 12 de agosto de 1971. Presidência da República. Brasília, DF. Disponível: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/15692.htm > em. Acesso em 23 de julho de 2022.

¹⁸² CRUZ, José Vieira da. *A reação estudantil à Lei Suplicy no Nordeste do Brasil: um estudo comparativo entre os estados da Bahia, Sergipe, Pernambuco e do Rio Grande do Norte, 1964 – 1967*. In: *Anais do I Seminário Internacional História do Tempo Presente*. Florianópolis: UDESC/ANPUH-SC, 2011b, pp. 976 – 990.

país se encontrava cheio de inimigos da pátria¹⁸³, fortalecendo a ideia de que eram heróis da nação. No entanto, “a aceitação se deu pelo fato de ser uma revolução contra o comunismo e a corrupção, ou seja, o imaginário do inimigo a ser combatido na guerra revolucionária, dava ânimos aos envolvidos.”¹⁸⁴

Por meio da implantação de estratégias em que se disseminava o pavor à população, em especial, os menos instruídos acreditavam no “perigo vermelho”, a educação passou a ser visada e sofreu ataques duros¹⁸⁵. O controle do que os jovens deveriam obter como conhecimento, ideais e crenças era importante para formação de uma juventude obediente, casta, patriótica que se enquadrasse nos desejos das autoridades governantes. Nesse sentido, “a ditadura sonegaria os direitos civis e políticos corrompendo o livre exercício do pensamento para poder suprimir os direitos sociais e econômicos”¹⁸⁶. Isto acarretou inúmeros embates com a oposição que via as atitudes dos militares como austeras, severas, duras.

Buscava-se evitar que a sociedade pensasse criticamente e se voltasse contra os ideais outorgados pela coalizão civil-militar. Por meio de disciplinas que direcionassem os alunos à obediência, ao respeito e aos símbolos nacionais. Utilizavam-se de ufanismos, levando a nação a viver sob as asas do controle e do cerceamento das liberdades individuais.

Nesse contexto, para a Igreja Adventista, o discurso publicado pelos líderes era o de que “ser membro da igreja adventista (sic) é uma honra e um grande privilégio, mas também significa uma tremenda responsabilidade.”¹⁸⁷ Esse discurso, veiculado pela *Revista Adventista*, é enfocado a tarefa a ser executada do evangelismo. A respeito, um artigo de Ellen White, intitulado, “Um chamado à juventude”¹⁸⁸, publicado na edição de junho de 1973, expressava que a obra missionária carecia de jovens instruídos na doutrina¹⁸⁹. Ela enfatizava que o “campo de pessoas” a serem convertidas estava maduro para ser “ceifado”, bem como,

¹⁸³ MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917 – 1964)*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

¹⁸⁴ BOMBA, Guilherme Alves. *O inimigo do meu amigo é comunista: a utilização do exército como ferramenta política durante a ditadura militar (1964 – 1985)*, p. 5. Disponível em <https://www.snh2021.anpuh.org/resources/anais/8/snh2021/1628473730_ARQUIVO_175bc51d7a16997a9c41acb5ad8c43b9.pdf>. Acesso em 23 de fevereiro de 2022 às 10h53.

¹⁸⁵ VIOLA, Solon Eduardo Annes; ALBUQUERQUE, Paulo Peixoto de. *Ditadura e educação: conexões a serem ressignificadas*. Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v.23, n.2, p.78-96, jul./out.2015, p. 8. Disponível em <<http://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/index>>. Acesso em 23 de fevereiro de 2022 às 10h31.

¹⁸⁶ *Id.*, *Ibid.*

¹⁸⁷ PINHO, Orlando G. de. Nosso tempo e nossa doutrina – XI: por que somos adventistas do sétimo dia? In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 68, n.º 6, junho de 1973, p. 11.

¹⁸⁸ WHITE, Ellen Gould. Um chamado a juventude. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 68, n.º 6, junho de 1973, p. 11.

¹⁸⁹ *Id.* *Ibid.*

incitava a mocidade adventista a se dedicar à causa evangelística – desviando-se dos costumes seculares, não caindo em vícios e cedendo às “impurezas”.

A advertência de Ellen White era a de que a juventude atendesse “o chamado de Jesus” – da melhor forma sóbria possível. Os dirigentes das igrejas adventistas desejavam que a mocidade estivesse comprometida com a expansão dos colégios e da conversão de fiéis. Assim, o público juvenil consistia em alvo constante das publicações veiculadas na Revista. Essas postagens, por sua vez, buscavam dosar a procura de crescimento por novos estudantes, conversos e congregados. Exortava-se aos cuidados com o propósito de instituir pessoas “equilibradas” – ao ponto de serem colaboradores na manutenção dos membros da/na Igreja e obreiros da/na obra fora dos templos. Nesse sentido, entre os adventistas, durante a comunhão entre si nos cultos, admoestava-se à atitude de abordar, apoiar e fortalecer um companheiro mais frágil na fé – mantendo os que já haviam sido conquistados a permanecerem ligados à doutrina.¹⁹⁰

Jovens doutrinados, disciplinados e submetidos aos ideais adventistas tangia um trunfo pesado para a propagação do evangelho. Tratava-se de exortá-los em todas as áreas da vida, da alimentação ao casamento. Para a Igreja, persuadir à juventude a casar-se com membros que partilhasse da mesma fé concernia também um reforço a mais para manter o “rebanho no aprisco”. Afinal, entendia-se que o matrimônio com não adventistas poderia levá-los à ruína. Para a liderança era importante que a mocidade obedecesse às regras transmitidas¹⁹¹. Por isso, instruí-los por meio dos colégios fazia-se tarefa essencial prescrita. Na *Revista Adventista* há diversas publicações em que os editores instigavam os leitores sobre o trabalho de educar os filhos a que permanecessem fiéis à doutrina cristã¹⁹².

Observando a atenção para que os(às) educandos(as) estivessem consoantes a ideologia adventista, Orlando G. de Pinho, em março de 1972, no artigo “Nosso Tempo e

¹⁹⁰ PINHO, Orlando G. de. Nosso tempo e nossa doutrina – XI: por que somos adventistas do sétimo dia? In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 68, n.º 6, junho de 1973, p. 18.

¹⁹¹ CARVALHO, Otoniel Tavares de. Teoria e prática. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 72, n.º 11, novembro de 1977, p. 14.

¹⁹² Dentre estas matérias, destacam-se:

OLIVEIRA, Enoch de. Um altar em cada lar. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 67, n.º 4, abril de 1972, p. 10.

OBBERG, Renato Emir. Lucro ou prejuízo? In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 68, n.º 12, dezembro de 1973, p. 11.

RABELLO, Maria C. P. A educação dos filhos do ponto de vista da psicologia educacional. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 69, n.º 8, agosto de 1974, p. 9.

PIRES, Corino. A educação na associação Leste. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 72, n.º 6, junho de 1977, p. 30.

GORSKI, Nevil. 1978 – Ano Mundial da Educação Adventista: educação adventista na América do Sul. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 73, n.º 1, janeiro de 1978, p. 15.

Nossa Doutrina”, criticou costumes sociais e culturais da juventude brasileira. Ele reprovou a aparência “moderna” dos rapazes, a “pouca roupa” das moças e a exposição do corpo de ambos, afirmando praticarem “rebeldia” no uso de “vestes indecorosas”, no estilo de cabelos longos, usados pelos homens, entre outros “excessos”, “vícios” e “modismos”. Externou repúdio ao “modernismo” que estava adentrando os templos religiosos. Fez julgamentos ácidos ao modo como os jovens questionavam às normas e “ameaçavam” o conservadorismo dos “bons costumes e da moral”. Os estudantes adventistas eram disciplinados e educados no lar, na escola e na igreja para serem o oposto dos homens e mulheres “modernas” desaprovados¹⁹³.

Ele sabia que as mudanças culturais e sociais estavam ocorrendo, mas as via chegando com velocidade maior desde a Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945). Teceu também afirmativas de que o momento se tornava caótico, de desassossego, insatisfações e contestações. As transformações ocorridas não eram bem-vistas. Ao longo do texto, pontuou desaprovação à música popular, marcando-a como tendo ritmos diferentes, confusos e desconexos para quem não fazia parte dos grupos que apreciavam tais melodias. A preocupação e o medo se voltavam a que esse “modernismo” acentuado que a sociedade vivia, chegasse a desviar a mocidade dos bancos da Igreja, defasando o contingente evangelista, minando a renovação de membros a partir da conversão e ocorrendo a dispersão dos adventistas já convertidos. A fobia consistia em que os tentáculos da contemporaneidade afetassem, negativamente, o meio religioso adventista.

É válido destacarmos que não pensamos os jovens adventistas como sujeitos completamente passíveis e cegamente obedientes às normas, regras e condutas da filosofia adventista. Embora os editores não tenham permitido que a Revista aportasse em um espaço no qual fosse publicado casos de indisciplinas, pensamentos contrários, “progressistas ou modernos demais”, acreditamos que o advento da modernidade atingiu, fortemente, o imaginário da juventude cristã. Fato que fez com que houvesse um endurecimento disciplinar, educacional a eles para que estivessem cada vez mais próximos da doutrina.

As mudanças culturas e sociais eram imparáveis. Não havia o que a liderança adventista pudesse fazer para que a “modernização” não atingisse a juventude da Igreja. Porém, cientes de que os jovens aparentavam passíveis de serem atingidos por esse “problema”, tratavam de manter a doutrina como uma sentinela, a qual deveria servir como guia moral, ética, educacional, espiritual. Os editores publicavam que se fazia imprescindível

¹⁹³ PINHO, Orlando G. Nosso tempo e nossa doutrina. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 67, n.º 3, março de 1972, p. 18.

os dirigentes adventistas entender os tempos presentes para que pudessem conservar à mocidade fiel à ideologia cristã. Para isto, reforçavam nas páginas do periódico, constantemente, a filosofia religiosa como baluarte, refletor no/ao caminho que precisavam percorrer.

Em artigo publicado no periódico adventista, intitulado “A crise do lar”, em outubro de 1975, Enoch de Oliveira, presidente da Divisão Sul-Americana, destacou o lar como estrutura formativa primária da sociedade, e por conseguinte, do “bem-estar” da Igreja¹⁹⁴. Para ele, sem a família, a humanidade estaria fadada a instabilidade e precarização da vida. No decurso do texto, não deixou de tecer árduas críticas a respeito da promiscuidade, poligamia, poliandria e ao amor livre, o que atualmente corresponderia a termos como “ficante”, “*crush*” e/ou “contatinho”. Para o autor, nenhuma dessas formas são aceitáveis, tendo em vista que elas não se enquadram no/ao que era aceito como “a verdadeira família” aferrada às/nas Escrituras.

Exortava-se que os casais deveriam ser constituídos por homem e mulher, os quais deveriam ser/eram genitores dos filhos. Esse processo levaria, posteriormente, a responsabilidade com a educação da prole voltada à doutrina adventista no ambiente doméstico. A categoria que não se encaixasse no modelo almejado de lar, representava formas defasadas e/ou incorretas de cônjuges, já que não poderiam representar “o plano divino”. Nesse caso, os vínculos do “amor indissolúvel” eram existentes somente entre consortes constituídos pela caracterização tradicional de marido e mulher.

O referido autor, Enoch de Oliveira, destacou, ainda, a ideia de que a família era a instituição sagrada. Ele acabou apelando para o sentido religioso de constituição divina de casal, portanto, todos os arquétipos diferentes do padrão bíblico tornavam-se portadores de instabilidade social. O propósito concernia em reforçar a concepção de que a prosperidade e crescimento da Igreja dependiam das influências domésticas. Cultivar pais, que pudessem contribuir com a obra evangelística, consistia em essencialidade para manter viva a Instituição religiosa, já que a prole, devidamente instruída, comporia às fileiras da hoste adventista.

Assim, como argumento em defesa da “família tradicional” alegou a posição de que a bonança, ou seja, o progresso da nação dependia do modelo desenvolvido nos lares. A intenção era manter o ambiente doméstico como o lugar que preparava obreiros para serem lapidados, conforme os objetivos de crescimento e disseminação da doutrina, por meio de gerações bem-educadas, instruídas, disciplinadas e fáceis de manejar, desde a infância às ideias adventistas.

¹⁹⁴ OLIVEIRA, Enoch de. A crise do lar. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 70, n.º 10, outubro de 1975, p. 21

Os jovens deveriam fazer parte do “exército” de evangelistas. Educá-los a manterem-se crentes na obra alavancada pela Igreja e instruídos nos colégios era tarefa difícil, porém, esperava-se obter frutos com esse trabalho. Na revista de outubro de 1972, no texto intitulado “Nosso Evangelismo Interno”¹⁹⁵, Floriano Xavier dos Santos (1927 – 2017)¹⁹⁶ afirmou que a mocidade adventista precisava ser “diferente”. Deveriam ser o “modelo de cidadão brasileiro”, o “ideal de estudante”. A imberbe da IASD carecia ser espelho de imitação para a sociedade. Toda a juventude precisava evangelizar a partir do exemplo cristão, com as normas, regras e condutas adventistas, imprimidas na mente e executadas nos espaços sociais.

Era preciso formá-los, conforme os preceitos cristãos adventistas, para que obedecessem à Igreja e prestassem reverência à pátria, já que a juventude é o “momento para se acumular conhecimentos, e, também, é a época apropriada para adquirir bons hábitos e corrigir os maus, obter e conservar a força do domínio próprio”¹⁹⁷. Nesse sentido, “os bons hábitos”, engendrados desde a infância, os preparavam para se dedicar ao trabalho de “ceifeiros na seara do/no mundo”. O sistema de educação da IASD era/é, essencialmente, evangelismo no modo de ser/existir. O programa de ensino serviria como muro de proteção para os jovens, tendo em vista que os manteria na congregação. Além de conservar os que já estavam, faria a incumbência de angariar “novas almas”.

Para destacar que o serviço missionário, por meio dos colégios, gerava frutos, o autor do referido texto, Floriano Xavier dos Santos, narrou a história acerca do caso de uma família do estado do Paraná. O relato era de que não houve sucesso na conversão desse grupo familiar pelos meios convencionais: culto, literatura denominacional etc. No entanto, alguns anos, após inúmeras tentativas fracassadas de persuadi-los, consegue-se por meio da matrícula de um dos filhos do casal em uma escola da Igreja, obter sucesso no objetivo de conquistá-los, tendo em vista que, conseqüentemente, o contato do rapaz com a doutrina no educandário adventista, veio a conversão e ao batismo deste estudante à mensagem adventista, fazendo com que outros familiares chegassem a converter-se à fé cristã da IASD¹⁹⁸.

¹⁹⁵ SANTOS, Floriano Xavier dos. Nosso Evangelismo Interno. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 67, n.º 10, outubro de 1972, p. 10.

¹⁹⁶ SANTOS, Floriano Xavier dos. Centro Branco Brasileiro – UNASP. In: SDA. Disponível em <<https://encyclopedia.adventist.org/article?id=DGOA&highlight=Floriano>>. Acesso em 06 de fevereiro de 2022 às 17h33.

¹⁹⁷ MARTINS, Enilce Barbosa. *Educação como obra missionária: a educação como instrumento de difusão da filosofia adventista*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP, 2008. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/2066/1/Enilce_Barbosa_Martins.pdf>. . Acesso em 23 de fevereiro de 2022, p. 56.

¹⁹⁸ SANTOS, *Op. cit.*, p. 10.

Os dirigentes queriam que o jovem adventista fosse temente a Deus, prestasse amor à pátria e preservasse a família tradicional. Esse tripé agradava às autoridades civis e militares que estavam no poder. Ter a mocidade moldada à obediência era essencial no país que estava sob o governo autoritário. Nesse sentido, havia uma coalizão de interesses entre as referidas autoridades e os centros de educação adventistas que, por sua vez, buscavam mostrar reverência, apoio e prestígio ao patriotismo, civismo e às comemorativas nacionais. Como se pode apreciar, na imagem abaixo, contida na capa da *Revista Adventista* de dezembro de 1972:

Figura 3 - Coral Carlos Gomes em comemoração ao sesquicentenário da Independência, em frente ao monumento do Ipiranga



Fonte: [capa]*Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 68, n.º 12, dezembro de 1972, p. 1.

A imagem mostra as comemorações do 7 de setembro em que foi exibido patriotismo diante da presença dos comandantes nacionais. Possivelmente, eles estavam como espectadores de frente para o coral. A Igreja buscava ocupar espaços nos diversos encontros sociais com os políticos, líderes militares, civis. O objetivo era se fazer visível, para que fosse construído estampa positiva diante dos dirigentes da nação e sociedade. O projeto religioso ganhava corpo e robustecimento para executar/concluir a disseminação pelos rincões do país.

Nesse sentido, encontra-se, na Revista, discursos em que os Adventistas do Sétimo Dia deveriam ser os “melhores” cidadãos do Brasil¹⁹⁹.

Nesses discursos, percebe-se ensinamentos de respeito, apreço e obediência aos governos e às leis estabelecidas. Eram exortados a sentimentos de defesa da ordem social, dos “bons costumes” e do desenvolvimento nacional. Esses procedimentos de como deveriam agir, visava atingir a mente e o coração das pessoas a levarem-nas à conversão ao adventismo e aos valores patrióticos, cívicos e nacionais²⁰⁰.

Na referida fotografia, em tons coloridos, encontravam-se jovens da Igreja Adventista, cantores do Coral Carlos Gomes, celebrando a Independência do Brasil em 1972. A imagem é do dia 6 de setembro, em que estavam diante do monumento do Ipiranga, na cidade de São Paulo. Os fiéis usavam trajes vermelhos – com uma parte branca para destacar a reprodução da data comemorativa, formando o número cento e cinquenta. As cores, as vestes, a coreografia e a música, tratavam de transmitir elegância, ordem, respeito, eficiência melódica e visual que agradasse.

Nesse evento, os membros trataram de impressionar os líderes espectadores. A solenidade contou com a presença do presidente da República do Brasil, General Emílio Garrastazu Médici e do vice-presidente, Augusto Rademaker, do governador de São Paulo, Laudo Natel, do Primeiro-ministro de Portugal e outras personalidades do mundo político e social. Os dirigentes adventistas se faziam notórios em mostrar serem patriotas. No entanto, o país consistia como alvo de uma ditadura civil-militar que controlava os atos políticos, econômicos e sociais. Nesse ínterim, estavam os gestores da IASD, próximos das autoridades civis e militares – em claro sinal de colaboração, alinhamento, acomodação e interesses próximos, compartilhados em/ou comum.

A Revista apresenta diversas publicações em que a mocidade foi postulada como força da Igreja. Diante de tais aspectos, os jovens eram importantes sustentáculos do evangelismo. A educação, portanto, achava-se de suma importância. Por isso, os dirigentes da IASD desejavam que os estudantes fossem instruídos na doutrina cristã. Para essa tarefa, os editores publicaram artigos direcionados às mães adventistas acerca do/da obrigação/dever como educadoras no/do lar.

¹⁹⁹ VALLE, Arthur de Souza. A Igreja e as relações humanas. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 67, n.º 5, maio de 1972, p. 10.

²⁰⁰ VALLE, Arthur de Souza. Liberdade para comunicar. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 73, n.º 10, outubro de 1978, p. 45.

3.3 Tal mãe, tal filho!

No lar temos dois evangelistas, o pai e a mãe. Considerando que as responsabilidades do pai, o obrigam a ficar muitas horas fora do lar, dirigimo-nos em particular a mãe, a evangelista por excelência. O que a evangelista Mãe pode realizar no mais importante, no mais íntimo, no mais caro campo pró-evangelismo? De ninguém é solicitado tanto como dos pais em sua tarefa evangelizadora.²⁰¹

O artigo “Evangelismo”, publicado em junho de 1972, de José Bessa, Secretário da Associação Ministerial da União Sul-Brasileira (USB), enfatizou a relevância dos pais no lar para o cuidado com a instrução dos filhos. Entretanto, a responsabilidade em educar recaía, em maior medida, sobre as mães pela situação de “estarem mais tempo” em casa. A justificativa foi “sustentada” na ideia de que os homens “passavam mais intervalos trabalhando fora”, enquanto as genitoras “ficavam mais na residência”, e deveriam ser as mais responsáveis quanto ao ensino domiciliar. Frisava-se a maior incumbência sobre elas alegando a concepção de que eram “a evangelista por excelência”²⁰².

Na *Revista Adventista* foram publicados inúmeros apelos, comunicados e informações, que delegavam responsabilidade da progenitora em levar/manter os filhos à fé adventista. Por este objetivo, os editores, em grande medida, miravam às mulheres como contribuição fundamental à disseminação da filosofia cristã à prole. O projeto de formação, pensado pela Igreja nos lares, não excluía a escola, pelo contrário, o regime deveria ser feito em processo de colaboração, em que o ensino e instrução precisavam começar em casa e achar-se reforçado pelos professores nos institutos da IASD, afinal, o educandário “não é apenas um agente de evangelização, mas é a matriz geradora dos Evangelistas!”²⁰³. Portanto, não cabe aqui comparar a educação adventista com a atual discussão de *homeschooling*²⁰⁴.

²⁰¹ BESSA, José. Evangelismo. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 67, n° 6, junho de 1972, p. 20.

²⁰² Igreja Adventista do Sétimo Dia. *Como é organizada a Igreja?* Disponível em <<https://www.adventistas.org/pt/institucional/organizacao/como-e-organizada-a-igreja/>>. Acesso em 22 de fevereiro de 2022 às 10h26.

²⁰³ AZEVEDO, Roberto César de. 1978 - Ano mundial da educação: o mais nobre trabalho missionário. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 73, n.º 2, fevereiro de 1978, p. 13.

²⁰⁴ ANDRADE, Édson Prado de. A educação familiar desescolarizada como um direito da criança e do adolescente: relevância, limites e possibilidades na ampliação do direito à educação. Tese (Doutorado em Educação). Universidade de São Paulo – USP. Faculdade de Educação, São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-10112014111617/publico/EDISON_PRADO_DE_ANDRADE_rev.pdf>. Acesso em 25 de setembro de 2022 às 11h56.

O lar era preocupação dos líderes da IASD para os filhos adventistas serem mantidos alimentados com a doutrina, bem como permanecessem fiéis aos preceitos da Igreja. A família figurou como núcleo de sustentação desse objetivo. A respeito, no artigo “Um altar em cada lar”, o secretário da Divisão Sul-Americana (DSA), Enoch de Oliveira, destacou que o altar da família concernia em regime de forte cooperação, em que havia dado resultados satisfatórios, não devendo ser subestimado em importância e necessidade²⁰⁵.

O ambiente doméstico, como setor de direcionamento às definições desejadas, era/é considerado de “extraordinária e poderosa influência” fazendo com que diversas crianças e jovens tenham sido levados a dedicar-se aos serviços da Igreja. Para o autor, o trabalho realizado no interior das casas os modelou a terem zelo, compromisso e ânimo pela obra evangelística. O evangelismo nos lares deveria ser tratado como façanha de importante necessidade, tendo em vista que moldava o formato dos futuros missionários almejados.

Ellen White (2004), por sua vez, reforçou a relevância das mulheres na obra evangelística em casa, afirmando que a educação que não tivesse os valores religiosos imbuídos em essência era deficiente. Portanto, sem utilidade, tendo em vista que não haveria proveito no uso. Para ela, os educadores cristãos precisavam resguardar os princípios da fé adventista, conservando à moral bíblica²⁰⁶. A partir desse olhar, fundados nos preceitos do cristianismo, certificou que a instrução fornecida sem estar vinculada às Escrituras seria pobre, defasada e sem notoriedade agregada. Em torno desse propósito, as esposas necessitavam ser zelosas, responsáveis e obedientes. Os dirigentes da Igreja deveriam instruí-las a se tornarem “boas senhoras”, respeitosas e subservientes aos maridos – exemplos na sociedade de comportamento, da moral e dos “bons costumes”, em constante bom testemunho para evangelização.

Os livros de Ellen White instruem os fiéis à obediência e à fé nos preceitos da Igreja – tornando-os cientes da doutrina e agregando conhecimento religioso sobre os temas diversos, que pudessem contribuir com contingente de membros “bem alimentados” para a IASD. Ela admoestava que toda família deveria estar empenhada na obra missionária da conversão e da educação, como ferramenta capaz de inspirar à causa evangelística. Daí se faz a necessidade

²⁰⁵ OLIVEIRA, Enoch de. Um altar em cada lar. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 67, n.º 4, abril de 1972, p. 12.

²⁰⁶ WHITE, Ellen Gould. *Conselhos aos pais, professores e estudantes*. Foi disponibilizado pelo Estado de Ellen White. 2007. *Livro eletrônico*. Disponível em: <[http://www.centrowhite.org.br/files/ebooks/egw/Conselhos aos Professores, Pais e Estudantes.pdf](http://www.centrowhite.org.br/files/ebooks/egw/Conselhos_ aos_Professores,_Pais_e_Estudantes.pdf)>. Acesso em 27 de março de 2023 às 12h24.

das diversas exortações para o ensino doméstico ser feito, para que outros se tornassem parte do “rebanho”.²⁰⁷

As famílias adventistas precisavam ser espécie de farol, deveriam ser o modelo de como demandavam ser os homens e mulheres, dentro e fora de casa. A sociedade era alvo da propagação da fé adventista, pela aparência positiva que exigiam transmitir. Exemplos de protótipos da moral e ética. Nelas, as mães foram incumbidas de serem arquitetas do lar. Esse enquadramento da esposa no recinto privado a tornava obrigada por construir, educar e lapidar o ambiente interno. A “mulher tem exercido a responsabilidade, muitas vezes sozinha, de dedicar-se aos cuidados do lar, dos filhos, do marido e demais familiares, enquanto o homem é incumbido do sustento econômico do lar e da ordem familiar.”²⁰⁸ pesando-lhes as atribuições, quase que exclusivo – um duro, injusto e penoso legado imposto social, cultural e historicamente.

As tarefas que envolvem maior força física seriam atribuídas ao masculino, enquanto aquelas que implicam menor vigor destinam-se-iam ao feminino. Para o senso-comum, e dentro da cultura machista estabelecida, a mulher figura como o sexo frágil, talhada a ser reprodutora sob os cuidados do homem. Devido à pressão social “há mulheres, por exemplo, que optam por realizar as atividades domésticas e os cuidados com a família em detrimento da sua vida profissional, o que acaba ainda sendo visto como seu dever e direito.”²⁰⁹ A companheira nasceria para ocupar o posto de dona de casa, quase que papel já definido antes mesmo da gênese, não lhe cabendo outra escolha, apenas aceitar a imposição que lhe foi prescrita.²¹⁰

Gradualmente, a partir da Revolução Industrial Inglesa durante o século XVIII, várias mulheres foram exploradas pelo mercado capitalista. Nas fábricas em que elas se achavam abusadas estavam crianças, que, igualmente, eram utilizadas para as tarefas fabris. O sexo

²⁰⁷ WHITE, Ellen G. *O Lar Adventista*. Disponibilizado como um serviço do Estado de Ellen G. White. *eBook*. coleção de livros online, 2004. Disponível em <http://centrowhite.org.br/files/ebooks/egw/O_Lar_Adventista.pdf>. Acesso em 22 de fevereiro de 2022 às 13h51.

²⁰⁸ BIRDATE, Marcos Vinícius Dalagostini; PINTO, Camila dos Santos; FLECK, Carolina Freddo. *Trabalho Doméstico Não Remunerado: A Questão do (não) Reconhecimento Individual, Familiar e Social*. Conference: Anais.IX Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão (SIEPE) At: Santana do Livramento-RS, Brasil, janeiro de 2017. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/348817438_Trabalho_Domestico_Nao_Remunerado_A_Questao_do_nao_Reconhecimento_Individual_Familiar_e_Social>. Acesso em 20 de junho de 2022, p. 1.

²⁰⁹ FLECK, Carolina Freddo; BIDARTE, Marcos Vinicius Dalagostini; MELLO, Elena Maria Billig. *Para o Lar: as mulheres que deixaram o mercado de trabalho para se dedicarem à casa e à família*. GÊNERO|Niterói|v.19|n.1| p.006-024 |2. sem.2018. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/31289/0>>. Acesso em 26 de julho de 2022 às 19h35.

²¹⁰ BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo. II. A experiência vivida*. 2.ª ed. trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão europeia do livro, 1967.

feminino recebia, e em muitos casos ainda recebem, salários menores do que os homens, e conseqüentemente, as crianças tinham saldo ainda mais baixo, embora não trabalhassem menos horas. Os empregados viviam sob extensas horas exaustivas em serviços que os desgastavam mental e fisicamente²¹¹.

Durante a Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945), muitas mulheres tiveram que tomar a frente dos postos de trabalhos, já que os homens estavam nos campos de batalha. A partir de então, cresceram os debates sobre o lugar delas na sociedade, suscitando o aumento de espaços reivindicados no corpo social.²¹² No Brasil, durante os anos 1970, com o avanço das alterações sociais, econômicas e religiosas, ocorreu mais acesso das mulheres à educação, às universidades e ao mercado de trabalho. Nesse contexto, movimentos de oposição, experiências e intensos debates estimularam “transformações educacionais e culturais, novos métodos contraceptivos favoreceram mudanças demográficas e, conseqüentemente, reduziram o tamanho das famílias.”²¹³ Esses processos deram abertura e ampliaram as querelas, pelo espaço feminino nas atividades sociais, econômicas, educacionais, para que fossem pautadas com maior sensibilidade.

Essas permutas contribuíram para que as mulheres se tornassem mais presentes nos campos de contestação, mais livres para decidirem se desejavam ser do lar ou seguir uma carreira profissional. Para elas, tratava-se de ter voz e que a luta não se resumia a ser, simplesmente, donas de casa, mas da própria vida²¹⁴.

No início da década de 1970, os brasileiros viviam os anos do “milagre econômico” em que o país experimentava a inserção de grandes obras públicas, altos investimentos nacionais e uma série de difusões ufanistas direcionadas à população, propagando que “entre 1969 e 1973, Brasil cresceu a uma taxa média de 11% ao ano, chegando a quase 14% em 1973.”²¹⁵ Os números, as obras, o *marketing* e os discursos nacionalistas causavam impressão,

²¹¹ HOBBSBAWN, Eric. J. *Da revolução industrial inglesa ao imperialismo*. 5.^a edição. trad. Donaldson Magalhães Garschagen. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2000.

²¹² SANTOS, Luciana da Silva.; DINIZ, Glauca Ribeiro Starling. *Donas de casa: classes diferentes, experiências desiguais*. Psicologia Clínica, Rio de Janeiro, n. 23, v. 2, p. 137-149, 2011. Disponível em: <<https://repositorio.unb.br/browse?type=author&value=Santos%2C+Luciana+da+Silva>>. Acesso em 26 de julho de 2022 às 17h52.

²¹³ FLECK, Carolina Freddo; BIDARTE, Marcos Vinicius Dalagostini; MELLO, Elena Maria Billig. *Para o Lar: as mulheres que deixaram o mercado de trabalho para se dedicarem à casa e à família*. GÊNERO|Niterói|v.19|n.1| p.006-024 |2. sem.2018. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/31289/0>>. Acesso em 26 de julho de 2022 às 19h35.

²¹⁴ SANTOS, Luciana da Silva. *Donas de casa, donas da própria vida?* Tese (Doutorado em Psicologia Clínica e Cultural). Brasília: Universidade de Brasília, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.unb.br/handle/10482/18355>>. Acesso em 26 de julho de 2022 às 18h10.

²¹⁵ NAPOLITANO, Marcos. *1964: História do Regime Militar Brasileiro*. 1. ed., 1^o impressão. – São Paulo: Contexto, 2014.

euforia e exaltação, a crença de que a nação estava sendo movida por uma locomotiva rumo ao progresso. Nesse período, em regra, às mulheres sustentavam o peso da responsabilidade pelas atividades domésticas, limitadas pelo modelo tradicional de família.²¹⁶

Ainda hoje, inúmeras mulheres acabam por abandonar a carreira, profissão ou o trabalho para poderem se dedicar à casa, aos filhos e ao marido²¹⁷. A responsabilidade delegada, conforme abordado, a elas, é reforçada por ideias religiosas amparadas na fé e em interpretações restritas da Bíblia. Este tipo de pensamento e postura foram temas frequentes dos artigos publicados na *Revista Adventista*, no recorte temporal dessa pesquisa. Embora, com diversos progressos conquistados, o lugar da companheira, como do lar, permanece vivo no senso-comum, sendo, como dito por nós, uma “função quase que já predeterminada antes do nascimento”.

Vale ressaltar que quanto maior a prole, o rol de horas dedicadas aos labores domésticos aumenta, tendo em vista que mais filhos, mais extensas e intensas serão às demandas de atenção nos cuidados prestados. As responsabilidades econômicas, educacionais, religiosas e sociais também crescem, com o avançar da idade dos rebentos conforme a posição ocupada no grupo familiar. Esse processo, porém, sofre declínio conforme o nível de instrução educativa obtida e o robustecimento do financeiro.²¹⁸ O nível de escolaridade, portanto, torna-se fator preponderante que influi nas decisões e posicionamentos, dando margem à autonomia dos sujeitos em sociedade, que baliza e/ou que visa definir os papéis dos gêneros.

A respeito dessa discussão, no texto publicado em abril de 1973, intitulado “Nossas normas devem ser acatadas”, Orlando G. de Pinho foi enfático ao afirmar que a subordinação dos fiéis aos ditames da Igreja era fator sem qualquer tipo de negociação. Para ele, às mulheres tinham que seguir sem contestação alguma, mantendo-se praticantes da doutrina, em quaisquer níveis e ambientes que adentrassem. Todos estavam sob as mesmas diretrizes e

²¹⁶ BRUSCHINI, Cristina, *et al.* *Trabalho, renda e políticas sociais: avanços e desafios*, 2011, p. 4. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/286239085_TRABALHO_RENDA_E_POLITICAS_SOCIAIS_AVANCOS_E_DESAFIOS/citation/download>. Acesso em 26 de julho de 2022 às 18h30.

²¹⁷ SANTOS, Luciana da Silva.; DINIZ, Gláucia Ribeiro Starling. *Donas de casa: classes diferentes, experiências desiguais*. Psicologia Clínica, Rio de Janeiro, n. 23, v. 2, p. 137-149, 2011. Disponível em: <<https://repositorio.unb.br/browse?type=author&value=Santos%2C+Luciana+da+Silva>>. Acesso em 26 de julho de 2022 às 17h52.

²¹⁸ FLECK, Carolina Freddo; BIDARTE, Marcos Vinicius Dalagostini; MELLO, Elena Maria Billig. *Para o Lar: as mulheres que deixaram o mercado de trabalho para se dedicarem à casa e à família*, p. 6. GÊNERO|Niterói|v.19|n.1| p.006-024 |2. sem.2018. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/31289/0>>. Acesso em 26 de julho de 2022 às 19h35.

deveriam obedecê-las²¹⁹. Preceituou que os membros adventistas precisavam se submeter aos princípios e crenças da IASD. Nenhuma ocupação, por mais importante e/ou prestigiada que fosse à sociedade, poderia ser superior aos regulamentos da fé adventista. Explanou que todos careciam se sujeitar e acatar às normas e regras religiosas da Instituição. As exortações à obediência figuraram como marca de inúmeros artigos veiculados na *Revista Adventista*.

Para a Igreja Adventista, às mulheres não terem descendentes era impensável, inaceitável, já que a falta da prole, que servisse para a execução da missão evangelística, poderia causar defasagens de fiéis nos campos missionários, além de ir contra o princípio bíblico de crescer e multiplicar-se²²⁰. No artigo de Maria Rabello, publicado na revista de junho de 1974, intitulado “A educação dos filhos do ponto de vista da psicologia educacional”, foi destacada a figura da mãe na tarefa de cristianizar o lar. Enfatizaram-se as impressões que deveriam ser deixadas para toda a vida na mente da prole.²²¹

Para os adventistas “a divina missão confiada à Igreja é de caráter mundial, é tarefa abarcante. Evangelismo, evangelista, evangelização, evangelizar, são termos todos íntimos da Igreja, onde se definem os instrumentos e os modos de (...) cumprimento a sagrada comissão”²²². As mulheres eram exortadas a manterem-se na posição de cuidadoras e instrutoras no ambiente doméstico. Buscava-se incentivá-las a serem mães, negando profissão e/ou a busca por incremento financeiro fora de casa, já que isso atrapalharia à obra como educadoras no lar.

Nesse sentido, em artigo publicado na revista de janeiro de 1976, intitulado “Lar - símbolo do céu”, o ambiente doméstico foi figurado como unidade representativa de um “pequeno céu”. O campo primário missionário que deveria receber o trabalho de evangelização era o lar²²³. A mãe precisava ser sentinela em busca de manter a constituição familiar. Os textos publicados a respeito tratavam de caracterizar um “inimigo” feroz, cruel, implacável, destruidor, com métodos para dividir, brutalizar e gerar intensas batalhas no seio doméstico. Nesta tarefa, a matriarca teria a responsabilidade de gerir à casa conforme os ideais da doutrina, destacando-se como a “evangelizadora por excelência”, a cuidadora,

²¹⁹ PINHO, Orlando G. de. Nosso tempo e nossa doutrina — X: nossas normas devem ser acatadas. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 68, n.º 4, abril de 1973, p. 10.

²²⁰ BÍBLIA. *A criação dos céus e da terra e de tudo que neles há*. Trad. João Ferreira de Almeida. 2.ª edição. Barueri, São Paulo: Sociedade bíblica do Brasil, 1998. Velho e Novo Testamento, p. 3.

²²¹ RABELLO, Maria C. P. A educação dos filhos do ponto de vista da psicologia educacional. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 69, n.º 8, agosto de 1974, p. 8.

²²² BESSA, José. Evangelismo. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 67, n.º 6, junho de 1972, p.

20

²²³ IASD. Lar — símbolo do céu [editorial]. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 71, n.º 1, janeiro de 1976, p. 7.

educadora e incumbida das bases morais, educacionais, religiosas e éticas do ambiente interno²²⁴.

O lugar de “mãe” não deveria ser deixado, negado e/ou rejeitado em hipótese alguma, tendo em vista que o “inimigo” estaria, constantemente, à espreita de brechas para praticar a função de destruir o casamento e filhos. Desse modo, trata-se de sobressair o peso da construção da moral e da religião das crianças às matriarcas. Condenou-se que muitas mulheres estariam deixando a posição de educadores no lar, para exercer profissão remuneratória. Frisava-se que o dever das genitoras era escrever, esculpir e imprimir na mente e no coração da prole os ditames da Bíblia.²²⁵

É perceptível, portanto, que a função delegada às mulheres adventistas como mães, estaria no cuidado da prole em direcioná-los a serem fiéis, exercendo o papel de comporem o quadro de futuros missionários. Elas, pela doutrina adventista, deveriam permanecer exercendo a função de cuidadoras e educadoras do lar²²⁶. O propósito concernia em deixar claro que a importância da instrução dos filhos estava acima de qualquer fator – o trabalho das matriarcas era cultivar a doutrina. A elas cabiam abrir caminho para os professores reforçarem à fé dos estudantes nos colégios adventistas.

3.4 Cada professor, um evangelista!

Os encontros de professores adventistas em Lima, São Paulo e Puiggari²²⁷, têm como objetivo converter nossos professores em evangelistas da juventude e também dos familiares dos alunos não adventistas de nossas escolas. No Peru foi estabelecido um alvo de 902 batismos para este ano e espero que possamos unir-nos de todo o coração na penetração do continente sul-americano com o evangelho de Cristo²²⁸.

²²⁴ PINHO, Orlando G. de. Nosso tempo e nossa doutrina. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 67, n.º 3, março de 1972, p. 20.

VYHMEISTER, Werner. Curso sobre o lar adventista. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 68, n.º 6, junho de 1973, p. 14.

GORSKI, Rodolpho. O maior desafio do ano da juventude. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 68, n.º 9, setembro de 1973, p. 11.

MACEDO, Aparecida H. T. Educação cristã: por quê? I. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 73, n.º 8, agosto de 1978, p. 43.

²²⁵ WHITE, Ellen Gould. *O lar adventista*. Serviço do Estado de Ellen G. White. 2004. Livro eletrônico. Disponível em: <http://centrowhite.org.br/files/ebooks/egw/O_Lar_Adventista>. Acesso em 25 de setembro de 2022 às 13h37.

²²⁶ LESSA, Rubens. Às mães. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 72, n.º 5, maio de 1977, p. 2.

²²⁷ Cidade na Argentina.

²²⁸ TAYLOR, Carlos. [Redação]. Entrevista: Cada professor um evangelista. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 73, n.º 4, abril de 1978, p. 5.

A epígrafe acima está contida na entrevista realizada pela IASD [Redação] com o pastor Carlos Taylor, publicada em abril de 1978. O diálogo versou sobre os caminhos, desejos e estratégias para a obra educacional no Brasil. O trecho em questão foi a resposta do religioso acerca da pergunta: “há planos para o melhoramento da obra educacional?”

O título do presente tópico leva o nome do artigo citado, por versar do que se pensavam para os professores ser/executar à/na obra missionária. Tendo em vista que eles deveriam se constituir evangelizadores dentro e fora de sala. O pastor frisou que o objetivo era fazer com que os docentes se tornassem responsáveis e conscientes de que tinham como encargo, além de serem educadores, precisavam ser missionários à/da causa adventista. A juventude e às famílias careciam estar na mira do trabalho pedagógico. Para isso, pensava-se em tratar de atingir o continente sul-americano com a mensagem adventista, e nesse fim, os pedagogos da IASD representavam ferramenta necessária à concretização desse objetivo de/da/do evangelização, educacional e político.

Nessa perspectiva, o crescimento dos estabelecimentos de ensino da Rede de Educação Adventista “esteve intimamente relacionado ao propósito de servirem como suporte ao avanço do adventismo”²²⁹, sua expansão e consolidação. Em torno dessa estratégia, o lar, a escola e a Igreja formaram o tripé da doutrina. O ambiente doméstico, como abordado, estava sob a responsabilidade dos genitores, sendo o mais importante, tendo em vista que era a base formadora para que os demais agentes pudessem concluir à obra educadora dos estudantes. Em casa, competia aos pais realizarem essa tarefa, enquanto aos professores adventistas caberia a missão de continuar à pedagogia adventista iniciada no seio familiar, sendo a continuação do processo²³⁰.

A educação adventista era divulgada como meio de salvação das crianças e jovens, já que estariam longe da “corrupção” do mundo, sob o olhar “protetor” dos educadores na escola²³¹. Ressalta-se que “a origem da educação adventista vem do pensamento religioso adventista e, de sua orientação teológica, advém do protestantismo norte-americano do século

²²⁹ CARVALHO, Francisco de; CARVALHO, Dayse de. *A história da educação adventista no Brasil*. 2012, p. 3. Disponível em < <http://revistas.unasp.edu.br/actacientifica/article/view/377/0> >. Acesso em 21 de fevereiro de 2022 às 09h37.

²³⁰ PAVOSKI, Floriano. *Escola adventista - molda e prepara*. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 72, n.º 12, dezembro de 1977, p. 27.

²³¹ WHITE, Ellen Gould. *Conselhos aos professores, pais e estudantes*, 2007 Estado de Ellen G. White. *Livro eletrônico*. Disponível em: < <http://www.centrowhite.org.br/files/ebooks/egw/Conselhos aos Professores, Pais e Estudantes.pdf> >. Acesso em 27 de março de 2023 às 12h29.

XIX e, possui influências de grupos como os anabatistas, restauracionistas e millerianos”²³² os quais contribuíram para a formação da mescla de crenças que ajudou a constituir às doutrinas postas como bases para a existência da denominação.

Os dirigentes da IASD desejavam que os institutos de educação fossem centros de formação para conceber missionários, presentes e futuros, nutridos com os pensamentos e ideais adventistas²³³. Os frutos contribuiriam para a expansão da doutrina pelo país. Pensava-se neles como evangelistas que poderiam trazer para a Igreja pessoas para serem convertidas à fé. Os professores precisavam ser fiéis à ideologia cristã, já que para a denominação, estar imbuídos das normas era importante no processo de pedagogização dos estudantes. Para Ellen White (2007), os docentes tinham árdua tarefa a ser realizada. A responsabilidade achava-se em fazer com que os alunos recebessem reforços acerca da crença no advento. Deveriam modelar o caráter e a mente dos discentes que estivessem sob as responsabilidades.

Exigia-se que fossem uma espécie de oleiros, com a tarefa de plasmar a mente e o caráter dos estudantes. Era, igualmente, necessário que os educadores fossem hábeis no modo como os conduziram nos espaços escolares – dentro e fora de sala. Conhecer as fragilidades, os anseios, entender a personalidade dos discentes era um fator preponderante na condução ágil em lidar com os problemas que a infância/adolescência/juventude deles poderia trazer. No ambiente educacional, os docentes deveriam se portar como “amigos” dos educandos, já que se fazia crucial ter boa comunicação com eles – os laços afetivos figuravam-se de suma importância, pois as ligações de confiança, do processo do ensino-aprendizado se efetuavam de forma célere. Ganhar a confiança consumava-se primordial na “adequada” relação professor/aluno.

A liderança adventista desejava que os profissionais que atuavam como professores nos colégios instituídos, fossem versáteis. Deveriam ser doutos não somente na Bíblia, conhecimentos doutrinários e seculares, mas também, tivessem habilidades de sedução, no sentido de compreender os vários estágios comportamentais dos discentes. Isso para induzi-los da melhor maneira possível à obediência, às normas vigentes dos educandários e Igreja. A interação e os laços de confiança que deveriam ser tecidos e estabelecidos entre o aluno e a instituição, na figura do docente, eram imprescindíveis na pedagogização dos discentes.

²³² MUNHOZ, Juliana Neri. *A Educação Adventista por Ellen White*. RELEGENS THRÉSKEIA estudos e pesquisa em religião V. 02 – n. 01, p. 1-9, maio. /julho. 2013, p. 1. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5380/rt.v2i1.32680>>. Acesso em: 21 novembro. 2021.

²³³ AZEVEDO, Roberto César de. Educação na Unisul: as escolas prepararam obreiros. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 73, n.º 12, dezembro de 1978, p. 26.

Portanto, hábeis não somente nos conhecimentos bíblicos, mas possuidores de arcabouço literário acerca do saber científico, tendo em vista que precisavam ser sanadores de dúvidas que, porventura, viesse incutir-se na mente do aluno, fazendo com que as respostas fossem dadas com direção à fé bíblica²³⁴. As orientações se voltavam, constantemente, a que os educadores não perdessem de vista que o propósito de imbuir os preceitos, às normas, à ética e à moral adventista deveriam fazer parte integral do ensino para que não se tornasse vazio²³⁵.

A preferência das direções escolares da IASD era a de que os professores fossem cristãos da denominação, já que exerceriam influência direta sobre os estudantes. No entanto, como os espaços de ensino não abrigavam somente docentes adventistas, certamente, havia conflitos, os quais eram resolvidos internamente, sem que chegassem ao conhecimento dos leitores do periódico, – demissão, advertência, afastamento –, pois os colégios sofriam pressão dos pais para que mantivessem a prole imbuída na doutrina. A Revista não apresentou nenhuma divergência, litígios, intriga ou qualquer coisa nesse aspecto, pois não era do interesse editorial publicar altercações. O intuito estava em enriquecer e fortalecer a “boa imagem” dos centros de educação como locais propícios aos educandos, apresentando o ambiente educacional com ótimos educadores.

A preferência da IASD era a de que todos os docentes fossem fiéis à doutrina. Embora não seja possível encontrar conflitos explícitos a respeito do desgosto em ter professores não cristãos, lecionando nos espaços educacionais da denominação, pode-se deparar com artigos em que há críticas acerca dos educadores não religiosos. Em que tratavam de desaprovar os colégios seculares. O ambiente pedagógico adventista buscava/almejava manter o núcleo professoral, inteiramente adventista, porém, às demandas, às exigências modernizadoras, o mercado, a adaptação às condições do tempo presente forçavam a que os estabelecimentos de ensino abrissem acesso para educadores não adeptos à filosofia da Igreja.

Isso, certamente, poderia gerar desconfortos, mas mesmo entre os docentes de viés adventista, não se pode deixar de destacar que possa ter havido algum tipo de conflito, já que os sujeitos pensam variadamente, agem de forma diferente e anuem de modo dispare acerca de um mesmo assunto. Assim, “[...] no desenvolvimento das formações profissionais na

²³⁴ WHITE, Ellen Gould. *Conselhos aos professores, pais e estudantes*, 2007, p. 48. Estado de Ellen G. White. Livro eletrônico. Disponível em: <http://www.centrowhite.org.br/files/ebooks/egw/Conselhos_aos_Professores,_Pais_e_Estudantes.pdf>. Acesso em 27 de março de 2023 às 12h31.

²³⁵ WHITE, Ellen Gould. *Orientação da criança: como ensinar seu filho no caminho em que deve andar*. trad. Carlos A. Trezza. Tatuí, São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 2014.

instituição escolar, também implica conflitos, confrontos e debates relacionados à manutenção dos valores e das finalidades antecedentes.”²³⁶

A escola é um lugar/espço cultural, social, político em que os vários sujeitos mantêm relações e interação de inúmeras maneiras. Cada indivíduo age sobre determinado fator segundo os valores morais e éticos construídos ao longo da vida. Havia preocupação dos dirigentes da IASD acerca de quais docentes deveriam ser contratados, já que eles não eram vistos apenas como meros educadores, mas como construtores divinos, oleiros espirituais, lapidadores das futuras lideranças da denominação – pastores, professores, missionários, diáconos, secretários etc. – ocupantes nas direções administrativas da Igreja.

Mesmo os professores cristãos, de distintas denominações de cunho protestantes, não eram bem-vistos e/ou aceitos, plenamente. A IASD acreditava/acredita que, sendo detentora das “verdades” divinas, diversos segmentos religiosos, incluindo evangélicos, não passavam de formas defasadas e/ou prostituídas doutrinariamente. Dessa forma, era requerido dos docentes a inteira entrega à fé adventista. Para autopromover os educandários, os diretores enviavam artigos, imagens, lembretes, avisos à Revista, buscando exaltar às características do ambiente de ensino, tratando de menosprezar e/ou criticar os espaços pedagógicos isentos da crença no adventismo.

No artigo “Estão nossos filhos recebendo a verdadeira educação?” publicado na revista de junho de 1972, João M. Rabello destacava que todos os professores possuíam vastas ideologias religiosas, exercendo influências diferentes²³⁷. Buscava-se destacar que o estudante seria persuadido pela conduta do docente. O intuito era rebaixar a imagem das escolas não adventistas, já que não seriam detentoras da “verdadeira educação” para satisfazer às necessidades dos filhos dos fiéis da Igreja.

O propósito achava-se em convencer de que, por mais que houvesse colégios seculares com docentes possuidores de formação espiritual, ainda assim, não seria suficiente, tendo em vista que ocorreria “penumbra” por parte de ideologias indesejadas. A defesa era a de que os estudantes fossem instruídos, exclusivamente, por educadores que professavam à fé adventista. Para solidificar o pensamento, o referido autor do artigo, João M. Rabello, relatou a estória de um catedrático que transmitiu ensinamentos não condizentes com o criacionismo. O intento figurava chegar ao convencimento de que a educação “libertadora” só ocorreria por

²³⁶ JULIA, Dominique. *A cultura escolar como objeto histórico*. Revista Brasileira de História da Educação, Campinas, n. 1, p. 9-43, 2001, p. 16. Disponível em: <<https://repositorio.unifesp.br/handle/11600/39195>>. Acesso em 31 de dezembro de 2022 às 19h04.

²³⁷ RABELLO, João M. Estão nossos filhos recebendo a verdadeira educação? In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 67, n.º 6, junho de 1972, p. 14-15.

meio de “professores bem formados” para que não levassem os alunos “ao erro”. Ele demonstrou preocupações com os ideais transmitidos aos filhos dos membros da Igreja. Enfocou que as “escolas comuns” por não terem o modelo e crenças da IASD estavam impróprias para o ensino e permanência dos discentes.

Para os dirigentes do sistema educacional adventista, os docentes deveriam ser homens e mulheres que tivessem à fé cristã como regra de vida. Esses educadores eram vitais para a formação de líderes, missionários e conversões. A IASD entendia a função do professor como de imprescindível necessidade ao evangelismo. A ideologia pedagógica objetivava explicar que os preceptores faziam trabalho de impacto, tendo tarefa “divina” ao cuidar da instituição educacional, da família, do aluno e da atividade evangelística, em que se asseverava a obtenção de galardões, recompensas espirituais, financeiras, saúde física e mental ao executarem à obra educativa²³⁸.

É importante frisar que a década de 1970 trouxe uma imensidão de novidades modernas que atingiram o imaginário dos estudantes adventistas – cinema, televisão, sistemas de telefonia, literatura, moda, novelas – dentre outros fatores que envolvem a cultura, gerando mudanças nos comportamentos sociais, políticos, econômicos. Os dirigentes da Igreja estavam cientes de que os tempos contemporâneos formavam novo público, exigindo que os docentes se tornassem ainda mais importantes no combate aos “males mundanos”. Embora, por diversas vezes, os editores tratassem os colégios como locais “seguros”, longe dos “pecados” urbanos, a escola não era um espaço estático, frio e inerte. No ambiente escolar, circulavam ideias, pensamentos que, certamente, não se achavam bem-vindos pela IASD.

Partilhamos das ideias de Dominique Julia (2001) quando afirma que “os professores dispõem de [...] liberdade de manobra: a escola não é o lugar da rotina e da coação e o professor não é o agente de uma didática que lhe seria imposta de fora.” Nos espaços internos educacionais girava a doutrina adventista, porém, mesmo com

[...] pressão – quer se trate de visitantes de uma congregação, ou de inspetores de diversas ordens de ensino –, ele [...] tem a possibilidade de questionar a natureza de seu ensino; sendo a liberdade [...] muito maior nas margens do sistema (nos internatos ou junto ao preceptorado que pode ser exercido depois da aula).²³⁹

²³⁸ ALOMIA, Merling. K. Quanto custa a educação cristã. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 69, n.º 5, de maio de 1974, p. 13.

²³⁹ JULIA, Dominique. *A cultura escolar como objeto histórico*. Revista Brasileira de História da Educação, Campinas, n. 1, p. 9-43, 2001, p. 25. Disponível em: <<https://repositorio.unifesp.br/handle/11600/39195>>. Acesso em 31 de dezembro de 2022 às 19h04.

As reformas do ensino básico impactaram como os colégios deveriam ofertar a educação no Brasil, forçando a Igreja a modernizar a distribuição da oferta educacional no país. A configuração da reestruturação do lecionamento durante o governo civil-militar, abrangeu a alteração da pedagogia, em que o Ensino Fundamental passou a oferecer o total de 8 anos. O Ensino Médio acabou por ser atingido por processo voltado a atender as demandas do mercado, já que foi reorganizado com vistas à formação profissionalizante.²⁴⁰

A reformulação do ensino afetou todos os centros de educação do país, públicos e privados. Eles tiveram que se adaptar ao novo regime implantado. Os militares trataram de controlar os conteúdos ministrados pelos professores. O discurso do Governo, para que reforçasse a vigilância sobre os colégios, era o de evitar possível golpe comunista. Essa narrativa, alimentada pela coalizão civil-militar, tonificava estarem resguardando a população de “grande mal”. As escolas, portanto, estavam na alça de mira da sentinela, controle e censura da Ideologia de Segurança Nacional²⁴¹.

Os professores e o sistema de educação cotidiano receberam os olhares ávidos das autoridades no poder com afínco. A vigilância sobre o setor se dava por meio da repressão e censura à formação de movimentos estudantis contrários ao governo. As disciplinas pensadas para a grade curricular tinham como propósito fazer com que fossem inseridos o disciplinamento, o reforço da moral e dos “bons costumes” à nova ordem impetrada no país.²⁴²

O controle aos estudantes, professores e ao ambiente escolar era, logo, também preocupação da coalização civil-militar à frente do governo – já que o ensino se constituía estratégico à infiltração das ideias da Ideologia de Segurança Nacional. Para concretizar esse desejo, foi necessário mexer no teor lecionado. Tratou-se, assim, de inserirem matérias como Estudos Sociais, Organização Social e Política Brasileira (OSPB), Educação Moral e Cívica (EMC). O currículo, portanto, contendo mudanças nas disciplinas, em especial, nas temáticas de humanidades, visava fazer com que os conteúdos levassem os estudantes à compreensão de que a nação se mantinha democrática e zelava pela ordem e o progresso.²⁴³ Assim, buscaram “marcar território” nas salas de aula. Para eles, achava-se importante impor autoridade, poder,

²⁴⁰ MARTINS, Maria do Carmo. *Reflexos reformistas: o ensino das humanidades na ditadura militar brasileira e as formas duvidosas de esquecer*. *Educar em Revista*, Curitiba, Brasil, n. 51, p. 37-50, jan./mar. 2014, p. 4. Editora UFPR. Disponível em < <https://www.scielo.br/j/er/a/7yMGWJjk4j7Fr3LLjdjWHDR/> >. Acesso em 20 de fevereiro de 2022 às 15h31.

²⁴¹ MIGUEL, Luis Felipe. *Segurança e desenvolvimento: peculiaridades da ideologia da segurança nacional no Brasil*. In: *Diálogos Latinoamericanos*, n. 5, 2002, p. 40-56. Disponível em < <https://www.redalyc.org/pdf/162/16200503.pdf> >. Acesso 24/09/2022.

²⁴² MARTINS, op. cit., p. 6.

²⁴³ *Id. Ibid.*, p. 8.

acato, civismo, patriotismo e o regime de alinhamento, colaboração e adestramento em relação à gestão imposta²⁴⁴.

As mudanças curriculares tinham o propósito de fazer com que esse desejo fosse formado da base ao topo da cadeia educacional. “Não se tratava somente de alfabetizar, buscava-se forjar uma nova consciência cívica por meio da criação de uma moderna cultura nacional e por meio da inculcação de saberes associados à noção de ‘prosperidade’”²⁴⁵. Os conteúdos ofertados não visavam à liberdade do raciocínio crítico. O objetivo maior achava-se em manter as ideias ufanistas, à moral, o civismo e patriotismo como fatores natos, condutores de um progresso, intensamente midiaticizado, o qual à população era levada a crer, apoiar e a se envolver – alimentando a encruzilhada do *slogan* “Brasil: ame-o ou deixei-o”.²⁴⁶

As alterações com a reforma do ensino trouxeram consigo a necessidade de que os colégios se adaptassem às novas regras, porém, sem o tempo hábil para que houvesse mão de obra qualificada. A demanda de professores para suprir a corrente realidade foi evidente, assim como a deterioração e precarização da atividade docente. A rapidez com que se tratou de angariar a formação dos educadores, junto aos baixos salários, dificultaram as condições de trabalho para os profissionais no Brasil. A educação no país, a partir das mudanças conferidas, sofreu sérias variações, já que o número de vagas nas escolas não conseguia abarcar grande parcela dos estudantes. Esse processo levou, inevitavelmente, à exclusão de diversos educandos.²⁴⁷

Por outro lado, o período denominado de “milagre econômico” acabou por reforçar a imagem positiva do governo, tendo em vista que “a dança, para o alto, dos números impressionava, e impressiona até hoje: 9,5%, em 1970; 11,3%, em 1971; 10,4%, em 1972; 11,4%, em 1973”²⁴⁸. Estes números fortaleceram os discursos ufanistas propagados pela ditadura. Isso trouxe, obviamente, o apoio de parte dos civis à ditadura, que maravilhados

²⁴⁴ MELO, Francisco Egberto. “*Vamos saudar o Brasil*”: civismo, autoritarismo e ensino de história. In: CRUZ, José Vieira da; SANTOS, Fábio Alves dos. *Aprendizagem histórica: espaços, suportes e experiências*. Recife: EDUPE, 2020, p. 180-209.

²⁴⁵ JULIA, Dominique. *A cultura escolar como objeto histórico*. Revista Brasileira de História da Educação, Campinas, n. 1, p. 9-43, 2001, p. 15. Disponível em: <<https://repositorio.unifesp.br/handle/11600/39195>>. Acesso em 31 de dezembro de 2022 às 19h04.

²⁴⁶ MARTINS, Maria do Carmo. *Reflexos reformistas: o ensino das humanidades na ditadura militar brasileira e as formas duvidosas de esquecer*. *Educar em Revista*, Curitiba, Brasil, n. 51, p. 37-50, jan./mar. 2014, p. 12. Editora UFPR. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/er/a/7yMGWJjk4j7Fr3LLjdjWHDR/>>. Acesso em 20 de fevereiro de 2022 às 15h31.

²⁴⁷ JUNIOR, Amarílio Ferreira; BITTAR, Marisa. A ditadura militar e a proletarização dos professores. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 27, n. 97, p. 1159-1179, set./dez. 2006, p. 8. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/es/a/68LFXzgCbjBWcy5m97dXTXC/>>. Acesso em 20 de fevereiro de 2022 às 16h59.

²⁴⁸ FILHO, Daniel Aarão Reis. *Ditadura e Democracia no Brasil: do golpe de 1964 à Constituição de 1988*. – 1.ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2014, p. 79.

com o progresso que lhes era narrado, permaneciam inertes a série de fatores ocorridos nos bastidores dos porões da caserna²⁴⁹.

Os números positivos, estarrecedores, robustecia a ditadura e os fortalecia. Aliados ao incremento da propaganda oficial e de apoio ao regime, recebidos por parcela da sociedade, criava solidez e mantinha a imagem da administração como eficaz para o desenvolvimento da nação. O Brasil era comparado a um imenso território lotado de obras, incitando e produzindo euforia e esperança que se creditava ir a toda velocidade, trafegando pelos trilhos do progresso. O governo Médici tratou de criar a Assessoria Especial de Relações Públicas (AERP), sucursal que servia para propagar estampa positiva da própria gestão²⁵⁰. A partir da referida agência emanaram-se os *slogans* nacionalistas “Pra frente, Brasil”, “Ninguém mais segura este país”, “O futuro chegou”, “Brasil, terra de oportunidades”, “Brasil, potência emergente”, entre outros. E, para os que ainda discordavam, restava a porta de saída, segundo plágio, já reportado, de conhecida campanha estadunidense: “Brasil, ame-o ou deixe-o”²⁵¹.

Aos professores da IASD caberia moldar estudantes que servissem aos interesses da Igreja, pois “na filosofia educacional adventista é importante desenvolver no aluno a disposição de obedecer. É por isso que se deve lidar com bastante rigor com as questões que envolvem desobediência e afronta à autoridade”²⁵². Neste cenário histórico, embora os colégios tenham sofrido declínio com as reformas do ensino, algum tempo depois, eles conseguiram se erguer e voltar a crescer a partir de 1974. O incremento da Rede de Educação Adventista, veio, conseqüentemente, com o aumento no número de alunos.

A respeito, a *Revista Adventista*, conforme já dito, foi utilizada como meio de divulgação dos institutos educacionais para atrair novas matrículas. Havia ávidas propagandas nesse periódico para demonstrar o quão necessário tornava-se apoiar os colégios. As crianças e jovens, incentivados a serem estudantes das escolas que a Igreja mantinha, eram alvos frequentes dos avisos publicados no impresso. No capítulo seguinte discutir-se-á a pedagogia

²⁴⁹ FICO, Carlos. *Como eles agiam: os subterrâneos da Ditadura Militar: espionagem e polícia política*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

²⁵⁰ FIGUEIRÓ, Francisca Bruxel. *Médici e a comunicação: propaganda política durante o regime militar no Brasil*. 2014. Monografia – Centro Universitário Univates, 2014. Disponível em: <<https://www.univates.br/bdu/bitstream/10737/686/1/2014FranciscaBruxelFigueiro.pdf>>. Acesso em 25/07/2022 às 16h.

²⁵¹ FILHO, Daniel Aarão Reis. *Ditadura e Democracia no Brasil: do golpe de 1964 à Constituição de 1988*. – 1.ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2014, p. 81.

²⁵² SUÁREZ, Adolfo Semo. *Educação adventista: objetivos, características do educador e dos educandos*, p. 9. Excerto da dissertação de mestrado do autor: A influência da educação adventista na identidade e na fé de adolescentes, 2005, UMEP. Disponível em <<https://revistas.unasp.edu.br/acch/article/download/461/463/0>>. Acesso em 21 de fevereiro de 2022 às 15h46.

nos educandários mais importantes, o crescimento de registros de estudantes, a expansão e fortalecimento dos centros de educação adventistas, como meio de evangelização no Brasil.

4. OS INSTITUTOS ADVENTISTAS DE EDUCAÇÃO

Em 2022, a história da educação adventista comemorou o seu sesquicentenário. As escolas adventistas no Brasil, seguindo o modelo estadunidense, objetivavam formar “minissoldados missionários” por meio da filosofia/teologia da Igreja Adventista do Sétimo Dia²⁵³. Os líderes da denominação religiosa acreditavam que os colégios eram importantes meios de propagação da fé. Nesse sentido, eles tinham por objetivo contribuir com a instrução formal, a disseminação da prática adventista e colaborar com a expansão da congregação²⁵⁴.

O projeto de educação da IASD passou por ajustes, adaptações e mudanças, consoante o contexto da ditadura civil-militar²⁵⁵. Avaliando o referido momento político e educacional, os líderes adventistas brasileiros, certos de que os colégios eram fontes de crescimento da denominação, investiram e fortaleceram a rede de educação cristã²⁵⁶.

Nessa perspectiva, os centros educacionais, criados e mantidos pela IASD, serviram para que ela se mantivesse disseminando os ideais evangelistas. Os alunos tinham contato, constante, com a mensagem cristã, e, portanto, solidificaram à fé adventista. Dentre os diversos institutos educacionais espalhados pelo Brasil, selecionou-se aqueles mais presentes nas páginas da *Revista Adventista*: o Educandário Nordeste Adventista (ENA), Instituto Adventista de Ensino (IAE), Educandário Espírito Santense Adventista (EDESSA) e o Instituto Adventista Paranaense (IAP).

²⁵³ BONFIM, Oswaldo. Os estudantes e a colportagem. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 72, n.º 12, dezembro de 1977, p. 17-18.

²⁵⁴ MEIRA, José Normando Gonçalves; CASTRO E ALMEIDA, Shirley Patrícia Nogueira de; XAVIER, Wendell Lessa Vilela. *Protestantismo e educação no Brasil e na América Latina*. Montes Claros (MG), Brasil v. 14, n. 16, p. 1-4, 2021. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/355516778_Protestantismo_e_educacao_no_Brasil_e_na_America_Latina>. Acesso em 17 de julho de 2022 às 19h50.

²⁵⁵ MESLIN, Douglas Jeferson. *Educação Adventista: das escolas paroquiais a uma rede de ensino, permanências e rupturas de um ideário educacional (1970 – 2010)*. Tese (Doutorado em Educação). Curitiba: Pontifícia Universidade Católica, 2015.

²⁵⁶ CORRÊA, Maria Elisa Leite. Ideologia e educação: o pensamento liberal e a educação protestante adventista de origem norte-americana no Brasil. *Revista HISTEDBR* On-line, Campinas, n.22, p. 93–104, jun. 2006. Disponível em: <https://www.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/4898/art07_22.pdf>. Acesso em 17 de julho de 2022 às 21h57.

4.1 O ENA em foco!

Cada uma das 4 Uniões da Divisão Sul-Americana tem seu Colégio Superior. No entanto, o ENA serve a duas Uniões, ao mesmo tempo, a Norte e Este, que têm cerca de 100 mil membros adventistas. Em vários campos destas Uniões, grande parte e em alguns casos quase a maioria dos obreiros, são frutos do ENA.²⁵⁷

O excerto acima foi publicado na revista de outubro de 1976, por Arthur Dassow (1921 – 2009)²⁵⁸, diretor-geral do Educandário Nordestino Adventista (ENA). Ele enfatizava que o colégio possuía importância considerável para a região Nordeste, tendo em vista que abrangia o território de duas Uniões da Igreja, a Norte e a Este, ao mesmo tempo. Inicialmente, a escola era denominada de Instituto Rural Adventista do Nordeste (IRAN)²⁵⁹. Projeto que começou com poucos alunos e estrutura precária para alojamento de 15 estudantes, fundado na cidade de Belém de Maria, agreste de Pernambuco²⁶⁰.

Dassow, na condição de gestor, destacou no referido artigo a importância do instituto. Ele enfatizou que desde a fundação, em 1943 – período em que o mundo vivenciava a Segunda Guerra Mundial e o Brasil o regime de exceção de Getúlio Vargas (1937 – 1945) –, a escola crescia em estima, estrutura física e relevância. O referido autor ressaltava que, mesmo sem as condições efetivas completas para os alunos receberem alojamento adequado, os superintendentes atuaram para incentivar os estudantes, seja por meio da fé, seja buscando suportar as adversidades do ambiente. No mencionado contexto, os discentes levavam a própria rede – já que não havia residências próprias para abrigá-los.

O nome de “Educandário Nordestino Adventista” tornou-se oficial em 1950. O primeiro gestor a administrar o colégio, foi Arthur Leitzke. Ele foi definido nas páginas do periódico como “preceptor, engenheiro construtor, professor, pastor, enfim tudo que as circunstâncias exigissem. Um autêntico missionário”, formado na/para a causa evangelística.²⁶¹

O instituto iniciou às primeiras aulas no ano de 1944 no comando de Ataliba de Abreu Neto, tendo Artur Leitzke como professor e Manuel de Melo, sendo responsável por

²⁵⁷ DASSOW, Arthur. O ENA em marcha. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 71, n° 10, outubro de 1976, p. 27.

²⁵⁸ DASSOW, Arthur. (1921 – 2009). DAS. In: *Centro Branco Brasileiro – UNASP*. Disponível em <<https://encyclopedia.adventist.org/article?id=BGHK>>. Acesso em 17 de julho de 2022 às 22h31.

²⁵⁹ DASSOW, Arthur. [Redação]. Entrevista. E.N.A. — Uma Luz no Agreste Pernambucano. In: *Revista Adventista*, maio, 1974, p. 18-19.

²⁶⁰ SOARES, Áurea. Você conhece o ENA? In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 73, n.º 3, março de 1978, p. 41

²⁶¹ *Id. Ibid.*

administrar a fazenda em que o colégio funcionava.²⁶² Os dirigentes, imbuídos do desejo pela construção da escola, imaginavam ambiente educacional que trouxesse resultados positivos à obra evangelística no território nordestino.²⁶³

Destaca-se que para a criação do colégio, não se deixou de ocorrer ruzgas internas entre os líderes acerca da fundação do instituto. Havia aqueles que pensavam que manter uma escola no Nordeste, naquele momento, não era vantajoso, tendo em vistas os gastos financeiros e humanos que poderiam ser direcionados a outras Uniões de regiões mais populosas. E, apresentassem horizonte de melhores frutos à obra evangelística.

No entanto, mesmo com pensamentos contrários à criação e manutenção do ENA, o secretário-tesoureiro, Palmer Harder (1921 – 2003), manteve posicionamento favorável.²⁶⁴ Ele espelhava-se no/pelo exemplo do pai, Abraham Classen Harder (1889 – 1983), o qual conseguiu levar adiante à obra missionária no município de Taquara, no Rio Grande do Sul, mesmo sem ter o apoio administrativo da Igreja esperado. Imerso na certeza de que era dever adventista fincar raízes da doutrina no solo nordestino, continuou a defender a existência do centro de ensino, ainda que sendo o campo mais pobre da União Este-Brasileira.²⁶⁵

O projeto de construir a escola foi inúmeras vezes posto em dúvida e o encerramento tornou-se, por vezes, ponto de discórdias durante às reuniões realizadas. No entanto, a persistência dos que desejavam iniciar à obra adventista, por meio da educação, no Nordeste, foi concretizada. No ano de 1947, foi criada uma comissão de recursos para deliberar sobre a manutenção do educandário. O comitê foi formado pelo presidente da Missão, Orlando G. de Pinho – responsável pelo evangelismo no território nordestino –, o departamento de educação da União Este-brasileira, um auxiliar de missão, o diretor do ENA e mais dois professores em que se marcou uma reunião para discutir acerca do colégio²⁶⁶.

No entanto, por questões de disputas internas entre as lideranças, Palmer Harder, que era secretário-tesoureiro do campo evangelístico local e um dos principais defensores da criação do instituto, acabou sendo descartado da reunião com os membros do comitê de

²⁶² SANTOS, Eduardo Cavalcante Oliveira. *Internatos Adventistas no Brasil em questão: os discursos de permanência da filosofia e das práticas educacionais e os indicativos de ocorrência de atualização na condição pós-moderna*. Dissertação (mestrado em ciências da religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP, 2016, p. 135.

²⁶³ SOARES, Áurea. Você conhece o ENA? In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 73, n.º 3, março de 1978, p. 41.

²⁶⁴ HARDER, Palmer. *DAS – Centro Branco Brasileiro*, 2020. Disponível em: <<https://encyclopedia.adventist.org/article?id=3GIX&lang=pt>>. Acesso em 18 de julho de 2022 às 19h57.

²⁶⁵ SANTOS, *op. cit.*, p. 136.

²⁶⁶ SOUSA, Rodolfo Figueiredo de. Missão Nordeste. ESDA. Publicado em 27 de outubro de 2021. Disponível em: <<https://encyclopedia.adventist.org/article?id=AIBI&lang=pt>>. Acesso em 19 de junho de 2023 às 18h12.

recursos, para a definição das questões relacionadas ao educandário. Destacamos que os pensamentos sobre a execução de como os delineamentos missionários acerca da pedagogia adventista deveriam ser executados, não são homogêneos. Mesmo com a oposição de membros que não viam as ideias de Harder com bons olhos, ele acabou fazendo parte de comissões decisórias posteriores²⁶⁷.

No ano de 1948, o departamento de educação da Divisão Sul-americana e a Associação Geral dariam a palavra final sobre a abertura do instituto, sendo favoráveis, porém, impondo condições para o funcionamento²⁶⁸. O colégio cresceu e se tornou o que passou a ser chamado, pelos gestores da educação cristã adventista, de “Oásis do Nordeste”, “Luz no agreste pernambucano”. No ano de 1976, o ENA contava com 537 alunos²⁶⁹. Abaixo, destacamos imagem publicada na revista de maio de 1974, em artigo da IASD [Redação].

Figura 4 - Mulheres segurando as siglas do ENA



Fonte: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 69, n.º 5, maio de 1974, p. 18.

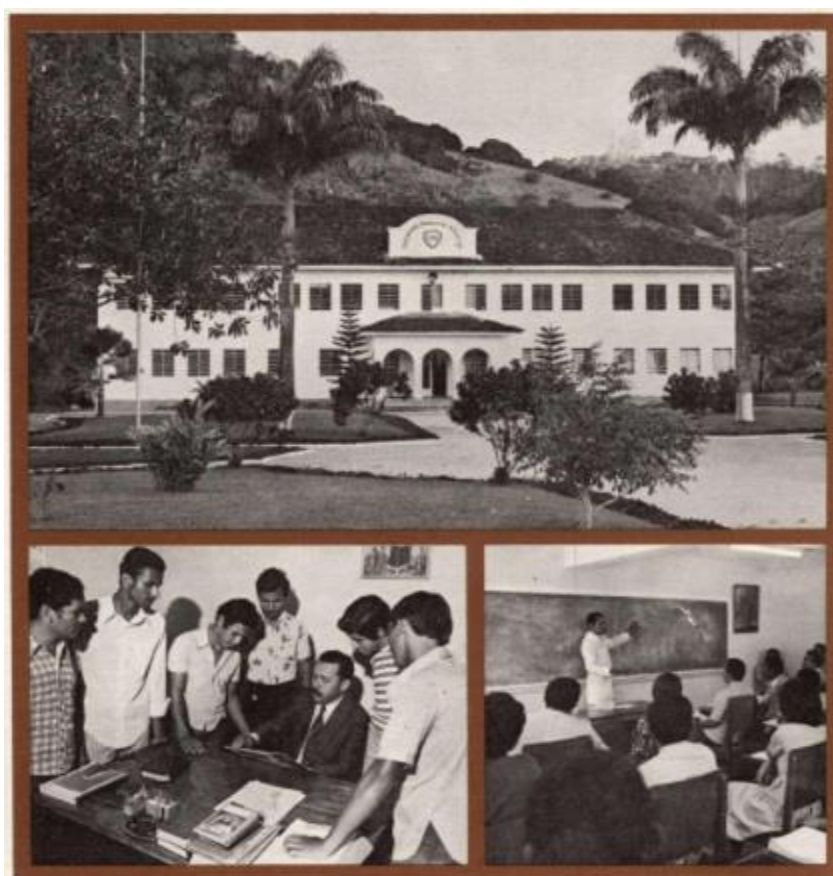
²⁶⁷ SANTOS, Eduardo Cavalcante Oliveira. *Internatos Adventistas no Brasil em questão: os discursos de permanência da filosofia e das práticas educacionais e os indicativos de ocorrência de atualização na condição pós-moderna*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP, 2016, p. 136.

²⁶⁸ *Id. Ibid.*

²⁶⁹ KOEHLER, Erlo. ENA-"oásis do nordeste". In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 71, n.º 9, setembro de 1976, p. 22.

A imagem apresenta três moças posando para a foto ao lado da sigla ENA. Todas estão usando vestidos, no qual objetivava-se transmitir uma cena alegre e sorrisos largos. Deduz-se que a estratégia era induzir o leitor do periódico a acreditar que o instituto se achava receptivo, tendo bons estudantes e professores competentes. Além, claro, de deter ambiente agradável, possibilitando felicidade, fortalecendo e inculcando a ideia de “luz no agreste pernambucano”. Abaixo, segue figura que estampa a capa da revista de setembro de 1976.

Figura 5- Educandário Nordestino Adventista, alunos e professores



Fonte: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 71, n.º 9, setembro de 1976, p. 1.

A imagem ocupa-se de transmitir três cenas complementares. Na primeira, mostra-se o colégio, ou seja, um casarão em meio a serras e vegetação para destacar o ambiente rural, pacífico, distanciado dos centros agitados urbanos das grandes cidades. Na segunda cena é possível observar vários estudantes ao redor de um dos professores. O panorama se assemelha a aglomeração comum, ocorrida quando o docente divulgava às notas de provas ou exercícios solicitados. A terceira vista figura a sala de aula, com alunos sentados nas cadeiras e o educador ministrando conteúdo pedagógico. O intuito era passar a certeza de que o

educandário se constituía completo, detentor de estrutura suficiente para suprir às necessidades do ensino da filosofia adventista.

Na filosofia adventista de ensino, além dos conteúdos seculares repassados em sala de aula, todos os estudantes deveriam ser praticantes de exercícios físicos, tendo em vista que se desejava boa disposição, física e mental, para a realização das atividades diárias. Além do zelo com a saúde do corpo, incentivavam no cuidar em fazer com que os discentes tivessem contato com as “Escrituras”, reforçando à fé religiosa disposta nos centros de educação da Igreja. A ideologia pedagógica era repassada como completa, já que estaria suprimindo às necessidades físicas, intelectuais e espirituais²⁷⁰.

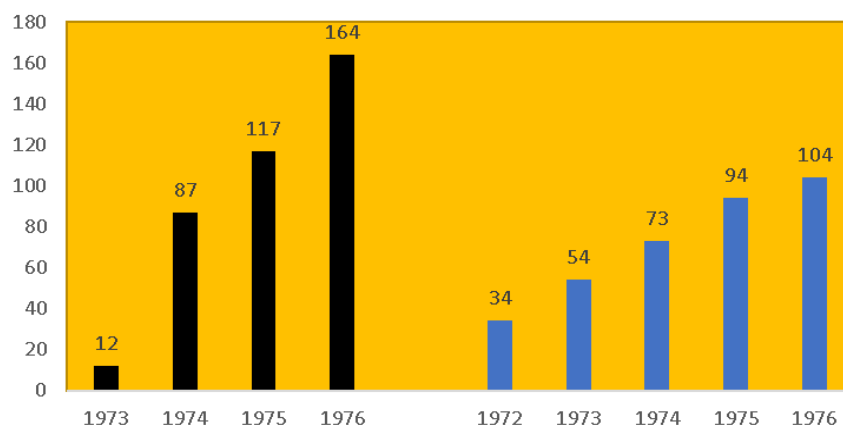
O Instituto, que começou com dificuldades estruturais em alojamento para os estudantes e oposição à criação, por parte de alguns líderes adventistas, acabou sendo veiculado nas páginas da Revista como empreendimento de sucesso. A exemplo, no artigo “Missão Nordeste em foco”²⁷¹, publicado em abril de 1977, Wandyr Mendes de Oliveira informava que houve quadro “explosivo” de matrículas no referido ano. Segundo o autor, o acréscimo chegou a tal ponto que ocorreu a necessidade de serem implementadas mais salas para amparar o volume de alunos novos. Foi preciso melhorar e ampliar o número de dormitórios e refeições para poder atender a demanda. Buscava-se passar a imagem do colégio como porto-seguro, local que abrigava todos que o buscavam. O intuito era transmitir credibilidade aos leitores do periódico. Além disso, destacava os princípios religiosos presentes no ENA para certificar que o espaço se achava “seguro”.

Os dirigentes do colégio não cansavam de pulular imagem positiva do crescimento do educandário na Revista. A exemplo, no artigo “O ENA em marcha”²⁷², Arthur Dassow afirmava que o Instituto atingira volume acima de 300 alunos internos, com mais de 500 estudantes ao todo. Destacava ainda que havia discentes que eram originários de diferentes estados do país. O gráfico 01, a exemplo, sistematiza os dados das matrículas nos cursos de música e de teologia, entre 1972 e 1976.

²⁷⁰ RABELLO, João M. Estão nossos filhos recebendo a verdadeira educação? In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano, n.º 7, julho de 1972, p. 15.

²⁷¹ OLIVEIRA, Waldyr Mendes de. Missão Nordeste em Foco. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 72, n.º 4, abril de 1977, p. 19.

²⁷² DASSOW, Arthur. O ENA em marcha. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 71, n.º 10, outubro de 1976, p. 27.

Gráfico 1 - Música (barras pretas), Teologia (barras azuis), ENA (1972 – 1976)

Fonte: gráfico produzido pelo autor a partir da tabulação dos dados publicados no artigo “O ENA em marcha”. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 71, n.º 10, outubro de 1976, p. 27.

O gráfico representa, nas barras em preto, o crescimento dos alunos do curso de música. No ano de 1973, com 12 estudantes, possuía percentual de 3%. Em 1974 a percentagem subiu para 23% com 87 aulistas. Em 1975 atingiu 31% com 117 matrículas. Em 1976 atingiu 43% com 164 estudantes. Já o curso de teologia, simbolizado pelas barras na cor azul, alcançou a percentagem de 10% com 34 escolares em 1972. Este resultado é elevado para 15% com 54 educandos em 1973. Em 1974 bateu 20% com 73 discentes. Em 1975 atingiu 26% com 94 acadêmicos. Em 1976 alcançou 29% com 104 registros. Os números demonstram que o ENA obteve incremento no quadro de inscrições nestes dois cursos. O colégio contava também com os graus normal, técnico, científico e enfermagem.

Dassow, diretor do Educandário Nordestino Adventista, enfatizou a alegria pela chegada de diversos jovens ao colégio, já que seriam estudantes em constante contato com a fé cristã. O ENA, sendo um dos importantes centros de educação adventistas no/do Nordeste, serviu como baluarte para a disseminação da IASD. Abaixo segue imagem publicada no artigo “ENA – Oásis do Nordeste”²⁷³, disponível na revista de setembro de 1976 por Erlo Koehler.

²⁷³ KOEHLER, Erlo. ENA - Oásis do Nordeste. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 71, n.º 9, setembro de 1976, p. 22.

Figura 6 - Alunas em dormitório do ENA



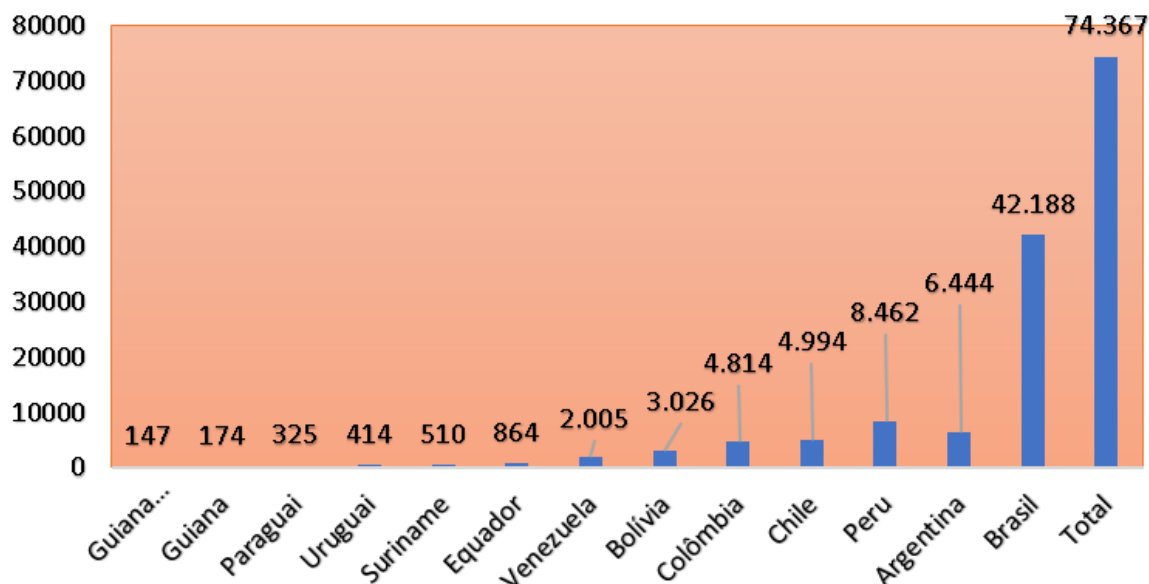
Fonte: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 71, nº 9, setembro de 1976, p. 22.

A imagem apresenta quatro moças em momento de socialização. A cena zela por transmitir atmosfera calma, livre de contendas, em que a harmonia impera. O propósito foi divulgar o Instituto como local receptivo. O fato de a ilustração trazer estudantes do sexo feminino, tinha o objetivo de demonstrar que o espaço educacional era para todos. O registro tratava de mostrar o quarto como recinto limpo e organizado, acentuando a sensação de cuidado, higiene e respeito às regras do ambiente.

O crescimento dos registros de estudantes nos educandários se destacava em toda a América do Sul, em especial, no Brasil. Esse acréscimo foi significativo para os líderes, tendo em vista que consistia a possibilidade de manter às escolas financeiramente, instruir os estudantes à permanência na fé doutrinal da Igreja e conservá-los afastados dos pensamentos não adventistas. Eram divulgadas às possibilidades de matrículas a todos que desejassem ser alunos e quisessem se aproximar do credo adventista – reforçando os objetivos dos colégios

protestantes²⁷⁴. Abaixo segue gráfico, formatado a partir de dados disponíveis na seção “Notícias”²⁷⁵, publicado na revista de março de 1979.

Figura 7 - Matrículas nas escolas da América do Sul - 1979



Fonte: gráfico produzido pelo autor a partir da tabulação dos dados contidos na seção “Notícias”. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 74, n.º 3, março de 1979, p. 34.

O gráfico mostra os números de discentes nos países que compõem a América do Sul. Observa-se a partir dos dados que as matrículas no distrito brasileiro se destacavam possuindo a maior parcela. Com total de 74.367 estudantes nas nações da América do Sul, o Brasil possuía o montante de 42.188 alunos. O resultado apontava a expansão e o crescimento dos registros em escolas adventistas nas terras sul-americanas.

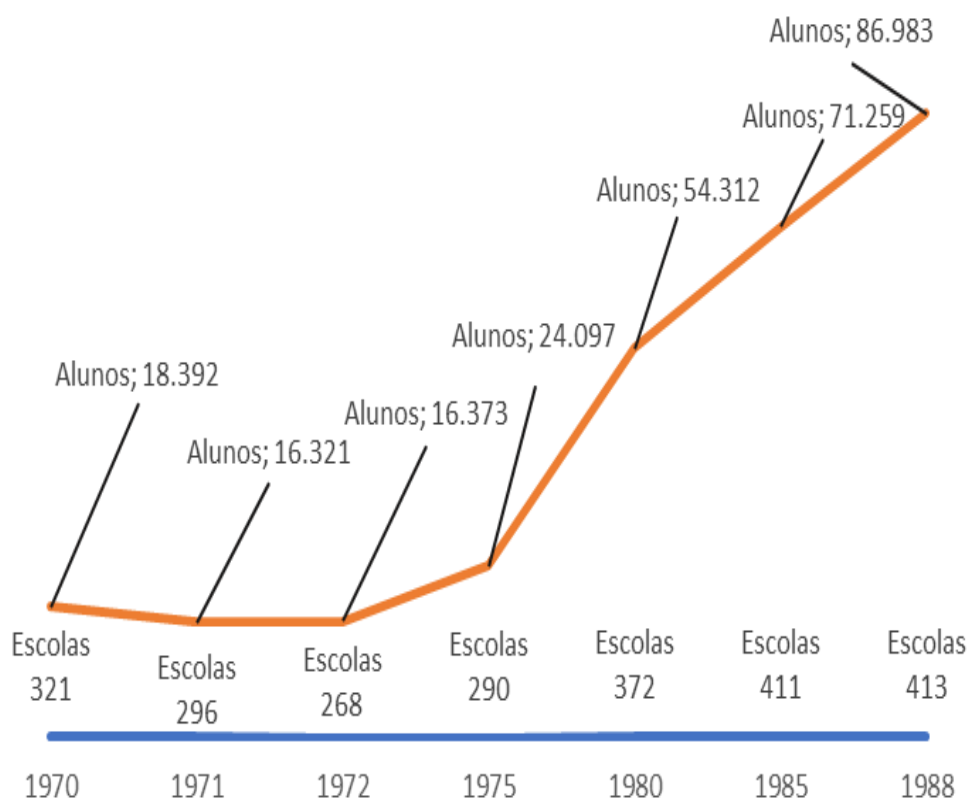
O ano de 1977 foi significativo para o Instituto, considerando os números de estudantes que se matricularam. O ENA se tornava dos mais estimados colégios adventistas. Os líderes publicavam nas páginas do periódico cristão a satisfação acerca dos registros que seguiam para os espaços pedagógicos dos educandários. A respeito, José Carlos Ramos, no

²⁷⁴ VALENTIN, Ismael Forte. *A Reforma Protestante e a educação*. In: *Revista de Educação do Cogeime* – Ano 19 – n. 37 – julho/dezembro 2010. Disponível em: < <https://www.metodista.br/revistas/revistas-cogeime/index.php/COGEIME/article/viewFile/66/66> >. Acesso em 18 de julho de 2022 às 9h54.

²⁷⁵ IASD [Redação]. Notícias. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 74, n.º 3, março de 1979, p. 34.

artigo “O ENA em ritmo de explosão”²⁷⁶, testificava que o referido ano se encaminhou como o de maior movimentação durante a existência do espaço escolar. A educação cristã obtivera avanço exponencial na quantidade de educandos e centros de ensino.

Gráfico 2 - Expansão das matrículas e das escolas adventistas no Brasil entre 1970 e 1988



Fonte: MESLIN, Douglas Jeferson. Educação Adventista: das escolas paroquiais a uma rede de ensino, permanências e rupturas de um ideário educacional (1970 – 2010). Tese (Doutorado em Educação). Curitiba: Pontifícia Universidade Católica, 2015, p. 116.

A partir deste gráfico, pode-se observar que o número de escolas adventistas sofreu queda entre os anos de 1971 e 1972. No entanto, após se adequar às demandas exigidas pela reformulação do ensino básico, expressas pela Lei 5.692/1971, verifica-se recuperação das matrículas a partir de 1975 – alcançando 413 colégios em 1988, com 86.983 matrículas²⁷⁷.

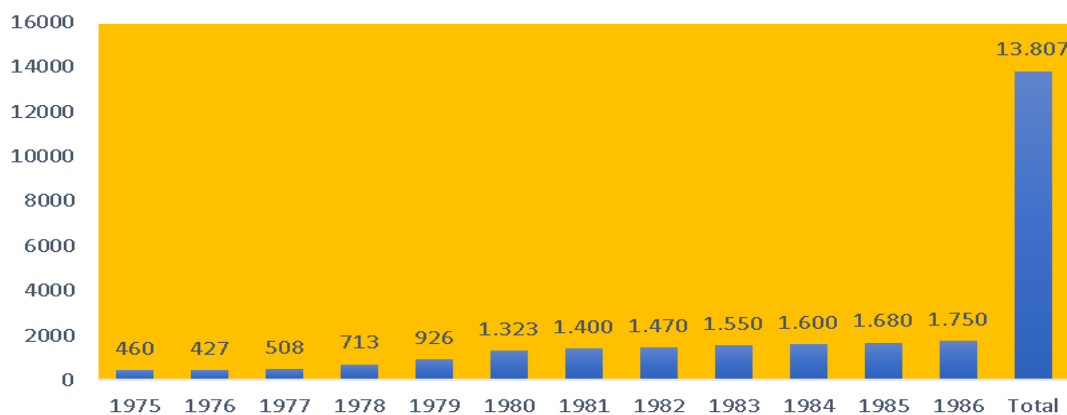
Foi importante divulgar o sucesso dos colégios para que os leitores se tornassem apoiadores da obra educacional como segmento do evangelismo. Divulgar os êxitos tornou-se

²⁷⁶ RAMOS, José Carlos. O ENA em ritmo de explosão. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 72, n.º 5, maio de 1977, p. 26.

²⁷⁷ BRASIL, Lei 5.692/71. Brasília, DF. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L5692.htm>. Acesso em 13 de setembro de 2022 às 18h04.

necessário, pois se mostrava aos fiéis que os recursos investidos nos educandários eram frutíferos. Quanto maior o número de estudantes, mais missionários era possível formar/alcançar. Como se pode verificar no gráfico a seguir, construído a partir de dados contidos na revista de abril de 1982, no artigo “Unisul – novas metas para a educação”²⁷⁸.

Gráfico 3 - Colportores: vendedores da literatura adventista de porta em porta



Fonte: Gráfico produzido pelo autor a partir da tabulação dos dados presentes no artigo “Unisul - novas metas para a educação”. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 77, n.º 4, abril de 1982, p. 18.

O gráfico acima apresenta o número de estudantes que se tornaram colportores, vendedores da literatura adventista de porta em porta. Percebe-se que a quantidade cresceu conforme os anos passaram, tendo somente leve queda demonstrado no ano de 1976. Os demais períodos com resultados gradativos. Isso representava intenso trabalho de propaganda e de incentivo para os pais matricularem os filhos nos colégios da Igreja. Os dados positivos, caracterizavam incremento no “exército de missionários”.

A elevação da quantidade de registro de novos estudantes mostra o avanço dos institutos como pilares evangelizadores. Os dirigentes do colégio reforçavam que o ENA não era ambiente com grilhões. Figurava-se como lugar receptivo de todos que desejassem estudar nas dependências dele. Conforme dito, demonstravam por meio das páginas do periódico cristão que não ocorria limite, divisa e/ou fronteiras para ingressar no educandário. Informavam que a escola recebia alunos de quaisquer estados brasileiros. O discurso foi o de

²⁷⁸ IASD [Redação]. Unisul: novas metas para a educação. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 77, n.º 4, abril de 1982, p. 18.

que não havia barreiras para entrada de discentes que desejassem fazer parte do quadro escolar, em especial, os filhos adventistas.

Destaca-se que havia discentes, inclusive, internacionais. Os estrangeiros que buscavam obter contato com a doutrina adventista vinham de países como a Bolívia, Angola, Portugal e Uruguai. Nesse ínterim, o educandário recepcionava até mesmo matrículas dos Estados Unidos da América (EUA)²⁷⁹. O ENA cumpria o papel que os líderes queriam, à expansão, à conquista e à conversão de estudantes que adotassem os princípios da Igreja, tornando-se obreiros da missão evangelística, convertendo-se em braço forte do evangelismo na/da denominação²⁸⁰.

No artigo publicado em março de 1978, intitulado “Você conhece o ENA?”²⁸¹, Áurea Soares explanava e reforçava o crescimento da modernização que o colégio vinha obtendo ao longo dos anos. Como destaque, tratou de exprimir aos leitores a imagem de centro educacional importante, necessário no processo de ensino-aprendizagem, em especial, à prole cristã. O intuito era convencer os fiéis acerca da estrutura tecnológica, docente, religiosa e moral para impressionar os pais, zelando pela confiança dos genitores a realizarem matrículas no instituto adventista.

Ela destacava que havia estudantes que saíram do Sul do Brasil para educar-se no ENA, enfatizando que o suporte escolar, docente e educacional disponível era sinônimo de aspiração em fazer parte do quadro pedagógico ofertado. Juntamente a essa procura de discentes nacionais, martelava-se, estrategicamente, a vinda de alunos de outros países que tinham intenção de estudar no colégio. As diversas publicações acerca da infraestrutura física e da exaltação da qualidade de ensino, serviam como tática para atrair à atenção, à estima e o apoio de diversos leitores adventistas do impresso cristão, que almejavam usufruir das instalações educacionais dos institutos da Igreja.

Na escola, buscava-se manter a estrutura que pudesse contemplar ao máximo às necessidades educacionais e espirituais, já que

o colégio não é somente um lugar de aprendizagem de saberes, mas é, ao mesmo tempo, um lugar de inculcação de comportamentos e de habitus que exige uma ciência de governo transcendendo e dirigindo, segundo sua

²⁷⁹ IASD [Redação]. O ENA em ritmo de explosão. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 72, n.º 5, maio de 1977, p. 27.

²⁸⁰ SOARES, Áurea. O buraco na cerca. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 68, n.º 11, novembro de 1973, p. 7.

²⁸¹ *Id, Ibid.*

própria finalidade, tanto a formação cristã como as aprendizagens disciplinares”²⁸².

Assim, o ENA não figurou somente como sendo o local no qual os educandos eram formados para a vida secular. Mas também o espaço em que os professores cristãos tinham o objetivo de encaminhar os estudantes, para que estivessem em pleno contato com a Igreja e com a doutrina do evangelho de viés adventista.

Ressalta-se que os líderes da Igreja, por terem o ideal de que os estudantes deveriam estar “preservados”, distantes dos prazeres seculares, tinham como propósito distanciá-los do contato com ideias “subversivas” que pudessem desviá-los do propósito de se manterem firmes na doutrina. Aspiravam que os colégios precisavam manter distância “segura”, que conseguissem acondicionar à moral e os “bons costumes” inculcados pela pedagogia adventista²⁸³.

Áurea Soares afirmava que a formação plena era a que contemplaria às necessidades da instrução secular e às da fé. Declarava ser a “educação completa” a que os discentes teriam contato com o espiritual e o ensino científico, que estaria no colégio adventista, no ENA. Exaltava-o elencando qualidades que iam desde a estrutura física até conforto celestial, buscando desta forma atrair à atenção dos adventistas para que procurassem o instituto como “porto seguro” para a prole. Ela enfatizava que o educandário concernia ser o espaço que fornecia “a boa qualificação”. A escola figurava-se como detentora da “pedagogia completa”. Os apelos foram contundentes e se direcionaram a que os genitores acreditassem no centro educacional como ambiente de felicidade, de paz, harmonia e fornecedor do necessário para os filhos adventistas.

Destaca-se o recinto como receptor, afável, amistoso e cordial, em que se martelava a crença de que o local era “bom e saudável”²⁸⁴. A Igreja Adventista criou e manteve centros de educação que serviam como formadores de missionários para a causa da expansão da denominação²⁸⁵. Ela investiu no corpo docente e na melhoria da estrutura física para atingir esses objetivos. Abaixo segue imagem publicada na revista de setembro de 1978.

²⁸² JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. *Revista Brasileira de História da Educação*, Campinas, n. 1, p. 9-43, 2001, p. 14. Disponível em: <<https://repositorio.unifesp.br/handle/11600/39195>>. Acesso em 31 de dezembro de 2022 às 19h04.

²⁸³ AZEVEDO, Roberto César de. A obra mais importante. In: *Revista Adventista* de agosto de 1972, p. 13.

²⁸⁴ SOARES, Áurea. Você conhece o ENA? In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 73, n.º 3, março de 1978, p. 43.

²⁸⁵ IASD [Redação]. Educação na Unisul. In: *Revista Adventista* de fevereiro de 1977, p. 32

Figura 8 - Criança adventista sorrindo



Fonte: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 73, n.º 9, setembro de 1978, p. 48.

A fotografia mostra uma criança do sexo masculino representando ação de alegria. A imagem visava atrair à atenção dos pais acerca das matrículas dos filhos nos colégios adventistas. Através dela, os editores da Revista objetivam sensibilizar os leitores com ideias de quão satisfeitos eram os estudantes que faziam parte do quadro escolar da Igreja. O título “eu estudo na escola adventista!”, tratava de reforçar a expressão física feita pelo aluno, em que a intenção era transpassar que o “júbilo” provinha por fazer parte do educandário cristão, enfatizando a necessidade e importância que os institutos tinham na vida dos discentes.

No artigo “Festa na escola dos profetas”²⁸⁶, Lindenberg Araújo destacou a função do ENA em produzir evangelistas para compor o “exército gospel” e de ocupar os espaços do coração humano. As palavras de ordem eram “Vai, ENA”, “Vai, oásis nordestino”, “Vai, escola dos profetas”. Para ele, o colégio precisava servir como centro de formação de obreiros que se prestassem aos interesses expansionistas da Igreja. Era necessário conduzir tudo pela evangelização. O objetivo primordial referia-se à causa do evangelho. Sem difusão da

²⁸⁶ ARAÚJO, Lindenberg. Festa na escola dos profetas. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 73, n.º 1, janeiro de 1978, p. 21.

doutrina não haveria contingente de fiéis. Os estudantes enenses necessitavam ser preparados para “a grande obra”. Lindenberg reforçava a esperança, o desejo e a certeza de que o educandário deveria cumprir com o objetivo missionário da IASD.

A formação de estudantes vinculados aos valores e moral cristã, capazes de alavancar maiores números de fiéis, era o desejo dos líderes adventistas. Lindenberg Araújo redige, em letras garrafais, o anseio de que grandes volumes de obreiros fossem formados, moldados, preparados para o evangelismo no país. O intuito referia-se que os centros de educação gerassem pessoas imbuídas com a filosofia adventista, cheios da doutrina cristã. Para ele, era preciso que a Igreja, por meio das escolas, construísse os “soldados” que iriam espalhar a ideologia religiosa da IASD pelo Brasil e mundo.

No artigo “O ENA em festa”,²⁸⁷ Manoel F. Porto, pastor do Educandário Nordestino Adventista, destacou que o colégio cumpria os deveres propostos, apesar dos ataques do “inimigo”. Essas afrontas eram os chamados perigos da modernidade – drogas, cigarro, cinema, moda, álcool, libido exacerbada, adultério. Perigos que os líderes da denominação faziam questão de, constantemente, condenar como impróprio, maligno, rude e vil.

O autor do referido artigo, Manoel F. Porto, tratava de salientar que a escola tinha a missão de manter os estudantes em ambiente cristão, propícios à obra evangelizadora. O texto estava recheado de incentivos à permanência nos conceitos da fé adventista. O discurso recaía sobre o “mundo vindouro” em que os alunos recebiam às normas e conhecimento para manterem-se fiéis. O robustecimento se direcionava ao ambiente escolar, ressaltando que era cristão e fornecia aos educandos os pensamentos “necessários”. O objetivo foi a exaltação do ENA como instituição “saudável” para a permanência dos discentes, alavancando o acréscimo nas matrículas. A seguir pode-se verificar a imagem, contida no referido artigo, na qual o colégio aparece em festa.

²⁸⁷ PORTO, Manoel F. O ENA em festa. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 73, n.º 11, novembro de 1978, p. 32

Figura 9 - Batismos no ENA

Fonte: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 73, n.º 11, novembro de 1978, p. 32.

A imagem representa a vitória do projeto de evangelismo e de expansão da IASD pelo Brasil, executado no ENA. A ocasião foi o registro de 36 batismos ocorridos nas dependências do educandário no dia 23 de setembro de 1978. As imersões ocorridas referiam-se a de estudantes do próprio instituto. Percebe-se pelo retrato que o grupo de meninos e meninas têm idades diferentes. O evento denominado, “Batismo de Primavera”, era chamado também de “Batismo das Joias”. A previsão almejava que 40 pessoas fossem levadas às águas batismais, porém, devido aos impasses ocorridos, não houve o comparecimento dos demais. Os infanto-juvenis foram acompanhados por um adulto ao centro, o qual não é nomeado no texto.

Nos diversos textos publicados na Revista, afirmava-se que os colégios serviam para além da formação secular. Neles se disseminavam os ideais da Igreja, direcionados a manter os estudantes centrados na doutrina. O intuito missionário dos institutos de educação, ao cumprirem a missão de moldar o contingente para ocupar os espaços no campo da evangelização, deveriam trabalhar para que outros fossem constringidos à filosofia adventista, tornando-se fiéis membros, difusores da ideologia da IASD²⁸⁸.

²⁸⁸ HIRSCH, Charles B. O que tem de bom na educação adventista do sétimo dia? In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 73, n.º 10, outubro de 1978, p. 16

4.2 IAE em marcha

INDAGADO a respeito do IAE nos dias da sua fundação, um dos pioneiros respondeu: "Era só mata, mosquito e carrapato." Realmente, o IAE era assim há 57 anos, quando os missionários João Lipke e João Bohem apearam da carroça e disseram: "Ê aqui." Naquele tempo, além de Lipke e Bohem, havia um professor, doze alunos, algumas ferramentas, uns poucos animais e 130 hectares de terra virgem. Cada metro de terra era um desafio. Mas o desafio foi aceito. Hoje a terra é produtiva; o rebanho de gado holandês tem fama entre os melhores do país; os produtos alimentícios da fábrica Superbom são vendidos no Brasil todo e começam a ser exportados, e a escola é apontada como padrão de ensino pelas autoridades e pelos visitantes que se referem sempre favoravelmente ao ensino ali ministrado.²⁸⁹

No artigo acima, intitulado "Semeando há 57 anos", Ivo Cardoso relatou o início do Instituto Adventista de Ensino (IAE), dos mais importantes centros de educação que os pioneiros da IASD implementaram no Brasil, localizado no Estado de São Paulo. Com início simplório, dificuldades estruturais e poucos alunos, o educandário foi constituído como sinônimo de expansão, consolidação e evangelização.

O Instituto foi fundado em agosto de 1915, por John Harley Boehm (1884 – 1975)²⁹⁰, em Capão Redondo, distante alguns quilômetros do município de Itapeverica da Serra, São Paulo. O lugar era uma terra com, aproximadamente, 145 hectares de extensão pertencente à família Teisen. Um deles, membro da Igreja Adventista, Pantaleão Teisen, o qual se pôs favorável à venda do terreno para o prédio escolar ser erguido.²⁹¹ Santos (2016) afirma que após a compra do lote, tendo recebido aprovação da comissão dos líderes adventistas para a aquisição da fazenda, a escritura, em nome da IASD, concretizou-se no dia 10 de novembro de 1915, através do pagamento de 20 contos de réis. Para quitar a dívida, a Igreja liberou metade do valor durante a concretização do registro. Dividiu-se o restante em doze meses com juros de 5% ao ano²⁹².

Em 1942, o educandário recebeu o nome de Colégio Adventista Brasileiro (CAB). Ele permaneceu sendo conhecido como CAB até 1962, quando foi alterado para IAE. Destacamos

²⁸⁹ CARDOSO, Ivo. Semeando há 57 anos. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 67, nº 10, outubro de 1972, p. 10.

²⁹⁰ BOEHM, John Henry (1884 – 1975) e Augusta (1888 – 1967). Centro brasileiro UNASP. Disponível em: <<https://encyclopedia.adventist.org/article?id=AGG2&highlight=JohnBoehm>>. Acesso em 31 de julho de 2022 às 14h47.

²⁹¹ SANTOS, Eduardo Cavalcante Oliveira. *Internatos adventistas no Brasil em questão: os discursos de permanência da filosofia e das práticas educacionais e os indicativos de ocorrência de atualização na condição pós-moderna*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC. São Paulo, São Paulo, 2016, p. 122.

²⁹² *Id. Ibid.*

que essa designação permaneceu entre 1962 e 1999²⁹³. No ano de 1979, a escola perdeu parte do território em que estava localizada devido desapropriação da prefeitura de São Paulo, fazendo com que a IASD adquirisse novos terrenos na cidade de Arthur Nogueira, em São Paulo, em 1983. No ano de 1999 acabou sendo reformulado para Centro Universitário Multicampi (CUM). Atualmente, é conhecido como Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP)²⁹⁴.

O objetivo dos pioneiros foi formar novos missionários que espalhassem a mensagem adventista pelo Brasil. Para os estudantes menos abastados, o colégio oferecia a possibilidade de que eles se ocupassem em atividades no campo rural, abrindo oportunidade para quem não tivesse condições financeiras, pudessem pagar os estudos por meio dos labores agrícolas que a fazenda dispunha. A ideia era uma espécie de “bolsa-trabalho” para que os alunos mais pobres não desistissem da conclusão da formação e permanecessem no instituto. Abaixo segue imagem do prédio central do IAE, construído em 1925, publicado no artigo “Você conhece o IAE? - III”, revista de abril de 1975²⁹⁵.

Figura 10 - Prédio Central do IAE



Fonte: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 70, n.º 4, abril de 1975, p. 17

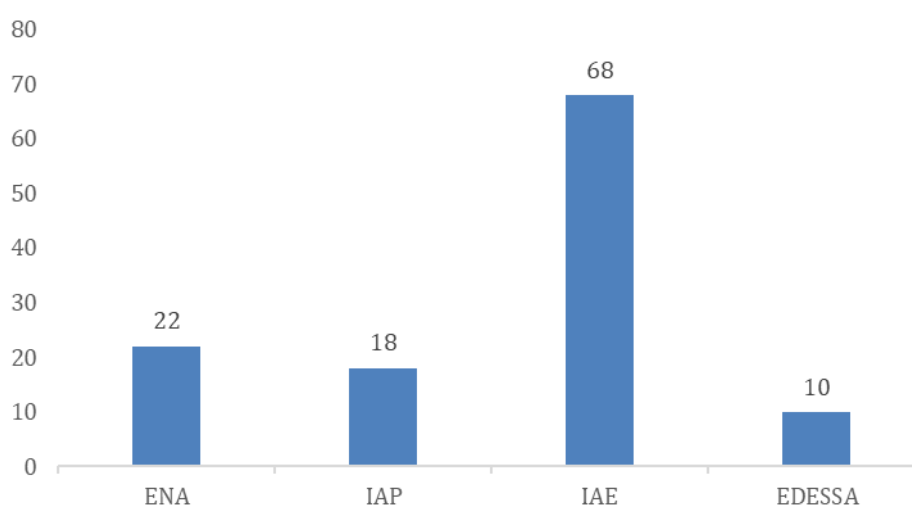
²⁹³ BORGES, Michelson. *UNASP 90 anos de história: centro universitário celebra e continua formando gerações*. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 100, n.º 5, maio de 2005, p. 7.

²⁹⁴ SILVA, Marco. *Instituto Adventista de Ensino*. Histedbr. Disponível em <<https://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/glossario/instituto-adventista-de-ensino>>. Acesso em 06 de junho de 2022 às 9h40

²⁹⁵ GORSKI, Nevil. *Você conhece o IAE? III*. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 70, n.º 4, abril de 1975, p. 16.

A imagem mostra o prédio central do colégio. Ele abrigava a administração, possuindo 4 salas para escritório, recinto para os/dos professores e a secretaria. Dispunha de cômodo com audiovisual e dependências espaçosas, gozando de capacidade para 320 estudantes. Tudo para os pais obterem “boa impressão” da estrutura e os alunos “bons aproveitamentos” das ofertas pedagógicas. Ao longo das páginas da *Revista Adventista* foi mencionado, recorrentemente, que o IAE era um dos grandes sucessos educacionais da IASD. Abaixo segue gráfico, produzido a partir de catalogação, realizada para a produção da pesquisa, sobre as vezes em que o instituto havia sido citado, no impresso, entre 1972 e 1978.

Gráfico 4 - Colégios adventistas da mencionados pela Revista Adventista entre 1972 e 1978.



Fonte: gráfico produzido pelo autor a partir de dados da *Revista Adventista* no período de 1972 a 1978.

Os dados a respeito dos referidos institutos foram obtidos, a partir da sistematização dos temas constantes na *Revista Adventista*, no período em estudo. Nesse sentido, dos colégios catalogados, o IAE apareceu com maior frequência, ocupando a 1.^a posição, integrando total de 68 citações, seguido pelo ENA, englobando 22 menções; o Instituto Adventista Paranaense (IAP), abrangendo 18 referências e o Educandário Espírito Santense Adventista (EDESSA), perfazendo 10 registros. Na tabela 01, pode-se visualizá-la explanando os autores que assinavam, com mais regularidade, às publicações do periódico.

Tabela 6 - Autores(as) mais recorrentes na Revista Adventista

Autores	Publicações	Quantidade de publicação	Porcentagem
IASD [Redação]		127	50%
Roberto César Azevedo		39	15%
Edmir de Oliveira		14	5%
Nevil Gorski		12	5%
Rubens S. Lessa		9	3%
Olga Streithorst		8	3%
José Carlos Ramos		7	3%
Anísio Chagas		6	2%
Ivo Santos Cardoso		6	2%
Manoel Xavier de Lima		5	2%
Tércio Sarli		5	2%
Azenilto G. Brito		5	2%
Earle Pazinato Linhares		4	2%
Áurea Soares		4	2%
Corino Pires da Silva		4	2%

Fonte: produzida pelo autor a partir da catalogação da *Revista Adventista* no período de 1972 a 1978.

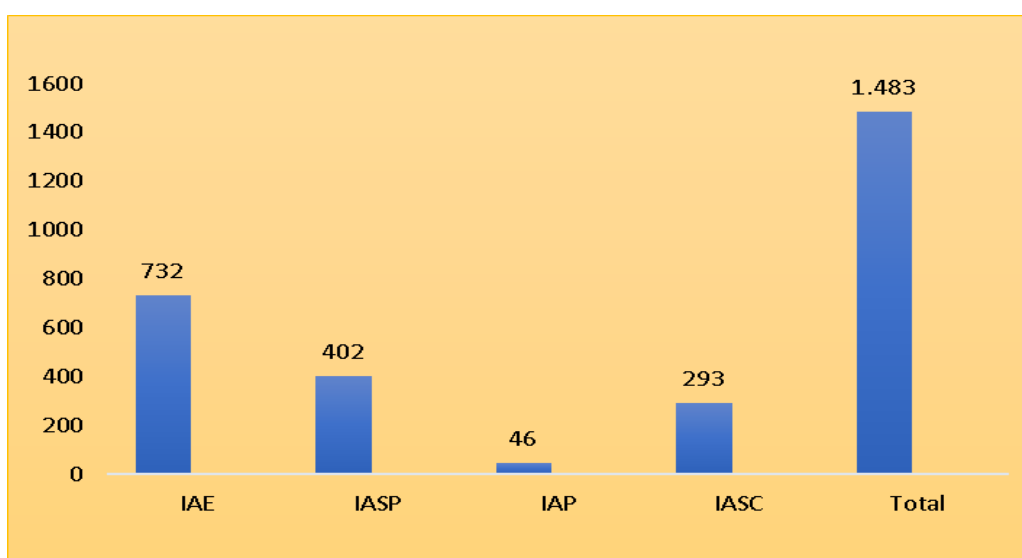
Os dados contidos na tabela representam a catalogação realizada de janeiro de 1972 a dezembro de 1978. Ela contempla o total de 15 escritores conhecidos e a porcentagem assinada pelo editorial em que denominamos IASD [Redação]. Por meio dela é possível inferir que Roberto César de Azevedo foi o colunista que mais apareceu nas edições. Ele ocupava mais espaço entre os textos, estando na primeira posição, abarcando total de 39 publicações, seguido de Edmir de Oliveira perfazendo 14; Nevil Gorski gozando de 12; Rubens Lessa contendo 9; Olga Streithorst 8; José Carlos Ramos abrangendo 7; Anísio Chagas e Ivo Cardoso englobando 6; Azenildo Brito, Tércio Sales e Manoel Xavier de Lima assinando 5; Áurea Soares, Corino Pires da Silva e Earle Pazinato Linhares endossando 4. A IASD [Redação] ocupava maior volume, arrematando 127 excertos.

Como pode-se inferir, a maior quantidade de artigos publicados no periódico pertencia aos autores masculinos. Somente duas mulheres despontam como escritoras na catalogação realizada, Áurea Soares e Olga Streithorst. Dessas, nenhuma foi identificada como diretora de colégios e/ou institutos. A Revista marcava a “caligrafia dos homens”. Em grande parte, coube às colunistas peso menor na ocupação dos espaços do impresso. A presença feminina era restrita, mesmo no setor educacional, campo em que a Igreja afirmava figurarem

“educadoras por excelência”. No entanto, a sublimidade que tinham parece ter sido limitada ao lar²⁹⁶.

Por meio da pedagogia cristã, a Igreja tinha interesse em expandir-se pela nação com jovens que fossem preparados, intelectual e religiosamente, para propalar o evangelho. A educação adventista no Brasil começou no ano de 1896 – estabelecendo escolas nos mais longínquos rincões do país. Abaixo segue gráfico, a partir de dados contidos no artigo “Educação na Unisul”²⁹⁷, na revista de dezembro de 1978, publicados por Roberto César de Azevedo, acerca do número de matrículas do Ensino Médio nos institutos de ensino da IASD.

Gráfico 5 - Matrículas do Ensino Médio em 1978 nos institutos adventistas de ensino



Fonte: produzido pelo autor a partir de dados contido no artigo “Educação na Unisul” In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 73, n.º 12, dezembro de 1978, p. 27.

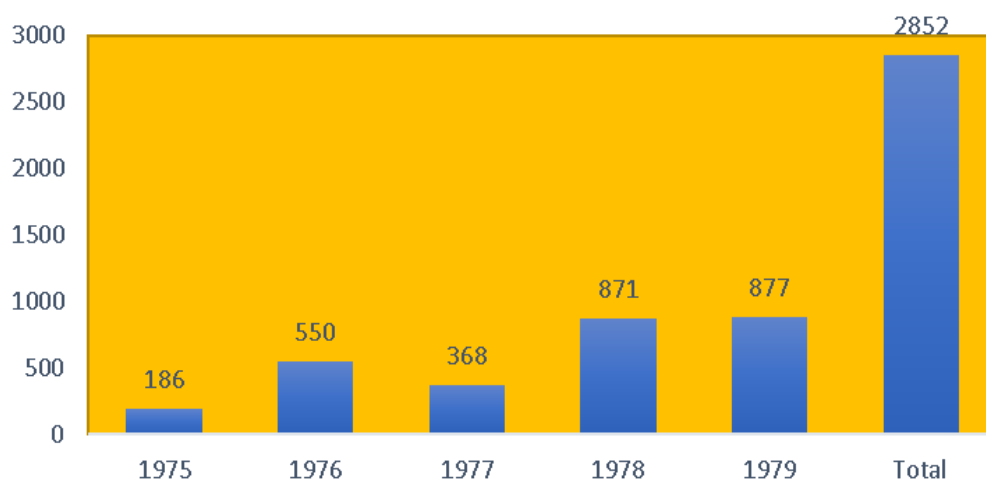
A partir do gráfico, infere-se que o IAE despontava como o educandário com mais matrículas no ano de 1978, alcançando 732 discentes. Logo depois, seguem o Instituto Adventista de São Paulo (IASP), abrangendo 402 alunos; Instituto Adventista Cruzeiro do Sul (IACS) abarcando 293 educandos; Instituto Adventista Paranaense (IAP) englobando 46 registros. Segundo Roberto César de Azevedo, o ano de 1977 despontava integrando total de 1.314 aulistas, que obteve avanço de 12,86% em 1978, saltando para os 1.483 estudantes. O crescimento das inscrições nos colégios da Igreja levava, conseqüentemente, ao aumento de

²⁹⁶ RABELLO, Maria C. P. A educação dos filhos do ponto de vista da psicologia educacional. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 69, n.º 8, agosto de 1974, p. 9.

²⁹⁷ AZEVEDO, Roberto César de. Educação na Unisul: analisando dados. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 73, n.º 12, dezembro de 1978, p. 27.

batismos. Abaixo, observar-se o número de discentes, a partir de dados contidos no artigo “Unisul-novas metas para a educação”²⁹⁸, na revista de abril de 1982.

Gráfico 6 - Batismos dos estudantes - Ensino Fundamental entre 1975 e 1979



Fonte: gráfico produzido pelo autor a partir de dados contido no artigo: “Unisul: novas metas para a educação” In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 77, n.º 4, abril de 1982, p. 18.

O gráfico mostra o número de batismos ocorridos na União Sul-brasileira entre 1975 e 1979. A cifra de alunos imergidos no intervalo soma o montante 2.852. Com exceção do ano de 1977, em que há leve queda no volume de estudantes levados à ablução, os demais períodos são de crescimento. Abaixo segue imagem de discentes levados às águas batismais em 1976, contidos no artigo “Educação na Unisul”²⁹⁹, na revista de fevereiro de 1977.

²⁹⁸ IASD [Redação]. Unisul: novas metas para a educação. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 77, n.º 4, abril de 1982, p. 18.

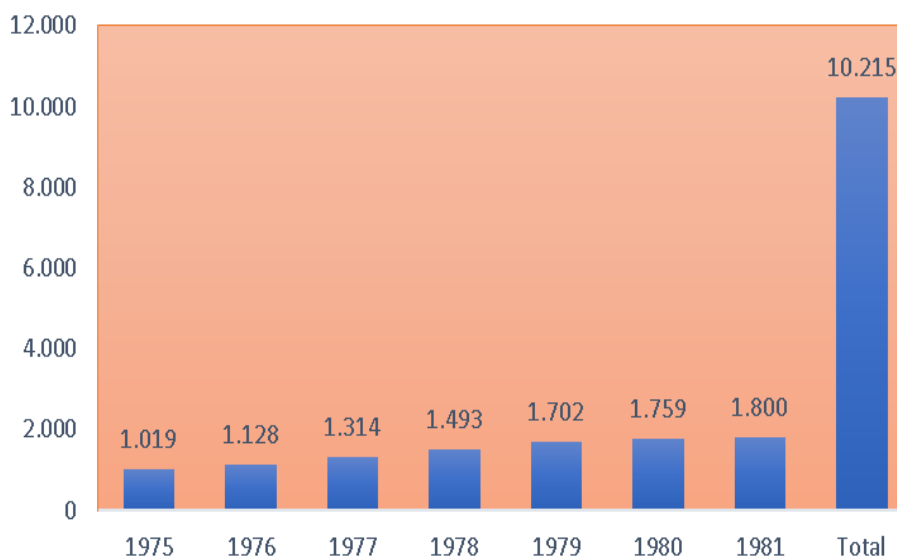
²⁹⁹ IASD [Redação]. Educação na Unisul. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 72, n.º 2, fevereiro de 1977, p. 33.

Figura 11 - Estudantes batizados em 1976



Fonte: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 72, n.º 2, fevereiro de 1977, p. 33.

A foto mostra alunos de uma escola adventista na cidade de Blumenau, em Santa Catarina. A imagem apresentava 13 estudantes, aparentemente, com idades diferentes. No ato batismal, é possível observar que as crianças seguram uma rosa. O fato de deterem a flor, possivelmente, remete a ideia demonstrativa do sentimento de amor, cuidado. Provável tática de sensibilização da mente humana. Nesse caso, a intenção é comover os espectadores ao afeiçoamento à/na causa evangelística. Quanto maior o volume de educandos fiéis às doutrinas da Igreja, melhor para os objetivos pretendidos. Abaixo, o número de matrículas do Ensino Médio, contido no artigo referido acima, da revista de abril de 1982.

Gráfico 7 - Matrículas do Ensino Médio

Fonte: gráfico produzido pelo autor a partir de dados contidos no artigo “Unisul: novas metas para a educação” In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 77, n.º 4, abril de 1982, p. 19.

O gráfico apresenta o número de alunos que a educação adventista conseguiu alcançar entre 1975 e 1981. Pode-se inferir que as matrículas ocorreram crescentemente, totalizando 10.215 estudantes. O resultado animava a cúpula da IASD e mantinha o incremento no investimento ao setor educacional – na expectativa que as escolas formassem/despertassem mais missionários³⁰⁰.

Os gestores adventistas, por meio dos institutos de ensino, moldados, criados e mantidos pela IASD, trabalharam para atingir os objetivos de aumentar a influência, no território brasileiro, ao formarem uma classe de membros devotos à missão de evangelizar. Certos de que precisavam tecer uma juventude fiel aos costumes, moral e ética da doutrina, implementaram melhorias físicas nas estruturas dos prédios escolares, no corpo docente. Intensificaram a propaganda na Revista, dedicando-se a investir no setor educacional, pois sabiam que jovens aptos, física e intelectualmente, eram necessários para “ceifar a vindima madura que brotava na seara brasileira”.³⁰¹

³⁰⁰ AZEVEDO, Roberto César de. Educação na Unisul. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 73, n.º 12, dezembro de 1978, p. 26.

³⁰¹ SANTOS, Floriano Xavier. Nosso evangelismo interno. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 67, n.º 12, outubro de 1972, p. 9-10.

4.3 Pra frente EDESSA!

o Educandário Espírito-Santense Adventista assume um lugar de destaque entre as instituições educacionais adventistas. Sendo considerada a melhor escola de 1º grau da região, o EDESSA procura cumprir o seu dever de Instituição Adventista, dando aos seus alunos uma formação integral, atingindo os setores espiritual, moral e intelectual, num desenvolvimento harmônico. Temos sentido no desenvolvimento desta escola a mão poderosa de Deus guiando, orientando e abençoando. (...) O EDESSA conta atualmente com 350 alunos, sendo 303 internos, com 87% de alunos ADVENTISTAS³⁰².

No artigo acima, intitulado “A realidade do novo EDESSA”, publicado na revista de dezembro de 1977, Daniel Pereira Baía, exaltava a importância que o colégio ganhou entre as diversas instituições de ensino da IASD no Brasil. Ele frisava que a escola era a melhor entre todas ao nível de Ensino Fundamental do território capixaba. Enfatizava a relevância que o instituto tinha para a formação do alunado adventista no Espírito Santo – tendo em vista que recebia considerável número de estudantes nas dependências do educandário.

O número de estudantes matriculados no instituto foi significativo, tendo em vista que figurava como novo e ainda em fase de melhoria nos setores estruturais, físicos e no corpo docente. Havia montante de 350 discentes até o ano de 1977, sendo 303 alunos internos. Desse total, quase 90% integravam-se sendo adventistas. Produzia-se resultados expressivos para os objetivos missionários que os dirigentes adventistas desejavam para o país. Abrangia a estratégia de fortalecimento de “boa imagem” para os membros fiéis e para a sociedade, tratavam de fornecer ensino de “excelente qualidade”, frisando o desenvolvimento da “moral e dos bons costumes”, o que atraía também as elites a matricularem os filhos em busca de célebre preparo para a prole³⁰³.

O Educandário Adventista Espírito-Santense (EDESSA) acabou sendo erguido nas proximidades do Rio Doce, abrangendo extensão territorial de aproximadamente 270.000 m² na Associação Leste, no município de Colatina. O prédio escolar foi criado a partir de reunião da Assembleia Bial, realizada pela liderança adventista, em 1961. A fundação do instituto sofreu reveses, opiniões contrárias para a instalação em terras capixabas³⁰⁴. A IASD tratou de expandir-se, conquistando espaços, porém, desejava que os estabelecimentos – igrejas,

³⁰² BAÍA, Daniel Pereira. A realidade do novo EDESSA. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 72, n° 12, dezembro de 1977, p. 34

³⁰³ GUSSO, Sandra de Fátima Krüger. O início do protestantismo histórico no Brasil luta por direitos, evangelismo e educação. *Revista Via Teológica*, edição especial, v.1. n. 3 – 2021. Disponível em: <<https://www.fabapar.com.br/blog/o-inicio-do-protestantismo-historico-no-brasil-luta-por-direitos-evangelismo-e-educacao/>>. Acesso em 19 de julho de 2022 às 12h04.

³⁰⁴ IASD [Redação]. Venha ver o EDESSA. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 70, n.º 8, agosto de 1975, p. 10.

colégios – gerassem a conversão de fiéis. Porém, a ala mais conservadora da denominação acreditava que fincar tais institutos em locais com baixa quantidade de pessoas e/ou regiões empobrecidas poderia gerar despesas desnecessárias, ou seja, não valia a pena gastar para ter pouco retorno.

As lideranças que eram favoráveis à edificação da escola no estado do Espírito Santo, mantiveram-se firmes na ideia de construí-lo. Após desavenças internas, o EDESSA foi fundado e iniciou às atividades educacionais no ano de 1962. Os trabalhos deram-se em condições simplórias, com parca estrutura física, baixo número de professores e escassez de conforto para os primeiros estudantes que o frequentavam.

Findada a reunião bienal, após debates prolongados acerca da execução do educandário, o projeto foi aprovado, porém, preso a determinações, em que limitavam a atuação livre por parte das lideranças locais adventistas. O EDESSA não poderia protocolar qualquer pedido de ajuda financeira para compra de novos terrenos, a construção de prédios ou a própria conservação. No entanto, essas condicionalidades ficaram obsoletas, já que às necessidades de modernização exigiam diversos recursos pecuniários para que fosse implementado, erguido, mantido e modernizado. A quebra do compromisso em não ser beneficiário de quaisquer socorros monetários se deu após substituição de dirigentes adventistas que ocupavam posições de comando nas 145 administrações superiores, ficando assim, pretérito o acordo estabelecido para a fundação do colégio.³⁰⁵

Os fundadores do EDESSA, após buscas por terreno que considerassem adequado para a construção do prédio, encontraram ambiente apropriado para as instalações do edifício em uma fazenda pela quantia de \$50.000.000 Cruzeiros³⁰⁶. O presidente da Associação, Ernesto Roth (1904 – 1994)³⁰⁷, liderou a compra e pagamento da propriedade. Abaixo, na imagem publicada no artigo “Por que existe o EDESSA”³⁰⁸, de Zizion Fonseca, diretor do colégio, explanou estruturas dispostas no espaço adquirido.

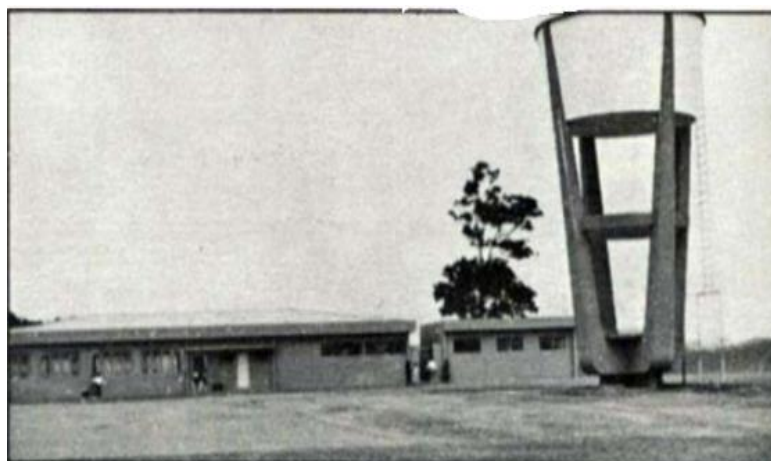
³⁰⁵ SANTOS, Eduardo Cavalcante Oliveira. *Internatos Adventistas no Brasil em questão: os discursos de permanência da filosofia e das práticas educacionais e os indicativos de ocorrência de atualização na condição pós-moderna*. Dissertação (mestrado em ciências da religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP, 2016, p. 144

³⁰⁶ *Id. Ibid.*, p. 145.

³⁰⁷ ROTH, Ernesto (1904 – 1994). *Vida precoce, trabalho de carpintaria e batismo*. Disponível em: < <https://encyclopedia.adventist.org/article?id=8GNY&highlight=ErnestoRoth> >. Acesso em 14 de junho de 2022 às 10h53

³⁰⁸ FONSECA, Zizion. Por que existe o EDESSA? In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 73, n.º 5, maio de 1978, p. 36.

Figura 12 - Prédio do EDESSA em maio de 1978



Fonte: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 73, n.º 5, maio de 1978, p. 36.

A imagem mostra o ambiente em fase de desenvolvimento. Percebe-se que há espaço vago para que novos prédios, salas, ginásios e/ou quaisquer outros projetos que pudessem ser executados, conforme o interesse e necessidade dos diretores, professores, alunos e colaboradores internos. O local era visivelmente rural. O educandário cresceria, e, posteriormente, tornar-se-ia um dos principais alvos de matrículas pelas famílias adventistas da região capixaba. Após o pagamento do terreno, era preciso erguer o colégio e o corpo docente para lecionar as matérias ofertadas. Para isto, em 1962, após a educadora aposentada, Elsa Gutzeit, voluntariar-se-ia para ministrar às aulas, em curso noturno de nível primário, dá-se início às atividades de ensino nas dependências do educandário. Abaixo segue imagem do corpo preceptor da escola, publicada na revista de agosto de 1975³⁰⁹.

³⁰⁹ IASD [Redação]. Venha ver o EDESSA. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 70, n.º 8, agosto de 1975, p. 10.

Figura 13 - Corpo docente do EDESSA



Fonte: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 70, n.º 8, agosto de 1975, p. 10.

A imagem mostra, ao centro, o professor Zizion Fonseca, diretor do colégio entre 1974 e 1990, rodeado pelo quadro docente. A escola apresentava o ambiente simplório, em fase de desenvolvimento, porém, tratava-se de demonstrar que, embora ainda estivesse em estágio de estruturação, possuía “bons preceptores”. No entanto, nem todos os educadores do instituto possuíam curso de nível superior.

No ano de 1964, o EDESSA passou a oferecer os ensinamentos de 1.ª e 2.ª séries. Discursava-se nas publicações dispostas na Revista, que o educandário recebia números consideráveis de alunos. No entanto, sofria em carência de estrutura física como: filtro de água, geradores de energia elétrica, animais e carroças, tratores para o trabalho no campo. Além de faltarem móveis para o conforto nos dormitórios projetados, os cômodos não tinham boa infraestrutura³¹⁰. Em agosto de 1966, deu-se início às construções definitivas do colégio. Desta forma, a partir de prédios que já estavam na fazenda, foram reformados para servir de aposentos para as moças e rapazes. Cozinha, refeitório, salas de aulas e dependências que

³¹⁰ SANTOS, Eduardo Cavalcante Oliveira. *Internatos Adventistas no Brasil em questão: os discursos de permanência da filosofia e das práticas educacionais e os indicativos de ocorrência de atualização na condição pós-moderna*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião-) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP, 2016, p. 145.

servissem aos cultos durante os sábados. Os pioneiros desejavam que a escola tivesse o máximo de “bom suporte”. Abaixo, mostra-se o refeitório, no artigo “Um novo EDESSA”³¹¹, publicado pela IASD [Redação] na revista de dezembro em 1976.

Figura 14 - Refeitório do EDESSA reformado



Fonte: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 71, n.º 12, dezembro de 1976, p. 25

A imagem mostra o refeitório para servir ao EDESSA. A foto exhibe o lado externo do prédio. É possível ver que o ambiente era campesino, sem qualquer asfaltamento, sendo de chão batido, ou seja, areia, barro e poeira. No entanto, os líderes versavam em modernizá-lo, pois sabiam que se tornava necessário para poder abrigar e atrair o maior número de matrículas.

Os diretores e responsáveis pelo crescimento e inovação do colégio buscaram reformá-lo para que os estudantes que viviam em regime de internato pudessem se alimentar em local apropriado. O foco dos institutos era a formação de missionários, já que possuía meandros mais fáceis de fazer com que esse trabalho fosse executado de forma gradual e frutífera³¹². A

³¹¹ IASD [Redação]. Um novo EDESSA. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 71, n.º 12, dezembro de 1976, p. 25.

³¹² AZEVEDO, Roberto César de. Educação na Unisul. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 73, n.º 12, dezembro de 1978, p. 26

seguir, mostra-se o dormitório masculino em fase de construção. Publicado no artigo “Um novo EDESSA”³¹³, pela IASD [Redação] em dezembro de 1976.

Figura 15 - Dormitório masculino do EDESSA



Fonte: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 71, n.º 12, dezembro de 1976, p. 25.

A imagem mostra o início das aparelhagens, para que os rapazes que desejavam ser alunos do colégio pudessem ser acomodados nos dormitórios, já que viveriam na escola maior parte do tempo. O alojamento para os estudantes do sexo masculino tornou-se necessidade. Dessa forma, os líderes do EDESSA visavam construir ambientes que conseguissem portar abrigos nas instalações do prédio.

Objetivava-se transpassar excelente gravura do instituto. O centro de ensino foi pensado como “bem indispensável à região”. Afastar os discentes do contato com conceitos, princípios, livros, conversas, filmes, etc., que os levassem a refletir diferente do que estava na doutrina, cabia aos professores, aos pais e à Igreja. Deixá-los “desnutridos” da filosofia adventista figurava-se como inconcebível, já que os dirigentes da denominação atinavam que se fazia crucial fortalecer à fé nos preceitos cristãos³¹⁴. Abaixo destacamos figura publicada no artigo, “Um novo EDESSA”³¹⁵, pela IASD [Redação] em dezembro de 1976.

³¹³ IASD. [Redação]. Um novo EDESSA. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 71, n.º 12, dezembro de 1976, p. 25.

³¹⁴ PINHO. Orlando G. de. Nosso tempo e nossa doutrina IX: a vida moderna e os princípios adventistas. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 68, n.º 3, março de 1973, p. 18.

³¹⁵ IASD. *op. cit.*, p. 25.

Figura 16 - Dormitório feminino

Fonte: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 71, n.º 12, dezembro de 1976, p. 25

A imagem apresenta o dormitório feminino. Na foto, em preto e branco, é possível ver que havia algumas moças, estudantes do EDESSA, tanto na parte de baixo, quanto na seção superior do prédio. No registro, elas aparecem em momento de socialização. Atendê-las eram preocupações dos dirigentes do colégio, tendo em vista que esperavam que o instituto pudesse ser bem-visto, recomendado e almejado como centro de ensino para os pais matriculem os filhos.

O dormitório das moças que estudavam no colégio era uma carência, já que o objetivo concernia em manter o máximo de alunos sob as normas da filosofia adventista o maior tempo possível. Os estudantes, durante todo o período em contato com as doutrinas e sendo admoestados a permanecerem firmes na fé, fortaleciam os laços cristãos. Na Revista, a mensagem de instituto de ensino apropriado, visava a que os pais se tornassem contribuintes com o trabalho educativo, mantendo os filhos matriculados no EDESSA³¹⁶.

No artigo “Por que existe o EDESSA?”³¹⁷, publicado na revista de maio de 1978, o diretor Zizion Fonseca afirmava que o colégio era o ambiente pedagógico “esperado” pelos genitores. Destacava possuírem os cursos de 1.º e 2.º graus, além de exaltar a figura do corpo

³¹⁶ CALVANI, Carlos Eduardo Brandão. A educação no projeto missionário do protestantismo no Brasil. *Rev. Pistis Prax., Teol. Pastor.*, Curitiba, v. 1, n. 1, p. 53-69, jan./jun. 2009. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/pistispraxis/article/view/10730/0>>. Acesso em 19 de julho de 2022 às 15h09.

³¹⁷ FONSECA, Zezion. Por que existe o EDESSA? In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 73, n.º 5, maio de 1978, p. 36.

docente disponível. Atestava que mais do que ser professores, figuravam como missionários da obra evangelística, buscando incutir a sensação de que a “presença de Cristo” achava-se certa no educandário. O intuito ambicionava fazer *marketing*, potencializar a comercialização da escola, já que o propósito concernia em atrair matrículas para o instituto. O objetivo em conseguir repassar a imagem de que o EDESSA simbolizava o “lugar certo”, “o espaço ideal”, quase como obrigatório para os estudantes poderem compor-se em percorrer “bons caminhos.”

O diretor, Zizion Fonseca, na busca por passar estampa positiva, tratava de deixar nítido que o educandário existia para fornecer aos estudantes “a verdadeira educação”, a qual serviria para a vida presente e futura. A estratégia concernia em criar a certeza de que a escola figurava o melhor lugar e a “escolha certa” para que houvesse tranquilidade, paz de espírito e felicidade. A “glória do sucesso” estava, desse modo, nas dependências do instituto de ensino. Era preciso manter o colégio, para que servisse como meio de educação que levasse à juventude adventista da região a permanecerem próximos da doutrina, à formação de novos missionários para que doassem o vigor físico em prol do evangelismo. Crentes em realizar o compromisso em disseminar às doutrinas da Igreja

[...] o espaço social tal como foi descrito é uma representação abstrata, produzida mediante um trabalho específico de construção e, a maneira de um mapa, proporciona uma visão panorâmica, um ponto de vista sobre o conjunto dos pontos a partir dos quais os agentes comuns [...] em suas condutas habituais - lançam seu olhar sobre o mundo social³¹⁸.

No artigo “O EDESSA conquista almas para Cristo”³¹⁹, Daniel Bahia, testificava que às ocupações religiosas perfaziam dos principais objetivos da escola. Para que esse projeto fosse posto em prática, foi realizada série de atos que buscaram inserir os estudantes em diversas atividades que os aproximassem dos conceitos da credulidade cristã, em que se almejava tratar de fortalecer às doutrinas. Ele destacava a relevância que o educandário representava na obtenção de “almas” para servir como “braço de ferro” da IASD, nos campos, ao conquistar conversos³²⁰. A Igreja acabava por aumentar a quantidade de membros que serviriam ao “exército do credo adventista”. Com o selamento da fé por meio do batismo, ato

³¹⁸ BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. Tradução Daniela Kern; Guilherme J. F. Teixeira. São Paulo: Edusp. Porto Alegre, RS: Zouke, 2007, p. 162.

³¹⁹ BAHIA, Daniel. O EDESSA conquista almas para Cristo. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 73, n.º 2, fevereiro de 1978, p. 29.

³²⁰ *Id. Ibid.*

simbólico, em que os protestantes atestam como a ação de “morrer para o mundo” e viver para Cristo³²¹.

Os líderes, diretores, professores e colaboradores deveriam cooperar para o instituto ser a escolha feita das gerações adventistas. Os pais eram incentivados a matricular os filhos, os professores a manterem a cristianização. Nos trabalhos evangelísticos, por meio da disseminação da educação, enviesada pela doutrina, estão as colunas necessárias para a propagação, difusão e cimentação da ótica de mundo adventista³²². O colégio recebeu diversas ajudas financeiras, para poder concluir às instalações físicas. Para isso, contou com auxílio e apoio de deputados que prestavam contribuição ao educandário. A exemplo, na imagem publicada no artigo “Verba para o EDESSA”³²³, em outubro de 1975, pela IASD [Redação].

Figura 17 - Deputado Gerson Camata e o Pastor adventista, José Bellesi Filho



Fonte: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 70, nº 10, outubro de 1975, p. 14

Na imagem, está à esquerda, o então parlamentar capixaba Gerson Camata (1941 – 2018)³²⁴, em que ocupou às legislaturas de 1974 – 1979 e 1979 – 1983 na Câmara dos

³²¹ BÍBLIA. 1 Pedro. Português. In: A. *Bíblia sagrada*: Antigo e Novo Testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969, p. 1.449.

³²² VIEIRA, Cesar Romero Amaral. *Protestantismo e educação: a presença liberal norte americana na reforma Caetano de Campos – 1890*. Tese (Doutorado em Educação). Piracicaba: Universidade Metodista de Piracicaba, 2006.

³²³ IASD [Redação]. Verba para o EDESSA. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 70, n.º 10, outubro de 1975, p. 14.

³²⁴ CAMATA, Gerson. Arquivo FGV CPDOC. Disponível em <<https://www.camara.leg.br/deputados/131699/biografia>>. Acesso em 19 de julho de 2022 às 16h21.

Deputados no Congresso Nacional. Nos referidos mandatos, esteve filiado ao Aliança Renovadora Nacional (ARENA)³²⁵. À direita, figurava o pastor José Bellesi Filho (1921 – 2009)³²⁶. Ambos estavam sentados, em que o eclesiástico segurava algo como uma revista. A foto versava transmitir naturalidade na conversa entre os dois. Eles pareciam dialogar como “bons amigos parceiros”. O momento tratou do repasse do Ministério da Educação no valor de \$600.000,00 cruzeiros para o EDESSA. Conforme a Revista, o parlamentar empenhou-se no êxito da verba. Segundo o editorial do impresso, o político estaria cumprindo promessa feita de que seria destinado quantia pecuniária para a estruturação do colégio.

A proximidade com os militares, deputados, senadores, prefeitos, governadores figurava-se como basilar para a Igreja crescer em estima aos olhos das autoridades políticas e ocupassem expansão territorial no cenário político e social. As vinculações de interesses existiam de ambos os lados. Eram versadas em regime colaborativo. Os líderes adventistas afirmavam que as ligações com o setor público englobavam-se sendo amigáveis³²⁷, como o encontro apresentado na imagem acima, com o então parlamentar Gerson Camata.

A direção cristã manteve relações gerais com os representantes congressistas, pois juntamente com diversos ideais comuns se coadunavam. Os dirigentes da IASD trabalhavam de modo sutil, prudente e cauteloso. No interior dos templos religiosos, os pastores discursavam o afastamento dos fiéis dos setores públicos congressistas, afirmando que não pertencia aos cristãos envolverem-se com a política, tendo em vista que “as coisas do mundo” eram passageiras e não caberia aos devotos cercar-se delas³²⁸.

Além dos deputados federais, havia relações com governadores, deputados estaduais e prefeitos. A exemplo, quando “o EDESSA comemorou o seu 10.º aniversário no dia 3 de outubro de 1973. (...) Havia inúmeras autoridades presentes, inclusive o Sr. Carlos Luiz Frederico Berger, prefeito de Baixo Guandu.”³²⁹ A liderança da Igreja Adventista possuía

FREITAS, Caroline. Do assassinato ao julgamento: vídeo conta a história da morte de Gerson Camata. A Gazeta, 2021. Disponível em: <<https://www.agazeta.com.br/es/politica/do-assassinato-ao-julgamento-video-conta-a-historia-da-morte-de-gerson-camata-0821>>. Acesso em 15 de junho de 2023 às 14h05.

³²⁵ SOBREIRA, Dmitri da Silva Bichara. *Para além do “sim, senhor”*: a Aliança Renovadora Nacional (ARENA) e a ditadura militar na Paraíba (1964 – 1969). Dissertação (mestrado em História.) Universidade Federal da Paraíba - UFPB-PB, 2016, p. 40.

³²⁶ FILHO, José Bellesi. (1921 – 2009). Centro Branco brasileiro. - UNASP. Disponível em: <<https://encyclopedia.adventist.org/article?id=7GFG&lang=pt>>. Acesso em 01 de agosto de 2022 às 11h52.

³²⁷ NEPOMUCENO, Antonio A. *Departamento de Assuntos Cívico-Religiosos da Confederação das Uniões Brasileiras da IASD. Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 66, n.º 4, abril de 1971, p. 37.

³²⁸ IASD. Os adventistas e a política. Adventistas.org. Disponível em: <<https://www.adventistas.org/pt/institucional/organizacao/declaracoes-e-documentos-oficiais/os-adventistas-e-politica/>>. Acesso em 01 de agosto de 2022 às 14h57.

³²⁹ IASD [Redação]. O EDESSA aniversaria. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 69, n.º 2, fevereiro de 1974, p. 27.

conexões com diversos setores políticos em todos os níveis da esfera pública, pois tinham como principal objetivo o crescimento da denominação. Evitavam atritos com as autoridades parlamentares, já que desejavam manter ligações “saudáveis”, para que os benefícios se tornassem viáveis e a IASD pudesse atuar sem empecilhos que travassem e/ou atrasassem o avanço do evangelismo no país.

Os editores publicaram na revista de fevereiro de 1976, em artigo intitulado “O novo EDESSA”³³⁰ de Corino Pires da Silva (1924 – 2015)³³¹, do departamento de educação, a imagem abaixo, em que, ao redor de um político, há um círculo de inúmeros sujeitos atentos à fala do parlamentar capixaba:

Figura 18 - Deputado Manoel Meneguelli discursando sobre modernizações para o EDESSA.



Fonte: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 71, n° 2, fevereiro de 1976, p. 10

A imagem mostra a inauguração de reformas e modernização dos espaços do EDESSA. A ocasião contou com o comparecimento de delegados da União Este-brasileira, representantes da Assembleia Legislativa do Espírito Santo, membros adventistas, dirigentes das igrejas do campo local e administradores da Associação Leste, em que se estabeleceu o dormitório feminino no colégio.

³³⁰ SILVA, Corino Pires da. O novo EDESSA. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 71, n.º 2, fevereiro de 1976, p. 10.

³³¹ SILVA, Corino Pires da. *Biblioteca de Materiais e Desbravadores*. Disponível em: <<https://desbravadoresequibiblioteca.blogspot.com/2021/06/pastor-corino-pires-da-silva.html>>. Acesso em 15 de junho de 2022 às 9h38.

Dentre as várias personalidades, destacou-se a presença do deputado estadual João Manoel Meneguelli (1929 – 2002)³³². Ele era filiado ao (ARENA), na legislatura de 1975 – 1979. Discursou, no evento em destaque, para os espectadores no festejo. A relação trouxe frutos para o crescimento, melhoria e implantação de novos acessos que os líderes da Igreja acabavam por criar com as autoridades políticas.

O nome da Igreja crescia entre os setores políticos como referência positiva em que às relações de interesses conjuntos iam sendo tecidas. Na foto acima, o deputado João Meneguelli, com o microfone em mãos, discursou em favor da construção do dormitório das alunas adventistas. O encontro, com o comparecimento de diversas autoridades políticas e civis, foi permeado de interesses mútuos que ocorriam entre os líderes adventistas e os políticos. A Igreja chamava esses “negócios” de “atitude amiga entre militares, senadores, deputados etc.”³³³ Em diversas ocasiões, a presença de autoridades políticas figurou-se destaque na Revista, como na imagem abaixo, publicada no artigo “EDESSA – novas instalações”³³⁴, em setembro de 1977, de Corino Pires da Silva.

Figura 19 - Inauguração de novas instalações no EDESSA



Fonte: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 72, n.º 9, setembro de 1977, p. 28

³³² DUTRA, Paulo César. *João Meneguelli teresense de nascimento e colatinense de coração*. Diário Digital Capixaba, 2021. Disponível em: < <https://diariodigitalcapixaba.com.br/noticia/1651/joao-meneguelli-teresense-de-nascimento-e-colatinense-de-coracao> >. Acesso em 19 de julho de 2022 às 16h51.

³³³ NEPOMUCENO, Antonio A. Departamento de Assuntos Cívico-Religiosos da Confederação das Uniões Brasileiras da IASD. *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 66, n.º 4, abril de 1971, p. 37.

³³⁴ SILVA, Corino Pires da. EDESSA – novas instalações. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 72, n.º 9, setembro de 1977, p. 28.

A imagem mostra a placa do EDESSA quando, em solenidade para as novas instalações do instituto. Na foto, destacam-se Irena Álvares, esposa do então governador do Espírito Santo, Élcio Álvares (1932 – 2016), filiado ao ARENA. O momento à mostra e o cônsul alemão, Alfredo Henle, descortinando o molde. O evento contou, ainda, com diversas autoridades civis e religiosas, dentre os dirigentes adventistas, estava o pastor Enoch de Oliveira.

A Igreja manteve boa estampa ao se aproximar das personalidades influentes, embora, conforme dito, o discurso para os membros da base fosse para se abster da política. Ao conquistar a estima das lideranças públicas, da sociedade dominante, iam se expandindo e ocupando espaços. Abaixo, ainda no mesmo artigo de Corino Pires da Silva, o retrato mostra, na comemoração ocorrida, em que foi possível ver “figurões”, lideranças políticas e civis, colaboradores e demais espectadores presentes no festejo prestigiarem o desfile, realizado por estudantes do instituto.

Figura 20 - Estudantes em desfile no EDESSA



Fonte: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 72, n.º 9, setembro de 1977, p. 28

A fotografia demonstra o desfile realizado por estudantes no pátio da escola, o qual visou impressionar às autoridades presentes. Na solenidade, quatro moças conduziam a bandeira do Brasil. O ato foi para asseverar patriotismo, respeito aos símbolos do país e alavancar a estampa do educandário. Todas as meninas estavam usando branco nas

vestimentas, desde os sapatos calçados às luvas nas mãos. Logo atrás, outros alunos se aproximavam segurando cartazes com dizeres, porém, a qualidade da imagem dificulta a leitura deles. Na Revista, os editores publicaram o cortejo como procedimento brilhante, deslumbrante, esplêndido.

Anteriormente ao desfile, realizou-se um culto, na capela do instituto. Nesse momento, o pastor Enoch de Oliveira, que comandou a cerimônia, aproveitou para frisar aos espectadores que a educação cristã adventista era a solução para os problemas que a juventude brasileira enfrentava.

A educação adventista produziu frutos para a IASD no país. Por meio dela, o crescimento dos institutos foi visível, como no EDESSA. As relações públicas, permeadas pelos interesses e objetivos da Instituição religiosa, ao querer expandir-se, solidificar-se como a denominação singular, pelas terras brasileiras, foi importante para se compreender a atuação política, social e religiosa executada no período histórico analisado neste trabalho.

4.4 IUP, IAP!

O campus escolar do novo Instituto Adventista Paranaense está localizado no ponto mais pitoresco de uma fazenda de 171 alqueires, não muito longe de Maringá, cidade com 150 mil habitantes. Desde o primeiro dia de aula oficial, 2 de março de 1975, até o momento, o novo IAP vem "caminhando com botas de sete léguas", contando já com 105 alunos e seis professores e uma estrutura agropecuária e industrial que muito promete. O colégio oferece o Fundamental, da 1.^a à 6.^a série, e estará em condições de ministrar todo o 1.º Grau e a 1.^a série do 2.º Grau, a partir do ano que vem³³⁵

No trecho acima, publicado no artigo “I.A.P escola que nasceu grande”, Rubens Lessa (1937 – 2019)³³⁶ aborda a localização do prédio, descreve imagem positiva e relata sobre o funcionamento do educandário. Ele esmiúça o Instituto Adventista Paranaense (IAP) como lugar ideal para abrigar os alunos e enfatiza a caminhada bem sucedida da referida instituição. O colégio passou por diversas mudanças de endereço, até chegar no atual, após a transferência para o interior do estado do Paraná, no município de Ivatuba.

O referido artigo descreve o crescimento do educandário, “em ritmo acelerado”, com estrutura docente e física para chamar a atenção dos pais a matricular os filhos no colégio. A

³³⁵ LESSA, Rubens. IAP - escola que nasceu grande. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 71, n° 10, outubro de 1976, p. 22.

³³⁶ LESSA, Rubens da Silva (1937 – 2019). Biografia. ESDA By The Brazilian White Center – UNASP. Publicado em junho de 2021. Disponível em: <<https://encyclopedia.adventist.org/article?id=9GK9&lang=pt>>. Acesso em 24 de março de 2023 às 12h49.

mudança de localização do Instituto cumpriu sugestão do conselho da cofundadora da IASD, Ellen White – a qual recomendava que os colégios adventistas ficassem longe dos centros urbanos. Para ela, as escolas precisavam estar mais próximas da natureza, como sinônimo da mediação com Deus. Nessa perspectiva, era necessário que as escolas se encontrassem afastadas dos barulhentos, poluídos e agitados burgos, proporcionando ambientes calmos, pacíficos e serenos, próximos à esfera campestre. Para a escritora, o convívio com a fauna e flora do campo figuravam-se como “viver parte do céu”, mantendo distanciamento da influência de “pecados presentes nas cidades”³³⁷.

Para que os estudantes adventistas não ficassem sem escola e concluíssem os estudos, os dirigentes da Missão Paraná³³⁸, em 1938, decidiram comprar terreno que servisse para a construção de um instituto de ensino que recebesse os filhos dos adventistas. Imbuídos da ideia missionária, por meio dos centros de educação, visavam preparar jovens que lograssem ocupar postos de liderança nas administrações da Igreja³³⁹.

No ano de 1939, a liderança da Igreja juntou-se, em reunião, para deliberar acerca do estabelecimento de um colégio que servisse ao objetivo de formar fiéis, dispostos a disseminar a doutrina. Destacou-se como façanha, a construção de um instituto de ensino, pois se pensava nos jovens que estariam sob os ideais religiosos. Era necessário segregar os filhos adventistas dos que não professavam à fé, tendo em vista que o trabalho tinha o nítido intuito de manter os alunos o mais próximo da ideologia da IASD. Almejava-se o robustecimento da crença nos preceitos, dispostos na agenda do advento cristão³⁴⁰.

A solenidade marcou a gênese do colégio para atender os estudantes da Missão Paraná e Santa Catarina. O fato marcou os 55 anos de contato com a doutrina adventista, iniciados em solo brasileiro, na região Sul. No entanto, o compromisso estabelecido para a criação, manutenção e existência teve condições impostas. Para isto, deveria ser lecionado apenas até a sétima série de ensino, fosse o mais distante possível dos centros urbanos, para que o Estado não interferisse a ponto de oficializá-la, e que se achasse submetido a estudos que

³³⁷ WHITE, Ellen Gould. *Orientação da criança*: como ensinar seu filho no caminho em que deve andar. trad. Carlos Alberto Trezza. - Tatuí, São Paulo. Editora: Casa Publicadora Brasileira, 2014, p. 31-48.

³³⁸ GROSS, Renato; Oliveira, Samuel Wesley Pereira de. Associação Sul-paranaense. ESDA. Publicado em 21 de setembro de 2021. Disponível em: < <https://encyclopedia.adventist.org/article?id=7I48&lang=pt> >. Acesso em 19 de junho de 2023 às 20h06.

³³⁹ AZEVEDO, Roberto César de. Educação é notícia: In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 70, n.º 2, fevereiro de 1975, p. 20.

³⁴⁰ AZEVEDO, Roberto César de. Educação na Unisul. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 72, n.º 7, julho de 1977, p. 19.

viabilizassem a permanência da instituição com apenas três edifícios³⁴¹. O voto expressou, além da necessidade de suprir a demanda educacional, a intenção da prática do evangelismo, em que os pioneiros acreditavam ser um passo crucial no ganho de “almas” na região.

O IAP, criado após o fechamento do colégio em Santa Catarina, expressou o objetivo em atender o que seria o “clamor da juventude” em ter uma escola com princípios adventistas. O fechamento do colégio, nas terras catarinenses, gerou apreensão por parte dos pais e alunos, pois se pensou que não mais teriam um educandário, no qual pudessem dispersar os filhos, mantendo-os alimentados pela doutrina nos espaços educacionais cristãos. E, é partir disso que os líderes adventistas trataram de trabalhar para que os professores, os discentes e a obra evangelística, por meio da educação, não parasse. Deste modo, persistiram na manutenção de espaços de ensino, os quais pudessem abrigar à prole adventista. A luta por manter um ambiente pedagógico acabou por gerar, alguns anos depois, o que se chamaria Instituto Adventista Paranaense.

Teceu-se o cumprimento da sugestão de Ellen White, a qual aconselhou que os educandários fossem muralhas de proteção à mocidade, em relação ao contato com ideias seculares que pudessem causar desvio na fé, sobre os preceitos cristãos da doutrina. Era preciso fazer com que o “exército”³⁴² de jovens, preparados nos institutos, figurassem como atuantes no evangelismo. O novo endereço contou com 50 alqueires territoriais. Nesse processo, transportaram-se as cadeiras do município catarinense de Benedito Novo. Os materiais foram levados para a cidade de Butiá, no Rio Grande do Sul, para que pudessem ser usados pelos alunos que matricular-se-iam. Essas mudanças todas contribuíram para a consubstanciação do futuro IAP.³⁴³

O Educandário Adventista de Butiá (EAB) foi estabelecido em 1939, no município de Butiá, Rio Grande do Sul. O primeiro diretor foi um pastor denominado Eugênio. O instituto teve como primeiros integrantes do corpo docente o casal Werner e Rosa Frank³⁴⁴. O

³⁴¹ SANTOS, Eduardo Oliveira Cavalcante. Internatos Adventistas no Brasil em questão: os discursos de permanência da filosofia e das práticas educacionais e os indicativos de ocorrência de atualização na condição pós-moderna. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016, p. 132. Disponível em: <<https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/1974>>. Acesso em 19 de agosto de 2022 às 11h52.

³⁴² IASD [Redação]. Cristo, conta comigo agora! In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 68, n.º 8, agosto de 1973, p. 1.

³⁴³ SANTOS, Eduardo Oliveira Cavalcante. Internatos Adventistas no Brasil em questão: os discursos de permanência da filosofia e das práticas educacionais e os indicativos de ocorrência de atualização na condição pós-moderna. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016, 132. Disponível em: <<https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/1974>>. Acesso em 19 de agosto de 2022 às 11h52.

³⁴⁴ *Id. Ibid.*

ambiente, além de ser espaço que se ajustava como escola, para que fosse lecionado aulas aos estudantes, enquadrou-se como ponto de encontro dos dirigentes da IASD. O colégio permaneceu por cerca de sete anos na localidade, porém, os problemas com o lugar começaram a demonstrar dificuldade à permanência do instituto na região.

Segundo Santos (2016), o acesso ao colégio era íngreme, tendo em vista que as estradas possuíam dificuldades de passagem, por serem rodeadas de densa mata que o cercava, gerando entraves ao tráfego de transportes, alunos, professores e pessoas. Ocorriam enchentes que impediam o trânsito ao instituto, bloqueando a estação ferroviária, única forma de chegar e sair do educandário, o fornecimento de energia elétrica era precário. Somado a todos esses obstáculos, os alojamentos masculinos não dispunham de vasos sanitários internos, causando problemas em relação à higiene e intimidade dos estudantes. O dormitório feminino dispunha de igual precarização. A localização do colégio encontrava-se afastada dos centros urbanos e longe “dos pecados da cidade”. No entanto, com poucos anos de funcionamento, foi demonstrado que os problemas, por estarem tão distantes dos acessos ao “mundo civilizado e tecnológico”, impediram e/ou barraram o crescimento da escola, tendo em vista a série de entraves que se mostrou ser infortúnio entre o educandário e o progresso desejado.

Com os problemas que impediam que o colégio continuasse no município de Butiá, procurou-se melhor espaço que pudesse ser erguido o futuro IAP. Almejava-se atender os desejos de crescimento e suporte ao maior número de matrículas. Tratou-se, assim, de conseguir outro lugar que servisse de endereço para a escola. A pesquisa, por locais considerados apropriados para erguer o educandário, teve como principais nomes, o pastor e diretor da escola, Edmir de Oliveira (1936 – 2020)³⁴⁵ e Walter Boger (1934 – 1998)³⁴⁶, que se empenharam em obter território que lograsse alojar o instituto. A investigação os levou à cidade de Curitiba, capital do estado do Paraná³⁴⁷. No entanto, era necessário finalizar às atividades no EAB. Elas foram encerradas em 15 de novembro de 1947³⁴⁸.

³⁴⁵ OLIVEIRA, Edmir de (1936 – 2020). Centro Brando Adventista - UNASP. Publicado em 16 de dezembro de 2021. Disponível em: <<https://encyclopedia.adventist.org/article?id=6IHO>>. Acesso em 19 de agosto de 2022 às 9h54.

³⁴⁶ BOGER, Walter (1934 – 1998). Centro Brando Adventista - UNASP. Publicado em 16 de dezembro de 2021. Disponível em: <<https://encyclopedia.adventist.org/article?id=BGG1&lang=pt>>. Acesso em 24 de março de 2023 às 13h06.

³⁴⁷ LESSA, Rubens. IAP - escola que nasceu grande. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 71, n.º 10, outubro de 1976, p. 22.

³⁴⁸ SANTOS, Eduardo Oliveira Cavalcante. Internatos Adventistas no Brasil em questão: os discursos de permanência da filosofia e das práticas educacionais e os indicativos de ocorrência de atualização na condição pós-moderna. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,

O novo espaço que abrigou o futuro IAP tinha 69 alqueires de terra. A superfície apresentava-se plana e possuía um riacho, importante para as aulas práticas que os professores dariam no ambiente. O endereço era a fazenda Barigui, território que pertencia à família Ferreira do Amaral. A propriedade distava cerca de quinze quilômetro do centro de Curitiba. O colégio surgiu como potencial. Apostava-se em vertentes que trariam progresso à obra educacional. O nome Barigui foi usado por algum tempo até ser nomeado para Educandário Adventista de Barigui (EAB). O desenvolvimento econômico e populacional do estado do Paraná possibilitou o fortalecimento e crescimento da escola, tendo em vista que o *marketing* na Revista chamava a atenção dos fiéis. As matrículas no instituto tornaram-se realidade. Após alguns meses com a denominação “EAB”, passou a ser nomeado: IAP.³⁴⁹

No entanto, o instituto sofreu novamente mudança de localização, pois com o desenvolvimento de Curitiba, os governantes do Estado, almejavam implantar um polo fabril chamado a “cidade industrial”. Perfazendo total de 700 hectares de extensão, obrigou os dirigentes adventistas a pensar outro espaço, já que o colégio estava no perímetro em que o centro comercial seria/foi construído. A busca por novo ambiente que acoplasse o educandário deu-se início novamente.

Os dirigentes da IASD passaram por diversas propriedades em busca de local que considerassem satisfatório para abrigar o espaço do IAP. Após encontrarem ambiente que se encaixava no projeto adventista de ensino, aportaram à fazenda Santa Maria, situada no município de Ivatuba, Paraná. Ela possuía extensão territorial de 123 alqueires. A partir disso, deu-se o processo de negociação da terra. O valor disposto no acordo de aquisição chegou ao valor de \$3.200.000,00 Cruzeiros. Após a transação da compra, no dia 12 de agosto de 1974, os gestores trataram de simbolizar o lugar que seria construído e mantido o colégio, com “a pedra fundamental”, ou seja, um marco memorial, em que o instituto foi denominado de “Novo IAP”. Para chegar ao educandário era necessário ir ao km 19 da rodovia Maringá – Campo Mourão até que fossem observadas placas sinaleiras à margem da estrada que direcionavam à herdade.³⁵⁰

Após a mudança para Ivatuba, o IAP permaneceu/permanece nesta cidade até os dias atuais. O fortalecimento, crescimento, expansão e estampa positiva do instituto caberia aos professores, diretores, colaboradores, aos próprios estudantes e líderes da Igreja Adventista a

São Paulo, 2016, p. 133. Disponível em: <<https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/1974>>. Acesso em 19 de agosto de 2022 às 11h52.

³⁴⁹ *Id. Ibid.*, p. 134.

³⁵⁰ LESSA, Rubens. IAP: escola que nasceu grande. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 71, n.º 10, outubro de 1976, p. 22.

contribuir com o colégio. Abaixo segue imagem publicada na revista de janeiro de 1975, no artigo intitulado “I.A.P – renascendo em terra vermelha”.³⁵¹

Figura 21 - Solenidade ao novo espaço do IAP



Fonte: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 70, n.º 1, de janeiro de 1975, p. 14

A imagem mostra o momento em que os líderes da Igreja concebem o marco que fez com que os adventistas criassem a memória afetiva sobre o “Novo IAP”. O ato simbólico teve o intuito de exaltar os ânimos dos espectadores, tratando de germinar laços fraternos com o ambiente, imbuindo o público do sentimento de pertencimento e de compromisso com a instituição, emoldurando o utópico por meio do poder imaginativo das lembranças de um tempo presente.³⁵² Tratou-se de efetuar ligação emotiva com o espaço escolar. Criar recordação positiva era importante para que os docentes, estudantes e colaboradores fossem enlaçados por fidelidade e esforço na contribuição da consolidação, fortalecimento e expansão do educandário. Esta aspiração, tecida pelos dirigentes, visava atingir

O efeito da trajetória que conduz da posição original para a posição atual, o efeito dos condicionamentos sociais inscritos em uma condição particular e, especialmente importante tratando-se de compreender as tomadas de posição políticas como tomadas de posição expressas sobre o mundo social, o efeito de inculcação propriamente dito, a educação política, como a educação

³⁵¹ OLIVEIRA, Edmir de. IAP - renascendo em terra vermelha. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 70, n.º 1, de janeiro de 1975, p. 14.

³⁵² RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. trad. Alain François et al. Campinas, São Paulo. Editora: Unicamp, 2007.

religiosa que em sua forma eufemizada, tendo sido sempre recebida por uma parcela da população desde a infância e na família.³⁵³

A memória é fator de grande importância, tendo em vista que por meio dela é possível projetar os interesses de um passado desejado e/ou futuro ideado no presente, presente. O evento referido na imagem tratou de moldar a *anamnese*, a qual é o acúmulo de traços de funções ocorridas no cérebro, que nos remete a determinados momentos do pretérito. Fazendo-nos reviver recordações dos acontecimentos urdidos³⁵⁴. Na foto, pode-se visualizar diversas crianças com estaturas e idades variadas, formando um círculo ao redor da “pedra fundamental”. Observa-se que, além dos líderes, inúmeros adultos acompanhavam a solenidade. Ao fundo, colinas demonstravam que o ambiente era inserido e rodeado pela natureza.

No recorte temporal delimitado nesta dissertação, o diretor do IAP foi Edmir de Oliveira, o qual, constantemente, permaneceu destinando à Revista, notícias a respeito de como o instituto estava crescendo e se desenvolvendo. O intuito era mantê-lo vivo na memória dos leitores do periódico cristão. Necessitava-se propagá-lo para que o nome do colégio estivesse em destaque e fosse escolha da prole adventista. Durante toda a gestão, a presença da escola no impresso foi constante. Buscava-se trazer aos assinantes a ideia de que estava erguida em propício lugar para que, os filhos fossem matriculados. Edmir de Oliveira figurou-se como importante para o prédio escolar ser alicerçado, pudesse avançar e progredir de modo célere. Abaixo, apresenta-se imagem de Edmir de Oliveira e a esposa, publicada no artigo “IAP: renascendo em terra vermelha”³⁵⁵

³⁵³ BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. Tradução Daniela Kern; Guilherme J. F. Teixeira. São Paulo: Edusp. Porto Alegre, RS: Zouke, 2007, p. 412.

³⁵⁴ LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Trad. Bernardo Leitão et al. Campinas, São Paulo. Editora: Unicamp, 1990.

³⁵⁵ OLIVEIRA, Edmir. IAP: escola que nasceu grande. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 71, n.º 10, outubro de 1976, p. 22.

Figura 22 - Edmir de Oliveira, diretor do IAP e a esposa



Fonte: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 70, n.º 10, outubro de 1976, p. 23

A imagem mostra o pastor e diretor do IAP, Edmir de Oliveira e a esposa. A foto destacou a companheira exibindo momento sorridente. O semblante transpassava felicidade, contentamento em servir, ao segurar uma bandeja, na qual Edmir pegou um prato de comida. O tom de serenidade dele tratou de figurar a liderança e compromisso com a obra educacional. Ele foi peça fundamental para o colégio ser estruturado, alicerçado e expandido. Constantemente, divulgou estampa positiva da escola como espaço “saudável” para receber os estudantes.

Edmir de Oliveira faleceu em 2020. O legado tecido no IAP foi importante, tendo em vista que contribuiu com o crescimento do colégio desde a fundação. Basicamente, o educandário acabou sendo “gestado” por ele. Grande parte dos artigos publicados no periódico levam o nome dele como autor. O propósito figurou-se em cumprir a que a escola não ficasse invisível, esquecida e/ou desconhecida. Almejou, de forma estratégica, fazer com que os assinantes do impresso cristão soubessem da existência do instituto de ensino em Ivatuba. O desejo era que a prole adventista se matriculasse. Abaixo, segue imagem, publicada no artigo “IAP – construindo para servir”³⁵⁶

³⁵⁶ OLIVEIRA, Edmir de. IAP – construindo para servir. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 72, n.º 7, julho de 1977, p. 21.

Figura 23 - Solenidade adventista no IAP

Fonte: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 72, n.º 7, julho de 1977, p. 21.

A imagem apresenta ministros e membros adventistas, em que alguns seguravam tijolos, em façanha simbólica para a construção de mais um edifício na fazenda. A solenidade marcou a presença dos pastores Enoch de Oliveira, líder geral para a América do Sul, e Walter Boger. Os gestores da IASD se aglomeravam em meio a diversas crianças que observavam, talvez sem entender a dimensão do evento, o ato de significar o solo que abrigava às instalações do Instituto Adventista Paranaense.

A propriedade escolhida pelos líderes adventistas para que valesse aos objetivos da construção do “Novo IAP” foi produtiva. Os gestores conseguiram erigir o colégio que cresceu, tornar-se-ia referência para receber os estudantes e servia como “celeiro de missionários” para trabalhar nos “campos virgens” do Brasil, disseminando a doutrina. Nessa perspectiva, trataram de fortalecer o corpo docente, atrair matrículas e melhorar a estrutura física disponibilizada. Abaixo segue imagem da fazenda. A foto é do ano de 1977, publicada na revista de agosto, no artigo “IAP – construindo para servir”³⁵⁷.

³⁵⁷ OLIVEIRA, Edmir. IAP – construindo para servir. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 72, n.º 8, agosto de 1977, p. 20.

Figura 24 - Vista parcial da fazenda em que está o IAP



Fonte: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 72, n.º 8, agosto de 1977, p. 20.

O retrato mostra a vista parcial dos espaços na fazenda em que o IAP estava alojado. A foto apresenta o instituto nos primórdios. É possível observar quatro dependências construídas. O território era amplo. Figurava-se, nas páginas do impresso cristão, como o lugar desejado para os alunos poderem ter contato com a natureza, como orientou Ellen White. Almejou-se fazer com que o colégio crescesse e pudesse fornecer jovens convertidos aptos a trabalharem em prol da Igreja³⁵⁸. Abaixo, segue imagem publicada no artigo “IAP – renascendo em terra vermelha”³⁵⁹

³⁵⁸ BELTZ, Cláudio. IAP – “uma escola moderna com princípios antigos”. In: *Revista adventista*, Santo André, São Paulo, ano 68, n.º 2, fevereiro de 1973, p. 28.

³⁵⁹ OLIVEIRA, Edmir. IAP – renascendo em terra vermelha. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 70, n.º 7, julho de 1975, p. 4.

Figura 25 - Parque Industrial do IAP em construção



Fonte: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 70, n.º 7, julho de 1975, p. 4.

Na fotografia, o início da construção do parque industrial, pensado e projetado para dar “oportunidade” aos estudantes que necessitassem trabalhar, para poder pagar as mensalidades colegiais. A imagem apresenta as ideias dos gestores adventistas para que atendesse a demanda dos alunos. Na fazenda eram realizadas diversas plantações para a subsistência interna e a venda externa. Entre elas estavam o plantio do trigo, pomares e hortas. O educandário possuía serraria, marcenaria, serralheria.

Figura 26 - Plantações de trigo no IAP



Fonte: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 71, n.º 10, outubro de 1976, p. 22.

O retrato apresenta parte do território da fazenda em que eram plantados trigo. Na foto, é possível observar a presença de pessoas no ambiente, em regime de trato à/na terra. Agrícola e em fase de desenvolvimento, os plantios serviam para ensinar os alunos acerca da agricultura, da subsistência e mantê-los em atividades físicas, tendo em vista que o intuito foi conservar o alunado, com a mente ocupada nos afazeres e labores cotidianos. O espaço era compartilhado por homens e mulheres, que juntos tratavam de robustecer estampa acolhedora no/do IAP. Abaixo, apresenta-se imagem publicada no artigo “IAP – escola que nasceu grande”³⁶⁰ de Rubens Lessa.

Figura 27 - Habitação dos professores no IAP



Fonte: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 71, n.º 10, outubro de 1976, p. 22.

A imagem, em preto e branco, mostra a construção das casas dos docentes, localizadas na fazenda. As habitações serviam para que eles estivessem inseridos, integralmente, no cotidiano do colégio e pudessem gozar de conforto, vivendo, constantemente, o contexto do IAP. Os gestores almejavam fazer com que os que estavam na escola conseguissem se sentir parte componente do lugar. A foto mostra às moradias em estágio de melhorias. Ambiente campônio, apresentando rala urbanização, com árvores que desenhavam a paisagem.

O colégio figurou-se como importante lugar na condução social, intelectual e religiosa dos estudantes. Destacado como ambiente necessário, obrigatório para aqueles que desejavam

³⁶⁰ LESSA, Rubens. IAP - escola que nasceu grande. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano, n.º 10, outubro de 1976, p. 22.

“boa educação”, eram reforçados os preceitos cristãos como baluartes presentes nos espaços do IAP. Para contribuir com o crescimento do instituto, contou-se com a presença de diversas autoridades políticas e civis que agraciaram a escola. Abaixo segue imagem, em que a ida do governador do Paraná, ao educandário, foi destacada como sinônimo de positividade, publicado no artigo “IAP – renascendo em terra vermelha”³⁶¹ por Edmir de Oliveira.

Figura 28 - Comitiva governamental no IAP



Fonte: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 71, n.º 4, abril de 1976, p. 17.

Na imagem acima, ao centro, estava o então governador do Paraná, Jayme Canet Júnior (1925 – 2016), do partido político (ARENA). Do lado direito, encontrava-se o diretor do IAP, Edmir de Oliveira, e à esquerda, o pastor Walter Boger. A foto mostrou aglomeração de demais pessoas que acompanhavam o Chefe do Executivo Estadual, em que estavam secretários e deputados. Todos aparentavam manter diálogo fluído, em que se expressavam de modo “amigável”.

Na comitiva, encontravam-se figuras políticas importantes que se “vislumbravam” com os espaços físicos e o desenvolvimento do IAP. Na visita ao colégio assistiram o prefeito de Ivatuba, Joaquim Vieira de Almeida, os secretários da Educação, da Justiça e do Interior, respectivamente Francisco Borsari Neto, Túlio Vargas e Noel Lobo Guimarães. Além do

³⁶¹ OLIVEIRA, Edmir. IAP – renascendo em terra vermelha. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 71, n.º 4, abril de 1976, p. 17.

deputado federal Joaquim dos Santos e do deputado estadual Francisco Escosim, vereadores e representantes de canais de televisão.

Durante a comitiva, os líderes do IAP aproveitaram o momento para poder explicar ideais da educação cristã. Na ocasião, trataram de apresentar o plano piloto que almejavam para o colégio, às atividades agropecuárias desenvolvidas no instituto, buscando impressionar às autoridades políticas, com os esboços pensados para a expansão da filosofia adventista para o Brasil, e, em específico, para/no estado do Paraná.

Os líderes adventistas que receberam a comitiva, buscaram desenhar boa imagem do colégio, da Igreja Adventista. Trataram de enfatizar satisfação quanto à presença dos políticos. Em nítido intuito de abrir portas e fortalecer caminhos de diálogo, presente e futuro, para o desenvolvimento de planos e projetos para o robustecimento das ideias cristãs a serem postas em prática. Durante a recepção, o pastor Walter Boger fez questão de destacar que o Estado vivia em clima de paz e ordem, mantidos pelas autoridades políticas.

Edmir de Oliveira destacou que o governador teria se “impressionado” com as instalações do IAP, às ideias cristãs da Igreja e o trabalho educacional implantado no Brasil, em especial, no Paraná. Reforçou para o leitor do impresso que a escola tinha o apoio do governo. A presença de Jaime Canet estava assegurada no instituto. O destaque à visita do referido cortejo político no colégio foi descrito, para os assinantes do periódico, como importante e necessário, enquanto se visava reforçar, que à obra pedagógica não somente crescia em números, mas obtinha a estima de autoridades políticas na execução dos planos de expansão do ensino adventista. Abaixo, apresentamos imagem publicada no artigo “IAP – renascendo em terra vermelha”³⁶²

³⁶² OLIVEIRA, Edmir de. IAP – renascendo em terra vermelha. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 71, n.º 5, maio de 1976, p. 16.

Figura 29 - Jaime Canet, governador do Paraná, assinando convênio telefônico para o IAP



Fonte: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 71, n.º 5, maio de 1976, p. 16.

O retrato acima apresenta trecho da solenidade, em que o governo do estado do Paraná disponibilizou instauração de sistema telefônico para o IAP. Na foto, o registro é do momento em que o governador, Jaime Canet, assinou o convênio para a instalação da rede para a escola. A ocasião foi de júbilo para os gestores do educandário. A celebração representou avanço na modernização e desenvolvimento do Instituto Adventista Paranaense. É perceptível a satisfação estampada no rosto de Edmir de Oliveira. Ao fundo, é possível observar a presença, igualmente feliz, de uma mulher no evento. A figura, em que apresenta os sorrisos dos sujeitos referidos, objetiva demonstrar sensação de “vitória”, “conquista”, “inovação do espaço físico”. Abaixo, no mesmo artigo, segue imagem representativa de exultação entre as autoridades adventistas e políticas.

Figura 30 - Ministro das comunicações, Euclides Oliveira e o pastor Edmir Oliveira



Fonte: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 71, n.º 5, maio de 1976, p. 16.

A imagem mostra, em determinado intervalo da festividade, o ministro das comunicações do Brasil, Euclides Quandt de Oliveira (1919 – 2013)³⁶³, à direita, estampando afabilidade e satisfação, em diálogo com o pastor e diretor do IAP, Edmir de Oliveira, que dispunha de semelhante simpatia e cortesia ao devolver o sorriso, em cordial aperto de mãos. No flagrante, o político recebeu literatura adventista. O momento foi publicado na Revista como façanha de imensa grandeza, entusiasmo e júbilo. O trajeto de sucesso percorrido pelo IAP era divulgado com euforia, regalo, pompa e contentamento.

A publicação tratou de mostrar a colaboração entre as autoridades políticas e os líderes adventistas. A cena explanava aos leitores o trabalho realizado em prol da obra educacional. A ilustração, portanto, visava mostrar o sucesso empreendido, pelos gestores, na ação de fazer acontecer a expansão dos educandários, em particular, o Instituto Paranaense. É nítido o quanto era necessário passar boa imagem do colégio. Abaixo, apresenta-se fotografia publicada no artigo “IAP – uma escola moderna com princípios antigos”³⁶⁴ de Cláudio Beltz

³⁶³ BRAGA, Cláudio da Costa. Ministro Euclides Quandt de Oliveira. *Revista Marítima Brasileira*, 2020. Disponível em: <<https://portaldeperiodicos.marinha.mil.br/index.php/revistamaritima/article/download/3960/3853>>. Acesso em 19 de junho de 2023 às 20h54.

³⁶⁴ BELTZ, Cláudio. IAP – uma escola moderna com princípios antigos. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 68, n.º 2, fevereiro de 1973, p. 28.

Figura 31 - Estudantes do IAP

Fonte: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 68, n.º 2, fevereiro de 1973, p. 28.

A imagem mostra concentração de vários discentes, no que parece ser uma aula/atividade de educação física ao ar livre, em que se comemorava a vitória dos rapazes levantados em ato festivo. Possivelmente, após sucesso em algum jogo. A vivacidade e jovialidade, transmitida na foto, buscava contagiar o emocional dos assinantes do periódico cristão. A sensação almejada ao leitor é a de que o momento eternizado acontecia no “agora”. Todos apareciam festejando e apresentando semblantes de felicidade e/ou fraternidade.

No ambiente externo do IAP, os educandos eram divulgados sorridentes e demonstrando adaptação ao local de ensino, exprimindo entrelaçamento de familiaridade entre si. O objetivo do registro, em que foi destacado a cena alegre e exitosa, tratava de inspirar o desejo de que outros estudantes quisessem ser alunos no colégio em questão. “A cultura escolar desemboca aqui no remodelamento dos comportamentos, na profunda formação do caráter e das almas que passa por uma disciplina do corpo e por uma direção das consciências”³⁶⁵.

A imagem tratava de reforçar que os colégios dispunham de recintos “saudáveis”, nos quais os estudantes “viviam felizes” e preparados por “bons professores” para a vida secular e “eterna”. Não havia intenção em mostrar erros, conflitos, desavenças e/ou contrariedades

³⁶⁵ JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. *Revista Brasileira de História da Educação*, Campinas, n. 1, p. 9-43, 2001, p. 14. Disponível em: <<https://repositorio.unifesp.br/handle/11600/39195>>. Acesso em 31 de dezembro de 2022 às 19h04.

ocorridas nos ambientes escolares adventistas, já que os editores publicavam apenas o que interessava ser divulgado. Aquilo que não ambicionavam que fosse veiculado, não iria parar nas páginas do periódico. Portanto, manter a narrativa de que os educandários figuravam como espaços, plenamente, acolhedores, afáveis, receptores e cristãos era a máxima da instituição religiosa. Este discurso deveria concernir seguido e mantido para o progresso, crescimento, desenvolvimento e expansão da IASD.

O intuito era reforçar, marcar, lapidar características que realçavam o entrosamento, ambiente pacífico e amigável. Tratava-se de firmar os vínculos afetivos entre os estudantes, professores e colaboradores do educandário. O foco destacou o IAP como lugar em que imperava o desenvolvimento intelectual, físico, moral e espiritual. Objetivando angariar a confiança dos pais a matriculem os filhos na escola. Para os gestores do colégio, tornou-se imprescindível transmitir aos leitores do periódico o quanto a obra educacional poderia realizar na vida dos alunos. Como exemplo, na imagem abaixo, publicada no artigo “IAP - escola que nasceu grande”³⁶⁶

Figura 32 - Estudante do IAP



Fonte: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano, n.º 10, outubro de 1976, p. 22.

A imagem apresentava o estudante Haroldo de Souza Lima, o qual foi entrevistado por representantes da *Revista Adventista*. Na ocasião, ele acabou sendo questionado sobre a vivência no educandário. O momento o mostrava com camisa de manga longa semiaberta e

³⁶⁶ LESSA, Rubens. IAP - escola que nasceu grande. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano, n.º 10, outubro de 1976, p. 22.

chapéu para proteger o rosto do sol. Ao fundo, o ambiente estava recheado por árvores e prédios da escola. Ele era um dos alunos que trabalhavam no jardim do IAP.

O ponto máximo é que se objetivava enfatizar a resposta dada pelo discente em que afirmou: “quero ser pastor”. Os editores frisavam o entusiasmo dele em servir como ministro na Igreja. A cena publicada, em que o educando aparece sorrindo e receptivo, figurou-se como ponto estratégico, visando transpassar felicidade e inspirar outros a seguir o mesmo desejo em auxiliar à/na obra missionária. O intuito visou destacar que o educandário cumpria a incumbência de formar jovens imbuídos do interesse em apoiar à expansão da doutrina.³⁶⁷

O Instituto Adventista Paranaense tratou de crescer e se consolidar como potencial meio de atração dos filhos adventistas. Os dirigentes atuaram em figurar “boa imagem” à sociedade, atraindo-a, igualmente. O progresso do colégio, junto à estampa peremptória transmitida nas páginas da Revista e em regime de colaboração, com diversas autoridades militares, políticas e civis, ao longo do processo de consolidação e cimentação do educandário, tornaram a escola importante cerne de confiança dos pais. Isto para a prole cristã estudar nos centros de educação da Igreja. Imprimindo-se, igualmente, efígie positiva ao Estado do Paraná e à nação. O IAP cumpria a atribuição de formar missionários e líderes eclesiásticos para continuar a obra evangelística no Brasil³⁶⁸. A educação adventista, portanto, mostrou-se um empreendimento de sucesso para a denominação.

³⁶⁷ AZEVEDO, Roberto César de. A obra mais importante. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 67, n.º 8, agosto de 1972, p. 13.

³⁶⁸ AZEVEDO, Roberto César de. 1978 – Ano mundial da educação: o mais nobre trabalho missionário. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 73, n.º 2, fevereiro de 1978, p. 13.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta dissertação, discutimos como a Igreja Adventista do Sétimo Dia utilizou-se da educação, por meio dos colégios adventistas, criados no Brasil, moldando a Rede de Educação adventista no país. O objetivo da denominação foi incrementar a missão do evangelismo. O trabalho abordou esse processo no contexto da ditadura civil-militar, compreendidos entre 1972 e 1978. Para a realização da discussão, recorreremos ao principal periódico da IASD, a *Revista Adventista*. O impresso continua sendo produzido, vendido e veiculado aos fiéis assinantes. Permanece como principal órgão de fomento, fortalecimento e manutenção da doutrina nos lares adventistas.

Para a discussão, nos utilizamos de discursos proferidos no Congresso Nacional, pelo então parlamentar federal Igo Want Losso, nas legislaturas entre, 1975 – 1979 e 1979 – 1983. Realizamos a catalogação dos artigos, informes, avisos, discursos do referido deputado para análise ampliada ao debate. O trabalho, com o uso das referidas fontes, resultou na compreensão de que os líderes adventistas tiveram posicionamento de acomodação, parceria e diálogos “amigáveis” ao longo do regime, com os militares, políticos e sociedade influente que lhes interessava.

A estratégia de se aproximar das autoridades políticas e sociais fez o modo como a denominação trabalhou à expansão do evangelismo no país. Quando ocorreu a derrubada da democracia em 1964, os líderes adventistas optaram por tecer diálogos de interesses com os políticos e militares que faziam parte do governo.

Eventos publicados pela Revista, como a inauguração de templos, colégios, hospitais, contavam com a presença de autoridades políticas e sociais locais, regionais e, por vezes, nacionais. Há registros de dirigentes adventistas, com os presidentes Costa e Silva, Emílio Médici, Ernesto Geisel etc. As imagens demonstram como os líderes adventistas tratavam de tecer interesses expansionistas pelo Brasil. E, nesse aspecto, os editores utilizavam o periódico quase que como um Éden, ou seja, não havia tortura, censura, perseguições políticas. Era apresentado, aos leitores, um mundo paralelo em que se tratou de afastar qualquer senso crítico. Não houve espaço para críticas quaisquer às gestões no impresso.

As hipóteses levantadas: a de que I — na *Revista Adventista*, as lideranças da congregação, atentas à legislação educacional do período, registraram alinhamento com as autoridades civis e militares para expandir o projeto de evangelização, educacional e adventista no Brasil; a de que II — o impresso expressou os ideais missionários e de formação de novos membros para a Igreja a partir dos centros educacionais adventistas; e que III — nas

tiragens se encontram registros da interação das autoridades civis/militares junto à IASD, foram confirmadas. A partir da análise das imagens disponibilizadas no impresso, os discursos proferidos no Congresso Nacional pelos parlamentares, demonstram essa relação.

Discutimos como os líderes adventistas se articularam e se enraizaram, não somente na sociedade, mas nos seios políticos para avançar a conquista de fiéis. Por meio do uso dos colégios como centro da formação de missionários. A confirmação das hipóteses elencadas se ancora na análise de diálogos proferidos no Congresso Nacional, pelos políticos catalogados, que tinham proximidade com os líderes adventistas. Os artigos da *Revista Adventista*, as fotos nas quais os dirigentes apareceram em diversos encontros sociais, ladeados pelos parlamentares, publicada no impresso embasam essa relação.

A dissertação engloba temáticas caras aos debates historiográficos, como o protestantismo, a educação confessional, a censura, impressos, ditadura civil-militar. Discutimos como igrejas protestantes foram importantes na sustentação do regime. Algumas diretamente como: Batistas, Igreja Presbiteriana e Metodista. Outras de forma sutil, como a Igreja Adventista, que teceu posicionamento favorável travestido de neutralidade. A catalogação da *Revista Adventista* foi imprescindível para compreender a influência sobre os fiéis e o fortalecimento do evangelismo no Brasil.

As lideranças da IASD se mantiveram atentas aos ditames do período em questão. Tratavam de manter-se inteiradas dos acontecimentos sociais, políticos, culturais. Direcionaram-se exortações aos jovens, às crianças e às famílias a manterem-se fiéis aos costumes, à doutrina, à fé adventista. Principalmente, nos anos em que o Brasil foi atingido por modernizações, como o cinema, a televisão, a moda. Líderes adventistas consideravam mal o uso de tais modernidades à evangelização. Tinham em mente que o “mundano” era pecaminoso e desvirtuado da fé cristã. O Brasil foi o país no qual a IASD mais cresceu. O solo foi fértil para a fé adventista. Em pouco tempo, possuíam a maior rede de escolas, entre todas as igrejas protestantes no país. O crescimento de conversos era gradativo. Em especial, nos anos da ditadura civil-militar. Muitos artigos apresentaram o “triumfalismo”, a “vitória” da IASD no Brasil e no mundo.

Em diversos artigos há críticas sobre os membros, que não contribuíam com o crescimento da denominação. Esses juízos se faziam devido à sociedade ser inundada por mudanças culturais, sociais, religiosas, educacionais que atingiam a todos. Os líderes mantinham preocupação, pois entendiam que tais transformações afetavam a fé dos fiéis, os afastando da doutrina. Considerações à moda, às músicas, à liberdade sexual, o feminismo, à

luta pelos direitos civis, políticos, democráticos poderiam ser entendidas como revoltas de pessoas “desocupadas” e “transgressoras”.

A isto, estavam os artigos que tinham o objetivo de manter a fidelidade dos membros. As novidades que a modernização trazia afastava a juventude, principal pilar da denominação. A Revista apresentou artigos duros, críticos e ácidos em relação ao comportamento “desvirtuoso” dos fiéis. Juízos eram dirigidos, pois os líderes percebiam que a moda, os costumes “mundanos” passaram a adentrar as igrejas. Apesar das mudanças culturais, sociais, econômicas e políticas, a IASD fortaleceu-se.

Infelizmente, não foi possível discutirmos tudo que pretendíamos neste trabalho, pois o espaço e tempo não dão conta. Há muito material catalogado, planilhado, ideias e discussões que gostaríamos de ter acrescentado, mas que para esta dissertação, não temos como comportar. Além disso, a distância e dificuldade de acesso a bibliotecas, a livros e mais materiais que desse maior aporte, foram problemáticas, tanto pela localização geográfica do pesquisador, quanto pelo agravante da pandemia Covid-19.

A falta de espaço físico calmo, silencioso e privado foi outro inconveniente ao longo da pesquisa. No entanto, apesar de tais agravantes e empecilhos, conseguimos construir uma dissertação que servirá à maior compreensão acerca dos adventistas. Analisados em que igrejas protestantes, o regime civil-militar e políticos foram cruciais à sustentação dos milhares no poder. E, no caso da Igreja Adventista, como a expansão do evangelismo no Brasil foi tecida.

Pesquisas que aprofundem o conhecimento acerca dos adventistas são imprescindíveis. Eles atuaram em campos cruciais à sociedade como saúde, assistencialismo, política e impressos. Discutir como a IASD conseguiu enraizar-se em diversos setores da coletividade, robustecendo empreendimentos, como as próprias indústrias de alimento, editoras, sistema de comunicação — rádio, TV, jornais, revistas, *internet* —, constroem-se como baluartes imprescindíveis à historiografia, nos diversos períodos da República do/no Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A BÍBLIA SAGRADA – Velho e Novo Testamento. *Os animais limpos e imundos*. Trad. João Ferreira de Almeida: revista e corrigida. Várzea Paulista. São Paulo: Casa Publicadora Paulista, 2015.

A BÍBLIA SAGRADA – Velho e Novo Testamento. *Deus anuncia a décima praga*. Trad. João Ferreira de Almeida: revista e atualizada no Brasil. 2ª edição. Barueri: São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999

ABRAMO, Helena Wendel. *Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil*. Mai/Jun/Jul/Ago 1997 Nº 5 Set/Out/Nov/Dez 1997 Nº 6. Disponível em: http://www.clam.org.br/bibliotecadigital/uploads/publicacoes/442_1175_abramowendel.pdf >. Acesso em 12 de setembro de 2022 às 14h38.

ADREOTI, Maria Elaine. *A selva europeia e o paraíso tupinambá: tópicos sobre mundos na história de uma viagem feita à terra do Brasil, Jean de Léry*. Dissertação (Mestrado em Letras). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, São Paulo, 2013.

ALMEIDA, Adroaldo José Silva. *Pelo senhor marchamos: os evangélicos e a ditadura militar no Brasil (1964-1985)*. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, UFF, 2016.

ALMEIDA, João Paulo Martins de. “*Deus, pátria e família*”: os sentidos do fascismo brasileiro, do integralismo ao populismo do século XXI. 79. *Entheoria: Cadernos de Letras e Humanas*, Serra Talhada, n. 7, vol. 2: 163-178, Jul/Dez. 2020. Disponível em: https://labeurb.unicamp.br/rua/artigo/ler_artigo/235-1-deus-patria-familia-os-sentidos-do-fascismo-brasileiro>. Acesso em 07 de dezembro de 2022 às 17h06.

ALOMIA, Merling. K. Quanto custa a educação cristã. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 69, nº 5, de maio de 1974.

ANDRADE, Édson Prado de. A educação familiar desescolarizada como um direito da criança e do adolescente: relevância, limites e possibilidades na ampliação do direito à educação. Tese (Doutorado em Educação). Universidade de São Paulo – USP. Faculdade de Educação, São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde10112014111617/publico/EDISON_PRADO_DE_ANDRADE_rev.pdf>. Acesso em 25 de setembro de 2022 às 11h56.

AQUINO, Maria Aparecida de. *Censura, Imprensa e Estado Autoritário (1968-1978): o exercício cotidiano da dominação da resistência: O Estado de São Paulo e Movimento*. Bauru: EDUSC, 1999.

ARAÚJO, Lindenberg. Festa na escola dos profetas. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 73, nº 1, janeiro de 1978.

ALVARENGA, Leonardo; LELLIS, Nelson; PALAGAR, Vanessa. “*Marcha da Família com Deus pela Liberdade*”: o protesto, o triunfo e o movimento, p. 5. *Estudos de Religião*, v. 36, n. 2 • 175-193 • maio-ago. 2022. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/ER/article/view/1036803>>. Acesso em 26 de dezembro de 2022 às 16h24.

ATAIDES, Daniel Antunes. *Educação confessional face ao princípio da laicidade: uma análise da pedagogia adventista em Belo Horizonte*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/FAEC8MSGTR/1/a_educacao_confessional_face_ao_principio_da_laicidade.pdf>. Acesso em 16 de agosto de 2022 às 16h18.

AZEVEDO, Roberto César de. Educação na Unisul: as escolas prepararam obreiros. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 73, nº 12, dezembro de 1978.

AZEVEDO, Roberto César de. 1978 - Ano mundial da educação: o mais nobre trabalho missionário. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 73, nº 2, fevereiro de 1978.

AZEVEDO, Roberto César de. A obra mais importante. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 67, n° 8, agosto de 1972.

AZEVEDO, Roberto César de. Educação na Unisul. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 71, n° 7, julho de 1977, p. 19.

AZEVEDO, Roberto César de. Educação na Unisul. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 73, n° 12, dezembro de 1978.

AZEVEDO, Roberto César de. Educação na União Sul: 78 - Ano Mundial da Educação Adventista. in: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 73, n° 1, janeiro de 1978.

BARBOSA, Luciane Muniz Ribeiro. *Igreja, Estado e Educação em Martinho Lutero: uma análise das origens do direito à educação*. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, São Paulo, 2017.

BEACH, Walter R. Que é e onde está a Igreja?. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 74, n° 1, janeiro de 1979.

BECKER, Jean-Jacques. *Opinião pública*. In: RÉMOND, René. Por uma história política. 2. ed. Rio de Janeiro. Editora: FGV, 2003.

BELTZ, Cláudio. IAP – uma escola moderna com princípios antigos. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 68, n° 2, fevereiro de 1973.

BLOCH, Marc. *Apologia da história ou o ofício de historiador*. Rio de Janeiro. Editora. Zahar, 2001.

BENEDICTO, Marcos de; BORGES, Michelson. Um século de História. In *Revista adventista*, Santo André, São Paulo, ano 101, n° 1, janeiro de 2006.

BORGES, Michelson. *UNASP 90 anos de história: centro universitário celebra e continua formando gerações*. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 100, n° 5, maio de 2005.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Tradução Fernando Tomaz; revisão da tradução Fernando Portugal. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.

BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. Tradução Daniela Kern; Guilherme J. F. Teixeira. São Paulo: Edusp. Porto Alegre, RS: Zouke, 2007.

BORTOLINI, R. W., & NUNES, C. (2018). *A Paideia grega: aproximações teóricas sobre o ideal de formação do homem grego*. *Filosofia E Educação*, 10(1), 21–36. Disponível em: <<https://doi.org/10.20396/rfe.v10i1.8651997>>. Acesso em 24/09/2022.

BRITO, Azenilton G. Humildade e teimosia: um confronto de homens e crenças. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 70, n° 3, março de 1975.

BOMBA, Guilherme Alves. O inimigo do meu amigo é comunista: a utilização do exército como ferramenta política durante a ditadura militar (1964-1985), p. 5. Disponível em: <https://www.snh2021.anpuh.org/resources/anais/8/snh2021/1628473730_ARQUIVO_175bc51d7a16997a9c41acb5ad8c43b9.pdf>. Acesso em 23 de fevereiro de 2022 às 10h53.

BESSA, José. Evangelismo. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 67, n° 6, junho de 1972.

BÍBLIA. A criação dos céus e da terra e de tudo que neles há. Trad. João Ferreira de Almeida. 2° edição. Barueri, São Paulo: Sociedade bíblica do Brasil, 1998. Velho e Novo Testamento. BÍBLIA. 1 Pedro. Português. In: A. Bíblia sagrada: Antigo e Novo Testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

BAHIA, Daniel. O EDESSA conquista almas para Cristo. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 73, n° 2, fevereiro de 1978.

BAÍÁ, Daniel Pereira. A realidade do novo EDESSA. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 72, n° 12, dezembro de 1977.

BRUSCHINI, Cristina, et al. *Trabalho, renda e políticas sociais: avanços e desafios*, 2011. Disponível

em:<https://www.researchgate.net/publication/286239085_TRABALHO_RENDA_E_POLITICAS_SOCIAIS_AVANCOS_E_DESAFIOS/citation/download> . Acesso em 26 de julho de 2022 às 18h30.

CARVALHO, Francisco de; CARVALHO, Dayse de. *A história da educação adventista no Brasil*. 2012, p. 3. Disponível em: <<http://revistas.unasp.edu.br/actacientifica/article/view/377/0>> . Acesso em 21 de fevereiro de 2022 às 09h37.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. II. A experiência vivida. 2º ed. trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão europeia do livro, 1967.

BIRDATE, Marcos Vinícius Dalagostini; PINTO, Camila dos Santos; FLECK, Carolina Freddo. *Trabalho Doméstico Não Remunerado: A Questão do (não) Reconhecimento Individual, Familiar e Social*. Conference: Anais.IX Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão (SIEPE) At: Santana do Livramento-RS, Brasil, janeiro de 2017. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/348817438_Trabalho_Domestico_Nao_Remunerao_A_Questao_do_nao_Reconhecimento_Individual_Familiar_e_Social> . Acesso em 20 de junho de 2022.

BONFIM, Oswaldo. Os estudantes e a colportagem. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 72, nº 12, dezembro de 1977.

CARVALHO, Otoniel Tavares de. Teoria e prática. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 72, nº 11, novembro de 1977.

CARDOSO, Ivo. Semeando há 57 anos. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 67, nº 10, outubro de 1972.

CALVANI, Carlos Eduardo Brandão. *A educação no projeto missionário do protestantismo no Brasil*. Rev. Pistis Prax., Teol. Pastor., Curitiba, v. 1, n. 1, p. 53-69, jan./jun. 2009. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/pistispraxis/article/view/10730/0>> . Acesso em 19 de julho de 2022 às 15h09.

CAZETTA, Felipe Azevedo. *Fascismos e autoritarismo: a cruz, a suástica e o caboclo – fundações do pensamento político de Plínio Salgado – 1932 – 1945*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF. Juiz de Fora, Minas Gerais, 2011.

COHN, Clarice. *Antropologia da criança*. 2.^a ed. Rio de Janeiro. Editora: Zahar, 2010.

CORRÊA, Maria Elisa Leite. *Ideologia e educação: o pensamento liberal e a educação protestante adventista de origem norte-americana no Brasil*. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.22, p. 93 –104, jun. 2006. Disponível em: <https://www.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/4898/art07_22.pdf>. Acesso em 17 de julho de 2022 às 21h57.

CORDEIRO, Janaina Martins. *A ditadura em tempos de milagre: comemorações, orgulho e consentimento*. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015.

COSTA, Jorge Luiz de Oliveira. *Jean Cointa, o senhor de bolése a polêmica proveniente da França Antártica*. Dissertação (Mestrado em História Política). Faculdade de Ciências e Letras. Universidade Estadual Paulista (UNESP). Assis, São Paulo, 2019.

COSTA E SILVA, J. Irajá da. 1971: Cinema - Fronteira Indefensável. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 66, n° 10, outubro de 1971.

CRUZ, José Vieira da. *Juventude e identificação social: experiências culturais dos universitários em Aracaju/SE (1960-1964)*. 2003. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2003.

CRUZ, José Vieira da. *Da autonomia à resistência democrática: Movimento Estudantil, Ensino Superior e a Sociedade em Sergipe, 1950- 1985/ José Vieira Cruz*. -- 2. ed. [revista e ampliada] – Aracaju, SE: Criação Editora, 2021.

CRUZ, José Vieira da. Estudantes vigiados: os órgãos de segurança e informação na Universidade Federal de Sergipe, 1967-1977. In: *Ponta de Lança*, São Cristóvão v.2, n. 3, out. 2008 - abr. p. 93-109, 2009.

CRUZ, José Vieira da. *A reação estudantil à Lei Suplicy no Nordeste do Brasil: um estudo comparativo entre os estados da Bahia, Sergipe, Pernambuco e do Rio Grande do Norte, 1964-1967*. In: Anais do I Seminário Internacional História do Tempo Presente. Florianópolis: UDESC/ANPUH-SC, 2011b.

DASSOW, Arthur. O ENA em marcha. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 71, n° 10, outubro de 1976.

DINIZ, Priscila Ribeiro Jeronimo. “*Criança adventista*”: um estudo sobre a evangelização infantil. 2014. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Sociologia, Universidade Federal da Paraíba, Joao Pessoa, 2014, p. 65. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/19143807-Crianca-adventista-um-estudo-sobre-a-evangelizacao-infantil.html>> . Acesso em 24 de fevereiro de 2022 às 11h17.

DONDA, Elaine Martins. *A invasão holandesa nos livros didáticos e no ensino de história*. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Humanidades e Direito, Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo, São Paulo, 2010.

FERREIRA, Patrick Vieira. *Educação confessional: o perfil do aluno de Escolas Adventistas*. Protestantismo em Revista | São Leopoldo | v. 43, n. 2 | p. 135-148 | jul./dez. 2017, p. 5. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.22351/nepp.v43i2.3009>>. Acesso em 28 de fevereiro de 2022 às 16h05.

FICO, Carlos. *Além do golpe: a tomada do poder em 31 de março de 1964 e a ditadura militar*. – Rio de Janeiro: Record, 2004.

FLECK, Carolina Freddo; BIDARTE, Marcos Vinicius Dalagostini; MELLO, Elena Maria Billig. *Para o Lar: as mulheres que deixaram o mercado de trabalho para se dedicarem à casa e à família*. GÊNERO|Niterói|v.19|n.1| p.006-024 |2. sem.2018. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/31289/0>> . Acesso em 26 de julho de 2022 às 19h35.

FICO, Carlos. *Como eles agiam: os subterrâneos da Ditadura Militar: espionagem e polícia política*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

FIGUEIRÓ, Francisca Bruxel. *Médici e a comunicação: propaganda política durante o regime militar no Brasil*. 2014. Monografia – Centro Universitário Univates, 2014. Disponível em: <<https://www.univates.br/bdu/bitstream/10737/686/1/2014FranciscaBruxelFigueiro.pdf>>. Acesso em 25/07/2022 às 16h.

FILHO, Daniel Aarão Reis. *Ditadura e Democracia no Brasil: do golpe de 1964 à Constituição de 1988*. – 1.ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

FONSECA, Zezion. Por que existe o EDESSA? In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 73, nº 5, maio de 1978.

FONSECA, Ivan Bueno da. *Análise sobre os escritos de Ellen Gould White e a educação popular de Paulo Freire*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro Universitário Salesiano de São Paulo, Americana, 2015.

FRADE, Gabriel dos Santos. *Entre Renascimento e Barroco: os fundamentos da arquitetura religiosa e contrarreforma – o de fabrica ecclesiae de Carlos Borromeu*. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Faculdade de Arquitetura e urbanismo. Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, São Paulo, 2016.

FUCKNER, Ismael. *Igreja adventista um movimento da modernidade*. Trabalho apresentado no XIII simpósio nacional da associação brasileira de história das religiões, realizado entre os dias 29 de maio e 1º de junho de 2012, em São Luiz, MA, Brasil.

FUJIMOTO, Juliana. *Guerra e antropofagia em Jean de Léry e Claude D'abbeville: dos fragmentos míticos ao código compartilhado*. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, São Paulo, 2008.

G. A. L. Saudações. In: *Revista Adventista*. Rio de Janeiro, ano 1, nº 1, janeiro de 1906.

GORSKI, Nevil. 1978 – Ano Mundial da Educação Adventista: educação adventista na América do Sul. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 73, n° 1, janeiro de 1978.

GAME, Geoffry E. Jesus e sua lei. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 74, n° 1, janeiro de 1979.

GONÇALVES, Sérgio. *Desafios de Uma Instituição Confessional: Centro Universitário Adventista – UNASP*. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2009. Disponível em: http://iepapp.unimep.br/biblioteca_digital/pdfs/2006/HKJORHSYSPUB.pdf >. Acesso em 28 de novembro de 2021.

GUARDA, Maria Dias. O que é MV? In: *Revista adventista*, Santo André, São Paulo, ano 72, n° 5, maio de 1977.

GORSKI, Rodolpho. O maior desafio do ano da juventude. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 68, n° 9, setembro de 1973.

GUSSO, Sandra de Fátima Krüger. *O início do protestantismo histórico no Brasil luta por direitos, evangelismo e educação*. Revista Via Teológica, edição especial, v.1. n. 3 – 2021. Disponível em:

<https://www.fabapar.com.br/blog/o-inicio-do-protestantismo-historico-no-brasil-luta-por-direitos-evangelismo-e-educacao/> >. Acesso em 19 de julho de 2022 às 12h04.

HACKETT, Willis J. A educação adventista na era científica. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 68, n° 10, outubro de 1977.

HEYWOOD, Colin. *Uma história da infância: da Idade Média a época contemporânea no Ocidente*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

HOBBSAWN, Eric. J. *Da revolução industrial inglesa ao imperialismo*. 5° edição. trad. Donaldson Magalhães Garschagen. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2000.

HIRSCH, Charles B. O que tem de bom na educação adventista do sétimo dia? In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 73, nº 10, outubro de 1978.

IASD. Lar -símbolo do céu [editorial]. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 71, nº 1, janeiro de 1976.

IASD. [Redação]. Jornal. Irmãos Losso: parlamentares adventistas. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 71, nº 10, outubro de 1976.

IASD [Redação]. Educação na Unisul. In: *Revista Adventista* de fevereiro de 1977.

IASD [Redação]. Notícias. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 74, nº 3, março de 1979.

IASD [Redação]. O ENA em ritmo de explosão. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 72, nº 5, maio de 1977.

IASD [Redação]. Unisul: novas metas para a educação. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 77, nº 4, abril de 1982.

IASD [Redação]. Cristo, conta comigo agora! In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 68, nº 8, agosto de 1973.

IASD [Redação]. O EDESSA aniversaria. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 69, nº 2, fevereiro de 1974.

IASD [Redação]. Um novo EDESSA. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 71, nº 12, dezembro de 1976.

IASD [Redação]. Venha ver o EDESSA. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 70, nº 8, agosto de 1975.

IASD [Redação]. Verba para o EDESSA. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 70, n° 10, outubro de 1975.

IASD. *Manual da Igreja 2022*. Edição 23.º. Trad. Raniere Sales. Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, São Paulo, 2023. Disponível em:

<<https://downloads.adventistas.org/pt/institucional/documentos-oficiais/manual-da-igreja-edicao-2022/>>. Acesso em 12 de junho de 2023 às 16h33.

IASD. [I.S]. A nova revista. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 67, n° 2, fevereiro de 1972.

IASD [Capa]. In: *Revista Adventista*, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, ano 1, n° 1, janeiro de 1906.

IASD [Capa]. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 48, n° 3, março de 1953.

JULIA, Dominique. *A cultura escolar como objeto histórico*. Trad. Gizele de Souza.

Disponível em: <<https://repositorio.unifesp.br/handle/11600/39195>>. Acesso em 31 de dezembro de 2022 às 19h04.

JUNIOR, Amarilio Ferreira; BITTAR, Marisa. *A ditadura militar e a proletarização dos professores*. Educ. Soc., Campinas, vol. 27, n. 97, p. 1159-1179, set./dez. 2006. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/es/a/68LFXzgCbJWcy5m97dXTXC/>>. Acesso em 20 de fevereiro de 2022 às 16h59.

JUNIOR, Luis Felipe. *Segurança e desenvolvimento: peculiaridades da ideologia da segurança nacional no Brasil*. In: *Diálogos Latinoamericanos*, n. 5, 2002, p. 40-56. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/162/16200503.pdf>. Acesso 24/09/2022>. Acesso em 24 de junho de 2023 às 20h01.

KREUZ, Débora Strieder. “Oásis do Terror” - A ditadura brasileira e a vigilância internacional: a Argélia nos Sumários do Comunismo Internacional (1970-1973)? *Dimensões*, v. 43, jul.-dez. 2019, p. 214-231. ISSN: 2179-8869, p. 16. Disponível em:

<<https://periodicos.ufes.br/dimensoes/article/download/20472/20160>>. Acesso em 23 de fevereiro de 2022 às 10h19.

LISBOA, João; SANTOS, Lyndon de A; AMARAL, Clínio de Oliveira. *Os Protestantes a Prova do Tempo, uma introdução de sua história no Brasil*. [Recurso eletrônico]. 1 ed. Rio de Janeiro, editora Itacaiúnas, 2022: Criação, 2022.

LIRA, Alexandre Tavares do Nascimento. *A legislação da educação no Brasil durante a ditadura militar (1964-1985): um espaço de disputas*. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade Federal Fluminense UFF/ Niterói, Rio de Janeiro, 2010.

LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. *A infância no século XIX segundo memórias e livros de viagem*. In: FREITAS, Marcos Cezar de (org.). *História social da infância no Brasil*. 3º ed. São Paulo: Cortez, 1997.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Trad. Bernardo Leitão et al. Campinas, São Paulo. Editora: Unicamp, 1990.

LESSA, Rubens. IAP - escola que nasceu grande. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 71, nº 10, outubro de 1976.

MACEDO, Aparecida H. T. Educação cristã: por quê? I. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 73, nº 8, agosto de 1978.

MACEDO, Tiago da Costa Barros. *Memória e religião: análise de aspectos discursivos do sistema educacional adventista no Brasil*. Dissertação (Mestrado em Memória: Linguagem e Sociedade) - Universidade do Sudoeste da Bahia, UESB, Vitória da Conquista, Bahia, 2018. Disponível em: < <http://www2.uesb.br/ppg/ppgmls/producao-turma-mestrado/turma-de-2018/>>. Acesso em 16 de agosto de 2022 às 16h20.

MACHADO, Adriano Henrique. *Os evangélicos e a política no Brasil: posições, alinhamentos e tensões (1960-1976)*. Tese (Doutorado em História). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC, São Paulo, 2016.

MACHADO, Vitor. *O conceito de juventude: Uma abordagem cultural dessa fase da vida.*

Disponível em:

<https://www.uniara.com.br/legado/nupedor/nupedor_2014/Arquivos/02/2A/8_Vitor%20Machado.pdf>. Acesso em 23 de fevereiro de 2022 às 09h26.

MARINHO, Marcela Irian. Angélica Machado. *Francisco Adolfo de Varnhagen, a narrativa do episódio da invasão holandesa e o mito fundacional do Brasil: fato, temporalidades e sujeitos históricos e as suas ressonâncias no ensino de história.* Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Cuiabá, Mato Grosso, 2014.

MARQUES, Igor Emanuel de Souza. *A diversidade religiosa no espaço escolar adventista do ABCD paulista.* Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Faculdade de Humanidades e Direito, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2015. Disponível em:

<https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/METO_ee10236174fb8daa86b74eae73b7afe3>. Acesso em 16 de agosto de 2022 às 16h18.

MATOS, Alderi Souza de. *Breve história do protestantismo no Brasil.* v. 3, n. 1 (2011).

Revista de Ciências Humanas e Letras das Faculdades Integradas da Fama. Disponível em:

<<http://www.faixa.edu.br/revista/index.php/voxfaxae/issue/view/7>>. Acesso em 02 de janeiro de 2022 às 12h55.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. *Imprensa e cidade.* São Paulo: Editora UNESP, 2006.

MARTINS, Maria do Carmo. *Reflexos reformistas: o ensino das humanidades na ditadura militar brasileira e as formas duvidosas de esquecer.* Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 51, p. 37-50, jan./mar. 2014, p. 4. Editora UFPR. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/er/a/7yMGWJjk4j7Fr3LLjdjWHDR/>>. Acesso em 05 de fevereiro de 2022 às 09h22.

MEDEIROS, Christian Brially de. *Jean de Léry e a escrita da história: uma heterologia calvinista*. Tese (Doutorado em Ciências da Religião). Faculdade de Humanidades e Direito, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, São Paulo, 2012.

MESLIN, Douglas Jeferson. *Educação Adventista: das escolas paroquiais a uma rede de ensino, permanências e rupturas de um ideário educacional (1970-2010)*. Tese (Doutorado em Educação). Curitiba: Pontifícia Universidade Católica, 2015.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Universidades, ditadura e cultura política. *Interseções*, Rio de Janeiro, v. 16 n. 1, p. 69-89, jun. 2014. Disponível em:
< <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/intersecoes/article/view/13460> >. Acesso em 24 de junho de 2023 às 20h03.

M, R. M. Recado. In: *Revista Adventista*, São Paulo, ano 85, n° 3, março de 1989.

MINELLA, Jorge Lucas Simões. *Pan-americanismo no Brasil: uma abordagem conceitual a partir do Estado Novo*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Florianópolis, Santa Catarina, 2013.

MARTINS, Enilce Barbosa. *Educação como obra missionária: a educação como instrumento de difusão da filosofia adventista*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC/SP, 2008. Disponível em:
<<https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/2066/1/Enilce>>. Acesso em 23 de fevereiro de 2022.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

MUNHOZ, Juliana Neri. *A Educação Adventista por Ellen White*. RELEGENS THRÉSKEIA estudos e pesquisa em religião V. 02 – n. 01, p. 1-9, maio. /julho. 2013, p. 1. Disponível em:
<<http://dx.doi.org/10.5380/rt.v2i1.32680>>. Acesso em: 21 novembro. 2021.

MEIRA, José Normando Gonçalves; CASTRO E ALMEIDA, Shirley Patrícia Nogueira de; XAVIER, Wendell Lessa Vilela. *Protestantismo e educação no Brasil e na América Latina*.

Montes Claros (MG), Brasil v. 14, n. 16, p. 1-4, 2021. Disponível em:

<https://www.researchgate.net/publication/355516778_Protestantismo_e_educacao_no_Brasil_e_na_America_Latina>. Acesso em 17 de julho de 2022 às 19h50.

MELO, Francisco Egberto. “*Vamos saudar o Brasil*”: civismo, autoritarismo e ensino de história. In: CRUZ, José Vieira da; SANTOS, Fábio Alves dos. *Aprendizagem histórica: espaços, suportes e experiências*. Recife: EDUPE, 2020.

MIGUEL, Luis Felipe. *Segurança e desenvolvimento: peculiaridades da ideologia da segurança nacional no Brasil*. In: Diálogos Latinoamericanos, n. 5, 2002, p. 40-56. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/162/16200503.pdf>>. Acesso 24/09/2022.

NAPOLITANO, Marcos. *1964: História do Regime Militar Brasileiro*. 1. ed., 1º impressão. – São Paulo: Contexto, 2014.

NEPOMUCENO, Antonio A. Departamento de Assuntos Cívico-Religiosos da Confederação das Uniões Brasileiras da IASD. *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 66, n° 4, abril de 1971.

NETTO, Raimundo Gonçalves Ferreira; CORRÊA, José Wilson do Nascimento. *Epidemiologia do surto de doença por coronavírus (covid-19)*. Revista Desafios – v7, n. Supl. COVID-19. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.20873/uftsuple2020-8710> >. Acesso em 12 de junho de 2023 às 15h30.

NUNES, André Rangel de Souza. *130 anos da Lei Áurea: as leis abolicionistas e a integração negra no Brasil*. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Direito). Universidade Federal Fluminense – UFF. Niterói, Rio de Janeiro, 2018.

OBBERG, Renato Emir. Lucro ou prejuízo? In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 68, n° 12, dezembro de 1973.

OLIVEIRA, Adélia Augusta Souto de; TRANCOSO, Alcimar Enéas Rocha. *Processo de produção psicossocial de conceitos: infância, juventude*, 2014. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/psoc/a/c4k5rNBzLfpC8F7H9JYnFGJ/>>. Acesso em 05 de fevereiro de 2022 às 17h26.

OLIVEIRA, Enoch de. Um altar em cada lar. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 67, n° 4, abril de 1972.

OLIVEIRA, Enoch de. A crise do lar. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 70, n° 10, outubro de 1975.

OLIVEIRA, Edmir de. IAP – construindo para servir. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 72, n° 7, julho de 1977.

OLIVEIRA, Edmir. IAP – construindo para servir. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 72, n° 8, agosto de 1977.

OLIVEIRA, Edmir. IAP – renascendo em terra vermelha. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 70, n° 7, julho de 1975.

OLIVEIRA, Edmir. IAP – renascendo em terra vermelha. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 71, n° 4, abril de 1976.

OLIVEIRA, Edmir. IAP – renascendo em terra vermelha. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 71, n° 5, maio de 1976.

OLIVEIRA, Waldyr Mendes de. Missão Nordeste em Foco. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 72, n° 4, abril de 1977.

OLIVEIRA, Enoch de. Um altar em cada lar. in: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 67, n° 4, abril de 1972.

OLIVEIRA, Edmir de. IAP - renascendo em terra vermelha. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 70, n° 1, de janeiro de 1975.

OLIVEIRA, Manuel R. Talentos leigos na Igreja. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 65, n° 2, fevereiro de 1970.

PALMEIRA, Tháina Goulart Mota. *Entre a Corte Francesa e a Guanabara: contato ecolinguístico francês e tupinambá sob a ótica de André Thevet no contexto da França Antártica*. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Faculdade de Estudos da Linguagem, Universidade Federal Fluminense (UFF). Niterói, Rio de Janeiro, 2021.

PAROSCH, Wilson Luiz. *Brasil: 90 anos de adventismo*. In: *Revista Adventista*, Tatuí, São Paulo, ano 82, n° 11, novembro, 1986.

PECEQUILO, Cristina Soreanu. *A América latina na era obama (2009/2013): o fim da doutrina Monroe?* In: *Diálogos Sul-americanos: dez anos da política exterior*. Org. THOMAZ, Laís Forti; MATHIAS, Suzeley Kalil; OLIVEIRA, Marcelo Fernandes. – Marília: Oficina Universitária. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015.

PEVERINI, Heitor J. 50 anos de progresso. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 61, n° 5, maio de 1966.

PHILLIPE, Ariès. *História social da criança e da família*. trad. Dora Flaksman. 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

PAVOSKI, Floriano. Escola adventista - molda e prepara. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 72, n° 12, dezembro de 1977.

PINHO, Orlando G. Nosso tempo e nossa doutrina. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 67, n° 3, março de 1972.

PINHO, Orlando G. de. Nosso tempo e nossa doutrina IX: a vida moderna e os princípios adventistas. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 68, n° 3, março de 1973.

PINHO, Orlando G. de. Nosso tempo e nossa doutrina — X: nossas normas devem ser acatadas. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 68, n° 4, abril de 1973.

PINHO, Orlando G. de. Nosso tempo e nossa doutrina – XI: por que somos adventistas do sétimo dia? In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 68, n° 6, junho de 1973.

PIRES, Corino. A educação na associação Leste. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 72, n° 6, junho de 1977.

PORTO, Manoel F. O ENA em festa. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 73, n° 11, novembro de 1978.

POSTMAN, Neil. *O desaparecimento da infância*. trad. Suzana Mescal de Alencar Carvalho e José Laurenio de Melo. Rio de Janeiro. Editora Graphia, 1999.

RABELLO, João M. Estão nossos filhos recebendo a verdadeira educação? In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 67, n° 6, junho de 1971.

RABELLO, Maria C. P. A educação dos filhos do ponto de vista da psicologia educacional. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 69, n° 8, agosto de 1974.

RABELLO, João M. Estão nossos filhos recebendo a verdadeira educação? In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano, n° 7, julho de 1972.

RAMOS, José Carlos. O ENA em ritmo de explosão. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 72, n° 5, maio de 1977.

RICOEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento. trad. Alain François et al. Campinas, São Paulo. Editora: Unicamp, 2007.

SANTOS, Luciana da Silva. *Donas de casa, donas da própria vida?* Tese (Doutorado em Psicologia Clínica e Cultural). Brasília: Universidade de Brasília, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.unb.br/handle/10482/18355>>. Acesso em 26 de julho de 2022 às 18h10.

REIMÃO, Sandra. *Repressão e resistência: censura a livros na ditadura militar*. Tese (Livre-docente). Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, SP, 2011.

RÉMOND, Réne. *Por Uma Nova História Política*. Trad. Dora Rocha. 2. Edição. - Rio de Janeiro: editora, FGV, 2003.

SANTOS, Luciana da Silva.; DINIZ, Glaucia Ribeiro Starling. *Donas de casa: classes diferentes, experiências desiguais*. Psicologia Clínica, Rio de Janeiro, n. 23, v. 2, p. 137-149, 2011. Disponível em:

<<https://repositorio.unb.br/browse?type=author&value=Santos%2C+Luciana+da+Silva>>.

Acesso em 26 de julho de 2022 às 17h52.

SANTOS, Floriano Xavier dos. Nosso Evangelismo Interno. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 67, n° 10, outubro de 1972.

SUÁREZ, Adolfo Semo. *Educação adventista: objetivos, características do educador e dos educandos*, p. 9. Excerto da dissertação de mestrado do autor: A influência da educação adventista na identidade e na fé de adolescentes, 2005, UMESP. Disponível em:

<<https://revistas.unasp.edu.br/acch/article/download/461/463/0>>. Acesso em 21 de fevereiro de 2022 às 15h46.

SANTOS, Eduardo Cavalcante Oliveira. *Internatos Adventistas no Brasil em questão: os discursos de permanência da filosofia e das práticas educacionais e os indicativos de ocorrência de atualização na condição pós-moderna*. Dissertação (mestrado em ciências da religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP, 2016.

SOARES, Áurea. O buraco na cerca. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 68, n° 11, novembro de 1973.

SOARES, Áurea. Você conhece o ENA? In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 73, n° 3, março de 1978.

SILVA, Corino Pires da. EDESSA – novas instalações. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 72, n° 9, setembro de 1977.

SILVA, Corino Pires da. O novo EDESSA. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 71, n° 2, fevereiro de 1976.

SOBREIRA, Dmitri da Silva Bichara. *Para além do “sim, senhor”*: a Aliança Renovadora Nacional (ARENA) e a ditadura militar na Paraíba (1964-1969). Dissertação (mestrado em História.) Universidade Federal da Paraíba - UFPB-PB, 2016.

SANTOS, Claudiene Reis dos. *Por Deus, pela fé, e para a saúde* - corpo, poder e reflexividade entre os membros de uma Igreja adventista do Sétimo Dia (Maceió/AL). Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Maceió: Universidade Federal de Alagoas, 2017. Disponível em:

<<https://ics.ufal.br/pos-graduacao/mestrado-em-antropologia/corpo-discente/egressos-1>>.

Acesso em 25 de janeiro de 2022 às 20h21.

SANTOS, Sandro Marques dos. *Uma nova causa da “América”*: o mito do destino manifesto na formação do nacionalismo norte-americano da Guerra Fria (1947-1991). Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2020.

SANTOS, Fernanda Silva Andrade dos. *Comprometimento organizacional na educação adventista*: um estudo multicaso nas escolas adventistas da União Leste Brasileira (ULB). Dissertação (Mestrado em Administração) - Mestrado profissional em administração, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019. Disponível em:

<<https://repositorio.ufba.br/handle/ri/30554>>. Acesso em 16 de agosto de 2022 às 16h21.

SARLI, Joel. Torre Pellice: milenar refúgio dos valdenses. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 71, n° 5, maio de 1976.

SARLI, Wilson. Mensagem de ano novo para os colportores. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 73, n° 12, dezembro de 1978.

SCHMIDT, Daniel Augusto. *O protestantismo brasileiro*: entre a colaboração e a resistência no período da ditadura civil e militar (1964-1974). Tese (Doutorado em Ciências da Religião). Faculdade de Humanidades e Direito, Universidade Metodista de São Paulo, 2015.

SILVA, Elizete da. *Protestantismo no Brasil: entre a omissão e o engajamento político*. Revista Esboços, Florianópolis, v. 24, n. 37, p.126-148, ago. 2017. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5007/2175-7976.2017v24n37p126>>. Acesso em 09 de novembro de 2022 às 10h19.

SILVA, Igor José Trabuco da. “*Meu reino não é deste mundo*” – a Assembléia de Deus e a política em Feira de Santana (1972 – 1990). Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal da Bahia (UFBA). Salvador, Bahia, 2009.

SILVA, Moizés Sabóia da. *Eu sei em que eu creio: a disciplinarização da juventude brasileira na Revista Adventista durante o Regime Militar Brasileiro (1969-1974)*. 2020. Monografia (Graduação em História) – Faculdade de História, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, 2020.

SILVA, Pedrina. Um Valoroso MV. In: *Revista adventista*, Santo André, São Paulo, ano 59, n° 2, fevereiro de 1964.

SILVA, Roberta Alves. *A Grande Família- intelectuais de esquerda, Rede Globo e censura durante a ditadura militar (1973 - 1975)*. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, UFF, Niterói, Rio de Janeiro, 2015.

SIRINELLI, Jean-François. *Os intelectuais*. In: RÉMOND, René. Por uma história política. 2. ed. Rio de Janeiro. Editora: FGV, 2003.

SOUSA, Antonio Julio Alves de. *Mídia e religião: o uso dos meios de comunicação na Igreja Adventista do Sétimo Dia*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Faculdade Unida de Vitória – FUV. Vitória, Espírito Santo, 2017.

SOUZA. S. César. Relações Públicas de Alto Nível. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 67, n° 1, janeiro de 1972.

SOUZA, Laura de Mello e. *Deus, o Diabo e a terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

TAYLOR, Carlos. [Redação]. Entrevista: Cada professor um evangelista. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 73, n° 4, abril de 1978.

THAMAY, Odilia. O valor da escola cristã. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 59, n° 2, fevereiro de 1964.

UNHA, Luiz Antônio. “*Ensino superior e universidade no Brasil*”. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greiva (orgs.). 500 anos de educação no Brasil. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

VAINFAS, Ronaldo. *Trópico dos pecados: moral, sexualidade e inquisição no Brasil Colonial*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

VILADARGA, José Carlos. *São Paulo na órbita dos impérios dos Felipes: conexões castelhanas de uma vila da América durante a União Ibérica (1580-1640)*. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade São Paulo (USP). São Paulo, São Paulo, 2010.

VALLE, Arthur de Souza. A Igreja e as relações humanas. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 67, n° 5, maio de 1972.

VALLE, Arthur de Souza. Liberdade para comunicar. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 73, n° 10, outubro de 1978.

VALENTIN, Ismael Forte. A Reforma Protestante e a educação. In: *Revista de Educação do Cogeime – Ano 19 – n. 37 – julho/dezembro 2010*. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-cogeime/index.php/COGEIME/article/viewFile/66/66>. Acesso em 18 de julho de 2022 às 9h54.

VIOLA, Solon Eduardo Annes; ALBUQUERQUE, Paulo Peixoto de. *Ditadura e educação: conexões a serem ressignificadas*. *Revista Reflexão e Ação*, Santa Cruz do Sul, v.23, n.2,

p.78-96, jul./out.2015. Disponível em: < <http://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/index> >.

Acesso em 23 de fevereiro de 2022 às 10h31.

VIEIRA, Cesar Romero Amaral. *Protestantismo e educação: a presença liberal norte-americana na reforma Caetano de Campos – 1890*. Tese (Doutorado em Educação).

Piracicaba: Universidade Metodista de Piracicaba, 2006.

VYHMEISTER, Werner. 1972: centenário da educação adventista. in: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 67, nº 10, outubro de 1972.

VYHMEISTER, Werner. Curso sobre o lar adventista. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 68, nº 6, junho de 1973.

WHITE, Ellen Gould. Um chamado a juventude. In: *Revista Adventista*, Santo André, São Paulo, ano 68, nº 6, junho de 1973.

WHITE, Ellen Gould. *Conselhos aos pais, professores e estudantes*. Serviço Estado de Ellen G. White, 2007. E-book. Disponível em:

< [http://www.centrowhite.org.br/files/ebooks/egw/Conselhos aos Professores, Pais e Estudantes.pdf](http://www.centrowhite.org.br/files/ebooks/egw/Conselhos%20aos%20Professores,%20Pais%20e%20Estudantes.pdf) > . Acesso em 25 de setembro de 2022 às 9h36.

WHITE, Ellen Gould. *Conselhos sobre educação*. Serviço Estado de Ellen G. White, 2007. E-book. Disponível em: < <http://ellenwhite.cpb.com.br/livro/index/20> >. Acesso em 25 de setembro de 2022 às 9h36.

WHITE, Ellen Gould. *Orientação da criança: como ensinar seu filho no caminho em que deve andar*. trad. Carlos A. Trezza. Tatuí, São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 2014.

WHITE, Ellen G. *O Lar Adventista*. Disponibilizado como um serviço do Estado de Ellen G. White. eBook. coleção de livros online, 2004. Disponível em:

< <http://centrowhite.org.br/files/ebooks/egw/O> >. Acesso em 22 de fevereiro de 2022 às 13h51.

WHITE, Ellen Gould. *Educação*. Serviço Estado de Ellen G. White, 2008. E-book.
Disponível em: < <http://www.centrowhite.org.br/files/ebooks/egw/Educação>>. Acesso em 25 de setembro de 2022 às 9h33.

WHITE, Ellen Gould. *Fundamentos do lar cristão: você pode ser mais feliz em família*. trad. Isolina Waldvogel. Tatuí, São Paulo. Casa Publicadora Brasileira, 2014.

FONTES

BRASIL. Deputado Federal (1975-1979: Igo Want Losso). Discurso por ocasião na Câmara dos Deputados Federais. Brasília, 6 março de 1975. Disponível em:
<<https://www.camara.leg.br/internet/sitaqweb/resultadoPesquisaDiscursos.asp?txOrador=Igo+losso&txPartido=Arena&txUF=&dtInicio=01%2F02%2F1975&dtFim=&txTexto=&txSumario=&basePesq=plenario&CampoOrdenacao=dtSessao&PageSize=50&TipoOrdenacao=ASC&btnPesq=Pesquisar>>. Acesso em: 24 de março de 2023 às 18h08.

BRASIL. Deputado Federal (1975-1979: Igo Want Losso). Discurso por ocasião na Câmara dos Deputados Federais. Brasília, 21 maio de 1975. Disponível em:
<<https://www.camara.leg.br/internet/sitaqweb/resultadoPesquisaDiscursos.asp?txOrador=Igo+losso&txPartido=Arena&txUF=&dtInicio=01%2F02%2F1975&dtFim=&txTexto=&txSumario=&basePesq=plenario&CampoOrdenacao=dtSessao&PageSize=50&TipoOrdenacao=ASC&btnPesq=Pesquisar>>. . Acesso em: 24 de março de 2023 às 18h08.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Básica. 5.296/1971. Disponível em:
<https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L5692.htm>. Acesso em 03 de janeiro de 2023 às 11h14.

Revista Adventista. Acervo. Disponível em:<<https://acervo.cpb.com.br/ra>> acesso em 04 de agosto de 2023 às 19h40.

SITES CONSULTADOS

BERGER, Albert (1865-1943). Centro Brando Adventista - UNASP. Publicado em 29 de janeiro de 2020. Disponível em:

<<https://encyclopedia.adventist.org/article?id=CGFL&lang=pt>>. Acesso em 24 de março de 2023 às 15h28.

BELTZ, Guilherme Wilhelm (1835-1912). Centro Branco Brasileiro. Disponível em:

<<https://encyclopedia.adventist.org/article?id=EGFJ&lang=pt>>. Acesso em 02 de novembro de 2022 às 19h01.

CARDOSO, Rodrigo. *Os evangélicos e a ditadura militar*. In: Revista ISTOÉ, 12 de maio de 2021. Disponível em:

<https://istoe.com.br/141566_OS+EVANGELICOS+E+A+DITADURA+MILITAR/>. Acesso em 08 de dezembro de 2022 às 14h34.

BRAGA, Cláudio da Costa. Ministro Euclides Quandt de Oliveira. Revista Marítima Brasileira, 2020. Disponível em:

<<https://portaldeperiodicos.marinha.mil.br/index.php/revistamaritima/article/download/3960/3853>>. Acesso em 19 de junho de 2023 às 20h54.

BRASIL. Constituição de 1891. Disponível em:

<https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao91.htm>. Acesso em 29 de novembro de 2022 às 10h32.

BRASIL. Decreto-Lei nº. 869, 12 de setembro de 1969. *Dispõe sobre a inclusão da Educação Moral e Cívica como disciplina obrigatória, nas escolas de todos os graus e modalidades, dos sistemas de ensino no País, e dá outras providências*. Disponível em:

<<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1960-1969/decreto-lei-869-12-setembro-1969-375468-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em 23 de fevereiro de 2022 às 11h11.

BRASIL, Decreto- Lei nº 5.692/71, 12 de agosto de 1971. Presidência da República. Brasília, DF. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/15692.htm>. Acesso em 23 de julho de 2022.

BOEHM, John Henry (1884-1975) e Augusta (1888-1967). Centro brasileiro UNASP.

Disponível em:

<<https://encyclopedia.adventist.org/article?id=AGG2&highlight=JohnBoehm>>. Acesso em 31 de julho de 2022 às 14h47.

BOGER, Walter (1934-1998). Centro Brando Adventista - UNASP. Publicado em 16 de dezembro de 2021. Disponível em:

<<https://encyclopedia.adventist.org/article?id=BGG1&lang=pt>>. Acesso em 24 de março de 2023 às 13h06.

CAMATA, Gerson. Arquivo FGV CPDOC. Disponível em:

<<https://www.camara.leg.br/deputados/131699/biografia>>. Acesso em 19 de julho de 2022 às 16h21.

FREITAS, Caroline. Do assassinato ao julgamento: vídeo conta a história da morte de Gerson Camata. A Gazeta, 2021. Disponível em: <<https://www.agazeta.com.br/es/politica/do-assassinato-ao-julgamento-video-conta-a-historia-da-morte-de-gerson-camata-0821>>. .

Acesso em 15 de junho de 2023 às 14h05.

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. Disponível em:

< <https://dicionario.priberam.org/miss%C3%A3o>>. Acesso em 21 de setembro de 2022 às 9h14.

Dicionário Online de Português. *Criança*: Significado de Criança. Dicio, 2019. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/henri_paul_hyacinthe_wallon/>. Acesso em: 29 janeiro as 18h22.

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. *Jovem* 2008-2021. Disponível em:

< <https://dicionario.priberam.org/jovem> >. Acesso em 05 de fevereiro de 2022 às 17h16.

DUTRA, Paulo César. *João Meneghelli teresense de nascimento e colatinense de coração*.

Diário Digital Capixaba, 2021. Disponível em:

IASD. Como é organizada a Igreja?. Disponível em:

<<https://www.adventistas.org/pt/institucional/organizacao/como-e-organizada-a-igreja/>>.

Acesso em 14 de junho de 2023 às 14h39.

IASD. Igreja Adventista do Sétimo Dia. Disponível em:

<<https://www.adventistas.org/pt/institucional/crencas>>. Acesso em 06 de janeiro de 2022 às 15h59.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Brasileiro de 1970. Rio de Janeiro: IBGE, 1971. Disponível em:

<<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv84447.pdf>>. Acesso em 20 de junho de 2022 às 18h20.

HOTHON, Mairon. Quem são os 272 delegados da Divisão Sul-Americana que participam da assembleia de St. Louis. Disponível em: <<https://www.revistaadventista.com.br/conferencia-geral-2022/o-perfil-dos-delegados-sul-americanos/>> Acesso 18 de junho de 2023 às 10h53.

HOTHON, Mairon. Mapa Do Adventismo: o tamanho da igreja e como ela está representada na assembleia de St. Louis. Disponível em:

<<https://www.revistaadventista.com.br/conferencia-geral-2022/mapa-do-adventismo/>>.

Acesso em 18 de junho de 2023 às 13h59.

HARDER, Palmer. *DAS* – Centro Branco Brasileiro, 2020. Disponível em:

<<https://encyclopedia.adventist.org/article?id=3GIX&lang=pt>>. Acesso em 18 de julho de 2022 às 19h57.

LESSA, Rubens da Silva (1937-2019). Biografia. ESDA By The Brazilian White Center – UNASP. Publicado em junho de 2021. Disponível

em:<<https://encyclopedia.adventist.org/article?id=9GK9&lang=pt>>. Acesso em 24 de março de 2023 às 12h49.

LAUREN, Daigle; INGRAM, Jason; MABURY, Paul. *You Say*. [Versão oficial – Música]. Tradução: Ana Nobrega. Letra: Diz. Intérprete: ROCHA, Gabriela. Álbum: Hosana.

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=LF1UnPP4Mv>>. Acesso em 25 de setembro de 2022 às 6h05.

LIPKE, Johannes Rudolph Berthold (1875-1943). Centro Brando Adventista - UNASP.

Publicado em 26 de junho de 2021. Disponível em:

<<https://encyclopedia.adventist.org/article?id=DGKD&lang=pt>>. Acesso em 24 de março de 2023 às 15h20.

OLIVEIRA, Edmir de (1936-2020). Centro Brando Adventista - UNASP. Publicado em 16 de dezembro de 2021. Disponível em:< <https://encyclopedia.adventist.org/article?id=6IHO>>.

Acesso em 19 de agosto de 2022 às 9h54.

OLIVEIRA, Enoch de. (1924-1992). Biografia. By The Brazilian White Center – UNASP.

Publicado no dia 9 de julho de 2021. Disponível em:

<<https://encyclopedia.adventist.org/article?id=BGMA&lang=pt>>. Acesso em 24 de março de 2023 às 12h18.

ROTH, Ernesto (1904-1994). *Vida precoce, trabalho de carpintaria e batismo*. Disponível em:< <https://encyclopedia.adventist.org/article?id=8GNY&highlight=Ernesto|Roth> > .

Acesso em 14 de junho de 2022 às 10h53.

SANTOS, Floriano Xavier dos. Centro Branco Brasileiro – UNASP. In: SDA. Disponível em: <<https://encyclopedia.adventist.org/article?id=DGOA&highlight=Floriano>>. Acesso em 06 de fevereiro de 2022 às 17h33.

SILVA, Corino Pires da. *Biblioteca de Materiais e Desbravadores*. Disponível em:

<<https://desbravadoreseaquibiblioteca.blogspot.com/2021/06/pastor-corino-pires-da-silva.html>> . Acesso em 15 de junho de 2022 às 9h38.

SILVA, Marco. *Instituto Adventista de Ensino*. Histedbr. Disponível em:

<<https://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/glossario/instituto-adventista-de-ensino>>.

Acesso em 06 de junho de 2022 às 9h40.

SOUSA, Rodolfo Figueiredo de. Missão Nordeste. ESDA. Publicado em 27 de outubro de 2021. Disponível em:<<https://encyclopedia.adventist.org/article?id=AIBI&lang=pt>>. Acesso em 19 de junho de 2023 às 18h12.

SOUZA, Sesóstris César (1915-2013). In: Centro Branco Brasileiro – UNASP. Publicado em 29 de janeiro de 2020. Disponível em:
<<https://encyclopedia.adventist.org/article?id=8GPI&lang=pt>>. Acesso em 21 de setembro de 2022 às 13h25.

SPIES, Joseph W (1861-1949). Centro Brando Adventista - UNASP. Publicado em 24 de julho de 2021. Disponível em:
< <https://encyclopedia.adventist.org/article?id=7GPJ&lang=pt>>. Acesso em 24 de março de 2023 às 15h13.

STRAYER, Brian E. Loughborough, John Norton (1832-1924). ESDA. Publicado em 23 de setembro de 2020. Disponível em: <<https://encyclopedia.adventist.org/article?id=99PK>>. Acesso em 14 de junho de 2023.

TAFFAREL, Toso. Editores da Revista Adventista, 2017. Disponível em:<<https://www.revistaadventista.com.br/da-redacao/historia/editores-da-revista-adventista/>>. Acesso em 02 de janeiro de 2022 às 16h40.

TONETTI, Márcio. Representatividade Global: a equipe que serve no escritório da sede mundial da igreja reflete a diversidade do adventismo hoje. Disponível em:
<https://www.revistaadventista.com.br/conferencia_geral-2022/representatividade-global/>. Acesso em 18 de junho de 2023 às 12h57.

TOSO, Taffarel. Editores da Revista Adventista. Revista Adventista, 16 de outubro de 2017. Disponível em: <

VALENTINE, Gilbert. M. Andrews, John Nevis (1829-1883). ESDA. Publicado em 20 de agosto de 2020. Disponível em: <<https://encyclopedia.adventist.org/article?id=C8VX>> acesso em 03 de agosto de 2023 às 11h08.